

Rubiana de Souza Barreiros

A presença de romances na *Revista Ilustrada*.

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Azevedo de Abreu

Campinas
2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B274p

Barreiros, Rubiana de Souza.

A presença de romances na *Revista Ilustrada* / Rubiana de Souza Barreiros. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Márcia Azevedo de Abreu.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Romance. 2. Periódicos ilustrados - Brasil. 3. Século XIX. I. Abreu, Márcia Azevedo de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The presence of novel in *Revista Ilustrada*.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Novel, Periodic illustrated – Brazil; 19th Century.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

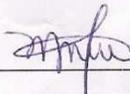
Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (orientadora), Profa. Dra. Lílian Lopes Martin da Silva, Prof. Dr. Jefferson Cano.

Data da defesa: 20/02/2009.

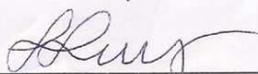
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

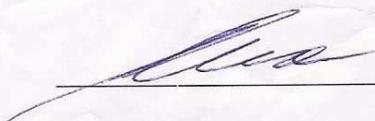
Márcia Azevedo de Abreu



Lílian Lopes Martin da Silva



Jefferson Cano



Orna Messer Levin

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

**IEL/UNICAMP
2009**

Agradecimentos

Agradeço especialmente à professora Márcia Azevedo de Abreu, minha orientadora, pelo incentivo, pelas preciosas leituras e imprescindíveis sugestões que contribuíram para a realização desta dissertação.

Aos professores Jefferson Cano (IEL/UNICAMP) e à professora Lilian Lopes M. Silva (FE/UNICAMP) pela leitura atenta e valiosas sugestões no exame de qualificação.

Aos funcionários do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL – IFCH/UNICAMP), em especial Mário, Emerson, Ema e Isabel, pelo profissionalismo e pela atenção com que me atenderam.

Agradeço também ao grupo de pesquisa do projeto *Caminhos do Romance*, particularmente a Simone Cristina Mendonça de Souza, Juliana Maia, Hebe Cristina da Silva, Cristina Bertioli Ribeiro, Débora Cristina Bondance Rocha, Regiane Mançano, Ozangela de Arruda Silva, pela amizade e pelas contribuições fundamentais ao longo da pesquisa.

À pesquisadora Rosângela de Jesus Silva pela generosidade de ter me cedido parte da digitalização do acervo da *Revista Ilustrada*.

Ao Dirigente Regional de Ensino Campinas Leste, Nivaldo Vicente e as supervisoras Áurea Célia e Maria do Carmo pelo irrestrito apoio.

Agradeço particularmente ao meu pai, Geraldo, e a minha mãe, Ana Maria por compartilharem desse objetivo, pelas palavras de incentivo, pelo amor incondicional dedicado a mim em todas as horas.

Agradeço à Liliane Negrão, pela amizade e cumplicidade de anos e por todas as histórias de abraços. Ao Antônio Davis, amigo presente em todos os meus dias, mesmo que em pensamento.

À Rosângela Cristina Gonçalves por ter me acolhido em sua casa e em sua vida.

Aos amigos que compartilharam de cada etapa desse trabalho: Thais de Mattos Albieri, Kátia Araújo, Ana Flávia Bicalho, Daniela Cristina Carvalho, Daniela Rueda, Alex Montero, Adriana Gregório, Andréia Farah, Marcelo Lachat, Mariana Hummel e minha irmã, Mariana Barreiros.

Ao Rodrigo, por ser uma pessoa especial para mim.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Guimarães Rosa

Resumo

Esta dissertação tem por finalidade observar a presença do gênero romanesco nas páginas do periódico *Revista Illustrada* (1876 -1898), editado por Angelo Agostini.

Tendo em vista a significativa expressão alcançada pelo gênero nas últimas décadas do século XIX, buscou-se verificar como se deu a sua inserção em um periódico que, *a priori*, não era um lugar de discussões literárias. Por meio da análise das seções foi possível perceber a forma como são divulgados alguns títulos, os momentos de maior destaque do gênero, a projeção de alguns romancistas e finalmente quais critérios moldavam a concepção de um bom romance para a *Revista Illustrada*. Esse estudo pretende contribuir para a compreensão da difusão do gênero no Brasil.

Palavras-chaves: Romance; Século XIX.

Abstract

This dissertation aims at observing the presence of novels in the pages of *Revista Illustrada* journal (1876-1898), edited by Angelo Agostini. Having in mind the remarkable expression reached by the genre in the last decades of 19th century, an attempt was made to verify how its insertion in a journal which was not a space for literary discussions in the first place occurred. Through the analysis of sections it was possible to perceive the manner how some titles are divulgated, in what moments the genre outstands, the eminence of some novelists and, eventually, which criteria built the conception of good novel for *Revista Illustrada*. This perspective of the novel taken through a specific period intends to contribute to the comprehension of the spread of the genre in Brazil.

Key words: Novel; 19th Century.

Sumário

Introdução	01
Parte I	
Capítulo 1	
1. Pelos caminhos de Agostini	13
2. Um ilustre caminho	23
3. Os atalhos dos caminhos	28
4. Aqueles que caminharam pela <i>Revista Illustrada</i>	40
5. Um caminho para a <i>Revista Illustrada</i> : leitores e assinantes	50
Capítulo 2	
1. O lugar dos romances	55
2. O lugar dos romances na <i>Revista Illustrada</i> : “Livro da Porta”	59
3. Outros lugares para os romances: “Bibliografia”	74
4. Outras presenças dos romances	96
5. Os romances em ordem	117
Considerações finais	121
Parte II	125
Bibliografia	193

Introdução

Um primeiro risco para quem se volta hoje ao estudo do romance é acreditar que se trata de um gênero que foi consagrado desde seu surgimento. Na verdade, para que o romance, outrora chamado de *novela, história, conto, aventura*¹, alcançasse o indiscutível sucesso e importância que atualmente apresenta na História da Literatura, sobretudo, entre os mais diferentes leitores, foi percorrido um longo caminho.

Um outro risco é conceber que a consagração deste gênero se fez meramente pela relação autor, obra e leitor.² Entretanto, se não podemos deixar de considerar estes elementos como primordiais, também não podemos descartar que a existência de outras peças que, de variadas maneiras, agem no sentido de formar um sistema completo, ou melhor, um “circuito”, como pensou Darnton:

“Mas, de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito com um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores (...) Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a leitura impressa e de novo para o pensamento. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante.”³

¹ Cf. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2003, p. 265.

² Podemos apontar como um desses estudos a recente publicação do livro *Trajetórias do romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVII e XIX*, organizado pela pesquisadora Márcia Abreu, o qual traz vários artigos que têm como um dos focos a leitura histórica do romance, levando em conta os modos de produção e circulação, bem como as convenções e os códigos que regularam a composição e o contato com as obras na época de suas produções. Este livro integra as produções de pesquisadores inseridos no projeto temático interdisciplinar *Caminhos do Romance*, do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, financiado pela FAPESP. O site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br também contempla parte das produções e informações sobre os estudos realizados.

³ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 112.

A partir dessa perspectiva, o estudo que aqui se apresenta pretende focar um dos elementos do processo de consagração do romance: a recepção a partir dos periódicos. Para isso foi preciso selecionar um periódico em específico, pois não bastava apenas vasculhar histórias literárias tradicionais para encontrar indícios sobre a recepção na imprensa, era preciso inserir-me na época para observar a reação deste órgão da imprensa frente à publicação de alguns romances. Então, a partir desta observação, verificar a utilização de critérios e convenções próprios do momento da circulação de determinados romances para a divulgação das idéias e impressões sobre o gênero nas páginas do jornal.

Acreditei, portanto, que o contato com um exemplar da imprensa do período permitiria verificar quais as apropriações possíveis dos textos naquele momento, ao mesmo tempo, possibilitaria o entendimento de uma parte da circulação de determinados romances, não necessariamente, convertidos em livro (já que se trata de um período em que houve ampla difusão de folhetins). Além disso, busquei nesta circulação – difundida pelo viés do periódico selecionado – perceber pistas que indicavam o gosto pelo gênero de uma parcela do público leitor.

Contudo, ainda que faça parte da construção histórica do romance, o período destacado para este estudo compreende uma fase em que este processo de consagração do gênero já estava praticamente consolidado⁴, uma vez que,

“entre a década de 1870 e a de 1880, o romance tornou-se aceitável. Transformou-se em matéria de reflexão de críticos, que se consideravam sérios, objeto de produção de autores, que se tinham por eruditos, e tema de estudo, constituindo-se em leitura obrigatória nos currículos escolares”⁵.

⁴ Cf. AUGUSTI, Valéria. *Trajelórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2006.p.91

⁵ ABREU, Márcia (org). *Trajelórias do Romance – circulação, leitura e escrita nos séculos XVII e XIX*. Campinas: Mercado das Letras, 2008, p.12.

Temos, pois, como um dos intuitos, observar como se estruturou, nesse tempo, a contínua presença das obras no cotidiano de uma parcela de leitores no cenário carioca do final do século XIX, assim como a projeção de alguns homens de letras no cenário literário nessa época a partir de um periódico específico.

Logo, o estudo se inicia no ano de 1876, na cidade do Rio de Janeiro e a fonte selecionada é a *Revista Illustrada*, periódico ilustrado, editado na maior parte de sua duração, pelo artista italiano Angelo Agostini.

Meu primeiro contato com a *Revista Illustrada* foi durante a graduação em Letras, por meio de um projeto de Iniciação Científica⁶ que tinha como um dos objetivos investigar alguns periódicos, sobretudo os do século XIX. O intuito da investigação era localizar, em um primeiro momento, referências a romances que pudessem contribuir para pesquisas integradas ao Projeto *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. Esta busca foi possível através do acervo de microfilmes do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, localizado na Universidade Estadual de Campinas, onde se encontram os exemplares microfilmados da *Revista Illustrada*.

A escolha desse periódico em especial, em meios a tantos outros, principalmente os ilustrados que estavam sendo publicados na segunda metade do século XIX, tem relação com diversos fatores. Um primeiro deles foi o relativo sucesso alcançado pela *Revista* que garantiu a duração de 22 anos, constituindo 739 números ao todo. Todos os números microfilmados que se encontravam no AEL foram examinados por mim, por isso verifiquei uma regular publicação nos primeiros anos, que se fazia semanalmente. Pude constatar o que estudos anteriores já apontaram que esta regularidade da *Revista Illustrada* se modificou nos anos finais em que foram encontradas apenas edições esparsas. A partir da observação dos exemplares pude perceber, claramente, que eram nos anos iniciais do periódico (e nos finais do século) que se concentraram debates mais intensos sobre questões relacionadas aos romances e também a maior frequência

⁶ Rubiana BARREIROS. *Leitura e romance na Revista Illustrada*. 2003. Iniciação Científica. (Graduada em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Marcia Azevedo de Abreu.

de textos sobre o gênero. Por isso, concentrei-me na análise dos primeiros anos da publicação, delimitando o período selecionado até meados de 1882.

Convém ressaltar que os suplementos, que eram edições especiais que reuniam coletâneas de ilustrações e textos publicados anunciadas nas páginas da *Revista* não faziam parte do acervo adquirido pelo AEL. Por causa dessa ausência não foi possível conhecer seu conteúdo mais diretamente.

O trabalho foi iniciado pela opção de digitalizar o conjunto da *Revista* que se encontrava em microfilme, permitindo que eu fizesse uma leitura mais minuciosa de cada página do periódico. Nesse processo, contei também com o empréstimo dos CDs da pesquisadora Rosângela de Jesus Silva, o que me possibilitou refazer leituras, analisando cada edição do periódico em função dos objetivos da minha pesquisa. Depois da leitura dos números foram selecionados alguns textos que se relacionavam com práticas de leitores e leituras na e da *Revista* e aqueles que tinham alguma associação ao gênero romance. Esta seleção foi toda digitada e compõe a segunda parte dessa dissertação.

A análise de parte do material, mais específico à circulação dos romances na *Revista* resultou no segundo capítulo desta dissertação. Nele encontram-se uma seleção de – comentários, notícias, crônicas, narrativas – que se ocuparam das discussões sobre romances e romancistas.

Outro fato que me levou a eleger esse periódico como objeto de estudo foi a singular importância concedida a *Revista*, não só no momento de sua publicação, mas também em anos posteriores, que tornou a *Revista Ilustrada* um excelente ponto de observação de práticas de determinados integrantes da sociedade do período. Tal valor atribuído ao periódico pode ser confirmado pela afirmação de Monteiro Lobato, no livro *Idéias de Jeca Tatu*, publicado em 1919,

“disso resultou termos, na coleção da *Revista Ilustrada*, um documento histórico retrospectivo cujo valor sempre crescerá com o tempo – tal qual aconteceu com os desenhos de Debret e Rugendas.”⁷

⁷ LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu* Apud. SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4ª edição, p.219. p. 157

De fato, ser tomada como um minucioso relato dos acontecimentos que, de uma forma ou de outra, atingiam a população era uma pretensão da *Revista*, amplamente divulgada em suas páginas, pois considerava “ser por si só uma bibliotheca, na qual os acontecimentos da política, das artes e das letras são tratados com desenvolvimento e fina crítica.”⁸. Esta frase é parte de um discurso que, ao que parece, não foi sustentada pela *Revista* nos seus anos de existência, mas também garantiu a ela um sucesso e um lugar de destaque posterior na história da imprensa. Em relação a esse reconhecimento, Nelson Werneck Sodré aponta que,

“a *Revista Illustrada* [foi] um dos acontecimentos da imprensa brasileira. Sua popularidade foi logo muito grande (...) A tiragem atingiu 4000 exemplares, índice até aí não alcançado por qualquer periódico ilustrado na América do Sul, regularmente distribuída em todas as províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda a parte.”⁹

Podemos afirmar que a regular composição do periódico aliada à modernização dos processos de impressão permitiram maior divulgação das imagens nos impressos. A utilização de novas técnicas de impressão fez com que os periódicos, em especial os ilustrados e, dentre eles a *Revista Illustrada*, fossem dirigidos, nas palavras da pesquisadora Angela Maria Alonso, “para um público não representado pelas instituições políticas imperiais: empregados do comércio, trabalhadores de baixa renda, profissionais liberais, estudantes, e mesmo os politicamente incapazes: mulheres, analfabetos e escravos, etc.”¹⁰. Reforçaríamos, portanto, o fato de que o público, neste momento, ter sido ampliado para além das instituições políticas imperiais, mas não descartaríamos a idéia de que este tipo de leitor não deixou de ser alvo seja dos ataques, seja de defesas, e ainda que nas entrelinhas das notícias dos jornais, do regime monárquico enquanto este permaneceu no Brasil. No entanto, a possibilidade de atingir

⁸ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1896, ano XX, p. 7.

⁹ SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4ª edição, p.217.

¹⁰ ALONSO, Angela Maria. *Idéias em movimento: a geração de 70 na crise do Brasil-Império*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2000.

um número maior de leitores, a começar pelo formato do periódico, composto de oito páginas, sendo quatro delas de textos e as outras quatro de ilustrações, em grande medida direcionou o discurso proferido por aqueles que compuseram a redação da *Revista Illustrada*.

Deste modo, podemos conceber que foi também a *Revista Illustrada* uma das grandes responsáveis pela construção particular que tomou a figura pessoal e profissional de seu idealizador. Antes de conceber o periódico, Angelo Agostini já possuía um relativo reconhecimento da imprensa brasileira por seus trabalhos na cidade de São Paulo, nos jornais *O Diabo Coxo* e o *Cabrião*, e no Rio de Janeiro, por suas passagens pelos periódicos *Arlequim*, *Vida Fluminense* e *O Mosquito*, dentre os mais significativos. Mas a iniciativa e o desenvolvimento de suas críticas, seja por meio de sua pena, através dos textos que veiculava, seja pelo seu lápis, através dos desenhos que divulgava, fizeram com que fosse, até mesmo no século XX, aclamado como “artista extraordinário”¹¹, que

“engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu. Ninguém manejou o lápis como arma no nível e com eficácia do ilustrador meticoloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes.”¹²

O sentido político a que se refere Sodré está intrinsecamente relacionado à campanha em prol da Abolição a que se dedicou Agostini. Esta luta mereceu lugar privilegiado em suas publicações, principalmente nas folhas da *Revista Illustrada*, em que foram publicadas séries de ilustrações e próprios textos nos quais se delatavam casos de destratos e divulgavam-se discussões sobre o como deveria ser a Abolição, além das implicações que supunha decorrer dela. A importância do tema levou à criação de um espaço de denúncias através de ilustrações intituladas “Cenas da Escravidão”. Outro sentido político atribuído a sua obra seria sua especial simpatia pela Proclamação da

¹¹ Sodré, *op. cit.*, p. 218.

¹² *Idem*, p.218.

República evidenciada pelo tratamento mais próximo das idéias liberais e republicanas.

A própria *Revista* considerou que,

“de 1876 para cá, após o ministério de Caxias, e a ascensão dos liberais ao poder, os sucessos políticos começaram a ter grande importância, achando-se todos relatados em suas páginas, quer nos desenhos, quer no texto. A grande crise que nos dez anos últimos de monarquia minava as instituições e fazia succeder vertiginosamente os ministérios, acha-se relatada, como em nenhuma outra publicação.”¹³

Mais um aspecto da conduta de Agostini à frente da *Revista* costuma ser destacado: não autorizar a publicação de anúncios em suas páginas. Nessa época, a venda de espaços no jornal para a divulgação de produtos, de várias espécies, financiou grandes e pequenos jornais mesmo antes da mudança do regime de governo. Max Leclerc, correspondente de um jornal parisiense, observava que:

“A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação pública.”¹⁴

Não se pode perder de vista que essas palavras são impressões de um viajante francês acostumado à organização editorial nos moldes europeus, mas ainda sim, é importante ressaltar que, no seu discurso, a recorrente publicidade foi o que mais lhe chamou atenção. Desta forma, o testemunho do jornalista nos permite observar quão difundida na imprensa estava esta prática e, por isso, podemos supor a dimensão do

¹³ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1896, ano 20, p. 7.

¹⁴ LECLERC, Max. *Cartas do Brasil*, trad. Prefácio e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Cia.Ed. Nacional, 1942. P. 161. Apud. SODRÉ, *op cit.* p. 253.

que significou, para este período, a não aceitação, por parte de Agostini, de publicação de anúncios em sua *Revista*.

Em nome dessa recusa, Angelo Agostini traçou um perfil de independência do seu periódico e garantiu aos seus assinantes um maior destaque, atribuindo a eles, supostamente, o papel de responsáveis pela manutenção da *Revista Illustrada*. Inúmeras foram as vezes em que, principalmente, em confronto aos outros jornais, Agostini declarava,

“A *Revista* vive unicamente dos seus assignantes; não tem balcão. Nella, nunca ninguém mandou publicar retratos em troca de dinheiro ou de algumas listas cheias de assignaturas. Nem na *Revista*, nem no *Mosquito*, quando era feito pelo mesmo desenhista, nunca se fez caricaturas nem artigos a pedido destes ou d’aquelles, por maior que fosse o empenho ou o interesse que offereciam.

Tanto n’um jornal como em outro, a critica foi muitas vezes severas, mas sempre justa, imparcial e verdadeira.”¹⁵

Na proposta de acompanharmos passos da *Revista* percebemos que o discurso sobre a imparcialidade declarada na citação acima, torna-se pouco evidente quando os alvos da crítica são os romances e os romancistas. Por mais que os comentários sobre o teatro se sobressaíssem nas seções dedicadas às artes em geral, aquelas que se destinam a comentar livros, claramente, não mantinham uma visão imparcial, como se poderia supor por um leitor mais ingênuo da *Revista* que se ativesse somente às palavras de Agostini.

As questões discutidas por outros trabalhos¹⁶ sobre a *Revista Illustrada* foram contribuições fundamentais para a construção de reflexões sobre o periódico, pois

¹⁵ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1878, anno 3 , n. 137 , p. 2.

¹⁶ Dentre os trabalhos que tiveram como foco a investigação e o estudo da *Revista Illustrada* e de Angelo Agostini aos quais recorreremos para constituir a trajetória deste trabalho, merecem destaque:

A tese de mestrado da pesquisadora Rosângela de Jesus Silva, intitulada *A Crítica de arte de Angelo Agostini e a Cultura Figurativa do Final do Segundo Reinado*, defendida em abril de 2005, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Luciano Migliaccio, o estudo tem por objetivo um levantamento e análise da crítica de arte produzida por Angelo Agostini nos periódicos *O Mosquito* e *Revista Illustrada*;

A tese de doutorado do pesquisador Gilberto Maringoni de Oliveira, intitulada *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal*, defendida em 2007, na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

aliadas aquelas que emergiram do meu contato com os textos compõem a apresentação da *Revista*, tarefa do Capítulo 1 deste estudo. Parte que se preocupou, também, em identificar, através os textos e das ilustrações, o público alvo do periódico.

A *Revista Illustrada* não se declarava uma revista literária¹⁷ e, ao que parece, não tinha efetivamente pretensões de o ser, já que não era editada por aqueles que poderíamos chamar de especialistas em literatura, embora houvesse colaborações e contribuições de alguns literatos. Coube a essa dissertação, por conseguinte, perceber em meio às discussões políticas – principal alvo do periódico – reflexões, críticas e, por vezes, denúncias sobre o campo literário. Fazer esta travessia poderia nos situar quanto às determinadas leituras e leitores de romances no panorama dos fins do século XIX.

Humanas, no Departamento de História, da Universidade de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. Marcos Antonio da Silva. O presente estudo busca investigar a trajetória do artista Angelo Agostini no Brasil, evidenciando como as transformações empresariais e técnicas na atividade da imprensa interferem no trabalho das artes gráficas. O pesquisador também busca examinar em que consistiu a militância política de Agostini para o período;

A tese de Doutorado intitulada *Poeta do Lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864/1888*, de Marcelo Balaban, defendida em 2005, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Sidney Chalhoub., em que o estudo concentra-se em uma biografia profissional de Agostini no Brasil entre os anos de 1864 e 1888, analisando a cobertura que fez de temas e acontecimentos políticos centrais do período – guerra do Paraguai, a questão religiosa, o abolicionismo e a questão da cidadania, buscando explorar a relação entre sátira e política no Brasil da época;

A tese de mestrado intitulada *Revista Illustrada (1876 -1898), síntese de uma época*, de Marcus Tadeu Daniel Ribeiro, defendida em 1988, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual insere-se a *Revista Illustrada* no campo da imprensa alegre oitocentista e investiga-se as principais características desse periódico.

Foram também consultados os artigos:

Angelo Agostini e seu “Zé caipora” entre a a Corte e a República, do pesquisador Carlos Manoel de Hollanda Cavalcanti, mestrando da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rindo Castigo os Costumes: Humor e Política no Brasil Imperial, da professora da Universidade federal do Rio de Janeiro, Maria da Conceição Francisca Pires, doutora pela Fundação Casa de Rui Barbosa. O artigo citado que faz parte da pesquisa *Metamorfoses da memória: (des) construções memoriais e usos político do passado através do humor no século XIX (1876-1888)*, que está sendo desenvolvido no Setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Entre textos e imagens: editores e impressos na Revista Illustrada e O saber não ocupa lugar: Leituras para um leitor da pesquisadora Luciane Moreira de Oliveira, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Unicamp, sob Orientação da Profª Dr. Lilian Lopes Martin da Silva.

¹⁷ Entendemos por revistas literárias aquelas que se propuseram e declararam ter como objetivo informar o público acerca das principais obras sobre literatura, seja por meio de textos que teciam elogios ao autor e à obra noticiada, ou por meio de relatos biográficos. Sobre este assunto Cf. SANT’ANNA. Benedita de Cássia Lima. Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o Início da Imprensa Ilustrada. In. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAS, CEDAP, v.3, n.2, 2007, p.19-20.

Além disso, buscamos investigar as redes de relações que a *Revista Illustrada* construiu para manter-se ativa no campo da imprensa (observando por exemplo, a proximidade que insistia em divulgar como o maior editor da sua época, Baptiste-Louis Garnier). Também pretendemos verificar o tratamento que nela receberam os homens de letras e suas obras e identificar os critérios de a *Revista Illustrada* se valeu para analisar romances. Portanto, este foi o caminho traçado pelo Capítulo 2 desta dissertação. Levando em conta que a *Revista Illustrada* não era um lugar próprio de discussões literárias, ainda menos sobre romances, reforçamos que nosso objetivo, neste segundo capítulo do trabalho, foi perceber qual era o espaço destinado ao romance e como este espaço foi preenchido. Analisar a partir de quais critérios foram criados os juízos sobre as obras e sobre gênero, considerando as referências às obras que tenham sido canonizadas ou não.

Enfim, as idéias que nos propomos colocar em pauta nesta pesquisa de mestrado vão ao encontro de descortinar mais elementos para compor o circuito da história do romance, considerando como fundamentação a idéia de Chartier em relação à construção de uma história do livro que pretende reconhecer as várias modalidades, as diferenças e identidades entre os leitores, mas também tem como objetivo entender os princípios que governam “a ordem do discurso”, o que pressupõe as formas materiais que fundamentam os processos de produção, de comunicação e recepção dos livros.¹⁸

Mostram-se como objetivos deste estudo, portanto, considerar a recepção dos romances pela *Revista Illustrada* como parte do processo de consagração do gênero, compreendendo as possíveis apropriações dos textos publicados, levando em consideração o veículo e sua época. E ainda, enxergar como esses textos circulavam e como projetavam nomes de romances e romancistas no cenário literário do século XIX, o que nos possibilitaria levantar hipóteses sobre a inserção do romance no cotidiano dos leitores.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990, p.8.

Importante destacar a contribuição da segunda parte do trabalho que pretende divulgar uma seleção dos textos publicados na *Revista Illustrada*, nos quais se encontram comentários sobre livros que foram remetidos à redação, sobre a figura política e literária de alguns romancistas e críticos do período, notícias e discussões sobre romances que foram convertidos em teatros e algumas crônicas que fizeram referências a este gênero. Consideramos esses textos partes que formam o panorama singular das leituras e leitores da *Revista*.

Capítulo 1

1. Pelos caminhos de Agostini.

“Depois do jornal o *Diabo Coxo* e o *Cabrião*, que fiz em São Paulo, vim para o Rio de Janeiro.

Aqui fundei a *Vida Fluminense*, com Almeida e Augusto de Castro, em 1867. Depois fiz o *Mosquito*, com Manuel Carneiro, no tempo de Ludgero, chefe de polícia. (Fiz) *A Revista Illustrada*, de 1876 a 1889 (onde combati em favor da abolição a ponto de perder quase todos os assinantes do interior e das fazendas e onde deixei a Pereira Neto substituir-me, o que faz perfeitamente), e *Don Quixote*, de 1895 até hoje.”¹⁹

O trecho acima faz parte de um editorial publicado na última edição do periódico *Don Quixote*, em 10 de janeiro de 1903, no qual Angelo Agostini revela-nos alguns marcos que atribui a sua vida profissional. Sem dúvidas, os jornais citados, que fizeram parte da imprensa paulistana e carioca, projetaram-no como importante pintor, caricaturista, criador de história em quadrinhos, jornalista, editor e crítico da sociedade brasileira do século XIX. No entanto, sua trajetória na imprensa perpassa também outros caminhos, camuflados pelas palavras de Agostini e pouco evidenciados pela falta de documentos, o que faz desses caminhos, muitas vezes, controversos.

Alguns estudiosos se apoiaram nas próprias palavras de Angelo Agostini, publicadas nos diversos periódicos em que colaborou, para tentar aproximar-se da figura intrigante do artista. Estratégia um tanto perigosa, mas interessante quando se leva em consideração como, através do seu discurso, Agostini moldou as características que passaram a ser definidoras de sua personalidade. Como um narrador de romance, Agostini escreveu sua história nas páginas da imprensa brasileira. Pelos periódicos por que passou o artista procurou demonstrar seus valores, pensamentos e idéias, e utilizou o narrador de seu discurso e de seus personagens para, muitas vezes, ludibriar seu leitor quanto a esses mesmos valores, pensamentos e idéias.

¹⁹ AGOSTINI, A. *Don Quixote*, 10 de janeiro de 1903, n.º. 163, p.2.

Portanto, conhecer Angelo Agostini por seus trabalhos e reconhecê-lo por seu discurso não é uma tarefa simples, antes é uma empreitada que já vem sendo experimentada há algum tempo. Alguns estudos tentaram mapear a vida e obra do italiano, mas como observa Rosangela de Jesus Silva, “a biografia desse artista é cheia de lacunas”²⁰. A estudiosa refere-se às informações conflitantes que encontrou, inclusive, sobre a data de nascimento do artista, pois alguns pesquisadores apontam o ano de 1842, outros 1843, embora todos concordem que foi em um dia 8 de abril, na cidade italiana de Vercelle. Ainda segundo a pesquisadora, Agostini viveu pouco em seu país de origem, mudando para França, onde permaneceu por mais dez anos antes de vir para o Brasil. Salienta que foi naquele país que, provavelmente, iniciou-se artisticamente.

Sabe-se que Agostini fixou-se no Brasil no ano de 1859. Sua mãe Raquel Agostini, cantora lírica de renome internacional, e seu padrasto, o jornalista Antônio Pedro Marques de Almeida, já viviam no Rio de Janeiro desde 1854, ano em que Raquel assinara contrato com a *Companhia Lírica Italiana*, apresentando-se no Teatro Lírico, participando da ópera *Ernani* de Giuseppe Verdi. Em 1860, o casal transferiu-se para São Paulo e, dois anos depois, em janeiro de 1862, Agostini foi ao encontro deles.²¹

Em setembro de 1864, lançou-se na imprensa paulistana com o periódico ilustrado e de caricaturas o *Diabo Coxo*. Cagnin, responsável pela introdução da edição fac-similar do jornal, publicada em 2005, diz que se tratava de um jornal pequeno (18x26cm) que saía aos domingos. Contava com 8 páginas, das quais 4 eram de ilustrações que incluíam caricaturas, retratos, cenas cotidianas e eventos variados; as outras 4 eram formadas por textos, dentre eles, artigos, poesias, notícias, críticas, anedotas. Esta parte escrita ficava a cargo de Luiz Gama²², importante abolicionista, e

²⁰ Sobre as variações de informações sobre o nascimento de Angelo Agostini C.f Dissertação de mestrado da pesquisadora Rosangela de Jesus Silva, *A Crítica de arte de Angelo Agostini e a Cultura Figurativa do Final do Segundo Reinado*, defendida em abril de 2005, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Luciano Migliaccio.

²¹ Informações da introdução do professor Antonio Luiz Cagnin na edição fac-similar do *Diabo Coxo*: São Paulo, 1864-1864: São Paulo: Edusp: 2005, p. 16.

²² Atribui-se a Luiz Gama grande participação no movimento abolicionista, sendo, inclusive líder da Mocidade Abolicionista e Republicana, e tendo a participação pela libertação de mais de mil cativos considerando-se que agia exclusivamente com o uso da lei, amparado por sua profissão de advogado

Sizenando Barreto Nabuco de Araújo, irmão de Joaquim Nabuco, que garantiram ao periódico um viés, ainda que não central, de combate à escravatura.

O jornal era impresso na Tipografia e Litografia Alemã, de Henrique Schroder. As assinaturas se faziam pelos 12 números anuais de cada série, ao preço de 4\$000 réis, na capital, e de 5\$000 réis nas províncias. O número avulso custava \$500 réis, valor três vezes mais alto que o de um exemplar dos diários da época, o “preço de um almoço”, como observou Cagnin na introdução de Délio Freire dos Santos à edição fac-similar do jornal *O Cabrião*²³.

Não podemos deixar de destacar que as inovações técnicas foram também uma das responsáveis pelo crescimento e divulgação da imprensa neste período, principalmente a ilustrada. Por isso, costuma-se atribuir à técnica da litografia, por exemplo, a democratização e a popularização das imagens, pois todos, “desde os menos letrados e aqueles de menor poder aquisitivo”²⁴, puderam fazer parte do público dos periódicos ilustrados. Ensina-nos Cagnin que a litografia foi inventada no final do século XVIII, tendo se difundindo por volta de 1800 pela Europa, chegando ao Brasil já em 1818. A técnica requeria apenas uma pedra, lápis graxo, água e tinta. Consistia em desenhar na pedra com um lápis, *o crayon gras*, e espalhar a água-forte, que penetrava e corroía apenas a superfície não-graxa. Depois, passava-se a tinta, colocava-se a folha de papel sobre a pedra, finalmente passava-se o rolo sobre o papel e, então, a imagem surgia. O estudioso também afirma ser esta “uma técnica de pouco dispêndio, fácil execução e multiplicação rápida que permitiam passar desenhos e ilustrações para os jornais e publicá-los até diariamente. Tal situação permitiu o surgimento de “uma nova categoria de desenhista, a do ‘repórter do lápis’, trazendo para o leitor fatos, pessoas e coisas distantes no tempo e no espaço.”²⁵

Ana Luiza Martins, ao retratar o panorama da imprensa paulista no Império, salienta que:

provisionado. Sua participação no periódico o *Diabo Coxo*, evidentemente, acentuou as discussões sobre a Abolição da Escratura. BENEDITO, Mouzar. *Luis Gama, o libertador de escravos e sua mãe libertária, Luíza Mahin*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

²³ CAGNIN.*op.cit.*; p.15.

²⁴ *Idem.*; p.16.

²⁵ CAGNIN.*op.cit.*; p.13.

“nos anos subseqüentes (aos primeiros passos da imprensa), a palavra e imagem impressas conheceram outro lugar, ganharam força e expressão, com escritos de toda ordem que se propagaram por múltiplas experiências periódicas, produzidas por agentes sociais diversos, que atuaram em favor do desejado cenário civilizatório do Império.²⁶”

Foi neste cenário que surgiu o jornal o *Diabo Coxo*. O título do semanário fazia clara referência ao romance *Le Diable Boiteux*, de Alain René Lesage, publicado em 1707, que contava a história de Asmodeu, um pobre diabo, coxo, que vivia preso em uma garrafa. Um dia, libertado por um estudante, concedeu ao jovem, como forma de gratidão, o poder de ver através dos tetos e das paredes das casas o que acontecia com as pessoas no seu interior. Seria uma fórmula de o escritor satirizar os costumes da sociedade com a qual os leitores já estariam familiarizados pelo grande sucesso que a obra atingiu em território nacional, sendo este o primeiro romance impresso pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, em 1810.²⁷

Compartilhando da mesma idéia, os textos, retratos e caricaturas do periódico de Agostini, através do narrador Diabo, revelavam os personagens de São Paulo, cidade que contava com pouco mais de 20 mil habitantes na época da publicação. São alvos recorrentes os estudantes de direito, o fiscal, o político, e aqueles que o narrador denomina o amolador e até o cadáver, personagens da história ilustrada publicada na última edição da folha em 1865 juntamente com um artigo intitulado “os tipos paulistanos”, comentado por Gilberto Maringoni de Oliveira em sua tese de doutorado intitulada *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal*²⁸. Eram centrais também na pauta do jornal os temas que mobilizavam São Paulo, como o café,

²⁶ MARTINS, Ana Luiz Martins (Org). *A história da imprensa no Brasil*.1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.37p.

²⁷ Cf. Tese de doutorado em Teoria e História Literária da pesquisadora Simone Cristina Mendonça de Souza, *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, defendida no ano de 2007, no Instituto de estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof. Dra. Márcia Abreu.

²⁸ Cf. Tese de doutorado do pesquisador Gilberto Maringoni de Oliveira, *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal*, defendida em 2007, na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Departamento de História, da Universidade de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. Marcos Antonio da Silva.

o teatro, a inauguração da estrada de ferro até Santos e, principalmente, a guerra do Paraguai. Por isso, Cagnin diz ser no *Diabo Coxo* que,

“Agostini dava início a uma verdadeira militância na política brasileira, da qual não se afastou até o fim de seus dias, vergastando impiedosamente os homens públicos e a sociedade com suas corrosivas e irreverentes caricaturas, até então desconhecidas como arma de combate.”²⁹

Embora anunciasse uma terceira série, o periódico contou com apenas duas e teve seu fim em 1865. Em setembro do ano seguinte, surgia *O Cabrião*, periódico também ilustrado e bem semelhante ao anterior quanto ao formato. Continha 8 páginas e era semanal; saía, preferencialmente, aos domingos. Era editado por Angelo Agostini e pelos jornalistas Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis e, por vezes, colaborava Luiz Gama. Segundo o pesquisador G. M. de Oliveira, ao todo foram publicados 51 números, no tamanho de 17x22 cm, impressos na Tipografia Imparcial, de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, dono do *Correio Paulistano*. Oliveira afirma, ainda, que tanto o *Correio Paulistano* como *O Cabrião* estavam ligados ao Partido Liberal, fundado em 1831, e sugere que este estreitamento com o Partido evidencia-se pelas diversas referências às idéias liberais que sustentavam essa denominação política. No entanto, o que se observa é que Angelo Agostini nunca assumiu, de forma clara, nas páginas do *Cabrião* uma filiação, ainda que pessoal, ao partido.

Ao contrário de Oliveira, que menciona ter sido a tipografia Imparcial responsável pela publicação, Marcelo Balaban³⁰ aponta, em seus estudos, a oficina de litografia de Henrique Schoreder como a responsável pela parte gráfica e afirma que o número avulso custava 500\$ réis, a assinatura anual para a capital saía por 17\$000 e, para o interior, 19\$000. Entretanto, ambos pesquisadores concordam que a ironia foi a marca desse jornal que não poupou nenhum aspecto da vida cotidiana daquela época.

²⁹ Diabo Coxo: São Paulo, 1864-1865: São Paulo, Edusp, 2005, página 18.

³⁰Cf. Tese de Doutorado intitulada *Poeta do Lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro –1864/1888*, de Marcelo Balaban, defendida em 2005, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Sidney Chalhoub.

No *Cabrião*, assim como no *Diabo Coxo* e em outros periódicos³¹, existia um narrador que, neste caso, fora retirado das páginas do folhetim de Eugene Sue, *Os mistérios de Paris*, publicado no Brasil pelo *Jornal do Comércio*, em 1844. Cabrião, personagem do romance de Sue, era descrito como um pintor que gostava de “infernizar a vida das outras pessoas”, tal como se propõe o jornal de Agostini.

De fato, o propósito cumpriu-se ao constatarmos que a participação de Agostini neste periódico esteve envolta em várias polêmicas geradas pelo conteúdo ali publicado³². Por isso, o pesquisador Balaban defende a idéia de que essas diversas polêmicas, aliadas aos violentos ataques às políticas do governo e do presidente da província, Tavares Bastos, bem como o forte movimento contrário à guerra do Paraguai, ao mesmo tempo, colocaram o periódico no centro das discussões mais efervescentes do período ao alcance do público paulistano, e foram igualmente responsáveis pelo fim do jornal em 29 de setembro de 1867.

Agostini, então, muda-se para a Corte, em 1867. Assim como em São Paulo, a imprensa ilustrada já se mostrava ativa no cenário carioca. Importante considerar que, se atualmente o significado mais recorrente da palavra caricatura está intimamente ligado à idéia de sátira - seja ela de pessoas ou fatos³³ -, no início das publicações dos jornais ilustrados, nem sempre era esta a conceituação mais comum. A caricatura, como também podemos concebê-la hoje, mas muito mais naquela época, seria uma arte que

³¹ Oliveira afirma, na página 80 de sua tese, que “o primeiro jornal de caricaturas regular a surgir entre nós – nos moldes do que era publicado na França e na Inglaterra desde a primeira metade do século XIX – foi a *Semana Illustrada*. Era editada pelo litógrafo alemão Henrique Fleiuss e seu lançamento se deu em 8 de dezembro de 1860. A publicação foi uma das mais estáveis e longevas do período. Com periodicidade semanal, oito páginas e formato 23x28 cm, sua coleção soma um total de 797 edições e termina em 19 de março de 1876. Entre os colaboradores, estava Machado de Assis (...)

No entanto, verifica-se a existência de outros periódicos do gênero em anos anteriores. Na página seguinte comenta que: “A *Semana* tinha como personagens principais o Dr. *Semana*, homem de meia idade a fazer comentários irônicos sobre os acontecimentos correntes, e o Moleque, negrinho que o acompanhava em suas andanças. Uma dupla moralista, bem ao gosto do conservadorismo citadino e rural que, com o tempo, se tornaria alvo freqüente do lápis de Ângelo Agostini.”

³² Segundo Balaban, uma das polêmicas envolveu o semanário, a polícia, estudantes de direito, caixeiros portugueses e algumas apresentações teatrais em abril de 1867. Uma crônica publicada no dia 7 de abril a respeito do comportamento dos estudantes de direito durante apresentações teatrais gerou tensão na cidade. Após um controverso episódio entre estudantes e redatores do semanário, os mesmo estudantes se envolveram em uma nova confusão com caixeiros portugueses na noite de 10 de abril de 1867. O chefe de polícia, o Dr. Daniel Acioli, instaurou um inquérito para apurar os fatos e definir responsabilidades.

³³ *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª ed. p.352.

apenas caracterizava uma fisionomia ou uma situação, captando dela os traços que mais se acentuavam no olhar do desenhista. Foi a partir dessa linha de pensamento que Marcus Tadeu Daniel Ribeiro³⁴ realizou um dos primeiros estudos sobre a *Revista Ilustrada* e, para contextualizá-la na imprensa do Rio de Janeiro, traçou um panorama dos jornais alegres oitocentistas, cruzando a história da caricatura à trajetória profissional de Angelo Agostini.

Herman de Lima, em seu livro *A história da caricatura no Brasil*³⁵, atribui ao jornal *A Lanterna Mágica – Periódico Plástico e Filosófico*, publicado no Rio de Janeiro em 1844, a inauguração do uso da caricatura na imprensa. No entanto, Ribeiro considera que esta nomeação deve ser dada ao jornal *O Corcundão*, editado no Recife no ano de 1831³⁶, pois ocorreu neste periódico a primeira utilização da caricatura, ainda que não no corpo da folha. Os pontos centrais da discordância entre os dois estudiosos recaem sobre a qualidade de impressão das imagens caricaturais e o objetivo para o qual a caricatura foi empregada nos periódicos. O *Corcundão*, “na verdade um pasquim”³⁷, não tinha pretensões nem condições financeiras “de divertir, através da arte, a população com assuntos amenos”, tampouco se mostrava um jornal político, por isso Herman Lima descarta-o como pioneiro na história da caricatura.

Somente na *Lanterna Mágica*, Herman Lima observa ter sido a primeira vez que a caricatura foi utilizada como meio de crítica, ainda que não às pessoas específicas, ou a segmentos da sociedade, uma vez que neste periódico as críticas dirigiam-se apenas às situações específicas do cotidiano da cidade.

Outro jornal que mereceu destaque por apresentar caricaturas em suas páginas foi a *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedade*, editado pelo livreiro Paula Brito, a partir de 7 de setembro de 1849. Originalmente tinha o nome de *Marmota na Corte* e obteve relativo sucesso perfazendo um total de 1328 números, tendo seu encerramento

³⁴ Segundo a dissertação de mestrado intitulada *Revista Ilustrada (1876 -1898), síntese de uma época*, de Marcus Tadeu Daniel Ribeiro, defendida em 1988, no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³⁵ LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. P.1209. Volume II.

³⁶ RIBEIRO, *op. cit.* p. 109.

³⁷ Idem. *op.cit.* p. 110.

somente em 1861, já com o nome de *A Marmota – folha popular*. Ribeiro ressalta que o sucesso adquirido pelo jornal não se deu pela parte artística, nem pela poucas caricaturas ali publicadas. O jornal publicava “crônicas de assuntos variados, poesias, charadas, comentários sobre a administração pública, avisos fúnebres e anúncios, na maioria sobre livros editados por Paula Brito.”³⁸ Seu público alvo eram as mulheres e não possuía como objetivo maior, em sua diagramação ou em seu conteúdo, o uso de caricaturas.

Ao contrário do periódico *A Marmota*, surge a *Ilustração Brasileira*, em 1854, já com o propósito de publicar ilustrações desde o primeiro número. Faziam parte de sua redação Ernesto de Sousa e Oliveira Coutinho e Ciro Cardoso, tendo como responsáveis pela parte ilustrada C. H. Furgy e A. L. Guimarães. Ribeiro assinala também como importante característica dos jornais nesse período a estreita relação que estes mantinham com membros do governo. Esta constatação leva o pesquisador a afirmar que havia um impedimento para que os periódicos ilustrados agissem de maneira independente, especialmente no que concerne às questões políticas e, sobretudo, de administração pública.

Na mesma linha de atuação da *Ilustração Brasileira*, aparece, em 1855, outra revista ilustrada intitulada *O Brasil Ilustrado – publicação literária*. Segundo Ribeiro era um jornal quinzenal que custava 1\$000 réis, “valor elevado para um jornal da época”³⁹, e tinha como campo de trabalho os textos literários bem como as ilustrações. As críticas veiculadas através das ilustrações iam em direção a uma caracterização dos costumes da cidade do Rio de Janeiro, mas a preocupação maior era com questões de literatura, ciências e artes, tendo como foco os trabalhos sobre belas-artes, a cargo de Francisco Joaquim Bethencourt, como aponta o estudo. Outro dado interessante levantado pelo trabalho de Ribeiro seria o pressuposto de que, até o final da década de 1850, todos os periódicos ilustrados se mantinham alheios às questões políticas de forma mais profunda, pois apenas pincelavam situações específicas em determinado lugar e período

³⁸ RIBEIRO, *op cit* p. 115.

³⁹ RIBEIRO, *op. cit* p.123.

e não se prolongavam, portanto, neste viés, nem muito menos assumiam uma tendência partidária. Sobre o período que Ribeiro destaca, Nelson Werneck Sodré afirma que,

“A caricatura chegou à imprensa brasileira numa de suas fases mais difíceis, realmente: quando a agonia liberal avançava depressa e logo esmagada a rebelião Praieira, estaria consumada. A mudança política, embora os jornais de oposição não desaparecessem, embora continuassem a surgir aqui e ali, esporadicamente, uns poucos pasquins, traria à imprensa sérios reflexos. Trata-se da fase intercalar, em que, vagarosamente, surgem alterações específicas e técnicas, preparando a imprensa dos fins do século, quando os problemas políticos voltam a primeiro plano e empolgam novamente a opinião existente: a possibilidade do jornal diário e a introdução da caricatura, são os dois dados mais importantes desse momento; virão, em seguida, inovações na técnica de impressão e alterações no sistema de distribuição.”⁴⁰

Portanto, o quadro das publicações ilustradas somente se altera quando os jornais passam a utilizar as inovações técnicas para conceber periódicos que se inserem em um cenário político. Nesse sentido, o pioneirismo fica por conta da publicação da *Semana Ilustrada*, em 1860, que surge “em reação à fase em que a imprensa liberal ganha um impulso significativo”⁴¹, com uma posição política definida em defesa da Monarquia.

A publicação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro sobre o periódico *A Semana Ilustrada* contempla-nos com a seguinte definição:

“*A Semana Ilustrada*, fundada pelo artista plástico e gráfico alemão Henrique Fleiuss, a primeira revista de caricaturas e variedade a circular regularmente no Brasil com ampla aceitação do público, tinha a simpatia do Imperador, contra o qual, aliás, *A Semana Ilustrada* jamais dirigiu seus ataques.”⁴²

No entanto, a mesma divulgação política que a evidenciou na imprensa também se tornou o motivo para que inúmeros ataques fossem direcionados ao periódico. Entre

⁴⁰ SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.179.

⁴¹ Idem. p.126.

⁴² *Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. p.10.

aqueles que se destacam como opositores está Angelo Agostini, quando este era redator artístico da *Vida Fluminense*.

Este último periódico foi originado do *Bazar Volante* e, segundo Ribeiro, trata-se da primeira folha a “pronunciar-se de forma mais independente, sob o ponto de vista político”⁴³, uma vez que a publicação da *Semana Ilustrada* estaria totalmente atrelada aos interesses do regime monárquico e *O Bazar Volante* refletia “posições mais liberais da imprensa contemporânea.”⁴⁴. Este periódico apresentou “diversas feições jornalísticas, trocando de nome sucessivamente”⁴⁵, tanto que em 1867 o periódico passou a ter o nome de *O Arlequim*, ano que coincide com a vinda de Agostini para a Corte, e sendo este o periódico que inseriu o artista na imprensa carioca.

Nesta fase, Agostini então publicou alguns trabalhos em *O Arlequim*, jornal de caricaturas, que passou por vários proprietários e, por isso, variou suas fases entre mais e menos conservadoras, como ressalta Silva.⁴⁶ Agostini, em sociedade com seu padrao Antonio Pedro Marques de Almeida, assumiu o periódico como proprietário e passou a chamá-lo de *A Vida Fluminense*. É neste periódico que Agostini assumiu o ofício de caricaturista de modo mais comprometido e desenvolveu “*As aventuras de Nho Quim*”, considerada a primeira história em quadrinhos de longa duração publicada no Brasil.

O verbo “fiz”, utilizado por Agostini no editorial que inicia este capítulo para se referir à sua passagem pelo periódico *O Mosquito*, possibilita também a interpretação de que ele seria um dos fundadores; no entanto, sabe-se que o artista ao se transferir para este periódico, em novembro de 1875, apenas assumiu a direção da parte ilustrada, o que não o impediu, segundo Balaban⁴⁷, de promover mudanças significativas no que diz respeito ao perfil jornalístico da folha. O pesquisador toma este período da vida profissional de Agostini como um aperfeiçoamento da sua estética como caricaturista e de seu discurso crítico, influenciado pela lei de 28 de setembro, a chamada lei do Ventre

⁴³ RIBEIRO.*op. cit.* p.129.

⁴⁴ Idem. *ibidem*.

⁴⁵ Idem. p. 135.

⁴⁶ SILVA.*op. cit.* p. 173.

⁴⁷ BALABAN.*op. cit.* p.149.

Livre, em que o artista divulga, nas ilustrações e nos textos, uma série de expectativas de mudanças sociais ligadas a sua ótica da constituição de um novo país a partir de uma soberania popular⁴⁸.

Balaban⁴⁹ também considera este o espaço que Agostini utiliza para divulgar o que seria a sua idéia de “povo” diante das transformações sociais que, para ele, provocariam a lei do Ventre Livre, e divulga, também, nas entrelinhas, como essa idéia estaria atrelada à imagem dos leitores que pretendia arrebatá-lo. O artista permaneceu no *Mosquito* até o final de 1875, quando, um ano mais tarde, deu início ao seu trabalho de maior destaque: a *Revista Illustrada*.

2. Um ilustre caminho.

“A Verdade é essa, sem ser bem essa.”

(Machado de Assis, “Advertência”, em Papéis avulsos, 1882)

A *Revista Illustrada* surgiu no dia 1º de janeiro de 1876 e desde o seu nascimento atribui-se o prestígio desse periódico à forma criativa com que abordava temas artísticos ou literários, políticos, sociais, isto é, à maneira como transitava por várias áreas da esfera social na segunda metade do século XIX.

Já na capa que a inaugurou e no editorial do seu primeiro número é possível observar algumas estratégias na construção de um discurso – seja por meio das imagens ou pelos textos publicados – que contribuía para que Agostini divulgasse e consolidasse a imagem de um periódico independente e, portanto, defensor dos seus ideais e do povo, pois supostamente nele estavam incluídos seus leitores.

Conforme observou Balaban⁵⁰, na figura de inauguração, a *Revista* se apresenta como um acontecimento no cenário carioca, mobilizando diversos participantes da sociedade. Estão presentes o clero, os políticos, governantes, militares e, em grande

⁴⁸ Idem. p.169.

⁴⁹ BALABAN, *op. cit.* p. 247.

⁵⁰ BALABAN, *op.cit.* p. 259.

quantidade, o povo. Interessante observar como cada um desses personagens está colocado na cena, como cada um deles é representado por Agostini já neste primeiro número, pois aliada à representação de cada parte da sociedade há a imagem construída para ser divulgada sobre a atuação da própria *Revista* (ver figura 1).



REVISTA ILLUSTRADA
 publicada por
ANGELO AGOSTINI
 ASSIGNA-SE
 Na Rua do Ouvidor Nº 65 na livraria do Sr. CARNIER
 e na Rua da Assembleia 44. Officina Lithographica a vapor
 da REVISTA ILLUSTRADA
 As correspondencias e reclamações deverão ser dirigidas
 à Rua da Assembleia Nº 44

CÔRTE
 Anno 16 \$ 000
 Semestre 9 \$ 000
 Trimestre 5 \$ 000

PROVINCIAS
 Anno 20 \$ 000
 Semestre 11 \$ 000
 Avulso 500 Reis

Apparece a Revista Illustrada, e mais um; não importa o Campo e vasto

Figura 1 – Fonte: Revista Illustrada, 1876, ano I, n.1, p.1/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

O nome de Agostini, desde este primeiro número, aparece com grande destaque e assim permanece mesmo depois de sua saída da *Revista*. Balaban, em sua análise, chama-nos a atenção para a presença evidente – e quase incômoda – dos “jovens repórteres”, caracterizados pelos garotos em posições travessas, com um vestuário muito próximo ao de um arlequim. Eles serão responsáveis por acompanhar e perseguir qualquer movimentação. São apresentados, neste primeiro número e em vários posteriores, como jornalistas ávidos por noticiar cada episódio da cidade carioca, anunciando o ataque às pessoas ligadas, principalmente, à política e à igreja. Neste sentido, a ilustração é dividida em três planos, pois na parte inferior, e com mais evidência nas feições retratadas, nota-se os homens do exército, parlamento e clero com expressões aterrorizadas diante da ameaça dos garotos e suas penas.

Já no plano mais afastado da parte inferior está o povo, em grande quantidade, assistindo à cena da confusão causada pela chegada da *Revista*. Dentre os cidadãos, identificam-se alguns que revelam a expressão de medo, outros que nitidamente estão rindo; destaca-se, desta cena, uma mulher negra no canto inferior. Esta caracterização do público, claramente, tem por objetivo englobar aqueles que serão os consumidores do periódico – os que serão atacados e que estão amedrontados por esta possibilidade, e aqueles que assistirão aos ataques tomando-os como uma diversão.

Acima de todos está o grupo alegre e irreverente dos garotos que, ao longo dos primeiros anos de existência da *Revista*, reconhecemos estar subordinado à figura de D. Beltrano, personagem fixo no enredo, narrador das notícias e representante do ponto de vista do periódico. D. Beltrano mantém, com os jovens repórteres, conversas sobre os acontecimentos que resultarão na publicação das notícias.

Balaban aponta, em sua discussão acerca dessa ilustração, a caracterização de uma garrafa no centro, envolta por um lápis que se direciona quase que violentamente ao rosto de um clérigo e por uma pena apontada para a figura que o estudioso acredita ser a de Duque de Caxias⁵¹. Desta forma, sua conclusão vai ao encontro da

⁵¹ BALABAN, *op.cit.* p.260.

confirmação de que os alvos preferidos de ataque da *Revista* eram o poder clerical e o poder executivo.

Há, ainda, a existência do provérbio latino *Castigat ridendo mores* que, segundo o *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, pode ser atribuído a Horácio, cunhado posteriormente por Jean de Santeuil no século XVII, a propósito da máscara do Arlequim (neste caso, semelhante à vestimenta dos repórteres), cujo busto decorava o proscênio da *Comédie Italienne* de Paris. No século XIX, essa expressão, *rindo, castiga-se os costumes*, era comumente utilizada pelos jornais de caricaturas com o propósito de divulgar a idéia de que pretendiam transmitir ensinamentos sérios – ou reprimir vícios e erros – em tom jocoso e aparentemente indulgente, como salienta Balaban⁵².

Percebe-se, também, no canto direito da gravura, uma figura com uma barriga saliente e, na extremidade oposta, um repórter que faz cócegas no nariz de outro personagem. Na extrema esquerda, ainda se pode ver um homem tentando fugir pelo telhado inserindo-se no ciclo de ataques daqueles que faziam parte do periódico. Toda a cena passa-se em um espaço citadino, em volta dos prédios do parlamento e do teatro. Esses lugares previamente anunciam, em parte, onde se centrará a preocupação da *Revista*, uma vez que se ocupará em descrever peças de teatro encenadas na capital carioca, analisando a produção, a atuação dos atores e a repercussão do público. O mesmo se faz com a “atuação” dos políticos que serão atentamente observados pelos responsáveis pela folha, estes divulgando para a população um parecer de cada passo dado por aqueles.

A legenda desta ilustração traz a frase “*Apparece a Revista Illustrada, é mais um, não importa, o Campo é vasto*”. Certamente, trata-se de uma referência aos outros periódicos do gênero que atingira seu apogeu de público e que eram amplamente publicados nesta época. A *Revista*, em outros momentos, salientou que o formato de periódicos ilustrados, do qual ela mesma fazia parte, tratava-se de uma “mania” no período, já que “de cada canto surge uma folha de bonecos, próprios para fazerem rir ...

⁵² BALABAN, *op.cit.* p.260.

ou chorar.”⁵³ Como já ressaltamos, a história da caricatura no Brasil - que nasce no começo do século XIX e atinge seu ápice na segunda metade do período - encontra-se com a própria história de Angelo Agostini. Quando os ataques à *Semana Ilustrada* acentuam-se pelo lápis do caricaturista italiano no *Arlequim*, algumas preferências políticas de Agostini e sua postura diante das questões que se apresentavam no país vão se tornando mais evidentes. Postura crítica que também permanece n’*A Vida Fluminense*, mas que se desenvolve com mais clareza nas páginas da *Revista Ilustrada*.

3. Os atalhos dos caminhos.

Quando Agostini declara, na legenda da capa de inauguração da revista, ser vasto o campo dos periódicos ilustrados, conhecia há muito o cenário configurado pelos jornais ilustrados, sabia que não mais se tratava de um gênero recente. Diante deste conhecimento, elaborou um discurso que procurava obter um destaque maior na imprensa, que pudesse fazê-lo se sobressair. Certamente, uma das estratégias foi o jogo que consistia em atacar de uma forma declarada os periódicos que divergiam de seu ponto de vista. Ataque este realizado em nome de uma liberdade de imprensa, de uma arte livre e, principalmente, com um cuidado a tudo que se referia à opinião pública e à exaltação daqueles que compartilhavam da sua opinião nas mais diferentes questões.

Para exemplificar, destacamos dois momentos em que este jogo torna-se evidente. No número 2, do dia 8 de janeiro de 1876, a ilustração da capa (ver figura 2) traz o D. Beltrano agradecendo as referências que outros periódicos fizeram ao seu aparecimento. Silva⁵⁴, em uma análise mais detalhada, reconhece os jornais e seus editores e com isso torna-se possível verificar o tratamento dado a cada um deles; mais ainda, torna-se importante observar a maneira como Agostini considerava-os, evidenciando suas aproximações e seu distanciamento.

⁵³ *Revista Ilustrada*, 8 de janeiro de 1876, ano I, n.2, p.3.

⁵⁴ SILVA, *op. cit.* p.27.

REVISTA ILUSTRADA

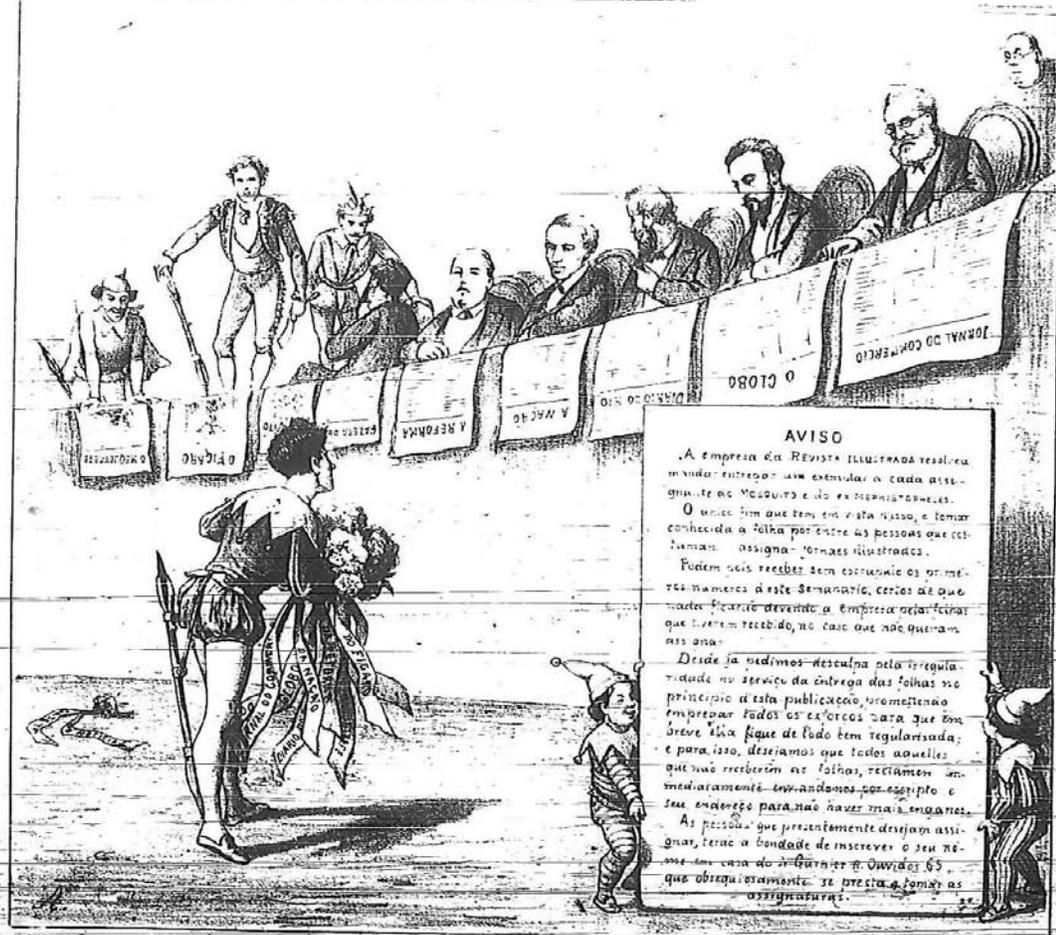
CORTE
 Anno 16 \$ 000
 Semestre 9 \$ 000
 Trimestre 5 \$ 000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas a Rua da Assembleia 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

PROVINCIAS

Anno 20 \$ 000
 Semestre 11 \$ 000
 Anillo 5 \$ 000



AVISO

A empresa da REVISTA ILUSTRADA resolveu mandar entregar em estufado a cada assignante de Mossoro e de es demittentes.

O unico fim que tem em vista e a fazer conhecida a folha por entre as pessoas que costumam assignar folhas illustradas.

Podem pois receber sem custo os primeiros numeros d este Semanario, certos de que o meu Periodico devendo a empresa ojas folhas que tiverem recebido, no caso que não queriam mais.

Desde ja pedimos desculpa pela irregularidade no serviço da entrega das folhas no principio d esta publicação, promettemos emprepar todos os esforços para que em breve esta fique de novo bem regularizada, e para isso, desejamos que todos aquelles que não receberem as folhas, recciamos immediatamente em andamos por escripto o seu endereço para não haver mais embaraços.

As pessoas que presentemente desejam assignar, tem a bondade de inscrever o seu nome em casa do Sr. Gutierrez e Ouydas 63 que obsequiosamente se presta a tomar as assignaturas.

Illustres collegas diarios e semanarios, Reconhecido pelas patavias bondosas com que haveis recebido a minha appareção na scena jornalística venho agradecer-vos de coração e prometter de não desmentir as phrases lisonjeiras com que me haveis acolhido.

Figura 2 – Fonte: Revista Illustrada, 1876, ano I, n.2, p.1/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

O *Jornal do Commercio*, freqüente alvo da *Revista* em várias questões ao longo de toda a duração do periódico, tem como símbolo nesta ilustração, segundo a pesquisadora que se concentrou neste estudo, a figura de um clérigo, o que nos permite supor que uma estreita relação entre a Igreja e as idéias vinculadas pelo *Jornal* pretendia ser evidenciada. Os outros periódicos são *O Globo*, *Diário do Rio*, *A Nação*, *A Reforma*, *A Gazeta de Notícias*, sendo a sexta figura da direita para a esquerda o possível editor de costas ao “suposto” agradecimento da *Revista Ilustrada*, o que pode nos revelar sua insatisfação com o aparecimento do periódico. Tratamento recíproco de D. Beltrano que deixa o buquê de flores da *Gazeta de Notícias* no chão, enquanto segura os de outros jornais. A cena ainda se compõe pelo *O Fígaro*, *Mequetrefe* e, finalmente, pelo *O Mosquito*.

A encenação da capa completa-se na página 2 deste mesmo número do ano de 1876, quando, no canto superior, como parte do editorial, declara as impressões de alguns dos periódicos da ilustração:

“A ILLUSTRADA IMPRENSA FLUMINENSE –
Agradecemos de coração os collegas que benévolos nos
receberam e enviaram- nos palavras de animação e conforto.

Ao Fígaro – Devolvemos sua amistosa saudação e admiramos
sua presciência que nos parece de bom agouro.
Quanto à dúvida da *Mequetrefe* póde-lhe que fazemos justamente
empenho, para poupar erratas, em que a *Revista* antes de ser
vista seja revista:e ilustrada também, para não darmos uma
página em branco.

À *Gazeta de Notícias* – Muito nos commoveu a bondade com
que se dignou a declarar que fora publicado o primeiro número
da *Revista Ilustrada*.

Ao Mosquito – Muito lisongeados com a sua apreciação.”⁵⁵

Em sentido oposto ao ataque, destacamos o dia 26 de agosto de 1876; no número 33 da *Revista* encontra-se uma referência um tanto elogiosa ao jornal contemporâneo *O Globo*:

⁵⁵ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n.2, p.2.

O Globo

De todas as necessidades de um paiz livre em que a opinião do povo é soberana, é a imprensa livre a de maior importância. É pela imprensa independente que melhor se faz representar a vontade nacional.

Entre nós que ella está ainda longe de preencher sua elevada missão, é o *Globo* um dos órgãos que mais se esforçam por attingir este fim.

Alheio às lutas políticas, o nosso collega tem sempre discutido tão livremente os interesses públicos, com tanta elevação de vistas tem-n'ò feito que, estamos certo, não lhe faltará o concurso de todos ao appello franco e louvável que acaba de fazer.

Fariamos uma injustiça ao publico intelligente si acreditássemos que elle negaria elemento de vida ao primeiro de nossos jornaes sérios.⁵⁶

Simple observar que o elogio da *Revista Illustrada* estrutura-se sobre o conceito de uma imprensa livre, sobretudo de um país livre. O comentário considera como verdadeiro papel da imprensa a atuação no cenário nacional, levando em conta a opinião do povo, realizando a tarefa de representar a vontade deste povo. Obviamente esta não era a organização social nem política do Brasil, um país ainda escravocrata que, embora abarcasse discussões sobre a abolição, não oferecia condições à ascensão dessa população na organização nacional do trabalho, tampouco condições de moradia digna ou de saúde, quadro que pouco se modificou com a lei de libertação dos escravos, em 1888. Ainda que alguns entendessem a necessidade da modernização da estrutura econômica através do capitalismo, existia um esforço para manter o estado como agente interventor e promotor da economia nacional, preso a uma postura paternalista, longe de conceder ao povo uma opinião soberana.

Por outro lado, podemos conceber que a declaração da *Revista Illustrada* pode estar associada à idéia discutida por Alessandra El Far, em seu livro *Páginas de Sensação*,

⁵⁶ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 33, p.6.

quando observa que “nas últimas décadas do século XIX o uso das palavras ‘povo’ e ‘popular’ era extremamente freqüente no cotidiano do Rio de Janeiro” e não só os jornais, como lojas, livros, vestuários, bancos, que tinham como objetivo apreender a atenção do grande público, faziam uso de tais denominações.⁵⁷ Salienta ainda a pesquisadora que neste período o termo povo “tratava-se de uma massa sempre crescente de pessoas, difícil de ser definida por sua amplitude e diversidade, e que se encontrava cada vez mais presente no cenário da grande cidade” e que mais paulatinamente essa massa começava a representar um público consumidor em constante expansão. Atingir esse público possivelmente seria uma das estratégias da *Revista Illustrada* ao utilizar a expressão “povo” no trecho mencionado.

Logo, o que fica mais evidente neste trecho é o empenho de mostrar, não as qualidades do país diante da imprensa, mas aquelas que supostamente seriam as qualidades da própria *Revista*. Ao dizer que concorda com a postura de independência do *Globo*, também se enaltece a *Revista Illustrada* pelas mesmas características. À frente do jornal *O Globo*, neste momento, estava Quintino Bocaiuva⁵⁸, republicano convicto que fez da imprensa um palco para a divulgação seus ideais republicanos. A respeito destes, é possível dizer que estavam em sintonia com os de Agostini, por isso o elogio não se limitava ao jornal, antes a tudo o que ele representava como munição para a modificação de um novo regime. Assim, o elogio ao jornal de Bocaiúva estende-se às idéias que ele representava e que estavam em consonância com as de Agostini.

No discurso apresentado, a representação do povo revela-se também de forma restrita. Falava-se a qualquer membro da sociedade? Quem seria o povo cuja opinião poderia ser soberana? Possivelmente, ao postular a tarefa de representar a voz daqueles que não possuíam direitos, a *Revista Illustrada* não só os representava, mas se inseria

⁵⁷ EL FAR, A. *Páginas de Sensação*. São Paulo. Companhia das Letras: 2004,p.77.

⁵⁸ Segundo Sodré, “Quintino Bocaiúva (1836-1912) começou como tipógrafo, passando depois a revisor fazendo o curso de Direito em S. Paulo, onde fundou com Ferreira Viana, A Honra, iniciando a propaganda republicana que jamais abandonaria. Crítico e teatrólogo, a atividade de jornalista absorveu-o depois inteiramente. Tendo colaborado em vários jornais estudantis e, posteriormente, na Corte, distinguiu-se particularmente em *A República*, *O Globo*, *O Cruzeiro* e *O País*, jornais que dirigiu e de onde orientou a propaganda republicana e os rumos do Partido Republicano, de que foi um dos fundadores. Ministro das Relações Exteriores, no Governo Provisório, governador do Estado do Rio de Janeiro, senador, Quintinho Bocaiúva foi a figura mais eminente da imprensa brasileira em sua época. Sodré, op.cit. p. 252.

como parte desta população. Ao converter-se na imagem de um povo, passa a ser aquela que merece ter opinião absoluta. Esse movimento de representação não é único, tampouco restrito, são numerosos ao longo de toda a existência do periódico, como estratégia de divulgação das suas supostas ações em relação ao público.

Outra estratégia e um tópico freqüente no discurso de Agostini dizem respeito à determinação de não permitir anúncios e fazer do dinheiro arrecadado da venda de seus exemplares praticamente a única fonte de renda, por isso sua *Revista* teria que atingir um público fiel e específico que poderia pagar por sua publicação.

Nas páginas da *Revista Illustrada* procurava-se sempre enfatizar a recusa de publicação de qualquer tipo de anúncio. Ao mesmo tempo, colocava-se esse intuito em evidência tanto na parte gráfica da capa, com um grande destaque dado ao preço e a localização dos exemplares, quanto na parte escrita, em que se cobrava a atenção dos assinantes devedores. Com grande regularidade Agostini voltava a este tópico, procurando esclarecer a opção por não permitir a compra de qualquer que fosse o espaço nas páginas da *Revista*. Por isso, muitas vezes, ironizava a prática de publicação de anúncios em outros periódicos, como se observa no dia 4 de novembro de 1876:

Annuncios da *Revista*

Accendendo aos instantes pedidos de muitos dos nossos amigos e assignantes, abrimos em nosso semanário uma secção de annuncios.

Julgamos que era já tempo de contribuirmos com o nosso contingente de cimento para cada vez mais consolidar-se o grande edificio publico dos interesses e progresso moral e material do paiz.

Assim, por intermédio da *Revista*, podem corresponder-se os amantes, namorados, conspiradores; procurar-se cães perdidos, quantias extraviadas, jóias sumidas, esposas desencaminhadas etc.

Se houver alguma recriminação ou censura pelas conseqüências da publicidade, responderemos que a importância paga de antemão fica na gaveta.

Seguimos o pendor da época, marchamos com o tempo: instituímos o balcão.

N.B – O estylo e orthographia dos originaes serão respeitadas.⁵⁹

A partir de então, a *Revista* separa uma coluna inteira, às vezes duas, de textos de formato semelhante aos espaços destinados a essa prática em outros jornais, principalmente no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Notícia*, mas o conteúdo bastante irônico deixa evidente que se tratava de uma sátira a prática dos anúncios, como este exemplo:

“precisa-se de uma mulher ciumenta, até 18 anos de idade, para um marido tolerante, que saiba dar ponto em meias, fazer bonets, vestir, pentear e enfeitar um cavalheiro. Quem estiver nessas condições explique-se e apareça para fechar negócio.”⁶⁰

Ou ainda,

“Um homem de meia idade, mas que nunca se casou, aspirando ao respeitável estado de viúvo precisa de uma moça rica para contrair matrimônio. Garante-se bom tratamento e um enterro decente.

Quem estiver no caso anuncie por esta folha ou deixe carta fechada no morro da Conceição, a P.M.L. que dando os signaes certos, será procurada.”⁶¹

Como podemos verificar, a publicação deste tipo de conteúdo claramente remete à ridicularização da venda de espaços para o comércio nas páginas dos periódicos e, obviamente, pretende deixar evidente que não compactuava com ela na *Revista Ilustrada*. Agostini considerava que a aceitação de anúncios em suas folhas poderia comprometer a forma independente com que propunha exercer seu trabalho. Em 1903, para justificar o aumento que sofreria seu periódico *Don Quixote*, Agostini retoma o tema na parte final do editorial:

⁵⁹ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 42, p.7.

⁶⁰ *Revista Ilustrada*, 12 de dezembro de 1878, ano II, p.6.

⁶¹ *Revista Ilustrada*, 12 de dezembro de 1878, ano II, p.6.

“- Se puser anúncios, poderá fazer o jornal mais barato. O anunciante paga as despesas, dirão alguns. É verdade, mas não faço jornal de anúncios, para isso há outras folhas. O jornal ocupa-se um pouco de tudo que se passa, tanto no texto, como nos desenhos. E assim sabem já do que necessitava dizer aos meus assinantes, a quem desejo um ano cheio de felicidades.”⁶²

Para alcançar um número maior de leitores e, conseqüentemente, de assinantes, Agostini soube usufruir dos benefícios que o desenvolvimento do país trouxera, “marcado, exteriormente pelo avanço da vida urbana, o crescimento da classe média e o esboço de burguesia que começava a se fazer sentir”⁶³. Dentre as novas “tecnologias” que muito contribuíram para a distribuição dos jornais, e também a de livros, constam a rede de comunicações terrestres e marítimas e o serviço de Correios, pois desde 1825, ocorriam modificações e melhorias nesses setores, iniciando-se pela instalação da primeira linha de Correio no interior. Em 1856, o serviço ampliou-se por causa das linhas de trens que viriam a se multiplicar nos anos posteriores. A criação de telégrafos também contribuiu para o aumento da extensão das notícias por meio dos jornais. Deste modo, Agostini organizou uma rede eficiente de distribuição de seus exemplares, tanto que Monteiro Lobato, em *Idéias de Jeca Tatu*, afirmou:

“(…) não havia casa em que não penetrasse a *Revista*, e tanto deliciava as cidades como as fazendas. Quadro típico de cor local era o do fazendeiro que chegava cansado da roça, apeava o cavalo a um negro, entrava, sentava-se na rede, pedia café à mulatinha e abria a *Revista*. Os desenhos bem acabados, muito ao sabor da sua cultura e gosto, desfiavam ante seus olhos os acontecimentos políticos da quinzena. O rosto do fazendeiro iluminava-se de saudáveis visos.”⁶⁴

A cena pintada por Lobato nos dá a dimensão do alcance da *Revista*, tanto na cidade quanto no interior. Mas a seqüência de fatos ilustrada pelo escritor causa-nos um estranhamento, uma vez que o conteúdo do periódico dizia, claramente, que abarcava

⁶² AGOSTINI, A. *Don Quixote*, 10 de janeiro de 1903, nº.163, p.2.

⁶³ SODRÉ, *op.cit.*, p.208.

⁶⁴ Monteiro Lobato: *idéias de Jeca Tatu*, São Paulo, 1956, p.154.

idéias liberais, abolicionistas e, por vezes, republicanas. Desta forma, seria pouco provável que um fazendeiro com uma rotina que mantinha as relações escravocratas de “apear o cavalo a um negro” ou “pedir café à mulatinha” deleitasse-se com a *Revista*. Entretanto, podemos entender essa cena como parte de mais uma das estratégias de Agostini para arrebatrar maior número de assinantes, chegando, inclusive, à leitura dos fazendeiros. À primeira vista, poderíamos supor que o formato de um jornal de caricaturas, por si só, poderia suscitar a idéia de uma brincadeira, e não de uma crítica às situações da época. Se assim fosse, o formato justificaria os ataques de Agostini e, então, os fazendeiros escravocratas, elite no país, poderiam adquirir a assinatura sem que se sentissem ofendidos ou atacados. Esta seria, portanto, uma forma de penetrar até mesmo nos lugares para onde sua crítica mais feroz se direcionava.

As estratégias de Agostini, por meio de seu discurso, aliadas aos novos meios de distribuição dos jornais, conseguiram, de fato, um grande alcance que pode ser comprovado por um reclame⁶⁵ na seção “noticiários” do jornal *O Cearense*, de 1882:

Revista Ilustrada.

São muito interessantes os numeros 320 e 321 que recebemos pelo ultimo vapor.

O lapis de A. Agostini é inexgotavel de graça e espirito.

O texto é rico, suntuoso.

A empreza faz um apello aos *assignantes de meia cara*, pedindo-lhes que deixem de massar ao proximo com emprestimos e se tornem contribuintes.

Juntamos a tão justo pedido o nosso, principalmente, para os que nos *amolam* sempre que chega o vapor do Sul.

“Filar um jornal (diz a administração da *Revista*) deveria ser considerado um *crime* pelo menos igual ao de roubar um queijo”.⁶⁶

Além dos elogios feitos ao editor da *Revista*, o anúncio é dirigido a um leitor específico: o *assinante de meia cara*, ou seja, aquele que não compra o jornal, mas usa de suas boas relações para *filar* de outra pessoa. Percebe-se no anúncio a preocupação do redator em atenuar esta prática de leitura, pois assim aumentaria o número dos

⁶⁵ Este texto foi gentilmente cedido por Ozângela de Arruda Silva, pesquisadora do Projeto *Caminhos do Romance*, Instituto de Estudos da Linguagem – Iel – Unicamp.

⁶⁶ *O Cearense*, Fortaleza, 23 nov. 1882, n° 230, ano 37, p. 3. (grifo do autor).

assinantes do jornal que divulgava. Por isso, não se incomoda em atribuir à prática de utilizar o jornal de outrem a denotação de um pequeno crime, assim como um ladrão de queijo, inclusive, merecedor de pena.

Podemos perceber, ainda, neste anúncio do jornal *O Cearense* o alcance da *Revista Ilustrada*, pois o redator diz concordar com a idéia de que todos deveriam assinar o periódico de Agostini, principalmente “os que *amolam* sempre que chega o vapor do Sul”. Com essas palavras, demonstra o interesse dos leitores do norte pela leitura, que fazia com que fossem atrás daqueles que assinavam a *Revista*..

Embora a *Revista Ilustrada* divulgasse com veemência que era um jornal independente, livre de amarras a qualquer pessoa ou instituição, chama-nos a atenção o tratamento que recebe B. L. Garnier, bem como sua livraria. Sabe-se que no Rio de Janeiro encontrava-se, desde décadas anteriores, um número significativo de livrarias, dentre as mais conhecidas a Laemmert, fundada em 1838, a Livraria Clássica, em 1854, e também a Casa Garnier, inaugurada em 1844. No entanto, esta última é praticamente a única frequentemente citada nas páginas de Agostini, principalmente quando há indicações de romances.

A *Revista*, quando inaugurada, trazia a informação, a quem tivesse o interesse assiná-la, de que deveria dirigir-se à livraria do Sr. Garnier, situada na rua do Ouvidor, número 65. Esta referência, a mais recorrente no periódico, não se limitou à divulgação do local onde poderiam ser feitas as assinaturas, também se preocupou em construir uma imagem e divulgar uma personalidade tão presente na esfera literária do século XIX, B. L. Garnier. Na página 2, no dia 8 de janeiro de 1876, observa-se a primeira referência em forma de agradecimento ao editor:

“AO NOSSO BOM E PRESENTE AMIGO O Sr. B. L. Garnier – As expressões do nosso profundo reconhecimento pela bondade com que se tem prestado a receber as assignaturas da nossa folha.”⁶⁷

⁶⁷ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 2, p.2.

Nota-se ser uma referência demasiadamente elogiosa, que, evidentemente, não será a única ocorrência, especialmente quando há comentários sobre determinados romances. Observamos que em relação aos romances, na maioria das vezes, havia indicações e comentários não só dos livros, mas de onde também era possível encontrá-los. Quase sempre o lugar era a Casa Garnier, como podemos observar no exemplar de 18 de janeiro de 1879 em que há o seguinte comentário: “*Um capítulo de quinze annos*, romance de Julio Verne, versão do Sr. T. dos Reis, editado pelo Sr. B. L. Garnier, que é o nosso editor-mor.”⁶⁸

Também havia algumas referências à figura do editor, como ocorreu em 22 de janeiro de 1876, quando a Casa Garnier publicou a *Ilha misteriosa*, também de Julio Verne: “Ao Sr. Garnier – o seu *segredo* divulga-se na *Ilha* e continentes adjacentes. Deixa de ser segredo com menos facilidade do que tem o senhor em ser obsequioso.”⁶⁹

A referência à figura de Garnier aparece até mesmo nas crônicas que a *Revista* publicou, como em 1 de junho de 1878, no trecho de um texto intitulado *Coisas*, o qual se ocupava de passar alguns ensinamentos de vida para os leitores, dentre eles: “Não emprestes nunca um livro sem saber se há outro exemplar no Garnier.”⁷⁰ Em outra crônica publicada no dia 25 de maio do mesmo ano, em que o narrador descreve a sua procura por um livro bastante difícil de se encontrar, chamado de *Le pays des inconnus*. Em determinado ponto do texto encontra-se o trecho “Procurei em todas as livrarias, mas debalde, nem o Garnier deu-me notícias d’ella.⁷¹ (...)”, o que mais uma vez evidencia a recorrente referência à instituição e à própria pessoa do editor, fazendo-nos supor a existência de um “pacto de publicidade” muito singelo.

É também possível conceber que a *Revista* ao enaltecer a figura e a livraria de Garnier estaria pretendendo entrar em consonância não só com os leitores das obras publicadas pelo editor, mas também com os possíveis consumidores dessas obras. Sabe-se que os livros comercializados pela Garnier tratavam de edições mais bem cuidadas e com um preço mais custoso, desta forma, estabelecia um público

⁶⁸ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1880, ano IV, n. 146, p.2.

⁶⁹ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 4, p.2.

⁷⁰ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1878, ano III, n. 144, p.6.

⁷¹ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1878, ano III, n. 113, p.7.

consumidor mais específico: aqueles que podiam se desfazer de mais contos de réis para adquirir um exemplar. A *Revista Illustrada* ao limitar-se fazer a divulgação de obras desta espécie e ignorar as inúmeras outras livrarias e comerciantes de livros mais populares, sebos, alfarrabistas poderia intencionar o estabelecer um paralelo com aqueles que pretendia ter como o seu próprio leitor.

No entanto, a partir de um comentário publicado na *Revista* pudemos também perceber que a relação de aproximação ao “editor-mor” não impediu as críticas, ainda que nas entrelinhas, à conduta do “amigo Garnier” no campo literário, como acontece no dia 19 de agosto, em um trecho da crônica de D. Beltrano:

“*A semana litteraria* correu menos má quero dizer, perfeitamente. Entre as muitas publicações que nos vieram às mãos, avulta, incontestavelmente em volume que nos offereceu o Sr. Garnier sob o titulo de *Novas Poesias* de Bernardo Guimarães.

Este Sr. Garnier é incansável, e o nosso poeta não lhe fica atraz. Suggere-me este facto uma reflexãozinha, e vem a ser que nunca vi o nome desse editor desacompanhado do título de proctetor das letras pátrias... Não serão as letras patrias as proctetoras do Sr. Garnier? Não andarão ahi as bolas trocadas?”⁷²

Há, ainda, algumas referências às publicações da Casa Garnier, como o *Jornal das Famílias*⁷³, um dos maiores empreendimentos do editor. Neste caso, a *Revista* descreve o periódico de Garnier como aquele que contempla “cousas de muito fácil digestão intelectual”, o que poderia significar mais uma maneira de distinguir o público da *Revista Illustrada*. Este seria um leitor mais crítico e o do *Jornal das Famílias* mais suscetível às amenidades, como podemos perceber no texto abaixo,

⁷² *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1878, ano III, n. 125, p.2.

⁷³ Cf. tese de doutorado da pesquisadora Alexandra Santos Pinheiro, intitulada *Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*, que, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, discute a idéia de o *Jornal das Famílias*, periódico dirigido ao público feminino que circulou entre os anos de 1863 e 1878, não oferecia apenas conteúdo ameno às suas leitoras. Alguns debates importantes travados no século XIX, como a necessidade da consolidação de uma literatura nacional e a condição do escritor brasileiro, também eram abordados com frequência pelos redatores e colaboradores da publicação.

⁷⁴ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 16, p.6.

“Se não percebem, dou-lhes um conselho de amigo:
Deixem-se de ter a *Revista Illustrada* e sejam assignantes do *Jornal das Famílias*, onde encontrarão sempre cousas de muito fácil digestão intelectual.
É tão divertidas ás vezes!
Ora, é uma poesia repassada de amor e tendo no verso da folha a explicação do meio de fazer almôndegas de bacalhao.
Ora, explicações dos moldes contidos nos patrons e redigidas assim:
Babadores para crianças de fustão;
Toucas de dormir para senhoras lisas;
Chinellas à turca para mocinhas de bico retorcido;
Gorra para homens de borla comprida;
Calças para meninas de perna curta;
Mantinhas para senhoras quadradas e sem avesso nem direito.
Tão divertidas!”⁷⁴

4. Aqueles que caminharam pela *Revista Illustrada*.

Fato é que a *Revista Illustrada*, conquistando seu público fiel ao longo de sua existência, fez um total de 739 números e ainda contou com várias edições suplementares, as quais não tinham numeração. Seu escritório funcionou em vários locais. Primeiro, em seu surgimento, ficava na rua da Assembléia, nº 44, onde funcionava a “*Oficina Litográfica a Vapor da Revista Illustrada*”. O fato de Agostini ter sua oficina é de suma importância, uma vez que esta barateava os custos das edições. Em 15 de outubro de 1881, mudou-se para a rua Gonçalves Dias, nº 65 e, três anos mais tarde, transferiu-se para um sobrado no número 50 da mesma rua, ali permanecendo até setembro de 1897, quando a própria *Revista* anuncia seu retorno para a rua da Assembléia, onde permanece até seu fim.

Ribeiro⁷⁵ salienta que a mudança de endereço nos períodos citados reflete o progresso que o periódico atingiu. As ruas Gonçalves Dias bem como a do Ouvidor eram locais nobres do comércio e da imprensa da cidade do Rio de Janeiro. Progresso

⁷⁵ RIBEIRO, *op.cit.* p.50.

também refletido nas alterações no preço da folha, pois em seu início a *Revista Ilustrada* custava, na Corte, 16\$000 a assinatura anual, 9\$000 por semestre e 5\$000 por três meses. Nas províncias só havia a possibilidade de assinar o periódico por um ano, a 20\$000, ou por semestre, a 11\$000. Por um exemplar avulso, pagava-se \$500 réis até o final de 1885, sendo que, no ano seguinte, cada número passou a custar o dobro, portanto 1\$000.

Ao mapear a distribuição da *Revista*, Ribeiro constatou que em seus tempos áureos, em meados de 1880, o periódico era distribuído aos assinantes do Rio de Janeiro por entregadores contratados do jornal. Os números avulsos eram vendidos ao público nas ruas e na própria redação, situada no mesmo prédio da livraria B. L. Garnier na rua Ouvires, nº 107, um dos motivos para que tantas referências tenham sido feitas ao editor. Para as províncias os exemplares eram enviados pelo correio mediante pagamento adiantado. E à medida que conquistava mais leitores em toda a extensão do país, a *Revista* nomeava representantes em diversas cidades.

A primeira página, além de uma ilustração que abria cada número, continha um cabeçalho que também sofreu poucas alterações durante sua duração. Apenas em 1888 houve uma significativa modificação no título da folha que passou a ser grafado com letras mais largas, dando maior destaque ao nome.

A *Revista*, no maior tempo de sua duração, procurou ser regular, ou seja, manteve-se o seu propósito de ser semanal até os fins de 1882. Os dois anos seguintes foram marcados por algumas faltas, ingressando no ano de 1885 com uma periodicidade quinzenal, permanecendo desta forma até 1885, ano em que a folha volta a ser semanal e assim continua até o início de 1890, quando retorna à distribuição de quinze em quinze dias. Em 1893, a *Revista* interrompe sua publicação, ressurgindo apenas em novembro do ano seguinte. Sua irregularidade acentua-se nos anos subsequentes. Em 1897, foram apenas oito números publicados e, no ano seguinte, 1898, apenas cinco, já anunciando o encerramento de suas atividades em agosto desse mesmo ano.

Observa-se, portanto, que a infra-estrutura funcional era fator primordial que muito contribuiu para seu sucesso e sua permanência no cenário da imprensa, uma vez que este jornal possuía uma administração, um corpo de redatores, técnicos de impressão e representantes do jornal em outras cidades.

Esta estrutura era administrada por um companheiro de jornalismo de Angelo Agostini chamado Frederico Harling, segundo nota publicada no próprio jornal, em 14 de junho de 1884. Mais tarde, tornou-se sócio da empresa que publicava a *Revista*, e a razão social passa a se chamar “*Angelo Agostini & Cia*”, mas o nome do jornal permaneceu o mesmo.

Convém também ressaltar que seu formato não sofreu grandes alterações, o que comprova o sucesso da fórmula experimentada por Agostini. Sempre foi composta de oito páginas, sendo que as de número um, quatro, cinco e oito eram ilustradas e as restantes eram ocupadas por textos (ver figuras 3, 4, 5, 6 e 7)

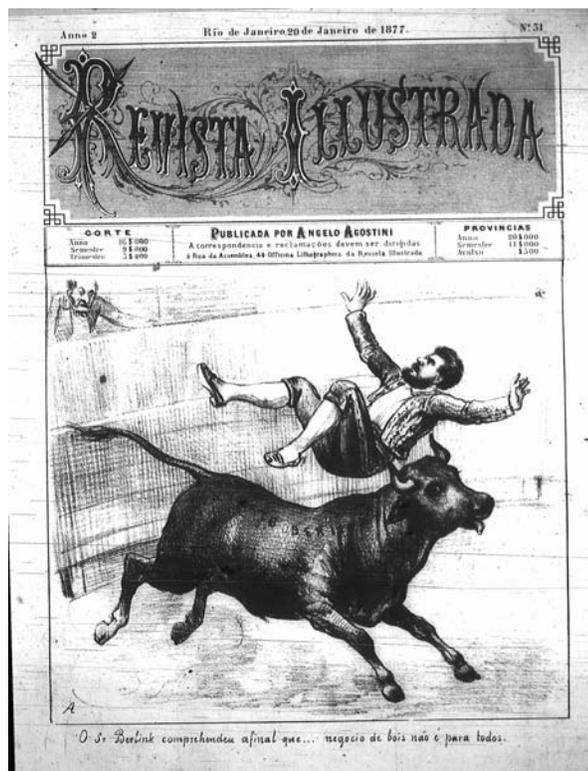


Figura 3 – Fonte: *Revista Ilustrada*, 1877, ano II, n.31, p.1/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

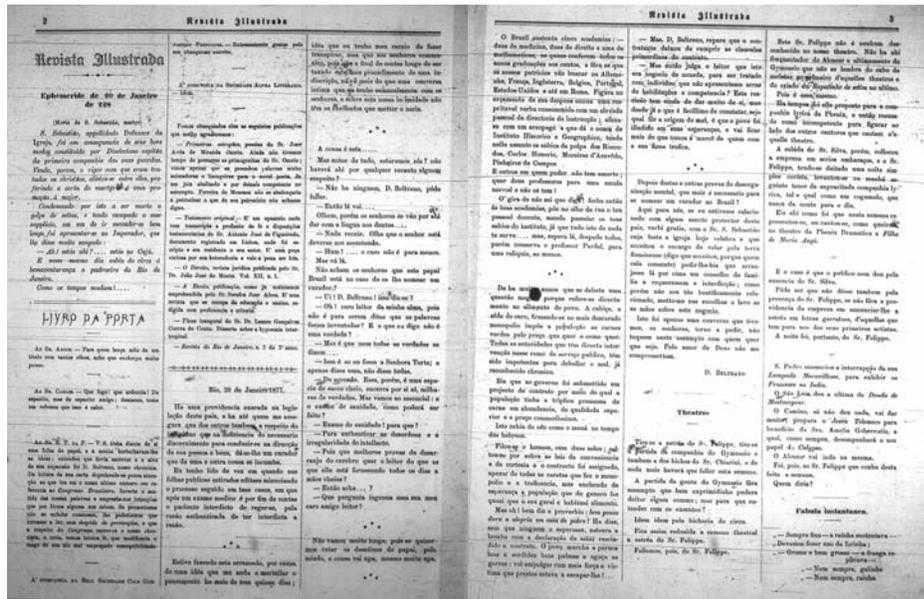


Figura 4 – Fonte: Revista Illustrada, 1877, ano II, n.31, p. 2 e 3/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.



Figura 5 – Fonte: Revista Illustrada, 1877, ano II, n.31, p. 4 e 5/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

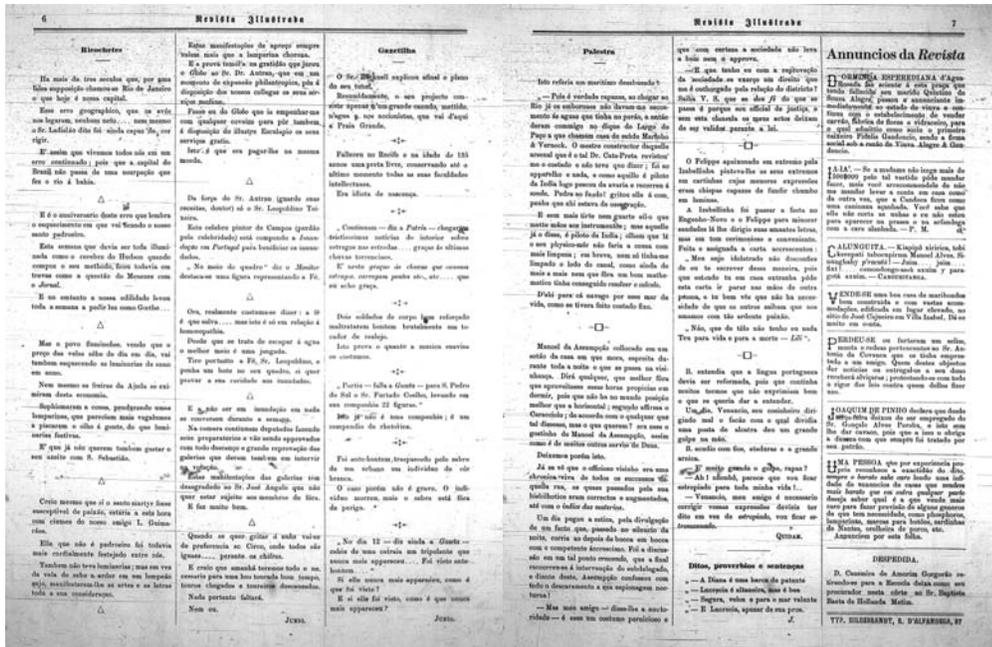


Figura 6 – Fonte: Revista Illustrada, 1877, ano II, n.31, p. 6 e 7/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.



Figura 7 – Fonte: Revista Illustrada, 1877, ano II, n.31, p. 8/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

A redação era dividida em duas partes fundamentais: a ilustrada e a literária, incluído neste setor o do jornalismo propriamente dito. Dentre os artistas é importante destacar, em primeiro lugar, Angelo Agostini, cuja trajetória foi estudada em alguns trabalhos aqui mencionados, como o fundador da *Revista* e seu principal redator até 1888. Pereira Neto foi o continuador da obra de Agostini, quando este permaneceu afastado do país, pois aquele se tornou responsável por parte do trabalho de ilustrador e responsável pela edição. Passou também pela *Revista* o ilustrador Hilário Teixeira, que atuou com mais representatividade, dividindo o trabalho da ilustração com Pereira Neto.

Além dos ilustradores fixos, houve também artistas que contribuíram com sua execução, mas que apresentaram pouco vínculo com a mesma, já que suas participações eram esporádicas. Dentre eles se destacam Eduardo de Martino, Augusto Off, George Manders. No entanto, após a saída de Agostini, nota-se que não há tantas participações de outros colaboradores na parte artística.

Dos redatores fixos, podemos destacar Luis de Andrade, que assinava suas crônicas e os artigos mais importantes como o pseudônimo de Júlio Verim, como observou Ribeiro⁷⁶. Andrade destacou-se entre os outros redatores escrevendo artigos em favor da causa da abolição da escravatura e também sobre a República, de modo que, ao ser esta proclamada em 15 de novembro de 1889, o jornalista encerrou seu trabalho neste órgão para ocupar, pelo estado de Pernambuco, uma vaga de deputado na Assembléia Constituinte. Voltou somente anos mais tarde, quando se tornou proprietário da *Revista Ilustrada* e passou a assinar seus artigos.

Existiam alguns colaboradores mais frequentes: José Ribeiro Dantas Júnior, que assinava as crônicas com o pseudônimo de “Júnio”, e “A. Gil” foram alguns deles. Segundo Ribeiro, Dantas Júnior foi fundador do periódico *Mefistófeles*, colaborou nos jornais *A Nação*, *Estação*, e teve maior destaque no *Cruzeiro*. Na *Revista Ilustrada*, onde trabalhou por nove anos seguidos, responsável pela seção *Resenha Teatral*.

⁷⁶ RIBEIRO, *op.cit.*; p.198.

Outro participante foi Brício Filho, um médico paraense que se responsabilizava por textos em prol da abolição. Já havia estabelecido uma relação mais próxima com personalidades como José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, João Ferreira Serpa Júnior, Gonzaga Duque Estrada, quando colaborou na *Gazeta da Tarde*. Trabalhou também no *Correio da Manhã*, foi fundador, em 1906, do periódico *O Século* e mais tarde ingressou o *Jornal do Brasil*, do qual se tornou presidente a partir de 1930.

Em 1890, o jornalista Artur de Miranda Ribeiro tornou-se o principal redator da parte escrita da *Revista Ilustrada*. Assinava seus escritos com o pseudônimo Farfarelo e tem sua participação marcada pela ênfase nos ideais republicanos. Em um período anterior, participara das redações dos jornais *O País*, *Diário de Notícias e Novidades* e fora também fundador do periódico *Crônica Ilustrada*. Perdeu seu posto na *Revista Ilustrada* para Luís Andrade, quando este retorna ao periódico, em novembro de 1894.

O jornalista Luís Murat igualmente merece destaque por sua participação no periódico, principalmente por sua “assiduidade mais ou menos regular”, nas palavras de Ribeiro.

Angelo Agostini, além das funções que exercia como redator artístico principal do jornal, colaborou como cronista esporádico em algumas seções, como as que se referiam aos assuntos relacionados às belas artes, nas quais assinava como “X”; quando se referia aos assuntos pessoais, assinava “A.A.”, mas observamos também que usava seu próprio nome, como no dia 8 de janeiro de 1876, ocasião em que publicou, como já mencionamos, uma resposta ao editor do *Jornal do Commercio*, e em 1881, por ocasião da morte desse editor, Ferreira de Menezes.

A *Revista Ilustrada* mantinha diversas seções artísticas e literárias que tratavam de assuntos variados na tentativa de se aproximar dos diferentes tipos de leitores. Esta diversificação não se resume apenas à divisão entre arte e literatura, abrange os assuntos tratados em cada seção e, principalmente, a forma como são abordados.

Certas regras eram mais ou menos observadas no sentido de manter a uniformidade do jornal. O espaço da capa era normalmente preenchido por uma matéria em destaque da semana anterior. Costumeiramente era feito o retrato de um

artista, político, jornalista, figura conhecida. Geralmente eram mantidos os traços fisionômicos do personagem retratado, acentuando-se apenas uma desproporção entre a cabeça e o corpo da figura. Muitas vezes, o intuito era de homenagear. Inclusive, em 1888, Pereira Neto criou no dia 1º de dezembro de 1888 a seção “Panteão”, sempre na página oito da revista, que consistia em apresentar o retrato de alguma personalidade que era descrita sob forma de “portrait-charge”; buscavam, quase sempre, exaltar e não criticar as personagens em evidência que ali figuravam.

A ilustração de capa, não raras vezes, evidenciava uma orientação crítica que ora também se construía através dos textos. Nas páginas 4 e 5 eram feitas as resenhas dos fatos políticos e demais acontecimentos que haviam marcado a semana, geralmente retomando o assunto iniciado na primeira página. Era uma página dupla, portanto mais espaçosa, o que permitia uma seqüência maior de desenhos e melhor desenvolvimento dos fatos e acontecimentos escolhidos.

Existiram tipos diferentes de seções: aquelas que permaneceram constantes ao longo de toda a existência do periódico, sem significar que aparecessem em todos os números ou que não tivessem variações de autoria; algumas seções de existência curta e outras com aparição irregular.

A *Revista* abria com um editorial, cuja freqüência era bastante regular, era publicado na página dois. Algumas vezes, era assinado pelo redator principal da folha, José Ribeiro Dantas Júnior; depois, em 1885, por Luís de Andrade e por Artur de Miranda quando, em 1890, tornou-se responsável por várias matérias até o ano de 1894.

Dentre as seções mais efêmeras podemos destacar as “Belas-Artes”, que aparecia somente para tecer comentários sobre alguma exposição específica ou para dar notícia de algum artista. Caso contrário da seção “Livro da Porta”, que apareceu sempre com o mesmo formato, mas também sob o nome de “Livros a ler” e acompanhou a *Revista* por quase todo seu trajeto histórico. Tratava-se de um espaço no canto superior da segunda página, contendo sob forma de tópicos a resposta a algumas correspondências encaminhadas à folha. Ribeiro diz que,

“o Livro da Porta era uma seção bastante reduzida, que não opinava nem elaborava qualquer tipo de comentário. Não tinha no conjunto de trabalhos publicados pela *Revista* maior importância, restringindo-se a espaço de respostas às correspondências e aos agradecimentos pelas publicações encaminhadas àquela redação. Esta seção não era assinada⁷⁷.”

No entanto, analisando mais atentamente esta seção, verifica-se, na escolha dos livros comentados e na maneira como estes comentários eram feitos, uma importante informação para remontarmos uma prática de leitura específica deste período. Nota-se que a *Revista* resguardava-se do direito de apenas comentar as obras que julgava realmente relevantes, provocando, muitas vezes, uma insatisfação naqueles que enviavam suas obras e não obtinham sequer uma referência. Eis, por exemplo, um trecho de um texto, publicado em 1 de julho de 1876, que busca defender-se de acusações sobre os critérios dessa escolha:

Agora nós Sr. Y.

Já em nosso Livro da Porta do ultimo número explicamos-lhe a razão pela qual não respondemos logo a sua missiva: ratificando o motivo, reiteramos o pedido de desculpa.

Entre as palavras, certas e attenciosas que se sérvio dirigir nos vem de envolta uma accusação que não nos cabe.

A *Revista* não é órgão de um partido, nem de nenhum: supponho que nada em seu contexto fornece motivo para assim pensar-se. Nem uma razão tem para ser adversa ao actual governo, como igualmente a tem para delle ser amigos.

“Censuramol-o sempre – diz-nos V.S. – e nunca o elogiamos”

Mas, que diabo! Porque nunca nos fornece ele occasião de o elogiarmos e dá-nos sempre a de critical-o?⁷⁸

Outra seção bastante recorrente foi “Resenha Theatral” que, baseada no próprio nome, era responsável pelos comentários acerca das apresentações e espetáculos encenados na cidade carioca. Não se limitava somente a anunciar estes espetáculos, questionava-se a atuação dos atores, a qualidade da produção, a resposta do público, entre outras discussões propostas pela coluna.

⁷⁷ RIBEIRO, *op.cit.* p. 204.

⁷⁸ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 20, p.2.

O espaço preenchido pela seção “Ao rodar do bond” era dedicado às crônicas, entre elas as de D. Beltrano, que assinalava os principais acontecimentos vivenciados naquela semana. Durante os primeiros anos, também podemos destacar a regularidade da coluna “Ricochetes”, na qual eram veiculados pequenos comentários sobre assuntos variados, desde literatura, arte, ciência, até os mais ferrenhos ataques políticos.

A *Revista* também apresentava contribuições literárias na forma de poesias, contos e crônicas de autores variados, um dos exemplos é a seção “Folhetim” que não possuía um redator fixo. Nasceu em 1876 quando foi publicado o folhetim *Manoela*, assinado por P***, cujo pseudônimo nunca foi revelado, mas a seção era pouco recorrente. Apenas em 1888, voltou à publicação de outro folhetim com o título *Babilônia*, cuja autoria atribuiu-se a Luis de Andrade, sob um pseudônimo.

Outra seção que se dirigia, claramente, ao divertimento dos seus leitores era a “Efemérides”, geralmente publicada por ocasião de datas comemorativas de algum evento da história do Brasil, ao qual a seção se referia inalteravelmente em tom jocoso. A “Crônica Fluminense”, que no início de sua publicação, em 1880, era uma seção que tratava de assuntos diversos, desenvolvida com humor, opinava em assuntos políticos, sociais e culturais e também se direcionava aos romances e romancistas, que terão maior atenção neste estudo.

A pluralidade de seções pode demonstrar que a atuação da *Revista* variava de acordo com a aceitação do público. Neste sentido, pautou o seu trabalho não só nos grandes temas nacionais e estrangeiros, como também procurou evidenciar o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, ressaltando suas mazelas, principalmente aquelas criadas pelo que julgavam ser uma má administração pública, por isso, eram alvos constantes do periódico ilustrado algumas personalidades políticas, com maior destaque à figura do Imperador D. Pedro II.

Segundo a pesquisadora Silva⁷⁹, com o advento da República em 1889, a *Revista Ilustrada* perdeu muito de sua combatividade e originalidade expressas nas mais diferentes seções. Passou a atuar sempre no sentido de aplaudir o novo governo, sem

⁷⁹ SILVA, *op. cit.*; p.173.

tecer considerações muito críticas ou, ainda, muitas vezes calando-se diante das questões políticas que se sucederam. É nosso intuito verificar se em relação às referências aos romances esta perda de uma atuação crítica também se deu.

Agostini, por sua vez, que já havia se afastado da *Revista* em 1888, por conta de uma longa viagem à Europa, retornou apenas em 1894, quando decidiu não mais fazer parte da redação da mesma. Dedicou-se à participação em exposições gerais de Belas Artes da Escola Nacional de Belas Artes até 1909. Em 1895, fundou o periódico *D. Quixote* que teve duração até 1903, encerrando sua carreira com a colaboração em alguns periódicos: *O Tico-Tico*, em 1905 e *O Malho*.

5. Um caminho para a *Revista Ilustrada*: leitores e assinantes.

Fica claro, quando percorremos as páginas da história de Agostini, que uma de suas preocupações, quando esteve à frente de seus periódicos, de conquistar um maior número de assinantes, por isso fazia sempre referência àqueles que poderiam assinar a folha, ou melhor, pagar por ela. Esta preocupação data do primeiro número da *Revista*, em que o editor através do personagem central D. Beltrano, convida o leitor a assinar seu jornal. Na última página do número inaugural, D. Beltrano é retratado segurando um “livro de assinantes” (ver figura 8), e dirige ao leitor com as seguintes palavras: “Desejo ao respeitável público da Corte e da Província muito boas saídas e melhores entradas. Agora, para mim, as melhores entradas que me podem desejar...não sei se me entendem...”. As melhores entradas a que alude o personagem era o ingresso do leitor no livro de assinantes, que mais tarde Agostini apelidaria de “estatística dos homens de bom gosto do Império do Brasil”. Esta denominação não era aleatória, tampouco livre de significado mais contundente, antes estava afiliada a um projeto editorial de Agostini que visava a um leitor, ou ainda, a leitores específicos.



Figura 8 – Fonte: *Revista Illustrada*, 1876, ano I, n.1, p.8/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

Outras estratégias no sentido de induzir os leitores a compor um público fiel, ligado à *Revista* por meio das assinaturas, podem ser observadas na prática editorial de Agostini. Uma delas, e bastante interessante, seria um discurso que declarava ter um leitor definido: a população. Um leitor um tanto amplo que fez com que a *Revista* apropriasse-se de um discurso em que se procurou destacar, fundamentalmente, o caráter popular do jornal, justificado pelo que Agostini denominou como uso da linguagem de forma mais popular.

Percebe-se, no entanto, que a linguagem mais popular tem um sentido diverso do que hoje poderíamos conceber. Neste contexto não se referia à linguagem falada pelo povo, nem mesmo se trata de uma linguagem não-formal, pois esta concepção não justificaria o texto de 22 de dezembro de 1877, em que se criticou os desvios de ortografia, de sintaxe e de pontuação no jornal *Mequetrefe*:

“O *Mequetrefe* assentou decididamente em viver n’um divorcio eterno com a syntaxe e com a ortographia. Cada número que apparece, é uma série de attentados contra a infeliz gramática. Parece que todo o seu programma consiste n’esta phrase negativa. Nem syntaxe, nem ortographia!”⁸⁰

A linguagem mais popular defendida por Agostini poderia referir às características do gênero caricatura. Por mais que saibamos que, para entender ou interpretar uma caricatura, ainda que em seu próprio tempo, o leitor tenha de dispor de conhecimentos partilhados entre si e aquele que compõe o desenho, Agostini insistia no fato dessa arte ser de fácil acesso e interpretação. Admitia não precisar de “grandes conhecimentos especiais⁸¹”, o que na verdade revelava uma tentativa de aproximar seu ofício a um número maior de pessoas, conseqüentemente, leitores e assinantes.

O editor tinha consciência de que era o público a peça mais que essencial para o sucesso de seu jornal e, por isso, fazia um esforço para atribuir sempre características que delineavam quem era o leitor de sua *Revista*, como ocorre em um artigo assinado por Agostini em resposta ao editor do *Jornal do Commercio* sobre uma série de críticas dirigidas ao italiano e outros estrangeiros atuantes em periódicos ilustrados. Publicado em 1876, afirma que:

“O publico é o principal juiz em matéria de imprensa. As folhas illustradas são sustentadas por elle. Até agora graças a este publico, tenho podido; não fazer fortuna, como diz o illustre folhetinista, mas sustentar certa reputação que adquiri com meus trabalhos com desenhos⁸².”

E retoma em outra parte o discurso sobre a linguagem popular da caricatura:

“Quanto a mim, estando no Brazil desde 1859, não tenho tido senão este publico para julgar dos meus trabalhos, e estou muito reconhecido pelo bom acolhimento que me tem sempre dispensado. Estou certo porém, que se eu seguisse o conselho

⁸⁰ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1877, ano II, n. 95, p.3.

⁸¹ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 1, p.3.

⁸² *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 1, p.3.

do illustre folhetinista e fosse para Pariz, encontraria talvez a mesma aceitação. Não vejo porque razão o publico de lá deva ser melhor que o d'aqui. A caricatura não é uma arte que requeira grandes conhecimentos especiaes para poder ser compreendida e apreciada.”⁸³

Enfim, ao analisarmos o discurso da *Revista Illustrada* com o objetivo de construir a idéia que apresenta sobre o público do periódico, várias são as indagações, algumas são as conclusões. O projeto editorial de Agostini nunca abandonou a premissa de ser “porta-voz” daqueles que não tinham direitos na sociedade, desta forma, colocava-se como representante dessa parcela da população. Em uma leitura mais superficial, pensaríamos ser este o público alvo da *Revista*, uma vez que os desenhos caricaturais poderiam atrair leitores não alfabetizados.

No entanto, a discussão sobre a linguagem mais formal dos periódicos em circulação, naquele período, supõe que a *Revista* prestigiasse um público mais especializado, embora insistisse em dizer que a caricatura ampliaria a rede de seus leitores. Possivelmente, Agostini tinha em mente, sobretudo, aqueles que pudessem acompanhar toda a reflexão política que se engendrava por suas páginas e não apenas aqueles que pudessem se deleitar com as ilustrações.

O perfil dos leitores da *Revista* mostra-se de extrema importância para observarmos a quem se dirige o conteúdo do periódico bem como a quem interessam os comentários sobre os romances, foco de nosso próximo capítulo.

⁸³ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1876, ano I, n. 1, p.3.

Capítulo 2

1. O lugar dos romances.

A imprensa no Brasil, principalmente durante o século XIX, tornou-se um lugar privilegiado para os romances. Podemos conceber que tal privilégio esteve atrelado ao papel que os jornais desempenharam em relação à consagração do gênero. Em momentos em que se construía discursos sobre a literatura nacional, a atuação dos periódicos claramente ultrapassou os limites da mera divulgação de obras e se concentrou também na consolidação de um público leitor e na difusão de um *status* mais valorativo para a produção de romances. Nesse sentido, Valéria Augusti ressalta que,

“Nessa forma editorial marcada pela efemeridade, o romance conheceu, em certo momento, um prestígio que não teve similar nas formas editoriais escolares até o final do século XIX. De gênero menor, com finalidades moralizantes, assistiu na imprensa a sua elevação à categoria de obra arte, sendo considerado, em determinado momento, o gênero por excelência no que dizia respeito à capacidade de exprimir a nacionalidade da literatura brasileira.”⁸⁴

Ainda que “marcada pela efemeridade”, como menciona a pesquisadora, a imprensa passou a ser um espaço de visibilidade tanto para aqueles que pretendiam construir uma reputação no campo literário, quanto aos que já a tinham feita. Não podemos descartar o fato de que, em grande parte, esta visibilidade ocorreu devido à aproximação dos jornais ao mercado editorial. A relação estabelecida entre este mercado e os periódicos do período possibilitou, além da criação de um espaço de publicidade para últimos lançamentos das obras, um lugar de apreciação crítica do gênero. As colunas e seções bibliográficas, geralmente, abarcavam a discussão de enredos, a avaliação estética de obras e a elaboração de critérios para a aceitação ou

⁸⁴ Cf. AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2006.p.91.

recusa de um romance, qual fosse o seu suporte, já que, desde a primeira metade século XIX, o romance-folhetim publicado nos rodapés dos jornais diários havia conquistado um número considerável de leitores⁸⁵.

Sabemos que o romance foi um dos gêneros mais disseminados do período, mas precisou passar por uma série de transformações para que fosse aceito nas mais altas esferas da crítica literária. Tido, em um primeiro momento, como o gênero preferido das massas, de grande circulação entre a população, mantinha afastada a sua inserção no cânone literário por não cumprir, tal como outros gêneros “de respeito”, os preceitos dos manuais de poética e retórica. Segundo Augusti, a imprensa no início do século reafirmava em seu discurso a idéia de que o romance destinava-se ao “povo”, contrastando sua leitura àquela concebida a partir do conhecimento de regras de composição e análise da produção literária destinada às elites letradas.

Durante o percurso de consagração como gênero de prestígio, aos romances foram atribuídos diferentes rótulos e funções, dentre eles, a instrução, a moralização e divertimento de seus leitores. Por um determinado tempo, esteve longe de possuir qualquer apreciação estética pela sua composição, uma vez que era a leitura preferida do povo, e não de um público restrito da elite da sociedade.⁸⁶ Esse quadro se modifica a partir da década de 70, quando, não podendo mais ignorar a disseminação de um gênero que já era tão popular, “a crítica passa, paulatinamente, a atribuir novas finalidades e um novo público leitor ao romance.”⁸⁷ Essas novas finalidades estiveram intrinsecamente ligadas, como aponta Augusti, ao distanciamento das obras do público mais comum e à divulgação pela crítica de alguns conceitos para caracterização e apreciação de alguns romances — a “originalidade”, por exemplo, se tornou um dos critérios para a produção de um romance. A partir dessa modificação no modo de ver e conceber o romance, características mais nobres foram atribuídas a ele, o que permitiu alcançar leitores mais refinados que o encaminharam para sua consagração.

⁸⁵ Cf. MEYER, Marlyse. *Folhetim. Uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

⁸⁶ AUGUSTI, Valéria. “Mercado das Letras, Mercado dos Homens.” In *Revista de História Regional*, 2007, p.99.

⁸⁷ AUGUSTI, Valéria, *idem*, p.2.

A imprensa se insere neste contexto ao contribuir para a disseminação de alguns de alguns critérios, não só através dos homens de letras que nela trabalhavam (e muitas vezes, viam nos jornais um meio de garantir visibilidade aos olhos de seus editores e, sobretudo, de seus leitores), mas também através dos embates dos leitores não especialistas. Estes puderam divulgar mais que suas concepções sobre os romances; puderam expor, nas páginas dos periódicos, suas impressões de leituras.

É sabido que, desde o início do século, mais precisamente, quatro anos após a instalação da Imprensa Régia no Brasil, começaram as publicações especializadas em discussões literárias. Tais eram chamadas de periódicos literários, dos quais foi pioneiro *As variedades ou Ensaios de Literatura* (Bahia-1812), de Diogo Soares da Silva de Bivar⁸⁸. Atribuiu-se, porém, maior importância ao segundo, *O Patriota*, que circulou entre os anos de 1813 a 1814 e que “não apenas abre o caminho às publicações científico-literárias como, até certo ponto, reata a nova era a um passado relativamente recente.”⁸⁹. Outros periódicos também se fizeram presentes nos anos subsequentes. Exemplos como *O Compilador Constitucional Político e Literário Brasileiro* (1822), *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura* (1822), “única publicação literária editada durante a regência de D. Pedro I”⁹⁰, *O beija-Flor: Anais Brasileiros de Ciência, Política e Literatura* (1830-1831) nos dão a dimensão do interesse em divulgar textos sobre literatura na imprensa desde que foi autorizada a publicação de periódicos no país.

Embora fosse da ossada dos periódicos literários abrigarem discussões acerca de arte e literatura, no início do Oitocentos pouco se viam em suas páginas comentários ou críticas sobre romance, uma vez que este ainda era um gênero considerado menor diante da poesia e do teatro, por exemplo.⁹¹ Existia, segundo Mançano, em alguns

⁸⁸ Cf. SANT’ANNA. Benedita de Cássia Lima. “Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o Início da Imprensa Ilustrada”. In. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAS, CEDAP, v.3, n.2, 2007, p.19-20.

⁸⁹ LOPES, Hélio. “A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas.” São Paulo: Conselho de Arte e Ciências Humanas, 1978, p. 9 Apud SANT’ANNA. Benedita de Cássia Lima. Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o Início da Imprensa Ilustrada. In. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAS, CEDAP, v.3, n.2, 2007, p.19.

⁹⁰ SANT’ANNA, *op.cit.*, p.19.

⁹¹ Cf. Regiane Mançano & Flávia Marques de Moraes. *Prosa de ficção em periódicos brasileiros do início do século XIX*. Pesquisa de Iniciação Científica. - Instituto de Estudos da Linguagem, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2004-2006 Orientador: Márcia Azevedo de Abreu.

jornais, um número significativo de anúncios de venda de livros, entre eles o romance, o que indicava a disseminação do gênero. Mas, ressalta a pesquisadora, a publicidade se concentrava na divulgação da materialidade da obra e não seus aspectos literários, a princípio.⁹²

Este cenário da imprensa se altera no decorrer do século XIX, pois nos anos que se seguiram aconteceu um aumento considerável do número de jornais e, da mesma forma, de comentários sobre romances. Importante ressaltar que este crescente foi observado não só em periódicos especializados, mas atingiu jornais diários de grande circulação, como o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*.

A escolha da *Revista Illustrada* como fonte de análise nesse estudo, além das questões apresentadas na introdução, também foi motivada pela relativa quantidade de impressos e por ser um importante veículo para a inserção do romance na imprensa século XIX. Desta forma, não se pretendeu focalizar um espaço que se propunha, *a priori*, como um lugar de discussões literárias, nem concentrar-se em periódicos diários. Tínhamos como objetivo conhecer o que se falava sobre romances em um lugar que não possuía pretensões de se propagar como um periódico literário, mas que ao mesmo tempo não se esquivou das questões de literatura que o cercavam.

⁹² MANÇANO, Regiane. “Livros à venda: uma história do romance por meio de anúncios de Jornal.” In: *XI Encontro Regional da ABRALIC*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.abralic.org.br/enc2007>

2. Um lugar para romances na *Revista Illustrada*: “Livro da Porta”

Sempre publicada na página 2 do periódico, a seção “Livro da Porta” era um espaço utilizado pelos redatores para agradecer as obras que lhes eram enviadas. Porém, a partir da análise de seu conteúdo, pudemos perceber que mais que mero agradecimento, esta seção foi um lugar de divulgação e valorização de determinados livros, dentre eles, alguns romances. Era mais uma das partes da *Revista Illustrada* em que Agostini e seus companheiros de redação sentiam-se à vontade tanto para reproduzir as opiniões e impressões de outrem sobre determinados textos, quanto para discorrerem as próprias impressões sobre a leitura de tais obras, fossem elas boas ou más, como sugere este exemplo de 26 de agosto de 1876:

“Ao Sr. IMPRESSIONADO – O assumpto de que V. S. falla achamos por suas deploráveis circumstancias impróprio de ser tratado em uma folha humorística. É por demais triste para recreiar os nossos leitores, é extremamente grave para ser levado pelo caminho do ridículo. Que temos nós que os nossos collegas delle tratassem? Cada qual governa sua casa como entende. Nem nos arvoramos em seus juizes, nem temos obrigação de rezar pela mesma cartilha.”⁹³

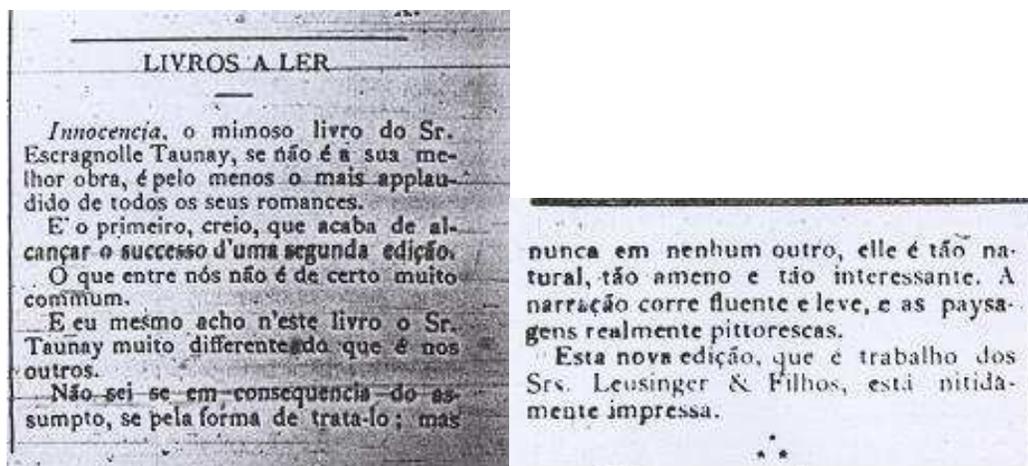
O comentário se dirige ao um suposto leitor que teria enviado um texto para a apreciação da *Revista*, mas esta se nega a publicar qualquer palavra por achar o conteúdo “impróprio de ser tratado em uma folha humorística”. A recusa é justificada pela “liberdade” que o periódico de Agostini julga ter para escolher os assuntos que serão tratados em suas seções. Independente de serem ou não temas publicados em outros jornais, pois declara não terem “a obrigação de rezar pela mesma cartilha”.

“Livro da porta” teve uma longa duração no periódico. Surgiu em 5 de fevereiro de 1876 e foi editada, embora não em todos os números da *Revista*, até o ano de 1889. Supostamente, como vimos, apenas procurava agradecer as pessoas que enviavam obras à redação, sejam as editoras, os editores, alguns leitores, ou o próprio autor —

⁹³ *Revista Illustrada*, 26 de agosto de 1876, ano I, n. 33, p.2

que, considerando o prestígio alcançado pelo jornal de Agostini, poderia remeter-lhe seu texto esperando encontrar nas páginas do semanário uma apreciação favorável de sua obra. Entretanto, a organização desta seção nos possibilitou crer que haveria, ao mesmo tempo, o intuito da divulgação, ou mesmo da “propaganda” de títulos que pudessem influenciar a compra ou a leitura dos livros pelos leitores da *Revista*. Este outro intento torna-se ainda mais plausível se considerarmos a mudança do nome da seção de “Livro da Porta” para “Livros a ler”. Esta alteração que se inicia nos anos finais da década de 70, não permaneceu estável, pois em tempos a primeira denominação voltava a aparecer. Mas não podemos deixar de considerar que a expressão “Livros a ler” traz, de forma mais clara, a sugestão ou até mesmo a imposição de determinados títulos aos leitores do periódico.

Além dos romances, eram citados pelos redatores neste pequeno espaço vários gêneros, como quadrilhas, tratados, artigos, contos e também os exemplares de outros jornais que eram remetidos ao semanário de Agostini. A presença da poesia era recorrente e, embora o romance dividisse espaço com esses outros gêneros e suportes, tinha para si um destaque maior nos comentários nesta seção. Os redatores, geralmente, não se restringiam apenas em divulgar aspectos da materialidade da obra, mas se dedicavam com mais frequência a comentar características literárias por meio das quais percebemos pistas que corroboraram para a conceituação de um bom ou mau romance, segundo aqueles que participaram da *Revista*. Um exemplo significativo é a notícia sobre a publicação da 2ª edição do livro *Inocência*, de Taunay, em 1884:



O comentário inicia-se atribuindo ao livro de Taunay o adjetivo “mimoso” e depois de advertir o leitor sobre possibilidade de não ser a sua melhor obra, chama a atenção ao sucesso de venda alcançado, dizendo acreditar ser este o primeiro livro que atinge uma nova edição com tal êxito até aquele momento. Logo após, a *Revista* parece querer justificar o mérito de *Inocência* através de uma diferenciação observada em relação ao autor e suas obras anteriores.

Neste trecho, podem ser percebidos alguns critérios de análise da obra. Há uma preocupação em chamar a atenção do leitor para um diferencial literário existente no romance, seja “em consequência do assumpto” ou “pela forma de tratá-lo”. O estilo, que se mostra natural, ameno e interessante, e o modo como se compõe a narração, fluente e leve, são outras questões literárias abordadas. O texto ainda não deixa de mencionar como qualidade do romance a presença de elementos pitorescos da natureza.

Além disso, a atenção se volta à materialidade da obra ao destacar que a edição está “nitidamente impressa”. Vale ressaltar que Srs. Leusinger & Filhos não é um nome recorrente entre os editores citados pela *Revista*, por isso seria importante destacar ao público o tipo de edição que apresenta.

Recorrendo, mais uma vez, ao trabalho de Augusti, verificamos a sua constatação de que tanto a crítica formal, representada pelos autores de tratados de retórica para o ensino formal, quanto a crítica da imprensa utilizavam categorias de análise sobre o estilo dos romances provenientes da retórica clássica. Entretanto, os

periódicos as divulgavam de modo diferente, pois “sem o rigor dos retores, na imprensa os críticos elogiaram o uso de quaisquer estilos, inclusive daqueles que a princípio seriam considerados inadequados assuntos pouco elevados, como eram considerados os de que tratavam os romances.”⁹⁴ Sendo o estilo uma categoria importante para a valorização das obras, nota-se a razão por que o comentário da *Revista* sobre o romance de Taunay não deixa de abarcá-lo em sua análise. “Natural, ameno e interessante” seriam características valorizadas para o estilo do romance dentro das categorias estabelecidas.

Os outros livros a que a *Revista* se refere são traduções de romances estrangeiros. A primeira a ser mencionada é *A Ilha Misteriosa*⁹⁵, de Julio Verne, publicada pela primeira vez em 1873. Mais uma vez apenas o título do romance foi citado, bem como o nome de Garnier, editor que remeteu o exemplar à redação. Posteriormente também houve a menção ao romance *Descobrimento Prodigioso* que trouxe, agora sim, o nome de Julio Verne como autor e o agradecimento continuou sendo dirigido ao editor Garnier.

Outro romance agraciado pelo envio é *Ourson o cabeça de ferro*⁹⁶, de Gustavo Almard e *Flammarond e Os dois irmãos*, romance de George Saud, tradução do Sr. Aristides Serpa e edição do Sr. B. L. Garnier.⁹⁷ Também cordialmente agradecido foi o romance *O Joven Telêmaco*, de Zarzuela, tradução do Sr. Garrido, edição do Sr. Serafim José de Alves.⁹⁸

O primeiro romance dos seis que apareceram durante o ano de 1877 pertenceu a Bernardo Guimarães, a quem a *Revista* atribuiu a denominação de “illustre poeta da literatura nacional” e declarou estar obsequiada por receber o exemplar de *Maurício ou as paulistas em São João d’el Rei*, romance em 2 volumes do nosso predilecto Dr. Bernardo Guimarães, edição Garnier”. Acrescentou que “ao livro que traz no frontespicio

⁹⁴ AUGUSTI, *op.cit.* p.104.

⁹⁵ *Revista Illustrada*, 22 de janeiro de 1876, ano I, nº4, p. 2.

⁹⁶ *Revista Illustrada*, 15 de abril de 1876, ano I, n. 13, p. 2.

⁹⁷ *Revista Illustrada*, 20 de maio de 1876, ano I, n. 19, p.2.

⁹⁸ *Revista Illustrada*. 19 de agosto de 1876, ano I, n. 32, p.2.

estampados estes dous nomes não póde nem deve merito nem interesse. Aguardamos com impaciência o momento de principiar a leitura.”⁹⁹

Também é remetido neste ano à *Revista* “*O Romance da mulher que amou*, pela princeza A... e commentado por Arsene Houssays.” Para esta obra há um breve comentário transposto a seguir:

“O título da idéia de uma historia triste, o nome do notador, porém, faz adivinhar um livro cheio de espirito. Foi traduzido pela poetisa Narcisa Amália, o que é mais uma recommendação.”¹⁰⁰

“*O Monge de Olinda*, romance do Dr. Nogueira de Barros”¹⁰¹ recebeu menção em 21 de julho de 1877. Julio Verne reapareceu na seção em dois momentos durante o ano. Em 13 de outubro com o romance *Heytor Servadac*, traduzido pelo Sr. Coutinho, e editado pelo popular Garnier.¹⁰² No dia 31 de dezembro, mais um romance editado por Garnier, *As Índias Negras*. Nesta mesma edição também há o agradecimento pelo romance *Os Servidores do estomago*, de João Mace, “vertido para o portuguez e editado pelo Sr. Garnier.”¹⁰³

O ano de 1878 iniciou com o romance “*Os Farrapos*, esboço de um romance brasileiro do Sr. Oliveira Bello”¹⁰⁴. Junto ao título e ao nome do autor havia o lamento de que era uma pena que seu autor não o acabasse. Em abril a *Revista* publicou o recebimento de dois livros a que chamou de “bem estimáveis”: *Yayá Garcia*, por Machado de Assis e *Motta Coqueiro*, por J. do Patrocínio. Ao final, acrescentou ser esta uma “perigosa aproximação!”¹⁰⁵

A “perigosa aproximação” a que se refere a nota havia sido feita no ano anterior, mais precisamente no dia 20 de outubro de 1877. Sob o título de “Romance histórico” e advertindo os leitores de que se tratava de uma história de poucos capítulos “porque é

⁹⁹ *Revista Illustrada*, 10 de fevereiro de 1877, ano II, n. 34, p.2.

¹⁰⁰ *Revista Illustrada*, 22 de setembro de 1877, ano II, n.83, p.2.

¹⁰¹ *Revista Illustrada*, 21 de julho de 1877, ano II, n. 75, p.2.

¹⁰² *Revista Illustrada*, 13 de outubro de 1877, ano II, n. 86, p.2.

¹⁰³ *Revista Illustrada*, 31 de dezembro de 1877, ano II, n. 96 , p. 2.

¹⁰⁴ *Revista Illustrada*, 8 de fevereiro de 1878, ano III, n. 101, p. 2.

¹⁰⁵ *Revista Illustrada*, 06 de abril de 1878, ano III, p.2.

apenas o final de duas histórias começadas”, a *Revista* narra o enlace de dois personagens: Yayá Garcia, filha de Machado Garcia e Motta Coqueiro, filho de Patrocínio Coqueiro.

A narrativa é dividida em cinco pequenos capítulos e assinada pelo pseudônimo de “Fr. Fidelis”. A primeira parte chamada de “Elle e Ella”, narra o fato de Yayá Garcia, moça bela, dengosa e meiga “como a voz do caloteiro que pede dinheiro” ter se enamorado de Motta Coqueiro. A descrição de Coqueiro como um homem de instintos tão perversos que “parecia destinado a acabar na forca e com um punhado de terra à bocca...ainda por cima” segue no segundo capítulo, que tem como título “Os dois”. O narrador ainda acrescenta que o julgamento que faziam de Coqueiro poderia ser “uma sentença injusta talvez; mas que estava escripta”, clara referência ao enredo do romance de José do Patrocínio.

Embora o velho Machado, pai da personagem, nunca tivesse imaginado casar sua filha com um “homem tão mal visto na frequência” acabou por receber uma carta anônima revelando o amor entre Yayá e Coqueiro. É o que narra o capítulo três, “A carta anonyma”. Depois de um quase desmaio, indignado por sua filha rejeitar Jorge, o moço com quem pretendia casá-la e vendo como “estava tão adiantada a cousa” e não tendo outro remédio, o velho Machado resolveu seguir o conselho que recebera da carta que dizia “se tem olhos trate de ver.”

Na quarta parte deste enredo, intitulado “Argumento de decisivo”, Machado Garcia observa a saída sorrateira da filha e comprova seu envolvimento com tão desprezível homem, Motta Coqueiro. Não vendo outra saída, resolve por tomar a “única sahida recommendada pela Santa Madre Igreja”: o casamento. E ainda ressalta o narrador que “o conjugo salva tudo”.

No mesmo dia, narra o quinto capítulo, o pai de Yayá se dirige a casa de Patrocínio Coqueiro, com quem permanece durante “duas longas horas” parlamentando sobre a união de seus filhos. A história termina com a indicação de que no jornal *Apostolo* havia saído “ontem” o proclama que comunicava o matrimônio de Motta Coqueiro de Yayá Garcia. E em desfecho um tanto irônico anuncia: “e assim

terminaram os amores dos dois nubentes desde muito tempo apaixonados e que vão fazer um só ménage em algum *rez de chansé* que acomode ambos”¹⁰⁶

A história publicada na página três da *Revista Illustrada* traz uma associação satírica entre os personagens dos romances de Machado de Assis e José do Patrocínio, que seriam, inclusive, personagens sugeridos no enredo tornando óbvia a referência entre os romances e a história narrada. Além disso, a aproximação entre as obras vai além da citação dos nomes e da interpolação entre autores e personagens, mas também se mostra através da elaboração do enredo. Evidentemente, foram utilizadas tanto partes da história de *Yayá Garcia*, como a sua descrição tal qual a do romance de Machado e a inclusão de Jorge, moço que se apaixona pela personagem no enredo original, quanto a reprodução das características que foram atribuídas a Motta Coqueiro pelo narrador da obra de Patrocínio.

Essa aproximação “perigosa” entre autores, enredos e personagens demonstra, de certa maneira, o alcance e a disseminação da leitura destes romances reproduzida na história que narra a *Revista Illustrada*.

Posteriormente ao recebimento das obras de Machado e Patrocínio, aparece *Luizinha*, a que é atribuída a denominação de “romance de costumes cearenses, por T. A. Araripe Junior.”. Recebe também um comentário engraçado quando diz ser este “um romance tão bom, que quem o acaba de ler não pode deixar de fazer um brinde ao autor Araripe.....ipe, ipê, hurrah!”

O quinto título citado foi “*Nababo*, romance de costumes parisienses por A. Daudet, editado em portuguez pelo Sr. Garnier que já está na casa nova”, seguido pelo sexto e último *A noite da taverna*, de Álvares de Azevedo, romance que, pela primeira vez, traz um editor diferente do Garnier. A edição é atribuída ao Sr. Maria A. Ramos.¹⁰⁷

A relativa preferência às obras editadas por Garnier torna-se bastante significativa se considerarmos que, conforme estudos de Alessandra El Far, “em 1870,

¹⁰⁶ *Revista Illustrada*, 20 de outubro de 1877, ano II, n. 87, p.3.

¹⁰⁷ *Revista Illustrada*, 16 de novembro de 1878, ano 3, n. 138, p. 2.

1875, 1880 o número de livrarias girava em torno de 30”¹⁰⁸. Para a pesquisadora, vários foram os fatores que contribuíram para tornar o volume impresso um produto comercial lucrativo para o mercado livreiro-editor, composto pelas famosas livrarias, pelos estabelecimentos livreiros de médio e pequeno porte e, sobretudo, pelos vendedores de lojas, caixeiros viajantes e ambulantes. Eram partes desse processo “o contingente cada vez maior de homens livres, a vinda de imigrantes europeus, o aumento de profissionais liberais, o estabelecimento de uma população assalariada”¹⁰⁹. Essas pessoas apresentavam, naquele momento, a possibilidade de adquirir livros nos mais diferentes estabelecimentos e para elas havia, no final do século XIX, uma variedade de lugares onde podiam encontrar os mais diferentes títulos. No entanto, nas páginas da *Revista Illustrada* foram poucas livrarias e editores receberam atenção e poucas foram as referências aos livros pertencentes à literatura mais popular.

El Far acentua que nas últimas décadas do século XIX, além das livrarias em contínua expansão, havia no cenário carioca a presença constante de mercadores ambulantes que perambulavam pelas avenidas, largos e ruelas. Estes vendedores interessados em ampliar o público leitor, e conseqüentemente seu lucro, optavam por livros que poderiam ser adquiridos por um preço mais acessível. Sem dúvidas, esta prática dos vendedores ambulantes, aliada aos anúncios de livros nos jornais e a ampliação do número de livrarias que se espalhavam pelo Rio de Janeiro, contribuíram de modo efetivo para um processo de popularização do livro e da leitura.

E mais do que somente permitir a propagação de um material antes restrito a poucos, essa nova configuração do mercado livreiro propagou um novo fazer literário para o romance. Destacou, por exemplo, a preferência do leitor por “histórias de grande emoção, em geral cercadas de episódios inusitados, algumas vezes heróicos, sanguinolentos e fatais”¹¹⁰. Foram vários os tipos de narrativa destinados ao “povo”,

¹⁰⁸ EL FAR, Alessandra. “A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma e a Livraria do Povo”. In: *I Seminário sobre Livro e a História Editorial*. Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004, p.3.

¹⁰⁹ EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004. P.12.

¹¹⁰ EL FAR, Alessandra, *op. cit.* p.73.

dentre eles, a pesquisadora El Far atestou a existência de uma forma interessante: “romance para homens”, cuja caracterização seria feita pelo erotismo e pornografia.¹¹¹

Em 1883, a reclamação da *Revista Illustrada* sobre a “proliferação dos livros sujos que brotavam a cada dia como cogumelos” indica, além do crescente consumo de livros por uma população que estava sendo alfabetizada, a preferência por um tipo específico de narrativa. Provavelmente, os “livros sujos” seriam aqueles associados à “leituras para homens”.

O contragosto do periódico de Agostini em relação à expansão desse tipo de narrativa pode nos revelar a preferência por divulgar romances mais convencionais, geralmente encontrados nas grandes livrarias e não aqueles que poderiam ser encontrados em qualquer esquina da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1879, somente em março há a primeira menção a um romance, sendo este a 2ª edição de *Gabriella*, de autoria de J. M. Velho da Silva e oferecido à *Revista* por Felix Ferreira & C. Acompanhou o agradecimento ao livro ofertado um comentário que dizia ser este:

“Um romance, cujo enredo o autor conta-o logo ao leitor, mas muito em segredo, de modo que os personagens não escutem palavra e fiquem só elles intrigados até o final do livro.

É divertido para quem lê.

Divertido só n’este sentido do segundo capítulo em diante se é de tal modo interrompido pelos bocejos, que não há meio de continuar a leitura”¹¹²

O próximo título foi uma versão do Sr. T. dos Reis de um romance de Julio Verne, editado pelo Sr. B. L. Garnier, “que é o nosso editor-mor”¹¹³, intitulado *Um capitão de quinze annos*. Na mesma edição reaparece “*O Nababo*, romance de costumes parisienses por A. Daudet, traduzido por Simpliciss e editado pelo mesmo Sr. Garnier.” A expressão “editor-mor” exemplifica mais uma vez a importância dada ao Garnier.

¹¹¹ EL FAR, Alessandra, *op. cit.*, p. 111.

¹¹² *Revista Illustrada*, 24 de março de 1879ano 4, p. 2.

¹¹³ *Revista Illustrada*, 18 de janeiro de 1879, ano 4, p.2.

O ano de 1880 trouxe poucos títulos de romances na seção “Livro da porta”. Teve destaque apenas mais um romance de Julio Verne, que mereceu um pequeno comentário:

“A casa Garnier editou mais um livro: *Os Quinhentos Milhões e os Revoltosos do Rouny*, romance de Julio Verne, traduzido por A. J. dos Reis.

O nome do autor basta para explicar o gênero da obra e recommendal-a aos seus admiradores.¹¹⁴

Em 2 de agosto de 1880, há o agradecimento pelo livro *O Rei na enfermaria*, e o anúncio “para breve um outro romance”¹¹⁵, bem como, também para breve, “a tradução dos *Reis no exílio*, de A. Daudet.”¹¹⁶

No dia 7 de maio de 1881, anunciou-se que seria lido o que se chamou de “o romance original brasileiro com que se estréia na litteratura o intelligente Sr. Alluizio Azevedo”¹¹⁷. Quinze dias após este anúncio, a *Revista* publicou que havia acabado de ler o *Mulato* e ainda reforçou ser este não apenas uma estréia, “mas uma estréia esperançosa”, o que justifica a afirmação “Lemol-o até o fim.”¹¹⁸. Outro romance de Aluizio Azevedo só retorna às páginas do semanário em 1889, *Livro de uma sogra*, “editado pelo Sr. Domingos de Magalhães.”¹¹⁹

A divulgação da obra *Lili*, de Elisário da Silva, em 1883, trouxe algumas indagações por parte do redator da *Revista*, pois se dizia ser este um romance “realista – leitura para homens” e logo após se declarava: “Por que este aviso? O que significa esta reserva? As senhoras não podem lê-lo então. É pois um livro imoral, indecente?”. E se sintetiza na seção “Livros a ler” o seu enredo: “é uma pequena, curta história da infeliz Lili: uma jovem malcriada, que lê romances e que se perde em cinco pequenos

¹¹⁴ *Revista Illustrada*, 31 de janeiro de 1880, ano V, p.2.

¹¹⁵ *Revista Illustrada*, 2 de agosto de 1880, ano IV, p.2.

¹¹⁶ *Revista Illustrada*, 2 de agosto de 1880, ano IV4, p. 2.

¹¹⁷ *Revista Illustrada*, 7 de maio de 1881, ano VI, p.2.

¹¹⁸ *Revista Illustrada*, 21 de maio de 1881, ano VI, p.2.

¹¹⁹ *Revista Illustrada*, 26 de agosto de 1889, ano XIII, p.2.

capítulos.” Também se afirmava ser um texto “escrito corretamente”, mas “sem beleza de estilo, nem profundezas nas observações”.¹²⁰

A caracterização que se faz da personagem acaba por evidenciar que ainda neste momento havia uma desconfiança em relação aos romances, apontados como a causa de a moça ter se “perdido”. Segundo Abreu, desde meados do século XVIII, existiam várias ressalvas em relação aos efeitos que poderiam surtir da leitura de romances. Aqueles que se ocupavam de atacar o gênero diziam que sua leitura “era tida como um grande perigo pois fazia com que se perdesse um tempo precioso, com que se corrompesse o gosto e com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis.”¹²¹ Esta crítica se acentuava quando a leitura era realizada por mulheres, pois sendo “seres governados pela imaginação, inclinados ao prazer, e sem ocupações sólidas que os afastassem das desordens do coração”¹²² estariam sujeitas a enfraquecer seus valores morais e susceptíveis à “perdição”, tal como vemos na descrição do enredo de *Lili*.

Outro ponto importante centra-se em uma questão literária da obra: a ausência de beleza de estilo. Talvez a falta de beleza esteja associada ao tipo de narrativa que se apresenta descrita como “realista – leitura para homens”. Como já apontamos, a *Revista Ilustrada* se mostrou descontente com a expansão desse tipo de literatura, por isso, apesar de ser um texto “escrito corretamente”, não apresentava beleza aos olhos dos redatores de Agostini. No mesmo sentido, encontramos a publicação de *Um homem gasto*, em 1885, que mereceu um comentário um tanto irônico da *Revista*, “Um homem gasto...Olá! Hum...Chega-nos assim com uma reputação equívoca. Será leituras só para homens?”¹²³

¹²⁰ *Revista Ilustrada*, 13 de outubro de 1883, ano XIII, p.2.

¹²¹ ABREU, Márcia. *Caminhos do romance: séculos XVII e XIX*. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios>

¹²² ABREU, Márcia. *op cit*.

¹²³ *Revista Ilustrada*, 28 de abril de 1885, ano XX, p.2.

Os capoeiras, romance por Plácido de Abreu, aparece em 1886 com a promessa de que seria lido em breve por se tratar de um “assumpto de toda a actualidade”¹²⁴, mas o periódico não dedica nenhum comentário posterior.

Como podemos perceber pelo espaço de tempo entre a divulgação das publicações recebidas a partir da década de 80, os romances passaram a ser cada vez mais escassos nas seções “Livro da Porta” e “Livro a ler”, o que não significa que tenham minguado na *Revista*. Neste momento, aparecem de modo mais recorrente lugares do periódico que se dedicaram a comentar de forma mais detalhada os romances, caso da seção “Bibliographia”.

Através deste pequeno mapeamento da seção “Livro da Porta”, percebemos que os livros, e dentre eles o romance, ocupavam um lugar que, supostamente, não haveria na *Revista*: o da publicidade. Mesmo que não se fizesse anúncio de produtos, uma vez que Agostini era firme em seu propósito de não o permitir em suas páginas, podemos afirmar que a divulgação dos romances era a realização da propaganda de forma indireta.

Dessa hipótese algumas outras podem ser levantadas. É preciso levar em consideração que, se objetivo de divulgar as obras não era o de obter dinheiro com a venda (nem mesmo os preços são mencionados), então é permitido entendê-lo como uma maneira encontrada para divulgar impressões de leituras daqueles que receberam as obras. Entretanto, não podemos desconsiderar a idéia de que essa divulgação poderia estar ligada a alguns interesses não tão evidentes, como por exemplo, uma relação mais próxima com editoras que também pudessem divulgar a *Revista*, ou mesmo um lugar onde o periódico pudesse ser vendido, como no caso da Casa Garnier.

O momento em que ocorre a escassez do romance na seção “Livro da Porta” e seu aparecimento em outros espaços na *Revista*, mudando a forma de tratá-lo, coincide com um fato interessante. Em 1881, a casa de litografia, empresa de Agostini em sociedade com Paulo Robin, que oferecia todo tipo de serviço “pertencentes à arte

¹²⁴ *Revista Illustrada*, 12 de dezembro de 1886, XI, p.2.

litográfica ou tipográfica, publicando livros e folhetos ilustrados”¹²⁵ firmou na Junta Comercial seu segundo contrato.

Segundo Balaban, algumas modificações significativas foram feitas nos termos deste novo contrato. Um delas foi a participação de Agostini como sócio na empresa. Observa o pesquisador que, no primeiro contrato, Agostini era um sócio solidário incumbido de toda a parte artística da casa de litografia, responsável pela execução de todos os desenhos, enquanto Paulo Robin cuidava da “gerência da parte industrial”. Já no segundo, realizado um ano antes do prazo estabelecido em 1876, Agostini passa a ser “comanditário, ou seja, restringiu sua participação na sociedade limitando-se quase que exclusivamente ao capital nela empenhado”¹²⁶ e deixa de gerenciar a oficina. Neste tempo, ressalta Balaban, a prosperidade da empresa era evidente, “passando o capital social de 40\$000.000 para 80\$000.000, cabendo a Agostini 20\$000.000”.

Neste segundo contrato, o pesquisador chama a atenção para as alterações diretamente ligadas à *Revista Illustrada*. A principal delas foi que, a partir de 1881, Agostini se tornou o único proprietário do periódico, responsabilizando-se inclusive por pagar todas as suas despesas, que antes eram parte integrante da oficina. Essa alteração, além de possibilitar a dedicação de maior tempo de Agostini à *Revista*, também nos revela outras possibilidades:

“ ainda que pelo primeiro contrato a responsabilidade de gerência estivesse a cargo de Agostini, a propriedade era conjunta. Assim essa alteração antes do prazo inicialmente estipulado pode significar também que Agostini quisesse mais autonomia para conferir ao (???) semanário o perfil que bem entendesse, sem ter que dar satisfações a quem quer que fosse”

Então, a partir desse momento, a *Revista*, que já havia alcançado um sucesso financeiro e certo prestígio entre seus leitores, adquiria uma maior liberdade. É possível que a independência pretendida por Agostini tenha dado novas feições à relação que

¹²⁵ Contrato de Ângelo e Robin, firmado em 08 de julho de 1876. Arquivo Nacional, Liv – 58, Reg, 16787. In: *Poeta do Lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro –1864/1888*, de Marcelo Balaban, 2005.

¹²⁶ BALABAN, *op. cit.* p. 270.

mantinha com certas livrarias e determinados editores. Tal alteração justificaria o desaparecimento dos romances em uma seção que tinha como organização revelar o nome de quem enviou as obras, supostamente como uma forma de publicidade, e o aparecimento do gênero em uma seção que busca a análise de certos enredos e estilos. Por isso, observar a seleção das obras ainda é significativo para compor o cenário particular dos romances na *Revista Illustrada* algumas relações entre a *Revista* e o mercado editorial.

Um pequeno texto em forma de diálogo publicado na seção “Correio”, assinado pelo pseudônimo “Careca” no ano de 1885 nos fornece algumas informações sobre alguns procedimentos que poderiam ser realizados pela crítica e sobre a “preferência” da *Revista* a alguns tipos de romance:

Nicomedes – A sua descrição de uma viagem que fez pelo interior de Minas é o que se póde chamar um breviário de asneiras.

E o senhor ainda tem coragem de nos pedir a publicação de semelhante pascaciada!

Olhe, entenda-se com o padre Senna Freitas que é autoridade competente nessas questões.

Z. P – Sim, senhor. O senhor apanhou perfeitamente a nota de ambos mostrando assim conhecer-lhes a vaidade perfeitamente. Com effeito, é um hábito dos Sr. Valentim Magalhães e Senna Freitas que forjam elogios aos *méritos Litterarios próprios* e abusando da bondade de alguns collegas os impingem pelos editoriaes e a pedidos aos gajos que ignoram esses processos de critica.

Lagartixa – Oh! Que soneto medonho o Sr. teve a lembrança de compor! Nem o Pedro Rabello os faz tão ruins Outro officio meu velho...

Lambda – Na *Livraria do Povo* talvez encontre. Mas, se quizesse accetar o nosso conselho, diríamos: não vale a pena ler semelhante alfarrábio. Prefira os *Contos impossíveis* do Sr. Arthur Azevedo que lucrará mais com certeza.

A segunda “fala” do texto parece protestar contra a postura do jornalista Valentim Magalhães e do crítico Senna Freitas de usarem de suas boas relações na

imprensa para receberem melhor tratamento nos editoriais e nas seções “a pedidos” dos periódicos, esquivando-se dos seus méritos literários. Alega existirem alguns “gajos” que, ignorando esse processo de crítica, provavelmente estariam sob influência de bons comentários para adquirirem uma obra da seção “a pedido”.

Outra idéia importante está exposta na fala de “Lambda” que sugere que a *Livraria do Povo* seria um lugar onde se concentrava “maus textos”. Segundo EL Far, a Livraria do Povo foi fundada na década de 1880 por Pedro da Silva Quaresma e desde sua inauguração tinha como objetivo oferecer um amplo sortimento de livros a preços extremamente baixos.¹²⁷ Como já mencionado nesse estudo, esta foi uma iniciativa de grande sucesso entre os leitores da segunda metade do século XIX e contribuiu para disseminar livros que até então eram reservados a um público restrito.

Os livros comercializados pela Livraria do Povo eram reconhecidos como aqueles de leitura fácil, de preços reduzidos e assuntos variados. Motivos possíveis para que as obras que não fossem demasiadamente agraciadas pela crítica da *Revista Illustrada*, que chega a afirmar ao leitor que “não vale a pena ler” e sugere como leitura algo mais “refinado” como *Contos impossíveis*, de Arthur Azevedo¹²⁸.

¹²⁷ EL FAR, *op. cit.* p.79

¹²⁸ Não foi encontrada nenhuma obra publicada com esse título na fortuna literária de Arthur Azevedo.

3. Outros lugares para os romances: “Bibliographia”

Publicada na página 6 do periódico, a seção “Bibliographia” era um espaço dedicado a descrições um pouco mais detalhadas sobre algumas obras, dentre elas alguns romances. A primeira vez que *Revista Illustrada* destinou comentários a romances neste local foi no ano de 1878, fato que volta a ocorrer de forma mais recorrente no início da década de 80.

As obras que inauguram o aparecimento do romance na seção são *Yaya Garcia*, de Machado de Assis e *Motta Coqueiro*, de José do Patrocínio, títulos que na mesma edição também aparecem na seção “Livro da Porta”, como foi mencionado anteriormente, além dos Folhetins de França Junior¹²⁹, que o periódico diz dispensar qualquer comentário pela popularidade que possui.

Sobre o romance de Machado são tecidos vários elogios, a começar pelo uso do adjetivo “mimoso” para se referir à obra, que foi considerada pela *Revista* o melhor romance em comparação a todos que já publicou seu autor. O jornal também o descreve como “bem planejado, escripto com elegância e espírito, prende o leitor e entrega-o até o desenlace razoável, mas imprevisto”¹³⁰. Interessante notar que os comentários sobre o livro de Machado se centram na descrição do estilo, mas nada comentam sobre o enredo, ao contrário do que ocorre em relação ao romance de Patrocínio:

Motta Coqueiro, que já foi publicado na *Gazeta de Noticias*, é um enérgico protesto contra a pena de morte, baseado no facto lamentável de uma sentença injusta, a que o Sr. Patrocínio deu a fórma de romance, tornando assim mais amena a sua leitura e de mais effeito sobre o espírito do leitor.

É o seu primeiro trabalho d’este gênero; mando êxito feliz que teve mostra uma culta intelligencia, exercitada a manejar a penna.

Nós cumprimentamos pella estréia.

¹²⁹ O livro *Folhetins* (1878) é uma antologia de folhetins publicados por França Junior na *Gazeta de Noticias*. Os textos foram organizados por Alfredo Mariano de Oliveira.

¹³⁰ *Revista Illustrada*, 6 de abril de 1878, ano III, n. 106, p.7.

O trecho chama a atenção ao fato real ocorrido no mesmo ano da publicação do romance: uma sentença injusta de pena de morte dada a um inocente. Este ocorrido motivou a história de Patrocínio que atribuiu ao título do livro o próprio nome do personagem da vida real e fez do enredo um repúdio a sua condenação. É sabido que o tipo de narrativa representada por *Motta Coqueiro* faz parte de uma fórmula que consistia, segundo El Far, em “uma prosa simples, direta e, portanto, acessível a uma ampla gama de leitores”, aliada à adaptação de alguns fatos reais, que geralmente haviam tido uma visibilidade para a sociedade brasileira, à linguagem romanceada.¹³¹ Muitos foram os romancistas que utilizaram desta fórmula para atingir o sucesso de suas narrativas, pois,

“os escritores procuravam em seu cotidiano assuntos que pudessem despertar a curiosidade dos leitores, ou então, atentos às notícias de impacto na imprensa, selecionavam os fatos capazes de incrementar um bom enredo para, com isso, se destacarem na produção de um dos gêneros de maior sucesso na época.”¹³²

A *Revista Illustrada*, na mesma edição em que aclama a obra de Patrocínio trouxe uma poesia, assinada pelo pseudônimo Tony, com a intenção de satirizar essa mesma fórmula utilizada pelo romancista,

Annuncio grátis
Motta Coqueiro = Vende-se na Gazeta de Noticias

Pobre Motta Coqueiro
Pobre do triste, coitado;
Depois de preso e julgado,
E á morte condemnado...
Ser vendido – e a bom dinheiro!

Ail Pobre d’elle , coitado,
Pobre do Motta Coqueiro!

¹³¹ EL FAR, *op. cit.* p. 105

¹³² Idem. p.106

Triste dói o tirocínio
Da vida do desgraçado...
Mas depois de sepultado
Vir ás mãos do patrocínio,
É ser mal predestinado!
Então, escripto e escarrado,
Impresso, morto, enforcado,
Soffre o golpe derradeiro:
Vai p'ras lojas ser vendido
E vendido a bom dinheiro...

Pobre Motta Coqueiro.
Coitado d'elle, coitado!
Depois da forca – vendido
Depois da morte – comprado!

A poesia publicada na página 7, logo após a seção “Bibliographia”, trata de modo irônico a criação do romance, quando diz que Motta Coqueiro teve sua desgraça depois de morto, quando foi transformado em narrativa por Patrocínio e, por isso, vendido nas lojas “a um bom dinheiro”. A fórmula elogiada na seção “Bibliografia” é tomada pela ironia na mesma edição e este contraste pode nos indicar que os procedimentos utilizados para a análise e as opiniões sobre determinados romances poderiam variar na *Revista*.

Em 1880, a seção “Bibliographia” menciona quatro títulos recebidos pela redação, mas apenas o romance mereceu um maior destaque, com uma descrição mais detalhada, como se observa a seguir:

“A redação do *Cruzeiro* mimoseou-nos com quatro exemplares das obras: *A mulher do ressuscitado*, original de Aléxis Bouvier; *Geographia physica*, de A. Geike; *Geologia*, do mesmo autor; *Astronomia*, de N. Lockyer, vertidas todas para o portuguez e editadas nas suas officinas typographicas – muito obrigado!

O romance de Aléxis Bouvier é uma d'essas obras que mais interessa o leitor, pela complicação do entrecho, pelas situações dramáticas, do que pelo mérito litterario. Visa o sucesso do rodapé, e está bastante bem planejada para alcançá-lo.”

As outras são três opúsculos, escriptos com methodo, e seriam com proveito adoptados nos collegios, como introduccão e complemento ao estudo da geographia geral.”¹³³

Os comentários feitos neste trecho se inserem em uma discussão que tomou parte da crítica literária durante a segunda metade do século XIX. Quando ocorreu o crescimento de um público leitor e a popularização de livros pelo seu barateamento, proliferou também o número de escritores de romances, o que determinou sobre a elite letrada a convivência com um gênero que não se considerava muito “nobre” e com um número maior de romancistas. Sob o ponto de vista dessa elite letrada nem todos eram merecedores de prestígio da crítica, embora pudessem alcançar um sucesso de público leitor. Para desfazer este incômodo à elite da crítica literária foi preciso a construção de categorias que permitissem a valorização de alguns escritores e apenas algumas obras, como salienta Augusti,

“O campo literário passou, então, a ser dividido pela crítica em dois grupos distintos: o dos escritores “desinteressados”, ou seja, preocupados tão somente com a consagração literária a longo prazo; e dos escritores “interessados” na popularidade imediata de si mesmos e de suas obras, traduzidas em retorno financeiro.”¹³⁴

As idéias que a *Revista Illustrada* utiliza para comentar o romance de Aléxis Bouvier podem ser inseridas neste contexto. A obra interessa não pelo mérito literário, mas pelo desenvolvimento do enredo. Essa forma literária condiz com o formato de folhetim, já que seu autor faz parte daqueles que visam ao “sucesso de rodapé”.

Ao apresentar a forma narrativa adequada para o folhetim e para o grande consumo, a *Revista* reproduz a divisão estabelecida pela crítica sobre a produção e o objetivo de cada obra. O comentário na seção “Bibliographia”, no entanto, não faz julgamento sobre o valor literário do texto de Bouvier, e nem condena as produções que se acreditava serem estritamente comerciais, ao contrário do que considerava Visconde Taunay:

¹³³ *Revista Illustrada*, 15 de maio de 1880, ano 5, p.6.

¹³⁴ AUGUSTI, *op. cit.* p. 130.

“Muito diferente a notícia, a novella, o conto destinados aos leitores de uma folha diária, impacientes quase sempre por atirala de lado, mui diverso das paginas que têm de ser analysadas no silencio do gabinete e pausadamente, por quem lê um livro, e insensivelmente se constitue exigente analista.

Alli o olhar vae pela rama a correr célebre, fugitivo, querendo como que tudo abranger de um só jacto, aqui, pelo contrário, caminha vagarosamente, detem-se examina, aprofunda e nota as menores incoherencias, falhas e dessazos, preparando elementos de definitivo juízo, caso logo não se imponha o veredictum contrário, hypotese em que a obra, tão de prompto condemnada, é jogada a um canto com a maior sem cerimonia”¹³⁵

O destaque da *Revista Illustrada* às obras de grande circulação, como os romances de Julio Verne, por exemplo, atesta o fato de não haver uma distinção valorativa sobre o modo de produção dos romances. Não há nesta seção uma preferência ou uma valorização das obras que deveriam ser concebidas de “maneira desinteressada”, sem projeções financeiras contrapostas às comerciais. Inclusive uma crítica dirigida ao próprio Taunay condenava esta distinção:

“Outra mania do Sr. Taunay é sustentar que os maos livros são os que mais e melhor se vendem, e que os bons ficam entregues ás traças.
Naturalmente, desde que as *Lágrimas do coração* estão todas na livraria!”

A nota busca atacar a postura de Taunay que defende que bons livros são vendidos para poucos, e ironicamente sugere que a opinião do romancista é baseada no fracasso de venda de sua própria obra *Lágrimas do coração*.

Ainda no ano de 1880, a seção “Bibliographia” se dedica a comentar o romance *Dos verdadeiros mysterios do Rio de Janeiro*,

Dos Verdadeiros mysterios do Rio de Janeiro, romance brasileiro, de Paulo Marques appareceu apenas o primeiro volume; e é difficil

¹³⁵ TAUNAY, Visconde de. *Philologia e Critica: impressões e estudos*. São Paulo: Melhoramentos, 1921, p. 129-130. Apud AUGUSTI, V. O discurso crítico sobre o público leitor e o enobrecimento do gênero romance. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>

prever-lhe o plano e adivinhar-lhe a these, se these há. Todavia, cremos não desacertar, adiantando que é um livro de estreia, prometedora talvez, mas atropelada dos desvios desculpáveis nos principiantes: expressões que seriam bem substituídas, leviandade nas descrições... Aguardemos os volumes por virem; e por ora enviemos ao autor este seu bom conselho – “Estuda que lhe dá na dedicatória a um amigo.”¹³⁶

Por ser um livro de estreia, a *Revista* diz relevar algumas “falhas” da obra do romancista Paulo Marques. Embora condenasse a falta de uma tese clara aos leitores do texto, o estilo do livro e, por fim, o modo como faz as descrições no enredo que diz ser leviano, ainda concede o benefício da espera por outros volumes.

Este exemplo ilustra um diferencial da crítica da *Revista Illustrada*, que como podemos perceber nos comentários sobre *Dos Verdadeiros mysterios do Rio de Janeiro*, não condenava todos os romances, sobretudo os nacionais, que não seguiam por completo às regras de composição já estabelecidas. Havia uma certa benevolência no comentário que, mesmo apontando defeitos graves da obra de Paulo Marques, diz aguardar os próximos volumes.

Entre maio e setembro de 1878, José do Patrocínio, como correspondente do jornal carioca *Gazeta de Notícias*, é enviado ao Ceará com o objetivo de informar à Corte sobre a seca que, então, assolava aquela província. Patrocínio procurou cumprir sua missão de maneira completa: enviou matérias para o jornal em que trabalhava, mandou fotografias para o periódico *O Besouro* e escreveu um romance.¹³⁷ E foi em favor deste romance, intitulado *Os Retirantes*¹³⁸ e, sobretudo, em favor de seu autor, que a *Revista Illustrada* publicou um artigo na seção “Bibliographia”, no ano de 1880.

Neste texto, assinado pelo pseudônimo A. Gil, procura-se ressaltar as características que estavam associadas a um novo fazer do romance, em que se procura propagar como uma qualidade a representação do real, associada à observação *in loco*. Esse é um dos argumentos de que se utiliza o texto da *Revista Illustrada* para defender,

¹³⁶ *Revista Illustrada*, 15 de maio de 1880, ano v, p. 6.

¹³⁷ NEVES, Frederico de Castro. “A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará.” Disponível em www.scielo.br

¹³⁸ O romance *Os Retirantes* saiu em folhetim na *Gazeta de Notícias* durante o ano de 1878 e foi publicado em volume no ano de 1889.

perante os leitores ainda resistentes, a obra de José do Patrocínio. Tanto que se refere ao leitor como aquele “*habitnado ás fantasias fáceis*” que pouco consegue perceber as descrições minuciosas de um momento histórico para o país. Era preciso, portanto, alterar nos leitores o modo como se lia o romance. Esta tarefa foi incumbida à imprensa, que se empenhou em realizá-la como mostra o texto de A. Gil.

Para que fosse concluída com sucesso esta tarefa, foi preciso direcionar também o olhar do leitor para a nova composição do gênero. Diante da almejada modificação do modo de ler de certos romances, o texto da *Revista Illustrada* levanta questões relacionadas à circulação e à recepção da obra tendo em vista o autor e, por isso, comenta:

“Ainda os *Retirantes* estavam no meio de sua publicação, nos folhetins da *Gazeta de Notícias*, e eu ouvi uma apreciação que quer o publico no romance. Uma senhora que “fazia o sacrifício “de ler os *Retirantes* exclamou indignada:

tenho lido e hei de ler até o fim, não para ver até onde chegam os desaforos d’aquelle padre; mas para ver até onde vai a pouca vergonha do Sr. Patrocínio!

Perfeitamente confessado. A leitora dos *Retirantes* não se zangava com os desaforos do padre, elles eram verdadeiros, eram reaes, ella conhecia talvez a muitos para os quaes o solidéo fôra perfeitamente talhado; o que a exasperava, o que lhe dava enxaqueca era haver um romancista bastante sincero para contar-lhe essas cousas n’um livro em vez de enche-lo de lírios odoríferos de seios entumecidos, de amores puros de concubinatos lyricos, de perfumes ideaes que fossem justificar muitas leitoras e provocar os seus hystericos.”¹³⁹

Claramente, o romance não se valeria somente da função de divertir o leitor; era também aquele que instruía, não só pela moral, mas pela observação do real, das mazelas da própria sociedade em que seus leitores estavam inseridos. Esse novo elemento inserido no papel do romance atingia também o escritor, que teria que realizar uma série de procedimentos que não lhes eram exigidos anteriormente. Se a composição do enredo, no início da produção do romance nacional, estava associada ao

¹³⁹ *Revista Illustrada*, 31 de janeiro de 1880, ano V, p. 7

ócio do escritor¹⁴⁰, neste momento passa a ser associada a um árduo trabalho de observação e na capacidade de transpor a matéria observada para o texto.

Em agosto de 1880, foi anunciada a edição, pela Casa Garnier de um romance traduzido de Julio Verne, *Os Navegantes do XVII século*, que a *Revista* diz tratar de uma narração de viagens sob a forma de romance. O estilo diz ser fácil e ligeiro, “amenisado de anedotas interessantes”. Esta caracterização evidencia que o papel de divertimento do leitor atribuído ao romance não desapareceu em função da inserção de outros elementos de análise. No trecho, além do elogio à facilidade do estilo, ainda se nota um comentário mais específico sobre o tipo de romance que escreve Julio Verne. Tipo que, como ressalta a *Revista*, provavelmente não agradaria àqueles que buscam no romance “estudos sérios”, uma vez que a narrativa de Verne comumente seria repleta de diversão,

“A sciencia no romance tem o deffeito de não satisfazer aos espíritos sequiosos de estudos sérios, o romance didactico é quasi sempre pouco divertido.
Ou bem sciencia, ou bem romance.”¹⁴¹

O romancista francês reaparece na seção após quatro meses, com a publicação, mais uma vez pela casa Garnier, do romance *Os Quinhentos Milhões e os Revoltosos do Rounty*, traduzido por A. J. dos Reis. A *Revista* poupa os comentários sobre esta obra com a justificativa de que “o nome do autor basta para explicar o gênero da obra e recommendal-a aos seus admiradores.”¹⁴² Aliás, em abril de 1878, a *Revista* já descrevia o sucesso das obras de Julio Verne através de um pequeno trecho de uma crônica publicada na seção “Echos”:

“Um de nossos litterratos acaba de escrever um romance, destinado a fazer furor, diz elle.
Vai ao Garnier offerecer-lhe a compra da edição.
Este, depois de ouvil-o:

¹⁴⁰ Cf. Augusti, *op.cit.*

¹⁴¹ *Revista Illustrada*, 7 de agosto de 1880, ano v, p. 6.

¹⁴² *Revista Illustrada*, 31 de dezembro de 1880, p.2.

-Meu amigo, quer um conselho, escreva um romance de Julio Verne que é só que se vende actualmente.”¹⁴³

No mês de dezembro de 1880, outro romance retorna à seção. Trata-se de *Madrasta*, de Alfredo Bastos, a quem a *Revista* tece inúmeros elogios:

“Alguém havia dito relativamente á sociedade dos homens de letras:

Funde-se a sociedade, que os homens de letras virão depois. E não foi preciso esperar muito para se ter d’isso um bom exemplo no Sr. Alfredo Bastos.

Não é que se trate d’um desconhecido no mundo litterario, o autor das *Phantasias* trabalhou longamente na imprensa, e mesmo no theatro já deu prova de sua aptidão; mas no romance, o gênero em que talvez excella, a *Madrasta* é a sua estréia.

É um bom romance...uma história, escripta em estylo ligeiro, sem largas descripções nem caracterisações muito profundas, mas bem contada e d’um entrecho habilmente urdido. Lê-se-a até no fim, e espera-se que o autor prosiga e pague em outras publicações o muito que promete n’esta.”¹⁴⁴

Importante notar que os comentários acima não se centraram somente em descrever a forma e o conteúdo do romance, mas também serviram para elogiar seu autor, que diz ser bastante conhecido no mundo literário e que, no entanto, não permaneceu no cânone da literatura brasileira. Em relação ao estilo, diz ser “ligeiro”; o fato de não ter “largas descripções, nem caracterisações muito profundas” poderia ser um defeito na obra, mas ressalta que a história é bem contada por meio de um entrecho bem realizado, por isso prevalece como um bom romance. Ou seja, a partir do comentário sobre a obra de Alfredo Bastos, podemos destacar uma concepção de um romance valorizada pela *Revista*.

Na página 2 do dia 15 de janeiro de 1881, houve a indicação de mais uma publicação. Desta vez, nada se comenta sobre quem a edita ou quem a remete, mas se explora a imagem do autor e o reconhecimento já alcançado pela obra. Trata-se do

¹⁴³ *Revista Illustrada*, 13 de abril de 1878, ano III, n. 107, p.2.

¹⁴⁴ *Revista Illustrada*, 31 de dezembro de 1880, ano V, p. 6.

volume de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que a *Revista* ressalta já ter sido publicada na *Revista Brasileira*. Afirma o periódico quanto a esta aparição: “Não se falla n’outra cousa. Não se falla, nem se lê; relê-se.”¹⁴⁵

A seção “Bibliographia” desse dia é dedicada à obra de Machado. O comentário parte de uma suposta releitura do redator, que se diz bastante interessado na história. De fato, utiliza algumas expressões e idéias que o próprio personagem da trama enceta no prólogo da primeira edição e parece incluir-se no que Brás Cubas chamou de “gente grave”, aqueles que conseguiriam encontrar no texto as “aparências de um puro romance”. Seriam poucos, mas o autor dos comentários parece querer ser um deles ao perceber no livro de Machado “um romance mais nosso”, apoiado no reconhecimento de seu autor.

Acabo agora de reler as *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, cuja publicação tinha acompanhado sempre com o maximo interesse.

Já uma vez me referi a esta obra, cujos primeiros capítulos eram uma valiosíssima promessa que o autor hoje paga com uma generosidade de espírito e de bom humor inapreciáveis. Machado de Assis, reconhecem-n’o todos aquelles que o tem acompanhado d’esde as *Phalenas*, *a Mão e a Luva*, *Ressureição*, *Contos Fluminenses...até Yaya Garcia e Tu só, tu, puro amor...* é uma organização essencialmente litteraria e, sobretudo, um talento provavelmente progressivo: vence-se constantemente.

As *Memórias Posthumas*, escriptas com a penna da galhofa e a tinta da melancholia, são mais uma prova interessante do seu engenho e um valioso mimo de humorismo. A obra é tudo, diz elle, esquivando-se a um prólogo: se te agradar, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote.
Eu, com certeza, não apanho o piparote.¹⁴⁶

Sabemos, quando do surgimento de *Memórias Póstumas* no cenário brasileiro, que a sua valorização como um bom romance não foi unanimidade entre os críticos do período. Por sua forma e conteúdo, alguns acreditavam ser este um enredo “mal-feito” em comparação aos “romances de costumes” tão em voga na época. Um dos críticos

¹⁴⁵ *Revista Illustrada*, 15 de janeiro de 1881, ano VI, p.2.

¹⁴⁶ *Revista Illustrada*, 15 de janeiro de 1881, ano VI, p.2..

mais ferrenhos, segundo Hélio Seixas Guimarães¹⁴⁷, foi Urbano Duarte, que ao se voltar para o romance de Machado não encontrava pontos fixos já previstos pela crítica que orientassem sua análise. A obra trazia uma desestabilização dos critérios comumente utilizados pela crítica literária:

“a nossa impressão final é a seguinte: A obra do Sr. Machado de Assis é deficiente, senão falsa, no fundo, porque não enfrenta com o verdadeiro problema que se propôs a resolver e só filosofou sobre caracteres de uma vulgaridade perfeita; é deficiente na forma, porque não há nitidez, não há desenho, mas bosquejos, não há colorido, mas pinceladas ao acaso.”¹⁴⁸

O ataque à obra de Machado se fez por vários motivos. Um deles é o fato do crítico conceber o enredo como menor, sem a pretensão das grandes discussões sociais, por isso torna-se “vulgar”, banal. Outro motivo é a mudança na forma, feita de maneira não linear, sem a nitidez prevista. Em relação a este cenário que se formou em torno das opiniões sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, salienta Guimarães que, “ao desestabilizar noções arraigadas do que e para que deveria servir a literatura e por conseqüência, o romance – os livros de Machado de Assis sempre provocavam estranheza, e quase sempre despertavam frustração entre os coevos”.

Se por uma parte da crítica Machado de Assis recebeu fortes ataques, na *Revista Illustrada* seu livro encontrou aceitação quase imediata, já que esta buscou divulgar de forma elogiosa a publicação do volume de *Memórias Póstumas*. Como já havia se lançado em defesa do romancista e a favor da experimentação das novas composições, desde a publicação em folhetim na *Revista Brasileira* da obra de Machado, um ano antes de sua publicação em volume:

“O governo está absorvendo poetas.
O Sr. Pedro Luiz, está ministro, o Sr. Machado de Assis, oficial de gabinete...justamente quando encetou na *Revista Brasileira* a publicação do seu romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, muito interessante para que todos desejem a sua continuação.

¹⁴⁷ GUIMARÃES, H. S. *O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romances*. Disponível em: www.machadodeassis.net.

¹⁴⁸ *Gazetinha*, Rio de Janeiro, 2.2.1881. In: GUIMARÃES, *idem*.

É ligeiro, alegre, espirituoso, é mesmo mais alguma cousa: leiam com atenção. Com calma; há muita critica fina e phrases tão bem subscriptadas que, mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário.

É portanto um romance mais nosso, uma resposta talvez, e de mestre e outra cousa; e será um desastre se o official de gabinete absorver o litterato. Esperamos que não.”¹⁴⁹

Nesta ocasião se via a empolgação do redator com a narrativa machadiana e já alertava o seu leitor para que percebesse uma “critica fina” do romance construída pelo “mestre” Machado, o que demonstra o apoio à obra e a valorização da mesma, que permaneceram nos anos subsequentes, como podemos perceber pela nota que informa o recebimento de *Várias Histórias*, em 1895:

Recebemos:

Várias histórias, contos de Machado de Assis, editores Laemmert & C. – Machado de Assis é mestre incontestável da nossa literatura. O volume que temos a vista compedia os melhores contos, ultimamente já publicados em diários e periódicos, nos quaes insigne escriptor patenteia de modo irrecusável as brilhantissimas qualidades que lhe assinalaram o posto maximo entre os nossos homens de letras. Nas *Varias histórias* é ainda Machado de Assis, o mesmo philosopho de ironia amável e profunda e o mesmo estylista sombrio e fulgurante do *Braz Cubas*.

Esta situação específica ocorrida com a obra de Machado pode nos fornecer indícios sobre a expectativa que a *Revista Illustrada* poderia ter sobre um novo fazer literário.

No mês de julho do mesmo ano, a seção “Bibliographia” chama a atenção sobre a edição de *Lourenço*, de Franklin Távora. Quanto ao romance, a *Revista Illustrada* dizia ser de leitura amena, interessante e instrutiva pela temática que abordava: a Guerra dos Mascates. Além disso, foram reproduzidas algumas indicações que o próprio autor

¹⁴⁹ *Revista Illustrada*, 3 de abril de 1880, ano v, p. 2.

publicara na *Revista Brasileira* como forma de prevenir o leitor sobre algumas alterações realizadas para a edição em volume do romance:

“O Sr. Franklin Távora, autor do *Matuto*, acaba de fazer uma edição, de duzentos exemplares, de *Lourenço*, chronica pernambucana, publicada na *Revista Brasileira*.

“Esta chronica , escreve o autor, prompta há mais de dous annos para seguir em volume o Matuto, cujo é conclusão lógica e natural, acaba de sabir na Revista Brasileira.

“Mudando-se o plano de publicação, tive por necessario adaptar o trabalho aos leitores da Revista Brasileira que não podia presumir fossem absolutamente os mesmos do Matuto. Fiz por isso muitas alterações n’este manuscrito. Argumentei informações e minúcias, reproduzi ideas inúteis no primeiro caso, indispensáveis no segundo. Quem ler agora o Matuto e o Lourenço notará algumas repetições.

Fica o leitor prevenido.

No mais, *Lourenço* é um livro escripto em bom estylo, de leitura interessante e amena, sobretudo instructiva. Os dois livros contém a historia da guerra dos mascates, que foi como que o primeiro prenuncio da guerra da independência.”¹⁵⁰

O romance de Távora é valorizado pelo “bom estylo” que apresenta, além da “leitura interessante e amena”, e por outra qualidade: a instrução. Esta não foi a primeira vez que um romance de Franklin Távora apareceu na *Revista Illustrada*. Em 1876, após o agradecimento pelo envio da publicação de *O Cabeleira* e a promessa da leitura, dois textos se dedicam a comentar o romance, diante de uma polêmica protagonizada pelo crítico do *Jornal da Tarde*, Borges Carneiro. Assinado pelo pseudônimo “Beltrano”, a *Revista* publica o primeiro texto em defesa de Távora alertando-o sobre as dificuldades e empecilhos que crítica poderia lhe impor por não se tratar de um escritor sem um “nome conquistado”:

Concedamos, porém, que eu disponho de um nome *sympathico*, vantajosamente conhecido nas letras e publico o livro; eis que me surge pela proa um insupportavel erudito que sob pretexto de encarecer o merecimento de minha obra, ataca no *Jornal da Tarde* umas impressões de leitura, pretendendo com uma

¹⁵⁰ *Revista Illustrada*, 30 de julho de 1881, ano VI, p.3.

prolixidade estulta e pedantesca descriminar litteratura do norte e litteratura do sul; amola a gente de tal sorte, que o resultado é o publico identificar a obra com a critica e deixal-a nas prateleiras do editor.

Pois este sabichão para dizer se o livro do outro era bom ou máo, precisava gastar tanto palavriado fôfo e declarar que o Bello é o Bello, como si alguém estivesse na duvida de que o Bello fosse o Magalhães ou o Julião Cabral?

Segundo a opinião do critico, o Brazil deve ter a litteratura do norte e a do sul; e como não declara onde é que passa a linha divisoria das duas regiões, é de presumir que o centro, que deve participar das circumstancias de uma e de outra, tenha também a sua: meia bárbara e ainda não desvirtuada pela frequencia dos estrangeiros, pelo norte; e desenvolta e corrompida pelo sull!

E isto por fim ficaria uma embrulhada de litteraturas, que está me parecendo que nem a torre de babel lhe ganharia!

Creio que não seria fora de proposito observar ao critico que, ao preparar aquella decocção de papoullas, deveria primeiro estudar em que litteratura se distinguiram Odorico Mendes, Silva Pontes, Gonçalves Dias, Lisboa Serra, João Francisco Lisboa, Gentil Homem, etc., e se distinguem ainda Leal, Cesar Marques, José de Alencar, Joaquim Serra, Souza Andrade e outros; o que me está parecendo é que naquella occasião solemne o critico do Cabelleira só se lembrou de Ignácio José Ferreira Maranhense.

E é em tempos que apparecem críticos desta bitola que eu cahiria em publicar um livro!
Melhor sorte me dê Deus.¹⁵¹

Beltrano desenvolve seus argumentos de modo a desmistificar uma divisão representada pelas palavras de Borges Carneiro em sua crônica no *Jornal da Tarde*: literatura do Norte e literatura do Sul. Para fundamentar seu ponto de vista discorre uma lista de autores de grande reconhecimento, os quais seriam provenientes de regiões do Norte do país. De forma bastante irônica, trata o crítico de “insuportável erudito” e condena a recusa do livro de Távora. A pesquisadora Cristina Bertioli Ribeiro¹⁵², chama

¹⁵¹ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 07 de abril de 1877, p. 2.

¹⁵² Cf. RIBEIRO, C. B. *Um norte para o romance brasileiro: Franklin Tavora entre os primeiros folcloristas*, tese de doutorado defendida em 2008 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof. Márcia Abreu.

a atenção sobre o receio apontado neste texto de o “público identificar a obra com a crítica e deixá-la nas prateleiras do editor” e analisa em sua tese de doutorado uma crônica publicada na *Revista Illustrada*, uma semana depois do texto acima descrito. Desta vez, a publicação supostamente é assinada por um leitor, sob o pseudônimo de Chinó, que recebe um pequeno alerta na primeira seção do periódico : “Ao Sr. Chinó – Pode mandar, mas vê lá não nos arranje algum rabicho; olhe que os homens do *Cabelleira* não são pecos.”¹⁵³

Provavelmente a nota fazia referência a um texto publicado nesta mesma edição, que tecia algumas considerações sobre o debate desenvolvido em torno da obra de Távora:

Quando na sua chronica do n. 62 li as suas observações á respeito da critica do *Cabelleira* confesso-lhe que desta vez não lhe dei razão; custava-me a crer que a critica a que V. se referia merecesse palavras tão severas. O que fiz então? recorri á fonte limpa e procurei o *Jornal da Tarde* comprei os tres numeros, no que andei errado, bastava-me um só. Toda a minha vida ei de chorar estes quatro vintens tão improficuamente esbanjados.

Digo que me bastava um só, porque esse mesmo não pude conseguir ler todo.

Sou um homem de coração e confesso que de toda minha alma lamentei a condição dos mal aventurados revisores daquelle *Jornal*, pelo supplicio a que os deve condemnar a leitura daquellas *impressões*.

As tentativas que fiz para poder orientar-me do mecanismo d’aquelle entaplasma fizeram-me mudar de opinião a seu respeito: V. foi nimiamente brando quando tratou da critica – Borges.

Tive então uma idéa: *Tel maitre tel valet*; taes impressões tal *Cabelleira*.

Eis-me empenhado na obtenção do romance. Compral-o, nessa não cahia eu!

Se me sahisse alguma obra *digna* da critica o que queria que eu fizesse della ao depois?

Se ao menos os taes... negociantes de livros novos e uzados como V. lhes chama, dessem-me alguns nikes pelo papel sujo!

¹⁵³ *Revista Illustrada*, 14 de abril de 1877, ano II, p. 2.

mas qual, aquelles gatos escaldados conhecem de longe a agua fria.

Afinal subi as escadas da bibliotheca nacional.

Ó folhas virgens! porque fatalidade havia em minhas mãos a faca do estabelecimento roubar-vos a pureza immaculada!

Li o celebre *Cabelleira* tão minuciosamente *penteado* pelo Sr. Borges Carneiro, e parece incrível que quem ousou criticar tão asperamente J. de Alencar viesse exhibir em publico uma prova tão cabal de seu máo gosto e inhabilidade!

Se a *Revista Illustrada* quizer honrar-me com um cantinho, estou tencionado a mostrar as semsaborias, os contrasensos e senões que á cada página se encontra no tão elogiado romance do Sr. F. Tavora.¹⁵⁴

O leitor escreve à *Revista* expondo apoio às palavras de Borges Carneiro e para isso descreve o histórico de como chegou à mesma conclusão que o crítico do *Jornal da Tarde*. Influenciado pelos textos e pelas palavras de ataque de Carneiro ao romance de Távora, o leitor se dispõe a tê-lo como leitura através de uma consulta à biblioteca. Quando o tem nas mãos, confirma o que chama de “mau gosto” e uma “inabilidade” do romancista, condenando, inclusive, a “ousadia” do escritor em criticar José de Alencar.

Este diálogo travado nas páginas da *Revista* demonstra, mais uma vez, a convivência de diversos pontos de vista em relação ao que se concebia um bom romance. Os critérios e os procedimentos de análise se alteravam, sem que houvesse uma sobreposição clara de alguns deles. Ao mesmo tempo em que defendia o romance de Távora, por exemplo, permitia a publicação de um texto de ataque ao mesmo romance.

No ano seguinte, a seção “Bibliographia” apresentou o livro *Rosaura*, de Bernardo Guimarães:

“meu Deus! Meu Deus!...Será possível!...ter sem o saber, comprado como escrava a minha propria filha!” exclama Adelaide n’um romance que o Sr. B. L. Garnier acaba de editar.

¹⁵⁴*Revista Illustrada*, 14 de abril de 1877, ano III. p. 06

E é a verdade, Rosaura, do Bernardo Guimarães, e a interessante historia d'uma joven, bella rapariga intelligente, livre e vendida como escrava. Nascida dos amores de Adelaide e Conrado, não placitados pelo “conjugio vos”, a pequena Rosaura é engeitada á porta d'uma megera que vivia de creas e vender escravos. “Crioulos, creal-os e vendel-os” era a sua máxima financeira.

Por uma d'essas coincidências fataes, mas necessárias aos romances, na mesma noite em que engeitaram Rosaura á porta de Nhá Puçá, morria á velha uma escravinha recém-nascida. Uma substituição foi promptamente operada, é eis como a criança nascida livre, creou-se e cresceu como escrava.

Como Rosaura foi vendida á própria mãe? É simples: Adelaide, desenganada de casar com o seu amante Conrado, casa com o Moraes, de quem vem a ter filhos.

A sua filha mais velha atormenta todo o dia o avô para dar-lhe uma mucama, e acontece que é Rosaura a mucama comprada.

Não pára ainda ahi a historia de Rosaura: a escrava é bella, o Moraes presegue-a da sua concupiscência, presegue-a até rasgar-lhe um dia, o corpilha, descobrindo certo sinalzinho, conhecido da escrava que ajudara Adelaide a dar á luz; a Durocher tudo conta a senhora a mãe conheceu a filha...Um romance, emfim, bem escripto e que é, como Isaura do mesmo autor, mais um grito de alarma contra os perigos e injustiças da escravidão.

Além de seu character humanitário, o livro do Sr. Bernardo Guimarães tem alguns caracteres bem estudados e bellissimas descripções da vida, dos costumes e da natureza da província de São Paulo.

Neste texto, verificou-se um maior esforço em descrever o enredo, justificando os acontecimentos para que pareçam, diante do leitor, verossímeis. Por isso, passa a explicar as relações entre os fatos na história sanando as possíveis indagações do leitor, “Como Rosaura foi vendida á própria mãe?” Tece considerações de como as ações são possíveis dentro da história que cria Bernardo Guimarães, o que garantia à obra conformidade com o preceito da verossimilhança. Portanto, aos olhos da *Revista*, o romance cumpre mais uma das exigências de composição, é coerente no enredo e possui “bellissimas descrições da vida, dos costumes e da natureza da província de São

Paulo”¹⁵⁵. Não mais podendo ser contestado seu valor crítico, resta à *Revista* indicar-lhe o seu diferencial, um romance que é “mais um grito de alarma contra os perigos e injustiças da escravidão.”¹⁵⁶

Portanto, neste contexto, o semanário de Agostini cede lugar aos romances que, servindo para o leitor compreender a realidade que o cerca, também o fizessem perceber as discussões e os ideários do periódico. Ou seja, a *Revista*, empenhando-se na luta da Abolição, provavelmente, (provavelmente ou é assim, categoricamente?) vê nos romances com essa temática uma arma em favor de sua causa abolicionista.

Sobre o romance *Casa de Pensão*, de Aluízio Azevedo, o periódico publica em 1884 a seguinte nota:

“Na *Casa de Pensão* que acaba enfim de apparecer em edição completa, conta-nos o Sr. Aluízio Azevedo a história ou antes o triste romance d’um maranhense na Corte.

Um compromisso do autor, que é assinado aqui na Corte. E os fluminenses vão recordar talvez no romance do intelligente romancista, um triste facto que não há muito tempo, se produzio na capital do império.

Creio todavia que assim não é.

Há typos bem observados no livro do Sr. Aluízio, e o estylo bom e ligeiro.”¹⁵⁷

A *Revista* procura não expor um juízo de valor sobre a obra, não diz tratar-se de um bom romance, embora esboce um elogio quanto à forma, “estilo bom e ligeiro”. Preocupa-se com um outro olhar para o enredo, a que podemos chamar de “o comprometimento do gênero com a representação da realidade”¹⁵⁸, tal como aconteceu com o romance de Bernardo Guimarães. Por isso, chama a atenção dos leitores para que estes reconheçam que o enredo surge de uma situação verdadeira: a “Questão Capistrano”, largamente divulgada na imprensa no ano de 1876. Desta forma, no trecho, as qualidades do romance estariam na boa observação dos tipos. Araripe Junior,

¹⁵⁵ *Revista Illustrada*, 14 de abril de 1877, ano III. p. 06 .

¹⁵⁶ *Idem*, *ibidem*.

¹⁵⁷ *Revista Illustrada*, 1977, ano II, n 2, p.7.

¹⁵⁸ AUGUSTI, *op. cit.*, p. 106.

anos mais tarde, insere o romance de Aluizio Azevedo na categoria daqueles que não se destinavam ao grande público:

“Depois da brilhante estréia d’O *Mulato* (1881-1882), o autor andou a satisfazer a avidez dos leitores de rodapé, escrevendo as *Memórias de um Condenado e Os Mistérios da Tijuca*, vazando-os, embora com muitas restrições, nos moldes de X. Montepin e de Ponson du Terrail. Durante esse período, perguntei-lhe, por mais de uma vez, se lhe aprazia essa fera chamada – público – atirando-lhe pedaços de carne crua e ensangüentada, como costumam fazer os domadores, para mostrar mais realçadas as suas qualidades dominadoras. A resposta a estas e outras injunções foi o aparecimento de “Casa de Pensão.”¹⁵⁹

A *Casa de Pensão* e o *Cortiço* retornam à *Revista* no ano de 1893 através de um pequeno texto que tem incorporado partes de caracterizações do enredo das obras. A história, que recebe o título de “Corda Bamba”, é assinada por “Blodin” e pode indicar a incorporação da leitura dos romances no imaginário popular.

O texto se inicia com a notícia de que “esta infelizmente cumprida a ordem da prefeitura municipal mandando destruir o *Cortiço* e fechar a *Casa de Pensão*, propriedades do Sr. Aluizio de Azevedo.” Tendo seu espírito profundamente abalado por esta “notícia simples e lacônica”, o narrador começa a descrever o ambiente:

“O Cortiço era um magnífico *rendez vous* (sic) de rapariguitas histéricas, cheias de vontade, românticas em namoros em litteratos e velhos doutores de medicina. Edificado alli pela Cidade Nova, berra-mangue em pleno acordo com todos os principios da hygiene antiga, elle apresentava o bello aspecto de cidadella maranhense quando os ocasos rubros ensangüentavam o ar diphano das tardes mansas de província.”¹⁶⁰

Em seguida, reclama o narrador não entender os motivos que levaram a prefeitura a agir com tanto rigor a ponto de fechar o estabelecimento. E finaliza

¹⁵⁹ ARARIPE JUNIOR. Novidades, 7-4-1888, p.83. IN: *Araripe Junior. Obra crítica de Araripe Junior*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1958, p.83.

¹⁶⁰ *Revista Illustrada*, abril de 1893, ano XVIII, p.6.

dizendo que o proprietário tem direito a uma indenização, “ainda que para obtel-a veja-se na dura contingência de recorrer ao digno presidente do vizinho Estado.”

Então, começa a narração de um caso que lhe aconteceu na *Casa de Pensão*, quando o narrador lá morou “por um espaço de dous annos e meio”. Dizia respeitar a praxe estabelecida por contrato de pagar sempre adiantando os alugúéis e mais uma pequena cota para a arrumação dos aposentos. Conta que foi neste ambiente que ocorreu um fato de lhe desagradou em demasia, obrigando-o a uma “mudança rápida no curto espaço de quinze minutos”. E inicia o relato de suas lembranças:

“Por um dia de domingo fui de visita á casa de um amigo, onde demorei até tarde. Ao despedir-me tive um pressentimento horrível que me poz nervoso. Tomei o ultimo bond que passava, e durante a viagem, só e pensativo, acreditei na existência do espiritismo, na infallibilidade do papa e na maneira possível de viver-se de proventos de uma casa de pensão.”
Ao virar uma esquina o bond parava, estava em casa. Saltei, subi em dois pulos a escadaria central, abri com a chave de trinco a porta de meu quarto, risquei um phosphoro e – desillusão das desillusões – estava roubado.”¹⁶¹

Na *Revista Illustrada*, portanto, encontrou-se, além de impressões de leitura de alguns romances, a releitura de aspectos do enredo reproduzidos nas pequenas histórias que foram publicadas esparsamente. Nos espaços dedicados aos comentários sobre os romances recebidos e aqueles escolhidos pela redação para uma descrição mais detalhada, percebemos a utilização e a convivência de algumas categorias literárias. A materialidade da obra indicando o tipo da impressão, bem o local onde se editavam os livros eram levados em consideração. Além disso, questões relacionadas ao estilo e a forma narrativa eram sempre evocadas. O tipo de caracterização de ambientes e personagens também era um critério que chamava a atenção dos redatores do periódico. Logo, a partir da observação dessas convenções inseridas ao período, obtivemos na *Revista* uma singular representação dos critérios que alteraram o *status* do romance.

¹⁶¹ *Revista Illustrada*, abril de 1893, ano XVIII, p.6.

Além disso, a observação dos critérios de análise literária reproduzidos nas seções analisadas modelaram uma concepção de bom romance para a *Revista Illustrada*. Diante dessa análise pudemos também perceber algumas marcas de proximidade, de amizade ou de hostilidade com os escritores, editores, críticos, etc. que interferiram na divulgação de algumas obras.

Esta situação, portanto, poderia contribuir para que, mesmo havendo no periódico uma divulgação de idéias realistas e de seus preceitos – um critério “mais moderno” –, não existisse um impedimento para um comentário que somente ressaltasse a moralidade – um critério, supostamente, já ultrapassado – para a valorização, ou neste caso, desvalorização do romance:

“Tenho sobre a mão o livro mais tolo – o mais inmundo – o mais immoral – o mais indecente de ortographia, o mais pansudo de ignorância, o mais nojento de miséria, que tenho lido. Sem planos, sem graça, sem uma idéia, sem syntaxe, sem ortographia, é um punhado de parvoíces, totalmente escriptas e de immoralidades que causam nojo sem fazerem rir.

Para o lixo as *Mulheres aventureiras*, do Sr. Dr. P. M. J. Duarte

O fato de a *Revista* não ser considerada um órgão especializado em discussões literárias não significava um não comprometimento em relação aos critérios e categorias de análise das obras. Por isso, não se limitou em fazer uma simples notícia empenhada a aplaudir todo e qualquer romance. Através dos comentários, vislumbramos, além da seleção de alguns romances, uma certa crítica literária que, feita por um periódico, poderia nos indicar um dos percursos possivelmente realizado para que o livro fosse inserido entre os leitores. Neste caminho, como pudemos ver através da *Revista*, não somente se leva em conta critérios estritamente literários, mas entram em jogo alguns interesses que se manifestam na escolha deste e não daquele romance.

Portanto, para além de uma crítica descompromissada, percebemos que a *Revista* também estava inserida em um contexto que se organizava para a consolidação do gênero, e que provavelmente a concebia como uma construção realizada por determinados homens e instituições. É o que sugere o comentário sobre Silvio Romero, em 1880:

“O Sr. Sylvio Romero, cujo nome desde muito conhecido em mais de uma provincia surgiu agora na corte em varias discussões na imprensa. Reunio em volume alguns artigos já publicados no Recife e deu-lhes por título Litteratura Brasileira e a Critica Moderna. É um livro que denota grande trabalho e muito estudo por parte de seu autor, embora nem sempre justo nas suas apreciações, ora benévolas em demasia, ora demasiado cruéis.

O Sr. Sylvio cede muita vez a amisade, em quanto que tem prevenções exaltadas contra aquelles com quem não conviveu.

Sem isso, seria um excelente critico, pois revela grande somma de conhecimento da nossa e outras litteraturas.”¹⁶²

Em relação à publicação do livro de Silvio Romero, a *Revista* aponta alguns outros fatores que podem interferir ou mesmo determinar a valorização de uma obra: a variação nas apreciações pessoais, as relações de amizade, de inimizades, a falta de proximidade entre as partes, etc. O quadro que pinta o semanário de Agostini em relação à escolha dos nomes da literatura brasileira feita pelo crítico também se configura em suas próprias páginas, uma vez que não podemos desconsiderar que o sucesso do periódico também se fez por meio das relações pessoais, que ultrapassavam as literárias.

¹⁶² *Revista Illustrada*, 13 de março de 1880, ano V, p. 3.

4. Outras presenças dos romances.

Embora “Livro da Porta” e “Bibliographia” sejam os espaços em que mais se encontraram referências aos romances, o lugar ocupado por eles na *Revista Illustrada* não se limitou a essas seções. Ainda que de forma esparsa, romances e romancistas eram mencionados no periódico, mesmo quando o assunto não tratava de literatura especificamente. Referências às obras cujas histórias circulavam pelo imaginário popular perpassavam as páginas da *Revista*, como neste exemplo da seção “Gazetilha”, de março de 1879:

“Consta que os Srs. Visconde de Prados e Pompeu sahiram mascarados no carro da idéia dos *Excêntricos*.
Iam os dous juntinhos, representando um quadro bucólico, disfarçados em *Paulo e Virginia*.
O que é o hábito!”¹⁶³

Este trecho evidencia que o enredo do romance *Paulo e Virginia*¹⁶⁴, publicado em 1787, ainda permanecia no imaginário dos leitores ao longo do século, pois uma simples menção ao título seria suficiente para estabelecer uma idéia de união entre os citados.

Outra obra bastante difundida é o *Thesouros dos meninos*¹⁶⁵, de 1851. Seu enredo moralizante é lembrado em uma notícia em que se discutia a eliminação de formigas, na seção “Ricochetes”, destinada aos comentários sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro:

“Somente n’este caso, quer um vença quer vença o outro, as pobres formigas terão de passar pelas forças caudinas do sulfureto de carbono...com ou sem processo mechanico especial.
That is the question.
Para as formigas não ha portanto o *to be or not be*, é morte certa, pelo formicida privilegiado ou pelo clandestino, embora ahi

¹⁶³ *Revista Illustrada*, 1 de março de 1879, ano IV, p.3.

¹⁶⁴ Cf. SILVA, H. C. A “Ascensão do romance no Brasil – Considerações acerca da presença do gênero em anúncio do Jornal do Comércio”. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>

¹⁶⁵ Cf. SOUZA, S. C. M. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro* (1808-1822). Tese de doutorado, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, 2007.

esteja a brandar o *Thesouro dos Meninos*: “fazer mal aos animais, é indicio de máu character.”

Entre os dois contendores, eu sou portanto....pelas formigas.
Nada de terra á boca das innocentinhas...”¹⁶⁶

No campo das artes, o teatro, sem dúvida nenhuma, era o principal alvo de críticas e discussões na *Revista*. Nas seções “Resenha theatral” e “Sobre theatros” observam-se as opiniões mais acaloradas sobre as encenações. Preocupava-se em comentar sobre as companhias e as montagens realizadas, os vários teatros e seus aspectos físicos, os atores e suas atuações em determinadas peças, a impressão do público – e, conseqüentemente, da *Revista*. Por vezes, misturavam-se os comentários sobre literatura e teatro, principalmente quando surgia no cenário teatral alguma montagem realizada a partir de algum romance.

Para ilustrar esta idéia, podemos destacar a notícia sobre a encenação da peça *A Moreninha*, adaptação do romance de Joaquim Manuel de Macedo. No dia 11 de agosto de 1877, a seção “Resenha Theatral” dedica espaço para discutir as impressões sobre a peça e o faz em comparação à obra. A notícia inicia dizendo que a *Moreninha* foi a peça escolhida para ser encenada em um temporada de verão por ainda não ter aparecido no que foi chamado de “almanach scenico”. O texto continua ressaltando o reconhecimento bastante difundido do romance, destaca que foi esta obra que tornou conhecido e bem estimável o nome de seu autor, e logo em seguida revela sua má impressão da peça. Chega a dizer que a encenação poderia ser considerada uma filha bastarda do romance. Justifica seu desgosto pelo mau desempenho dos atores principais, pois não são compatíveis à descrição que Macedo dá aos personagens no livro.

Assim, o texto dirige várias críticas à caracterização do ator principal da peça, Sr. Furtado Coelho, que não condiz com o imaginário criado para construir o personagem Augusto. Além disso, são lançados vários apontamentos sobre a interpretação da atriz que incorpora a *Moreninha*, por ser esta a personagem heroína do romance,

¹⁶⁶ *Revista Illustrada*, 15 de dezembro de 1877, ano II, n. 94, p.7.

“ingenuamente creada em Paquetá, namorando para casar-se e declarando seu amor em bilhetes esquecidos no jardim e beliscões durante o chá”.

O desagrado em relação à peça é novamente reforçado no dia 8 de dezembro do mesmo ano, dizendo que o “o público não supporta a *Moreninha* que nos dá o Cassino”. A análise do crítico confirma o destaque que era dado às apresentações cênicas no cenário carioca e também traduz o alcance que alguns romances obtiveram, inclusive, sendo parâmetro para a divulgação das impressões de montagens teatrais.

Outro exemplo do alcance do romance nas notícias teatrais é a nota que divulga as impressões sobre a encenação da peça *As pupilas do Sr. Reitor*, em 1878, descrita como “um drama que foi mal extrahido do romance, aquella obra prima do gênero e que não offerece nenhuma condição recommendavel mesmo para uma excelente companhia quanto mais ...adiante.”¹⁶⁷

O *Primo Basílio* foi outra peça que mereceu destaque na seção “Pelos Theatros”. Os comentários sobre sua representação iniciam em 11 de maio de 1878 com uma notícia de que duas encenações seriam as grandes novidades da temporada: *Lazaristas* e o *Primo Basílio*. Sobre esta última, a *Revista* acrescenta: “tem para atrahir além do nome , o mystério em que se envolve o seu autor ... ou autora.”. O texto continua assinalando que contará uma história sobre entrega da peça ao Sr. Silva Pereira, actor que interpretaria o personagem Primo Basílio no teatro.

Conta-nos que certa vez, em alta madrugada, bateram à porta de Silva Pereira, que “por exceção já estava deitado”. Pereira então decidiu levantar-se e ver quem o chamava. Descreve o narrador que “um velho creado, de chapéu na mão, fez-lhe signal para que se aproximasse do coupé que estava parado á porta.” Assim que se aproximou, Silva Pereira recebeu um pequeno embrulho de uma voz que lhe dizia “para o seu benefício”.

Depois de partido o carro e de “alguns minutos de estupefação”, o ator desatou o laço de fita e constatou ser o embrulho o “*Primo Basílio*, commedia em um acto por...”. Segundo afirma Pereira a “mão que lhe entregou comedia e a voz que disse-lhe

¹⁶⁷ *Revista Illustrada*, 29 de junho de 1878, ano III ,n.118 ,p.3.

para seu benefício devem pertencer a uma senhora elegante.” Por isso, o mistério que envolve a autoria da peça.

Concluiu a história dizendo ser esta a verdadeira história do *Primo Basílio* que será encenado no teatro Phoenix. E acrescentou: “eu me perco em conjecturas, elle perde-se em conjecturar, o leitor naturalmente quererá também perder-se em conjecturas, portanto...Ponto.”

A pequena crônica acima é assinada por A. Dias e faz parte de uma série de comentários que se fez sobre *Primo Basílio* romance e teatro. Quando, finalmente, se realizou a encenação da peça, uma longa análise foi publicada pela *Revista*. Para fundamentar a crítica, houve o destaque de algumas associações com o livro de Eça de Queiroz.

Na verdade, mais uma vez, a má impressão do crítico teatral em parte foi justificada pela comparação entre a peça e o romance. A caracterização dos personagens, por exemplo, foi condenada por estar em muito afastada dos personagens que descrevera o enredo do *Primo Basílio*. Além disso, o incômodo em relação à montagem fora reforçado pelo fato de o autor da peça ora seguir à risca o romance, retirando dele algumas situações, diálogos, frases, páginas inteiras, ora afastar-se dele para ter novos personagens que,

“realmente nunca pensou Eça que podessem aplicar ao seu romance, dando-lhe outra direcção, e significação muito diversa – o que seja pelo direito de passagem foi muito bem feito por Sr. Eça que não sabe fazer as coisas pelo direito, passando pelo desgosto de ver em outro emendar e corrigir os seus erros, as suas faltas e os seus divertimentos de litterato presumido.”¹⁶⁸

O texto referente à encenação do *Primo Basílio*, mais uma vez, constata que a disseminação da leitura da obra passou a ser parâmetro para a análise da crítica teatral. A caracterização dos personagens e a reprodução das cenas baseada no enredo do romance revelaram ser um critério de avaliação amplamente utilizado pelos críticos de teatro da *Revista*.

¹⁶⁸ *Revista Illustrada*, 7 de julho de 1878, ano III, n.114, p.3.

O romance de Eça, antes de transformado em peça de teatro, já havia ocupado as páginas da *Revista Illustrada* em outras discussões. No dia 27 de abril de 1878, um texto publicado na página 6 do periódico dizia tratar de três graves questões da atualidade, que, “igualmente importantes e com igual calor discutidas, já se haviam formados partidos. Havia lucta. As opiniões entrechocavam-se, combatiam-se.”¹⁶⁹ Seriam elas: a dissolução da Câmara, a emissão do papel moeda e o *Primo Basílio*.

O fato de ser colocado em um mesmo grau de importância que as questões políticas vigentes no momento atesta uma forte disseminação do gênero – e dessa obra em particular – no cotidiano carioca.

A questão levantada pela *Revista* em relação ao romance girava em torno da falta de consenso entre os críticos para classificar a obra de Eça. Dizia ser essa a tarefa dos literatos, mas estando estes “impossíveis, incapazes, impróprios, in...tudo” não a resolvem. As críticas dirigidas ao romance do escritor português são reproduzidas pela *Revista* no texto. Percebemos que um dos critérios utilizado para avaliar a publicação é a moral:

“é um livro indecente; é um livro de fundo moral; é imoral; não pode entrar na casa das famílias; pode – rasgada a página 320; é realista; é naturalista; não é nada. O Sr. Eça escreve bem – mas é anjo; não escreve mal – mas é franco demais.”¹⁷⁰

A falta de uma categorização clara em uma escola literária também se torna preocupação dos críticos em relação à obra de Eça. A *Revista*, no entanto, ironiza esta polêmica travada no plano da crítica e coloca à frente a questão de que, enquanto se decidia se o livro deveria ser lido pelas famílias, estas “immensamente aguçadas pela curiosidade”, atiravam-se com fúria à leitura da obra e a devoravam em dois dias apenas. E ressalta que, antes mesmo da leitura do livro, todos “vão logo a tal páginas 320, procurar a cousa que não pode ser vista pelas Sras... e se algum *Primo Basílio* está alli (...)”

¹⁶⁹ *Revista Illustrada*, 27 de abril de 1878, ano III, n. 109. p.2.

¹⁷⁰ *Revista Illustrada*, 27 de abril de 1878, ano III, n. 109. p.2.

O comentário indica parte das críticas que sofreu a publicação do romance de Eça e revelava como a *Revista* concebeu algumas delas. Percebeu-se a ironia que dirigia aos críticos que julgavam que a leitura da cena licenciosa da tal página poderia influenciar o comportamento das leitoras ou mesmo prejudicar seus valores morais. Com isso, neste momento, demonstrava certo respaldo em conceber como um critério válido a “desconfiança” de que a leitura do romance pudesse ser prejudicial às famílias que se propusessem a conhecer o enredo. Parece reproduzir um critério moral há muito existente, ainda que neste caso o trate de maneira irônica.

Além de questões literárias pontuais que surgiam no contexto da *Revista*, foi possível reconhecer a presença de alguns romancistas. Nem sempre a projeção que recebiam nas páginas do periódico fazia referência às atuações no campo da literatura; às vezes a posição política do homem de letras sobressaía nos comentários das mais variadas seções. Apresentaremos a seguir qual tratamento recebiam esses romancistas, quais momentos apareciam e observar quais e quantos deles se consagraram na história da literatura brasileira.

Joaquim Manoel de Macedo foi uma figura recorrente na *Revista*, principalmente ao que se refere a sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Hora ou outra seus intentos literários também eram divulgados nas diferentes seções do periódico, como a nota da seção “Gazetilha” de 1876:

“Publicou-se mais um romancedo do autor da *Moreninha*. D’esta vez inspirou o Sr. Macedo a *Baroneza do Amor*. Bello título!”¹⁷¹

E no dia 7 de janeiro de 1880, na mesma seção:

“O Sr. Macedo, do Instituto, vai escrever um romance *El rei Vintém...*
Um romance histórico, do tempo dos affonsinhos.”¹⁷²

¹⁷¹ *Revista Illustrada*, 28 de outubro de 1876, ano I, p.3.

¹⁷² *Revista Illustrada*, 7 de janeiro de 1880, ano IV, p. 3.

A figura de Machado de Assis, além dos elogios sobre seu trabalho no meio literário, recebeu um comentário satírico na edição de 7 de outubro de 1877:

“Sempre que se falla em viagens na presença do Sr. Machado de Assis, elles nunca se esquece de dizer:
- Eu tam-bem já vi-viajei...Fui a Va-vassouras.
Passou o tu-tunel...”¹⁷³

Além de algumas notas sobre particularidades dos homens de letras que eram inseridas em meio às notícias semanais do periódico, a morte de alguma figura pública era motivo de destaque.

Em 1876 comentou-se a morte de Bruno Seabra, a quem a *Revista* denomina “poeta e romancista que deixa-nos produções de gênero bem diverso e em cada uma dellas brilhantes provas do seu grande talento e illustração.”¹⁷⁴ Ao contrário de Seabra, que obtivera uma pequena descrição póstuma, na ocasião do falecimento do romancista José de Alencar, a *Revista* dedicou-lhe, além da capa (ver figura 9), um texto que ocupava quase toda a página 2 e que tecia vários comentários sobre a trajetória profissional do romancista.

¹⁷³ *Revista Illustrada*, 7 de outubro de 1877 ano II n. 85 p.3.

¹⁷⁴ *Revista Illustrada*, 11 de março de 1876, ano I, n. 11, p.2.

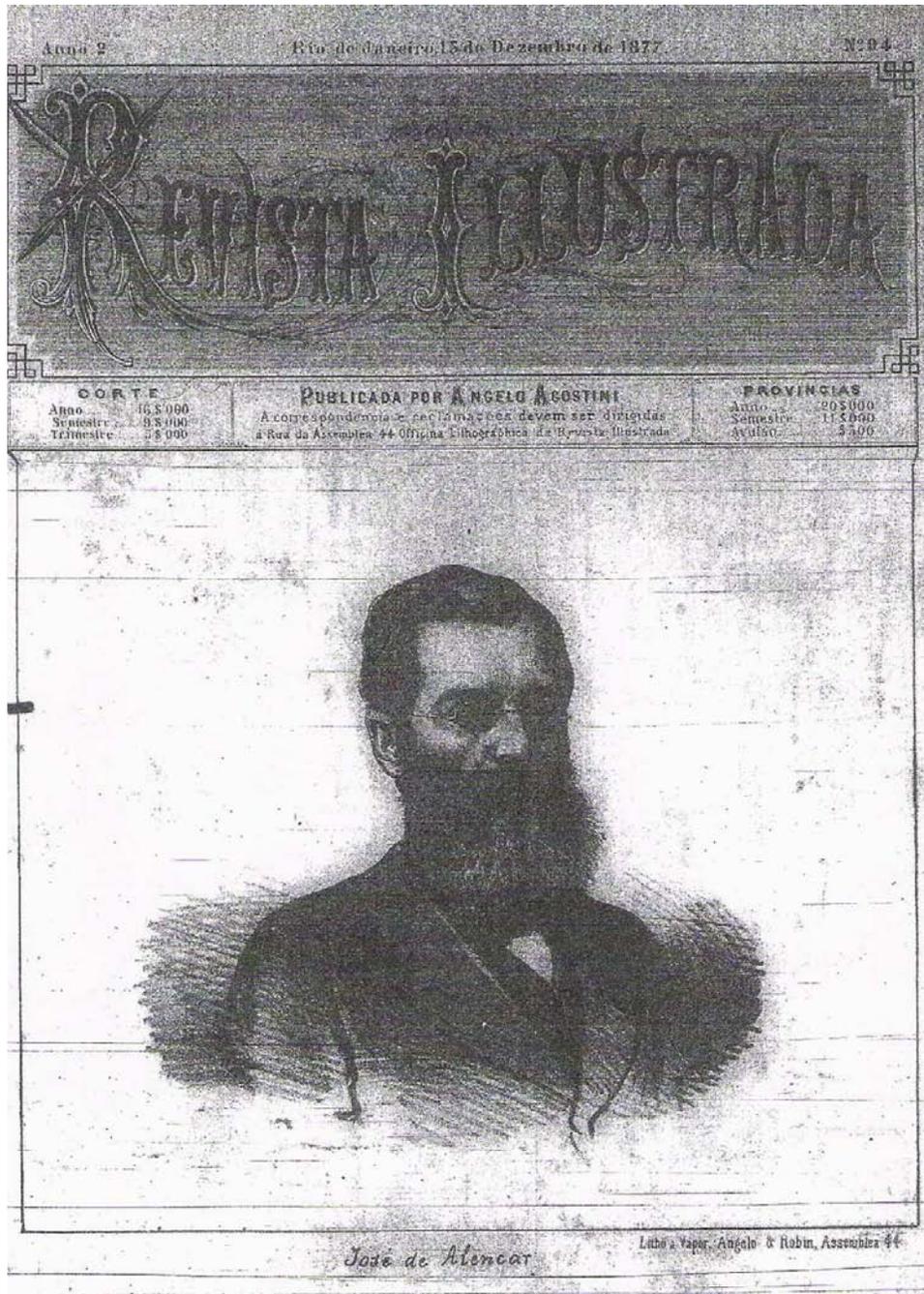


Figura 9 – Fonte: *Revista Illustrada*, 1877, ano II, n.94, p.1/ Microfilme do acervo AEL, Unicamp.

O texto, assinado pelo pseudônimo A. Gil, iniciou lamentando em nome de todo o país a morte do romancista, a quem denomina a “uma gloria nacional”. Seguiu tecendo elogios aos trabalhos literários e políticos de Alencar, salientando qualidades

como “a inteligência” e “caprichosa imaginação”, usadas em favor de acentuação de uma literatura que chamou de “nossa”.

Importante perceber o uso da expressão “literatura nossa” neste texto, pois Alencar que, na sua morte, já se fazia um romancista consagrado, dedicou grande parte de seu trabalho em construir uma literatura nacional, da qual seria considerado o “consolidador, ou mesmo criador, da prosa nacional”, nas palavras de Hebe Cristina Silva¹⁷⁵. E seu projeto foi tão bem sucedido que no século posterior não raro vemos as narrativas de Alencar sendo “defendidas” com entusiasmo assim como nas palavras de Candido:

“Esta força de Alencar – o único escritor de nossa literatura a criar um mito heróico, o de Peri – tornou-o suspeito ao gosto do nosso século. Não será de fato escritor para a cabeceira, nem para absorver uma vocação de leitor; mas não aceitar este seu lado épico, não ter vibrado com ele, é prova de imaginação pedestre ou ressecamento de tudo o que em nós, mesmo adultos, permanece verde e flexível.”¹⁷⁶

Segundo a pesquisadora Hebe Silva, o “projeto literário” de Alencar se relacionava à consolidação de uma literatura que fosse reconhecida por traços tipicamente brasileiros através do gênero romance. Salienta que este projeto literário se fez por meio de seus discursos políticos, seus textos críticos, mas principalmente, através de seus romances. Neles, Alencar preocupava-se em transcrever para seus enredos a “cor local” e os elementos que julgava ser genuinamente brasileiros, como o índio, por exemplo, que tomou o papel central de algumas de suas narrativas. Em um segundo momento, para tentar definitivamente incorporar em seus leitores um “gosto nacional”, encarregou-se de oferecer-lhes romances inspirados na sociedade brasileira.¹⁷⁷

¹⁷⁵ SILVA, H. C. José de Alencar – “Nacionalidade literária e forma romanesca.” In ABREU, M. (org). *Trajetórias do Romance*. Campinas: Mercado das Letras, p.,563.

¹⁷⁶ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. 1975. P. 202.

¹⁷⁷ Cf. SILVA, H. C. *Imagens da Escravidão: uma leitura de Escritos Políticos e Ficcionalis de José de Alencar*. Tese de mestrado, defendida em 2004, no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, sob orientação da Prof. Márcia Abreu.

As características que julgamos fazer parte do projeto literário de Alencar voltam à tona no texto publicado pela *Revista*, pois, após a idéia de uma “literatura nossa”, o texto faz referência a um “isolamento” ao qual Alencar foi condenado. Possivelmente, a expressão era uma referência aos ataques que havia recebido por fazer uma “literatura de gabinete”¹⁷⁸, sem a observação “real” dos ambientes.

Acrescenta a *Revista* que o romancista conseguiu se perpetuar no cenário da literatura com poucos desafetos e muitos admiradores que acompanharam, tanto seus discursos na política, quanto nas letras, o espaço em que “estremeciámos todos ao ler essas páginas vibrantes de sentimento e perfumadas por tanta poesia americana”.

Revista Illustrada ainda afirma que Alencar, ao se despedir da vida, deixava seu legado através de seus textos, “cuja posse constitui hoje uma glória nacional” e finaliza:

“Lamentamos sinceramente que tão incansável obreiro cedo repousasse no sepulchro, e lamentamos, sobretudo, porque José de Alencar finou-se para seus filhos, morreu para sua esposa. Para os outros, porém, para as gerações por virem, elle vive ainda e reviverá sempre sagrado pela posteridade.”¹⁷⁹

Este texto e as idéias que apresenta são importantes no sentido de observar a concretização do projeto de Alencar, que consegue sua consagração como romancista da glória nacional.

Algumas das obras de Alencar também estiveram presentes em outras partes do jornal, mostrando sua ampla penetração na cultura local. Neste sentido, podemos apontar como exemplo um aparecimento interessante do romance *Iracema* na *Revista Illustrada*. Agostini, crítico de arte, usava suas páginas para criar seus próprios salões caricaturais que eram, segundo a pesquisadora Rosângela de Jesus Silva,

“um gênero artístico amplamente desenvolvido na França, ou melhor, uma particularidade parisiens, cujas origens são no século XVIII. Naquele momento algumas publicações utilizaram

¹⁷⁸ Cf. Augusti, *op. cit.*

¹⁷⁹ *Revista Illustrada*, 15 de dezembro de 1877, ano II, p.7.

ironia e humor em detrimento da crítica séria, para comentar as obras expostas nos salões oficiais parisienses.(...)”¹⁸⁰

As caricaturas de obras de arte na *Revista* demonstrou, por vezes, que alguns romances já estavam incorporados ao imaginário local, como foi o caso do quadro de José Maria de Medeiros a partir da *Iracema* de Alencar (ver figura 10 e 11):



JOSÉ MARIA DE MEDEIROS: *Iracema*, 1884.
Óleo sobre tela, 167,5 x 250,2 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

¹⁸⁰ SILVA, *op.cit.* p. 121.



J. M. de Medeiros – “Iracema” – n°205

Iracema vendo uma flecha fincada na arêa, procura imitar-lhe a posição vertical. Porém, avista da flor de maracuja e da gymnastica inesperada de um caranguejo trepado na flecha, a india admirada, recua pé atrás pé, para não perturbar o crustaceo nos seus exercícos acrobáticos.

Se “a caricatura também pode interpretar o sentido da apreciação popular em torno das obras”¹⁸¹, vemos uma importante contribuição de Agostini para nos mostrar uma singular leitura da obra de Medeiros.

A presença diversa que a obra de Alencar conquistou na cultura nacional, estando presente tanto nos livros, nos quadros, quanto nas sátiras de Agostini contribuíram para a concretização da denominação de “gloria nacional”, que permaneceu mesmo após a morte do romancista. Em 1878, a *Revista* associa a ópera de Carlos Gomes ao romance fundador de Alencar, de maneira que “O *Guarany* tem a vantagem de recordar dois nomes que são suas glórias nacionaes: Alencar e Carlos

¹⁸¹ SILVA, *op.cit.* p.120.

Gomes, nenhuma opera portanto em melhores condições para hoje ser applaudida.(...)”¹⁸²

Presença constante nas páginas da *Revista Illustrada* teve o Sr. Escragnolle Taunay, tanto por sua atuação política, quanto pela literária, ambas duramente criticadas nas páginas do periódico. A representação de Visconde de Taunay nas páginas do periódico é a de um político amolador, que se envolve em várias disputas por sua ascensão no governo brasileiro e de um escritor enfadonho em suas narrativas, com exceção de *Inocência*, que recebe a apreciação da *Revista*, por ser o autor “neste livro muito diferente do que é em outros”.

Algumas características que são atribuídas ao Taunay político transferem-se para a apreciação de seus romances, como sugere a nota da seção “Gazetilha” em que se declara: “O Sr. Major Taunay publicará brevemente um romance. Antes já tivesse surgido, porque se fosse aguado, podia atribuir-se á influência das grandes chuvas.”¹⁸³ Em outra ocasião: “O Sr. Escragnolle Taunay começou hoje no *Jornal* a narração de suas *vinte e quatro horas de paixão*, continua...Como é doce amar assim!”¹⁸⁴.

E, em uma outra nota, publicada em 1879:

“Muita gente pergunta se o conto *O Sertanejo*, que é publicado no *Jornal* o Sr. Taunay não será esposo da *Sertaneja*, poesia em tempos publicada pelo Dr. Mello Moraes Filho. Infelizmente não sabemos informar ao publico se tal conto é esposo da alludida poesia, irmão, isso parece – na amolação.”¹⁸⁵

O tratamento que recebe da *Revista*, ora de maneira bastante irônica, ora por meio de ataques diretos à sua figura política, provavelmente se deveu ao fato de que, sendo o romancista declaradamente monarquista, estava na contramão dos ideais claramente republicanos da *Revista*. Como exemplo de uma referência irônica, podemos ressaltar um comentário feito na seção “Echos”, do dia 15 de fevereiro de 1879, cujo tema era uma viagem que Taunay teria feito à Europa. A crítica se concentrou em

¹⁸² *Revista Illustrada*, 7 de setembro de 1878, ano III, p.2.

¹⁸³ *Revista Illustrada*, 20 de outubro de 1877, ano II, n. 87, p.3.

¹⁸⁴ *Revista Illustrada*, 22 de maio de 1880, ano V, n.209, p.7.

¹⁸⁵ *Revista Illustrada*, 16 de agosto de 1879, ano IV, p.7.

satirizar a má impressão de Taunay em relação aos lugares que visitou em terras estrangeiras. Em grande parte o desgosto é ocasionado pela comparação que faz daquelas às terras brasileiras.

A ironia da *Revista* em relação a esta opinião do romancista está em sugerir que, ao enaltecer as coisas do Brasil, Taunay estaria enaltecendo sua própria obra, tomando-a como “tipicamente brasileira”. A *Revista* de uma forma indireta critica a estratégia que julga ser utilizada pelo romancista para consagrar-se como escritor e utilizando da ironia, faz referência a duas obras de Taunay: *Ouro sobre o Azul* e *Inocência*:

“Orgulhemos compatriotas!

“O major Taunay que chegou da Europa, disse pelo Jornal do Commercio que vio por lá muita cousa; mas que o Rio de Janeiro...o Brazil...etc e tal...Enfim, que somos um povo adeantado, sómente não sabemos apreciar o que possuímos de bom.

Pois é pena que não saibamos apreciar todas as nossas encantadas maravilhas, porque te-las e aprecia-las seria *ouro sobre o azul*.

Mas querem ver que o nosso major, com a sua *innocencia* só vio da Europa o que ella não tem de bom...

Mau gosto, Major!”¹⁸⁶

Um exemplo que contesta a postura de Taunay enquanto crítico se desenrola no ano de 1880. Na ocasião, a *Revista* divulga que o romancista publica uma série de artigos na imprensa criticando as obras de Zola, especialmente na publicação de *Nana*. A *Revista*, então, diz se colocar como defensora do escritor naturalista opondo-se às críticas de Taunay e passa a salientar as qualidades que julgava ter a obra e a escola literária a qual pertence Zola, como podemos verificar pelo trecho presente na seção “Richochetes”:

“O Sr. Escragnolle Taunay encetou um estudo critico na *Gazeta de Noticias*.

São tremendas descomposturas a Zola, Guy de Maupassant e outros realistas *ejusdem furfuris*, como diz o louro major.

¹⁸⁶ *Revista Illustrada*, 15 de fevereiro de 1879, ano IV, p.7.

A maior censura, que faz o Sr. Taunay aos zolistas, refere-se no emprego de certos termos; mas o próprio crítico, quando quer dizer as cousas tem d'estas expressões:

-“Uma formidável diarreia...”

Que certamente também não cheiram á boa essência de rosas.”¹⁸⁷

A *Revista* afirma ser o estilo utilizado por Zola em seu romance o incômodo de Taunay e comenta de maneira irônica a própria postura do romancista em relação à utilização de certos termos. Em defesa não só de Zola, mas também da escola que representou, a *Revista* finalizou a discussão dizendo ter “assentada” a sua idéia sobre o realismo:

“Realmente não há de que tanto se alarmar por uma escola que deseja a verdade e a crítica. A realidade é uma boa cousa, e não sei porque afastar-se d'ella para cahir em lânguidos idyllos. Que mal nos faz a descripção d'aquillo que todos podemos ver?”

Entendo que é licito ao romancista descrever tudo, um vaso de flores ou um – vaso que *não cheire á rosa*.
Com tanto que não despejem este ultimo sobre a gente.

Em maio de 1880, o periódico já havia publicado na seção “Chronica Fluminense” algumas considerações acerca das críticas que Taunay, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte, havia feito em relação à obra de Zola :

“Quando Sylvio Dinarte, em sua critica á *Nana*, apontara o perigo de se poder julgar as sociedade franceza pelo romance de Emile Zola, achei infantil, confesso, o seu receio. Entretanto, eis o que outro escriptor se julga com direito de escrever, porque leu o mesmo romance: “Um monstruoso acepipe reclamando pelo *paladar depravado e insaciável* d'esse formigueiro humano que se coalha nas margens do Sena *

Não há, pois, duvidar: há quem, lendo a historia de Nana – uma pústula – julgue Paris um hospital, onde só há Nana pústulas grangrenando imbecis como Steiner e Muffat. Pobre Paris! Não

¹⁸⁷ *Revista Illustrada*, 2 de agosto de 1880, ano V, n.216. p.7.

se poderia realmente ser mais...leviano e injusto contigo, só porque como Éden, também tens a árvore da perdição!

E a propósito. É singular como nossos realistas degeneraram sectários. Todos querem a verdade, confessam; mas se Zola dá *Nana*, que é uma verdade, exclamam enojados – “Isto é lama!” como se a lama não fosse uma realidade, que o gari nos mostra diariamente em cada canto da cidade! Gritam contra o romancista, porque *Nana* cede à sua natureza; então mais realista já era, Sardanapalo!

I shall not love thee less; not, perhaps more.

For yielding to thy nature...

Segundo assevera Byron, que não é zolista, portanto...¹⁸⁸

Interessante observar que mais do que a discussão sobre a escola realista, as questões levantadas sugerem apontamentos sobre os critérios de análise da obra, que, mais uma vez, remeteram-se ao valor moral.

Em 1877 uma outra polêmica tomou as páginas da *Revista*: a questão da “propriedade dos direitos do autor”. A discussão se iniciou a partir de um fato específico: em novembro daquele ano, a *Revista* noticiou que José Maria Velho da Silva acabava de fazer uma edição do romance *Eurico* de Alexandre Herculano. Esta postura de Velho da Silva causou um grande desgosto no redator do periódico de Agostini, que publica um texto em que acusa o escritor brasileiro de querer “chegar à celebridade” através da edição de uma obra de um romancista reconhecido. Publicamente vem à tona dizer que Velho da Silva aproveita a “falta de contrato entre Brazil e Portugal” para prejudicar a viúva do escritor a quem a *Revista* atribui pertencer todos os direitos das obras.

Reforçando seu desgosto sobre a postura de Velho da Silva, o redator parte em defesa da preservação da propriedade literária de Herculano e reclama:

“se algum editor se lembrasse de fazer uma edição clandestina das obras¹⁸⁹ do Sr. Velho da Silva, com certeza S. S. viria a campo defender a sua propriedade, e todos lhe dariam razão”¹⁹⁰

¹⁸⁸ *Revista Illustrada*, 1 de maio de 1880, anno5, p. 2.

¹⁸⁹ José Maria Velho da Silva publicou um único romance, *Gabriella*, em 1875.

O comentário repleto de ironia busca sensibilizar os leitores para aquilo que julga ser um “crime”. Salienta que “publicar o Eurico para traduzil-o em cobres em seu benefício” cometido por Velho da Silva e afirma ser esta uma atitude “tão feia” que seria impossível ser o intuito do escritor brasileiro. O texto termina divulgando de maneira irônica a hipótese de que, pela admiração que sustenta Velho da Silva em relação ao romancista português, o objetivo da publicação seria o envio à viúva de todo o produto da venda da edição do *Eurico*, pois salienta a *Revista* que “ter seu nome ligado a essa obra será sua não pequena recompensa.”

Ao que parece, as palavras do redator da *Revista Illustrada* atingiram outros órgãos da imprensa, gerando algumas críticas ao texto publicado no periódico. Na edição de 1º de dezembro, declarava ter sofrido fortes ataques por parte de José Maria Velho da Silva no jornal *O Globo*. E sobre eles teceu o comentário:

“Agora porém que está passado o perigo, há de concordar o illustre Dr. Velho da Silva que foi demasiado injusto. Injusto commigo e injusto também comsigo. Disse tão bonitas cousas a seu respeito e cousas tão feias sobre mim, que vejo-me obrigado a votar contra a acta que publicou no *Globo*. E creia, não é só pelo que disse de mim, mas sobretudo pelo que escreveu de si, que eu reclamo.”

Após esta irônica introdução, reforçou a crítica que já havia feito em relação à publicação da obra de Herculano por Velho da Silva. Divulgou a *Revista* que não via com bons olhos a atitude de publicar um livro que não recebeu a autorização de seu escritor. Neste segundo texto, mais uma vez, retomou a posição de não aceitar a edição “clandestina” de *Eurico*, afirmando que esta só traria benefícios ao editor, que a *Revista* julga ter pouco prestígio no meio literário em comparação ao autor do romance original. Neste sentido “aconselha-o”:

“Para ir á posterioridade bastam a S. S. seu monumental (?) estudo sobre Ovídio e Castilho, o seu romance histórico (é a mesma *Gabriella*), as duas famosíssimas poesias (são gostos), os

¹⁹⁰ *Revista Illustrada*, 17 de novembro de 1877, ano II, n. 91, p.2 e 3.

compêndios de rethorica e poética que tem em mão (e não larga) e seu immortal poema *Dirveo* (immortal e que ainda não nasceu)

Creio realmente que irá em linha recta, para a posteridade mas deixe o *Eurico*, vá sem Alexandre Herculano.”

O trecho faz vários sinais que marcam a ironia em relação à figura literária de Velho da Silva. À atitude do escritor, o redator, sob o pseudônimo de A. Gil, atribuía o *status* de um crime. E anunciava um outro texto que trataria da mesma questão. Este foi publicado na mesma edição e trazia como autor somente as iniciais “M. O”.

A crítica desse outro texto se voltava ao *Jornal do Commercio*, que nas palavras da *Revista* não se limitou em divulgar a edição de Velho da Silva sobre o romance de *Eurico*, mas se “dignou a elogiá-la”. E transcreve o elogio que tanto o indignou: “A *Imprensa Industrial*, que já se recommendava por serviços prestados ás letras, adquirio agora novo titulo á estima publica offerecedo-lhe uma nova edição do Eurico.”

Essa publicação do *Jornal do Commercio* causa demasiada revolta por parte da *Revista*, que a expõe no texto que se segue:

De fórma que, na opinião do ponderoso *Jornal*, o esbulho, a pilhagem de uma propriedade é uma acção meritória, credora da estima publica.

Não se nos diga que a propriedade litteraria é cousa duvidosa: na pharse singela e decisiva de Althouse Karr, a propriedade litteraria – é uma propriedade.

Embora Alexandre Herculano opinasse há annos contra esta doutrina, confessou-a agora solememente, legando á sua família a propriedade das obras que escreveu.

Character severo e integro, se não reconhecesse esse sacratíssimo direito, não testaria objecto sem valor legal.

Se a falta de uma tractado entre Portugal e o Brazil que consagre aquelle direito fundamental, é cousa de que passe impune o depojo dos bens alheios, não deixa a moral de protestar contra estes actos depredatórios.

No caso presente nada attenua a gravidade do attentado. Em todas as livrarias se encontram sufficientes exemplares da edição authentica do Eurico, e pois não havia necessidade, para satisfazer a procura, de perpetuar a contrafacção annunciada, e

vendel-a a preço ínfimo, em damno de uma pobre senhora que, além de desamparada do seu protector natural, se vê em terra de irmãos esbulhada da parte de seus bens.

Nós, em nome da honestidade e da justiça eterna, protestamos contra o acto da *Imprensa Industrial*; e, se, para tanto tivéssemos poder, mandaríamos cancellas immediatamente, por vergonha e nociva, a apologia que o *Jornal* fez da iniquidade.

Essa polémica exposta pela *Revista Illustrada* retoma parte do processo por que passou a conquista da propriedade literária em Portugal e no Brasil. Segundo Lajolo e Zilberman, em meio ao sucesso do movimento constitucionalista que determinou, entre outras transformações, o fim da Inquisição em Portugal, surgiu uma discussão bastante significativa encabeçada pelo escritor Almeida Garret.¹⁹¹

O escritor português, naquele momento, estava preocupado em lançar mão de vários argumentos que pudessem garantir a propriedade literária ao autor da obra, outrora pouco lembrado na divisão dos lucros de seus escritos, os quais cabiam aos impressores e livreiros.

As pesquisadoras Lajolo e Zilberman apontam que, para Garret, a criação artística deveria ser considerada uma propriedade. E para o escritor português a ausência de leis que assegurassem essa propriedade do escritor poderia resultar, inclusive, em problemas econômicos, como por exemplo, o incentivo à pirataria, inclusive entre nações, e o impedimento de o autor receber qualquer remuneração fora de seu país.

O esboço pintado por Garret, ainda no começo do século, se vê configurado na polémica inserida nas páginas da *Revista Illustrada* nas últimas décadas do XIX. Sabe-se que a atuação de Garret em legitimar o direito do autor foi fortemente contestada por Alexandre Herculano, que considerava que o conteúdo de um livro não poderia ser concebido como propriedade. Destacam Lajolo e Zilberman que uma das razões para a aversão de Herculano às idéias de Garret seria que

¹⁹¹ LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. *O Preço da Leitura. Leis e números por detrás das letras*. São paulo: Ática.2001. P.60.

“julgava que regulamentar a propriedade literária desta maneira seria favorecer autores que escrevem com o olho no mercado, citando os exemplos de Eugene Sue, Paul De Kock, Honoré de Balzac e Charles Dickens.”¹⁹²

Salientam também as autoras que muitos intelectuais no Brasil abraçaram a idéia de Herculano, inclusive o próprio Imperador D. Pedro II, que utilizava dos argumentos do historiador português para obstruir a regulamentação dos direitos de propriedade dos escritores de além-mar. Prática que sofreu inúmeras críticas por parte dos escritores portugueses que viam a larga disseminação de suas obras em terras brasileiras, sem nada receber por elas.

As palavras da *Revista Illustrada* chamam a atenção para a pouca valorização do material que traria um exemplar não autêntico da obra de *Eurico*: a obra passaria a ser mais popularizada, com edições pouco luxuosas. O que seria uma perda, segundo a *Revista*, por isso clama pela moral daqueles que se dignaram em publicar edições não autorizadas. Apela à moral porque para impedir essa prática não havia leis ou contratos que regulamentassem as apropriações literárias entre as “terras de irmãos”.

A polêmica continua nas edições posteriores da *Revista*. Em uma delas, mais uma vez, o redator se digna a responder uma série de acusações que foram dirigidas por Velho da Silva. A primeira resposta diz rebater a idéia de que o redator do periódico estaria zangado por “não ter sido mimoseado com um exemplar de *Eurico*”. Quanto a essa acusação, respondeu a *Revista* ter o *Eurico* original e não precisar do “clandestino”.

Em outro momento do texto uma acusação interessante foi dirigida à *Revista*: a de proteção ao “illustre” Garnier. Em tom de pouco caso, o redator respondeu que a insinuação não passa de “ciúmes infundado”, pois acrescenta que “Sr. Garnier é também bastante inédito para que eu não o atropelle com semelhante qualificativo.” Depois desta resposta, a *Revista* volta ao assunto, em 15 de dezembro, para dirigir um comentário ao jornal *Contemporâneo* o qual se disse infenso à opinião do periódico de Agostini. Mais uma vez, apela para a questão moral como juízo do “attentado contra o direito de propriedade” e sustenta o mesmo ponto de vista em relação à polêmica:

¹⁹² LAJOLO, M e ZILBERMAN, R, *op. cit.* p.61.

“Somos os primeiros a reconhecer que não fica de modo algum sujeito aos artigos do código o editor do Eurico brasileiro; o que disse a *Revista*, o que continuamos a sustentar é que isso importa um attentado contra o direito de propriedade attentado não julgado por lei, mas que a moral condemna e reprova.

Se os editores do Eurico valem-se da não existência de um contracto entre o Brazil e Portugal, então nada mais temos a dizer; se porem o *Contemporâneo* quer discutir a questão com argumentos e não de código em punho, voltaremos com muito prazer ao assumpto.”¹⁹³

As discussões sobre a propriedade literária se mantiveram no cenário brasileiro por mais alguns anos até que a reivindicação sobre um contrato entre a ex-colônia e Portugal fosse firmado. O acordo que foi, segundo Lajolo e Zilberman, “protelado por muito tempo” se deu no final do regime monárquico, em 24 de abril de 1888 e estabelecia que,

“os governos de Portugal e do Brasil concordariam em que os autores de obras literárias e artísticas de cada um dos países gozassem no outro da mesma proteção legal de que na altura gozassem, ou no futuro viessem a gozar, os autores nacionais, com respeito à propriedade das obras.”¹⁹⁴

O romance, seja por sua materialidade, ou pelas discussões acerca de seus aspectos literários ou daquelas que se colocavam como questões no meio literário, como a opiniões sobre a propriedade literárias estava presente de maneira significativa as páginas da *Revista*. A partir dele ou por causa dele, o periódico se lançou em discussões, defendeu posições críticas e divulgou diferentes concepções sobre o gênero. Por isso, acompanhar as impressões e opiniões sobre romances e romancistas veiculadas pela *Revista* foi significativo no sentido de perceber a amplitude da inserção do romance no cotidiano e no imaginário local.

¹⁹³ *Revista Illustrada*, 15 de dezembro de 1877, anno 2, n. 94,p.2

¹⁹⁴ MAGALHÃES, José de Calvet de. *Breve história das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal*. Apud. Lajolo&Zilberman, *op cit.* p.66.

5. Os romances em ordem.

Para melhor visualizar a presença de romances na *Revista Illustrada* nas mais variadas seções foi feita tabela que se segue. As aparições de títulos pertencentes ao gênero foram organizadas por ano e contêm algumas das informações publicadas nas páginas do periódico conforme foram descritas na ocasião, dentre elas selecionamos o ano em que houve a menção ao título do romance, o autor da obra, bem como a indicação da editora/editor responsável pela publicação.

Ano em que aparece na <i>Revista Illustrada</i>	Título do romance	Autor/ Tradutor	Editor/ Editora
1884	<i>Inocência</i>	Visconde de Taunay	Srs. Leusinger&Filhos
1873	<i>A Ilha Misteriosa</i>	Julio Verne	Garnier
1873	<i>Descobrimento Prodigioso</i>	Julio Verne	Garnier
1876	<i>Ourson o cabeça de ferro</i>	Gustavo Almard	Garnier
1876	<i>Flammarond e Os dous irmãos</i>	George Saud	Garnier
1876	<i>O Joven Telemaco</i>	Zarzuela	Sr. Serafim José de Alves
1877	<i>Mauricio ou as paulistas em São João d'el Rei</i>	Bernardo Guimarães	Garnier
1877	<i>O Romance da mulher que amou</i>	Pela Princeza A... e commentado por Arsene Houssays	
1877	<i>O Monge de Olinda</i>	Dr. Nogueira de Barros	
1877	<i>Heytor Servadac</i>	Traduzido por Sr. Coutinho	Garnier
1877	<i>As Índias Negras</i>	Julio Verne	Garnier

1877	<i>Os Servidores do estomago</i>	João Mace	Garnier
1878	<i>Yayá Garcia</i>	Machado de Assis	
1878	<i>Motta Coqueiro</i>	José do Patrocínio	
1878	<i>Os Farrapos</i>	Oliveira Bello	
1878	<i>Luizinha</i>	Araripe Junior	
1878	<i>Nababo</i>	A. Daudet	Garnier
1878	<i>A noite na taverna</i>	Álvares de Azevedo	Sr. Maria A. Ramos
1879	<i>Gabriella</i>	J. M. Velho da Silva	Feliz Ferreira & C.
1879	<i>Um capitão de quinze annos</i> ¹⁹⁵		Garnier
1880	<i>Os Quinhentos Milhões e os Revoltosos de Rouny</i>	Julio Verne (Tradução de A. J. dos Reis)	Garnier
1880	<i>O Rei na enfermaria</i>		
1881	<i>O Mulato</i>	Aluizio Azevedo	
1889	<i>Livro de uma sogra</i>	Aluizio Azevedo	Sr. Domingos de Magalhães
1883	<i>Lili</i>	Elisário da Silva	
1885	<i>Um homem gasto</i>		
1886	<i>Os capoeiras</i>	Plácido Abreu	
1880	<i>A mulher do ressuscitado</i>	Aléxis Bouvier	
1880	<i>Dos verdadeiros mysterios do Rio de Janeiro</i>	Paulo Marques	
1878	<i>Os Retirantes</i>	José do Patrocínio	
1880	<i>Os Navegantes do XVII século</i>	Julio Verne	Garnier
1880	<i>Madrasta</i>	Alfredo Bastos	
1881	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	Machado de Assis	

¹⁹⁵ Versão de um romance de Julio Verne

1881	<i>Lourenço</i>	Franklin Távora	
1876	<i>O Cabelleira</i>	Franklin Távora	
1878	<i>Rosaura</i>	Bernardo Guimarães	
1877	<i>Casa de Pensão</i>	Aluizio Azevedo	
1893	<i>Cortiço</i>	Aluizio Azevedo	
1880	<i>Mulheres aventureiras</i>	Sr. Dr. P. M.J. Duarte	
1879	<i>Paulo e Virgínia</i>		
1877	<i>Thesouro dos Meninos</i>		
1877	<i>A Moreninha</i>	Joaquim Manoel de Macedo	
1878	<i>O Primo Basílio</i>	Eça de Queirós	
1876	<i>Baroneza do Amor</i>	Joaquim Manoel de Macedo	
1880	<i>El rei Vintém</i>	Joaquim Manoel de Macedo	
1880	<i>Vinte e quatro horas de paixão</i>	Visconde de Taunay	
1879	<i>O Sertanejo</i>	Visconde de Taunay	
1879	<i>Ouro sobre o Azul</i>	Visconde de Taunay	
1880	<i>Nana</i>	Zola	
1887	<i>Eurico</i>	Alexandre Herculano	

Considerações Finais.

As últimas décadas do século XIX foram palco de uma significativa expansão dos romances. Neste tempo, além de ocuparem os mais diversos lugares, pois se multiplicaram nas bibliotecas, nas livrarias, nos gabinetes de leitura, nas ruas, foram também objeto de discussões no cotidiano dos jornais. O espaço destinado ao romance na imprensa atingiu tão grande expressão que não se limitou aos periódicos especializados em literatura e foi também alvo daqueles que não poderiam ser considerados *a priori* literários – como foi o caso da *Revista Illustrada*.

Durante o percurso de seus 22 anos de existência, o periódico editado, na maioria dos anos, pelo artista italiano Angelo Agostini, conquistou um significativo sucesso de público no Rio de Janeiro e em outras províncias. Sucesso alcançado, em grande parte, devido às eficientes estratégias de divulgação de seu perfil como um periódico independente. Em favor dos seus assinantes camuflados pela denominação de “povo” lançou-se em muitas discussões políticas em voga naquela época, colocando-se como defensor de causas como a Abolição e a República. Mas ainda que os ideais políticos se sobressaíssem nas páginas da *Revista*, as discussões literárias não foram deixadas à margem.

Dentre os debates que se apresentavam no cenário da literatura, a *Revista* dispensou algumas páginas para discutir idéias relacionadas ao romance, das quais pudemos perceber a organização de algumas convenções próprias do período. Para reconstrução desse espaço, o presente estudo levou em conta não somente a constatação da presença do gênero, mas também dos locais em que apareceu e as denominações que recebeu do periódico.

A partir da análise seção “Livro da Porta” foi possível constatar que os livros, e entre eles o romance, eram um produto de “publicidade” da *Revista*, mesmo que isso fosse veemente negado por seu editor. Na forma de agradecimento de obras recebidas e sem a denominação “anúncio” eram divulgados, além do título, outras características que valorizavam o produto diante dos leitores. Aspectos materiais, como a estampa, a

encadernação, o número de volumes eram cuidadosamente citados, bem como o local onde era editada a publicação, o que demonstrou ser este um dos critérios valorizado pelos leitores da *Revista*, possíveis compradores. A observação do modo como se estruturou a seção também nos forneceu indícios de uma “preferência” da *Revista* por uma determinada livraria – a Garnier – e sobre alguns tipos de romance. Com isso, foi possível moldar alguns aspectos do perfil de leitor esperado pela *Revista*. Muitas das obras divulgadas pelo periódico eram as de grande circulação, no entanto, não estavam associadas às edições populares, vendidas pelas inúmeras livrarias que surgiram nesse período e pelos vendedores ambulantes que se multiplicaram nas ruas do Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX. Embora, a *Revista Illustrada* se insira nesse contexto, poucas foram as livrarias e os editores mencionados.

Os comentários direcionados ao gênero descortinaram alguns outros critérios, além da materialidade, utilizados para valorização do conteúdo literário. Em um tempo que a crítica ainda se via às voltas com a formalização de critérios para a avaliação dos romances, observou-se na *Revista Illustrada* a convivência de algumas categorias de análise. Estava presente a preocupação com o estilo, com uma forma de caracterização de ambientes e personagens e com o assunto tratado nas narrativas. Deste panorama, também concluiu-se que a alguns romances eram atribuídas certas funções: o divertimento, a instrução e a reflexão sobre questões científicas e políticas.

No entanto, não apenas nas seções ligadas às letras notou-se a presença do romance, pois apareciam em momentos em que não se tratavam de literatura propriamente dita. O reconhecimento e a popularização do gênero possibilitaram a disseminação na *Revista* de enredos incorporados ao imaginário popular, de releituras das narrativas, de notícias sobre romancistas, de homenagens a alguns homens de letras, de discussões sobre um novo fazer literário.

Por conseguinte, constatamos que romance permeou as seções sobre teatros, sobre obras de arte, sobre o cotidiano da cidade, sobre personalidades públicas, além de algumas ilustrações. Foi matéria de discussões políticas, artísticas e de crítica literária. Neste sentido, pudemos concluir que, no final do século XIX, o romance já possuía tão

grande expressão que não se limitava às páginas dos livros e aos comentários em seções específicas de crítica, já que se encontravam disseminados na *Revista Illustrada* como um todo.

Assim sendo, ter feito da *Revista Illustrada* uma fonte de análise para a observação do percurso de consagração do romance permitiu ampliar a visão que limita as histórias literárias as quais desconsideram as leituras realizadas pelos leitores em seu tempo e descartam o destaque de escritores em sua época. Por meio do periódico de Agostini foi possível, então, encontrar informações que contribuíram para o conhecimento de algumas impressões de leituras, de algumas expectativas demonstradas pela análise dos enredos, da convivência de vários tipos de escritos, como a referência aos folhetins e a publicações mais baratas, de alguns critérios de avaliação utilizados pela crítica, enfim, de parte dos temas, questões e impasses que marcaram o processo de consolidação do gênero romanesco no Brasil.

Parte II

A segunda parte dessa dissertação é constituída pela seleção de textos publicados ao longo da duração da *Revista Illustrada*. Sendo a digitalização das páginas, bem como a digitação dos textos partes que integraram a pesquisa durante a realização do mestrado, a presente seleção traz à luz esse trabalho.

Os textos foram organizados em ordem cronológica e são de diversas naturezas do periódico indicadas algumas vezes pelos nomes das seções. São artigos, crônicas, comentários, resenhas críticas, poesias que aqui não se limitam somente aos romances e aos teatros, mas também englobam aspectos da sociedade carioca do século XIX. Com o intuito de divulgar o conteúdo desses textos, muitos se encontram muitos na íntegra esperando contribuir com pesquisas futuras relacionadas a aspectos abordados pela *Revista Illustrada* na época de sua publicação.

Revista Illustrada Rio de Janeiro

1º de janeiro de 1876, anno I, n. 1, p.2

Abram caminho!

Abram-o bem franco!

É mais um campeão que se apresenta na arena, de lápis em riste, prompto a combater os abusos, de onde quer que elles venham, e a distribuir justiça com a hombridade de um Salomão.

Abram caminho!

E notem bem que não sou nenhum caloiro, que pretendia entrar com os pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua vez pelo diapásão da grande orchestra da imprensa humorística da corte.

Sou, pelo contrário, um veterano, já muito callejado nas lides semanaes que tendo se recolhido temporariamente aos bastidores volta agora resfolgado á scena e mais decidido do que nunca a não deixar dar a César o que é de João Fernandes.

Abram caminho!

O meu programma é dos mais simples e pode ser resumido nestas poucas palavras:

“Fallar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso me caia algum dente.”

Quem se zangar commigo, fique certo que perde o seu latim.

Estão prevenidos?

O peor é que o primeiro artigo de fundo de uma folha que se atira no campo da publicidade, de vê conter uma espécie de prospecto, um panno de amostra do que há de ser no futuro, um como passaporte com todos os signaes característico de sua individualidade.

E eu, se quiser ser franco, hei de confessar que não sei bem como darei conta da mão neste particular.

Não basta dizer: o meu programma é fallar a verdade, a verdade sempre. Convém pôr mais os pontos nos ii e é isso o que vou ver se consigo conseguir.

Juro por esta luz que me está allumiando, que voto ao mais completo esquecimento tudo quando deu –se até hontem á meia noite.

Tudo!

O passado passou.

É com o presente e com o futuro que me quero haver, e e só com elles e foi por isso que ia quase ficando sem o meu antigo prospecto deste numero.

Eu lhes conto como o caso aconteceu.

Cheguei-me a um amigo homem de boas letras e ainda melhores carnosidades (querem ver que vão pensar que é o Serra? Pois não senhores)...

Cheguei-me a elle (porque carnosidade por carnosidade, então antes a do Ribeiro) e disse-lhe:

- Homem, sabes o que mais? Preciso muito de um artigo todo chic, que sirva de prospecto á folha que começo a publicar no dia 1º de janeiro.

- Sim?

- Artigo humorístico, já se vê cheio daquelle atticismo com que costumás adubar tanto quanto escreves.

- E para quando precisas delle?

- Para amanhã

- Podes mandal-o buscar.

(...)

8 de janeiro de 1876, anno I, n. 2, p.2.

Se algum curioso chegar-se a mim e perguntar-me repentinamente para que foi que nsci hei de ficar muito atarantado para responder, porque na verdade não sei.

Do que, entretanto, tenho plena certeza é que não foi para andar para traz como carangueijo.

Convença-se, pois, o leitor desde já que nunca me há de ver mettendo a mão na seara do anno findo.

Vim ao mundo no dia 1º do corrente, como já é publico e notório aqui, ali e acolá; é portanto somente dos fatos occorridos depois desse dia que tenho de occupar-me.

Tanto mais que se discorresse sobre os acontecimentos anteriores ao meu nascimento, não escreveria senão uma espécie de chronica inter-uterina.

E a obstetrícia não é o meu forte podem crer.

Por este lado estamos entedindos; entro portanto, sem mais preâmbulos, no cerne do assumpto.

(continua)

8 de janeiro de 1876, anno 1, n.2,p. 3.

(...) Por fallar em mania ...

Presentemente a que mais victimas faz é indubitavelmente a – illustrada.
Isto de monomania illustrada pode parecer carapetão, mas não é.
De cada canto surge uma folha de bonecos, próprios para fazerem rir ... ou chorar.
É um gosto viver-se hoje no Rio de Janeiro.
Porém, força é confessal-o, todas quantas folhas existem vão sumir-se como meteoros , diante da aparição do astro mais fulgurante da imprensa.
O astro chama-se O *Borrachudo!*
Só este nome já é um bem bom dedo para a conhecer-se gigante satyrico, cujos proprietários (são tantos!) arvorão bandeira inteiramente nova: a *quantidade* é que é tudo; a *qualidade* nada.
Por isso pretendem elles, auxiliados pelos seus dezenhistas (são tantos!) distribuir a sua folha todos os dias e duas vezes por dia.
As assignaturas e as vendas avulsas serão feitas a peso.
Ora, é por estarem mais do que muito compenetrados da conveniência desta novidade e da vantagem de trocadilharem por dá cá aquella palha, que elles tencionão escrever no frontispício da sua inimitável folha:
Isto vende-se a kilo!...
Querendo metter-me a já bulha elles vierão mostra-me o seu programma e convidar-me para ser um dos seus redactores (são tantos!).
Mas eu que sou fino, respondi-lhes sorrindo:
- Não posso! Tenho só duas mãos, e essas pertecem ambas á *Revista Illustrada* e mal me chegão para o serviço, porque, enquanto escrevo com a direita penso com a esquerda.

20 de janeiro de 1876, anno 2 n. 51, p. 3.

S. Pedro annunciou a interrupção da sua Lâmpada Maravilhosa, para exhibir os Francezes na Índia.
O São Luiz deu a ultima da Douda de Montmayour.
O Cassino, só não deu nada, vai dar muito, prepara o Joven Telêmaco para beneficio da Sra. Amélia Goberratis, a qual, como sempre, desempenhará o seu papel de Calypso.
O Alacazar vai indo na mesma.
Foi, pois, ao Sr. Felipe que coube desta feita a semana.
Quem diria?

22 de janeiro de 1876, anno I, n. 4 , p. 6 e7.

Cousas tristes
Tenho hoje muita necessidade de estar sério.
Invejo o appellido de um dos collegas que por mais agudo que nos mostre não deixa de ostentar-se *grave*.
Nesta occasião bem podia elle por dó ou commiserção cahir em si e lá ficar com o Ré e dispensar-me a sua gravidade....
Vou contar-lhe uma historia triste.
Há dias em uma casa da Cidade Nova havia um movimento e um alvoroço.
-Um médico, vão chamar um medico!
- Qual dellles.
-Todos são a mesma cousa: o que primeiro encontrar. Oh! Ella morre a minha filha Julieta.
O medico veio: a Julieta ainda viva.
Tratava-se de um envenenamento...
Perdão, eu tinha-lhe prevenido que a historia era triste.

A menina Julieta dissolvera um grande quantidade de cabeças de phosphoros em água, e com a facilidade com que beberia um copo de orchatas, virou o vaso onde preparou a mortífera solução.

Eis o que a respeito colhi dos apontamentos que me forneceu um dos membros da nossa arraia miúda, o repórter n. 17.

-O que deu caça ao porco?

- Não , o que os senhores viram espreitando pela chaminé.

Em casa de uma família conhecida da de Julieta havia uma menina orpha que não possuía mais nada além de seus infortúnios e honestidade.

Henrique L...rapaz de fortuna, gostava da orpha e ella delle; por isso e por um sentimento de consideração á memória do pai della que fora amido do seu, para cuja fortuna muito contribuía, estava resolvida a casar com ella. Isso estava assentado de pedra e cal, infelizmente sem cimento.

Julieta enamorou-se de Henrique.

Elle era bem parecido, compunha recitativos, tocava flauta e *envergace(sic)* ; ella tinha o maior desejo de casar-se.

A paixão, pois, em que se abrasava, era muito natural.

Mas era o namorado de outra e havia ajuste de casamento.

Os obstáculos, dizem, são a arma de mais força que o amor vibra.

Sempre o pomo vedado!

Ella era da escola ultra-romantica.

Cumpria arredar Isabelinha, a orpha da concurrencia.

Tratou-se disso procurando desconceituar-se o rapaz na opinião da noiva. Esta era calma e prudente, não pegou na isca.

Mudou-se de tática.

Procurou-se chamar a attenção do Henrique.

Este era meio cabeça de vento, balançou.

Cahiu-lhe em cima uma declaração em regra, misturada de infinidade de exclamações e suspiros, o testemunho dos ceós, o âmagô do coração, as fibras da *minh'alma*, e no fim deste temporal desfeito os borrifos: *as lagrimas que em fio correm pelas faces!*...

O diabo que resistisse.

Henrique ficou aturdido e comovido.

O gallo do amor próprio subiu-lhe ao poleiro da vaidade, bateu azas e cantou.

Naquella noite Henrique virou e revirou na cama.

Qual somno!

- Amado, apaixonadamente amado por duas lindas raparigas! Devo sacrificar uma á immensa desgraça de preferir a outra! Mas qual? E si uma terceira, quarta ou quinta igualmente se apaixonarem por mim?

E isso é muito natural: eu tenho o dom de agradar!...

Dormiu por fim.

No dia seguinte foi ver Isabellinha. A orphã recebeu-o com a sua habitual serenidade, com aquelle rosto franco, doce e calmo, e deixando ler no olhar límpido e meigo toda a pureza daquella alma, e a affeição grata que tributava ao amigo de sua infância que na opulência lembrava-se della, tão só e tão desprotegida no mundo.

Isabellinha triumphou.

Henrique sahiu dalli a acabar com aquillo antes que avultasse o numero das vitimas.

Deixou de ir á casa de Julieta, e os preparativos para a boda activaram-se.

Dois dias antes daquelle que estava fixado para a união de Isabel com Henrique L...recebeu uma carta tarjada de preto, cujo conteúdo ahi vai copiado ipis verbis:

“Anriques – Quando esra arreceberes, a mão descarnada que guilhou a pena para te trazar estes mala linhadados caraqueteres será a de um cadavele.

Quando uma desinfeliz como a eu arreconhece que é demais no orbio da terra não deve viver. Hest! Coração parpitava de amor por ti Anriques e tu o desprezastes, nunca subestes avaliar o valor da minha paixão ardente e sincera que francamente vos confecei! Nunca comprehendestes a minha natureza: - codio naturatatis o demo a negar não póde – Pasciencia!!!!

Só veve na desgracia aquellas que não tem a corage de ser um home, eu estou arresorvida a determinar os meus tristes dias e aqui vos mando o meu urtimo e derradeiro Adeus pedindo-vos que consoleis a meus pays todos e les deis a recingaço para podere açuporta tão terrvle gorpe...

Anriques pede ao céu quelemente que me perdoe! E tu argumas vez vos prostá debacho da minha canpa fria para rogar aocéo por minha arma!!! Adeus até o dia do Guizo!...

-Desta que te ama até a morte.

Julieta.

N. B. Não deixeis levar meu cadavele para o nescoterio, não com cintas que se aprofano meu corpo com a utossia.

Acabando de ler esta carta singular, Henrique tocado por tão grande excesso de amor...e de ortographia correu á casa de Julieta, de chambre, como estava, cartola alta, tendo o pé direito calçado com botina e o esquerdo com chinella.

O medico estava junto á enferma e a família e a’lguns visinhos rodeiavam o leito.

O pai e a mãe choravam e as visinhas passavam e lençoi nos olhos.

Os phosphoros cahindo no estomago tudo alli em ebulição; e , ou *porque água quente não queima a casa*, ou porque os phosphoros eram desses que só na caixa acendem, não arderam.

E a medicina salvou aquella preciosa vida!

No mesmo dia Henrique L. pedia e obteve a mão da romântica Julieta.

Casaram-se hoje...

Ahi temos o leitor commigo ás contas

-Então é isto o que você chama uma historia triste?

-Então não é?

-Triste! Quando acaba em uma casamento?

- Cidadão leitor, que tiveste a nimia complacência de percorrer *estes mal a linhadados caraqueteres*, a tua pergunta, perdoa a franqueza, é irreflectida. Então acreditas que não é verdadeiramente triste ficar uma menina sem seu noivi, o qual a outra lh’o soprou assim sem mais nem menos, dissolvendo-o com cabeças de phosphoros em um copo de água, e mechendo semelhante tysana com ortographia imprópria da época instructiva que atravessamos, e de uma pessoas que não pede conferencia publica?

Que coração então é esse que lhe bate no peito, caro leitor da *Revista*?

Julião da Penha.

5 de fevereiro de 1876, anno I,n.6,p.2

O illustre folhetinista do *Jornal do Commercio* no seu folhetim de Domingo, 30 de janeiro, occupando-se dos caricaturistas das folhas illustradas que se publicam n’ esta corte, faz-lhes uma censura um tanto severa acerca da liberdade illimitada d’esses jornaes.

O illustre folhetinista está no seu pleno direito de criticar qualquer abuso que appareça n'uma folha seja illustrada ou não, e seria eu mesmo o primeiro applaudil-o se não visse na critica di illustre escriptor o desejo de offender se unicamente, bem que com polidez, a três pessoas que hoje desenham n'esta corte o *Mosquito*, o *Fígaro*, e a *Revista*.

Agradecendo a forma da sua critica, permitta-me o distincto folhetinista que lhe faça algumas considerações sobre o fundo.,

Não é a vontade de criticar-nos, mas sim o desejo de ser agradável a *alguém* que fez com que S. S. tomasse tanto a peito a defeza do Sr. Duque de Caxias por ter este sahido em caricatura no *Mosquito*, digna de ser censurada estava no seu direito e esse *ninguém* lh'o constesta. Acho porém que o illustre Duque teria preferido que o seu defensor jornalístico os calasse, e deixasse ficar no esquecimento um desenho que, so de algum modo o poderia offender, nunca o faria tanto como o folhetinista do jhurnal do Commercio em tornar essa caricatura mais publica e fazer constar aos quatro cantos do mundo que esse illustre brasileiro que está com as rédeas do estado etc, etc, vem caricaturado em forma de macaco.

Diz La Fontaine: “mieux vaut un bom ennemi qu'un ignorant ami.”

Não foram mesmo o Sr. Borgomainerio nem o Sr. Bordallo Pinheiro nem este seu criado que fizeram essa caricatura, foi um desenhista que não é d'aquellas terras europeas a que allude o illustre folhetinista, mas sim “o apto e aproveitável Sr. Faria”, artista nacional, como S. S. bem sabe, o qual assignou o desenho alludido.

É pois pouco generosidade da parte do illustre folhetinista imputar essa caricatura a artistas estrangeiros, com o único fim de chamar a odiosidade do publico sobre elles.

Diz S. S. “que os amigos dos caricaturistas propalam por ahi que esses excessos são do gosto publico e que fora d'este systema não podem fazer *fortuna*.”

Diz também que “o povo brasileiro não é um povo de parvosos e de myopes que possa ver e comprehender somente o grosseiro e o repetido.”

Quanto ao fazer *fortuna*, parece-me que, afora a empresa do jornal do Commercio, não vejo que a imprensa aqui seja um meio de fazer *fortuna*.

Não pertence a mim como collega emitir o meu juízo sobre essa caricatura que se publicou no *Mosquito*, não posso nem defendel-a nem atacal-a, posso, porém responder pelas minhas, já que o illustre folhetinista declarou que “eu, mais dos que os meus competidorees, estou no caso de saber quanto são damnosos os golpes no ar e as ferroadas excessivas.”

Desejo que S. S. me apresente quaes são esses golpes no ar e os damnos occasionados por mim em todo tempo que tenho feito jornaes illustrados.

O publico é o principal juiz em matéria de imprensa. As folhas illustrada são sustentadas por elle. Até agora graças a este publico, tenho podido, não fazer fortuna, como diz o illustre folhetinista, mas sustentar certa reputação que adquiri com os meus trabalhos de desenho.

Quanto as “irmos para Pariz e depois que lá chergarmos mandar-lhe dizer o furor que produzimos”, não achamos S.;S competente para julgar-nos n'esse ponto. Antes de vir para aqui o Sr. Borganainerio do *Fígaro*, illustrou muitos annos vários jornaes italianos, com grande aceitação e também a *Illustração Franceza* de que é correspondente. O Sr. Bordallo trabalhou muito tempo em Lisboa com grande successo e seus trabalhos são apresentados também na Inglaterra.

Quanto a mim, estando no Brazil desde 1859, não tenho tido senão este publico para julgar meus trabalhos, e estou muito reconhecido pelo bom acolhimento que me tem sempre dispensado. Estou certo porém, que se eu seguisse o conselho do illustre folhetinista e fosse para Pariz, encontraria talvez a mesma aceitação. Não vejo porque razão o publico de lá deva ser melhor do que o d'aqui. A caricatura não é uma arte que requiera grandes conhecimentos especiaes para poder ser comprehendida e apreciada.

Do que diz, pois, o patriótico folhetinista depreheende-se que esta terra que atura desenhista que a Europa não supportaria, é uma terra de cegoso, e que nós naturalmente somos os reis.

O seus compatriotas que lh'o agradeçam, eu, por minha parte, fico-lhe muito abrigado.

Admiro-me muito que falle de excessos em caricaturas, quando é sabido que gênero de jornaes têm em toda a parte do mundo mais liberdade do que os outros para exprimir o seu pensamento, tanto com o lápis, como com a penna, e que não se é obrigado a tomar a serio tudo quanto alli vem. Será justa essa censura feita a nós caricaturistas estrangeiros, se desejando seguir os costumes do paiz, tomamos por norma o que dizem as folhas nacionaes?

A linguagem apaixonada das fohas políticas de todo o Império e os próprios discursos no parlamento são provas sufficientes de que não somos os únicos a usar da liberdade de imprensa.

É bom, pois, que o illustre e patriótico folhetinista se lembre quanto redigia a Republica, e outros jornaes, que nem sempre fallava com todo o respeito devido aos homens de bem e de vistudes, e ás glorias immorredouras do seu paiz á que se refere no seu folhetim, a começar pelo chefe do Estado.

Hoje que o illustre e ex-republicano folhetinista pretende merecer algum valor da monarchia, entende que deve criticar aquillo que elle applaudio hontem.

E S. S não vê quantos vidros tem no telhado de sua casa!

E vem nos dizer: j'ai du bom tabac!

Também eu tenho *bon tabac*! Eu porém previno ao illustre folhetinista *do Jornal do Commercio* que o meu *tabac* é um tanto forte e que é provável que espirre com a pitada que lhe offerece este seu admirador.

Ângelo Agostini

5 de fevereiro de 1876, anno I, n. 6, p. 7

Suona la trompa intrépido...

O Sr.F. de M. lá por certas razões, que bem pôde acontecer que venhas indiscretamente a cahir dos bicos da nossa penna, arvorou-se em cavalheiro errante de ministros caricaturados!

E foi n'um dia da graça de 1876, e pediu a D. Quixote o seu casquete de escudella de barbeiro com viseira de papelão, etc, etc. e *encalifourchou-se* no triste rocinante do *Jornal do Commercio*.

12 de fevereiro de 1876, anno I, n.7, p. 6

Resenha theatral

(...)Parece que ensaia-se já no mesmo theatro a parodia da Filha do Mme. Angot.

A empreza está disposta a não se poupar esforços afim de que a parodia, tão disputada e que já tanta celeuma tem levantado antes de sua representação, justifique esse empenho com que foi buscada a autorisação para represental-a.

E a empreza da Phoenix Framatica, que tem sempre levado a palma na montagem de suas peças, capricahará agora mais do que nunca para conservar a reputação de que justamente goza.

Por seu lado o Alcazar, para inaugurar as representações da companhia nacional no Cassino, em vias de organização, prepara a Filha de *Mme. Angot*, não parodiada, mas traduzida do francez.

Deste quase confronto nascerá o empenho por parte das duas emprezas antagonistas, e desta luta só pôde resultar proveito para o publico que procurará assistir as representações de ambas as peças, parodia e traducção, tanto em um como em outro theatro.

Se esse capricho das empresas chegar a ser também partilhado pelos artistas, a parodia do Sr. Arthur Azevedo terá feito um bom serviço, quer ao publico, quer ás empresas.

O resultado será para o bem de todos, e o escândalo, pois que não deixa de o ser esta parodia theatral, longe de merecer censura, terá sido proveitoso.

Não hade pensar assim o folhetinista do *Jornal do Commercio*, acre censor dos *Nhós-Quins* e das *Maria-Angus*.

Mas isso importa pouco, pois a arte dramática e o theatro nada devm, a não ser o seu decalhimento ás opiniões do *Jornal do Commercio*.

Não queremos dizer que essas opiniões pouco valham; queremos apenas reparar que elle nunca as emite, limitando-se apenas, nas suas gazetilhas theatraes, c contar em resumo o entrecho da peça.

Lá diz o ditado – Quem não dá para o prato não pede demasias, e em assumptos de arte e de theatro o *Jornal* não dá para o prato.

O folhetinista do *Jornal do Commercio*, esse então...

*

**

O São Luiz está definitivamente alugado ao actor Valle.

Andou-se a dizer que com uma peça de Racine, os *Demandistas*, traduzida pelo Sr. Machado de Assis, inauguraria o Sr. Valle os trabalhos de sua empreza.

Póde ser que seja assim: mas o certo é que já amanhã, os artistas, que dentro de poucos dias terão de recitar os versos dos dous poetas, começam a acertar a língua no *Vinte e nove ou honra e gloria!*

Depois desta noticia, é bem cabido um ponto final.

Pois não é?

19 de fevereiro de 1876, anno I, n.8, p. 2

Não me é mais possível continuar a discutir com a redacção do *Jornal* acerca da questão que levantou o grande orgam da imprensa contra os desenhistas das folhas illustradas desta corte.

Affectam também e bem de perto os meus companheiros de trabalho as censuras que nos dirigiu o *Jornal*; deixo portanto a meus collegas de redacção o dever de discuti-la, esperando que elles não o farão nessa linguagem torpe, indecente e só condigna de quem fosse educado por quitandeiras.

Pessoalmente não discutirei e deixo que a redacção responda á redacção.

Julgamos imperioso o dever de responder às censuras acres e injustas que tem a redacção do *Jornal do Commercio* em seus folhetins: - *A semana* – dirigidos aos desenhistas das folhas illustradas e mais especialmente ao nosso collega de trabalho, o Sr. Ângelo Agostini.

Tem a redacção d'aquelle jornal procurado por meios bem pouco generosos e assaz inconvenientes chamar a odiosidade do publico sobre o Sr. Borgomainerio, Bordallo Pinheiro e Ângelo Agostini dando-os por estrangeiros que, abusando da nossa liberdade de imprensa, procuram marear o brilho de nossas glorias pátrias amesquinhando com a injuria e vilipendiando com o insulto tudo quanto temos de mais nobre e respeitável.

Houvesse justiça no que escreveu a redacção do *Jornal* e seriamos nós implicitamente culpados e ainda mais que nosso collega de redacção. Brasileiros, prestaríamos com a nossa solidariedade approvação e apoio aos insultos baixos e revoltantes que, disse o grande orgam, são lançados contra o que temos de mais sagrado e nobre.

Mas onde enxergou a redacção do *Jornal* esses insultos baixos e revoltantes?

Nos desenhos a que se alludiu e que naturalmente apresentou como exemplos os mais frisantes, foi bastante infeliz.

Em um delles apparece, é verdade, a figura de S. M, mas não presidindo venda de commendas, como falsamente quis o Jornal fazer acreditar. O desenho representa um quadro depolravel, mas real, que a redacção do *Cabrion* offereceu á apreciação do Monarcha, no louvável intuito de que S. M. puzesse cobro a semelhante mercancia.

A figura do imperador é ahi representada com toda a dignidade com que sempre a tem desenhado o nosso collega.

A caricatura que cita o *Jornal* foi dado á estampa quando, durante a guerra do Paraguay, fizeram-se donativos de escravos que foram, apezar da franca e enérgica reprovação do nosso parlamento, engrossar as fileiras de nossas tropas no Sul.

Estes *relevantes serviços* foram quase sempre prestados a troco do mères honorificas.

Não haverá porventura ridículo muito reprovável na vaidade que pretende os foros do patriotismo?

Em uma outra caricatura, disse o Jornal, representou o Sr. Ângelo respeitáveis brasileiros na forma de burros.

A isto, a respostas mais delicada que nos é possível dar é: que a redacção do grande orgam apartou-se completamente da verdade.No desenho há um único homem, o Sr. Conselheiro Zacarias, mas esse apparece tão fielmente retratado quanto foi possível fazer-se.

Onde, portanto, o insulto que tanto apregoou o Jornal?

A illustre redacção fallou em *golpes no ar*: não teremos nós mais razão de classificar de *golpes no ar* as suas censuras sem fundamento?

E tivéssemos nós incorrido em censura: seria o *Jornal* o competente para fazel-as?Poderá elle censurar o uso daquillo de que elle próprio abusa?

Haverá alguém, por mais respeitável que seja, que tenha sua honestidade livre de ser atacada nas columnas do grande orgam?

Há exemplo, um só, de que no seu balcão já se tenha recusado a mais torpe diffamação a mais calumniosa mofina?

Qual o cidadão, cuja honra não seja mercadeajada no balcão do *Jornal* á meia pataca a linha?

Não foi nas columnas do *Jornal do Commercio* que foi posta em duvida a probidade do Sr. D. Pedro II?

Não foi o *Jornal do Commercio* que publicou, e fez circular no Brazil a parte da Europa as correspondências em que uma hoteleira do Porto ousava atacar a honra immaculada de S. M. discutindo a incontestável probidade do Imperador do Brazil?

Lensará acaso a redacção do jornal que está de todo abafada a indignação que este sórdido procedimento produziu?Em que outro paiz continuaria a ser publicada uma folha em cujas columnas foram atassalhadas honra e dignidade do chefe da nação?

E é o Jornal que vem apontar o nosso collega como um estrangeiro que busca demolir as nossas glorias!

E estará o jornal no caso de provocar questões de nacionalidade! Concordariam n'isso, de animo muito largo e desprendido, os Srs. Leonardo, Picot, Luiz de Castro?

Há o epigramma nos trabalhos do Sr. Ângelo Agostini, porque é esse objecto da caricatura; não há, porem, o insulto, nem a diffamação, ou a calumnia.

Assim tem sempre o nosso collega feito uso de seu lápis durante a sua longa vida jornalística: assim temos fé que continue, e por isso é que ligamo-nos a elles, por isso que prestamos-lhe o nosso concurso.

Damos também nossa opinião sobre a parte illustrada da *Revista*; trabalhamos todos de perfeito accordo o somos inteiramente solidários com o Sr. Ângelo.

Nem de outro modo aceitaríamos esta posição.

Além das censuras feitas ao Sr. Ângelo fez-lhe também a redacção *Jornal* algumas referencias insultantes, “admirando-se que os carroceiros do Sr. Richard não tivessem encontrado por ahi algures gato morto...”

Poderíamos também admirar-nos de que sabendo estes mesmos carroceiros onde encontrem alguns cães putrefactos, já os não tenham removido com o lixo.

E agora, Srs. Emprezaarios e redactores do *Jornal do Commercio*, perguntamo-vos, por nossa vez: vós que em vossa folha dais agasalhos ás mais torpes injurias, que publicais as mais baixas calumnias, que vendeis ao diffamador a reputação do homem de bem, que barateais a honra de todos, como barateastes a do Chefe do estado:

- *O que nos pretendeis deixar, senhores?*

19 de fevereiro de 1876, anno I, n.8, p.7.

Ao rodar do bond

Acabava de sentar-me no bond das Lorangeiras, quando vi entrar o meu amigo X.

- Olá! Como vai isso?

- Ora, deixa-me , estou furioso...

- Mas porque?

- Comprei o *Mosquito*, que, como sabes, vende-se agora pelas ruas, o que me dispensa de assignal-o. Compro-o quando me parece bom, e quando não, deixou-o; é mais commodo e econômico.

- Mas então que tem isso com teu mão humor?

- O que tem?...ora vê este artigo contra o *Caipira*.

- Já vi, é uma furiosa descompostura, e em termos que não me parecem ser da redacção dessa folha.

- Pois é , também a minha opinião.Ahi há cousa!...e cousa grossa!!!

Será possível que elles aceitem descomposturas em *a pedidos?*

- Pois elles não aceitam annuncios? Podem muito bem aceitar a pedidos.

O *Mosquito* de hoje não é mais o que foi...Essa junção com a *Gazeta de Noticias* entortou-lhe muito o ferrão.

- Ah! Então o *Mosquito* e a *Gazeta* estão juntos?

- Bem juntinhos e casadinho: vivem debaixo do mesmo tecto, com a mesma redacção, administração e ...confusão.

-A! agora comprehendo; são duas folhas distinctas e uma só redacção verdadeira.

- Justamente, como uma alma em dois corpos.

- Ah, Ah, Ah!

Do que está rindo?

É dos furiosos elogios da *Gazeta* sobre o *Mosquito*, que tornam-se assim verdadeiros vitupérios.

- Como vitupérios?

- *Pois elogio em bocca própria...*

- O que tem isso?...se elles acham que assim vão muito bem.
Rolando.

11 de março de 1876, anno I, n. 11 p. 2

Chronica da Semana

Leitores, objectos de minha estima, consideração, affeições e symaphias, este vosso humilde criado D. Beltrano que tão alegre e cheio de confiança teve a honra de se vos apresentar há três mezes, já não é o mesmo de então, fez também o seu solstício e cambou para o tropico da descrença pelo caminho do desanimo.

Estes pequenos que vistes tão médios e vivos, partindo em todas as direcções para dar cumprimento á missão de que os encarreguei andam por ahi abatidos e cabisbaixos.

No desempenho de us tarefa elles trazem-me verdade seja, noticias: mas que noticias Santo Deus!

Pensam que o que elles referem são cousas que eu me attreva a trasmitter-lhes com algum commentario, mais ou menos burlesco, com algum debique mais ou menos solemme?

Que esperançal...

(...)

29 de abril de 1876, anno I, n.16, p.6

2ª bolha

Se não percebem, dou-lhes um conselho de amigo:

Deixem-se de ter a *Revista Illustrada* e sejam assignantes do *Jornal das Familias*, onde encontrarão sempre cousas de muito fácil digestão intelectual.

É tão divertidas ás vezes!

Ora, é uma poesia repassada de amor e tendo no verso da folha a explicação do meio de fazer almôndegas de bacalhao.

Ora, explicações dos moldes contidos nos patrons e redigidas assim:

Babadores para crianças de fustão;

Toucas de dormir para senhoras lisas;

Chinellas à turca para mocinhas de bico retorcido;

Gorra para homens de borla comprida;

Calças para meninas de perna curta;

Mantinhas para senhoras quadradas e sem avesso nem direito.

Tão divertidas!

3ª bolha

Esta é dialogada.

Diante do Arthur de Azevedo (autor da opereta *Maria Angû*) está o Garrido; e diante do Garrido (autor da comedia *O Trinta Botões*) está o Arthur de Azevedo.

Ao pé delles, eu.

Ao pé de mim, ninguém.

Disseram elles:

Arthur: Então, collega Garrido, como vais lá pelo S. Pedro?

Garrido: Bem: e tu lá pela Phoenix?

Arthur: Como o lindo amor.

Ambos (juntos e no mesmo tom da solfa) Somos os heroes do dia!

(pausa breve)

Depois da pausa, diz o Garrido:

- Com trinta enchentes devo eu contar.

- Porque? pergunta o Arthur.

- Porque os meus *Trinta botões* não podem deixar de ter trinta casas boas.

O caso é que com os taes *trinta* deu o Garrido no *vinte!*

Pelo menos assim pensa.

D. Lyrio.

3 de junho de 1876, anno I, n. 21 p. 2

Livro da porta

Ao assignante de fora – Intimamente lhe agradecemos as benévolas expressões que nos dirige. Sendo todo o nosso empenho agradar ao publico, damo-nos por muito satisfeitos quando nos honram palavras tão lisongeiras e animadoras.

Quanto mais respeito, affecto, consideração, amor ou amisade tributamos a alguém , mais receio ou desconfiança sentimos de o desgostar, prejudical-o ou ainda simplesmente amolal-o.

Eu, que daquelles cinco sentimentos dedico quatro aos leitores; quatro porque não lhes posso dedicar o quinto, do qual estou mesmo certo que de boa vontade m'ò dispensam receio, sempre que pego na penna da Revsita, que os caros objectos dos meus quatro sentimentos achem-se amolados por lhes estar sempre a fallar dos meus meninos.

Pois olhem, se assim é, francamente, não têm razão. Estes pequenos estão identificados commigo, sem mim nunca seriam conhecidos, vegetariam a esta hora ahi pela cidade engrossando os *innocentes* grupos do jogo da chapinha, seriam, vendedores de *Gazeta de Noticias*, apregoadores do *Jornal do Commercio* a 100 rs, ou teriam figurar na phalange dos coveiros do Brazil, do Sr. Navarro.

Gostam de brincar, é certo, e são um tanto traquinas, mas isso mesmo é próprio da idade; porem aquellas bocas não têm más palavras para ninguém, são muito bem criadinhos; que o diga o Sr. Zé Bento, que lhes vota um amor de avô-torto; que falle o Sr. Lavradio a quem elles respeitam como a seu padrinho de chrisma.

Pela minha parte, sem elles que seria eu? O zero que sempre fui e que nunca deixarei de ser. E está tudo dito.

(...)

3 de junho de 1876, anno I, n. 21 p. 3.

Resenha theatral

Devo começar, dando o parabéns á empreza da Phoenix Dramática, e ao publico que freqüenta este theatro.

Dá-lhes direito a esse parabéns a aquisição que a companhia acaba de fazer de um artista para o seu elenco.

Modesto, tão modesto como talentoso, e tão talentoso como os que mais o são, o actor Guilherme de Aguiar é uma necessidade para todo o thatroi que procura reunir em sua ompanhia bons artistas.

Moldável aquelle talento e dirigido conscienciosamente como é, faz-se sobresahir no drama como na comédia, na parodis como na farça, e isto sem esquecer-se de que é artista, sem trasigir com o appaluso das plateas.

Além destas qualidades, possui elle outras que o recommendam e fazem estimável, como sejam a cordialidade para com seus companheiros, e a boa vontade para o andamento dos trabalhos no theatro a que pertence.

Deve este artista, segundo corre, estrear brevemente em uma comedia imitada pelo Sr. Dr. Augusto de Castro, se antes o não fizer no papel do subdelegado Sampaio, da *Filha de Maria Angú*.

É um novo incentivo que convida a assistir-se á representação da applaudida parodia, que continua a attrahir gente á Phoenix, embora já bastante desfigurada vá daquillo que foi nas primitivas representações, graças ás collaborações quem tem tido.

Em uma das ultimas representações desta peça, foi um dos papeis secundários desempenhado pela atriz Apolônia.

29 de julho de 1876, anno I, n. 29 p.2

Livro da porta

Á Exma Leitora constante – quando a narrativa Manoela não tivesse por si mesma o mérito e o interesse que lhe achamos, bastava vir apadrinhada com a poderosa recomendação de V. Ex. Nem só é muito bem recebida, como agradecemos a V. Exa. Ter-no-la enviado. (começa o que a revista chama de folhetim: Manoela – conto original por P***

19 de agosto de 1876, anno I, n.32, p 7

(...)Felizmente ao lado das flores que murcham aparecem também as que não morrem.

São as perpetuas produzidas pelo talento e pela arte.

Assim são as *Novas poesias de Bernardo Guimarães* que valem mais que qualquer reforma eleitoral e revelam mais patriotismo que os candidatos ao subsidio.

Não preciso recommendal-o; melhor que eu recommendam-n'os seus trabalhos anteriormente publicados.

Bernardo Guimarães é uma gloria da nossa litteratura. Por qualquer lado que se o aprecie, elle é sempre sublime.

Quer cantando os feitos gloriosos de nossas armas no Sul, quer os esplendores da nossa natureza, ou as scenas do nosso lar, há sempre em todos os seus versos o traço genial.

As suas imagens mais bellas, os seus arroubos mais elevados, elle nol-os dá em versos tão simples, em rimas tão suaves, tão naturaes, que bem se póde dizer do Bernardo Guimarães e que se disse de Racine: *il fait difficiliment des vers faciles*.

De todos os poetas nacionaes Bernardo Guimarães é talvez o único que escreve poesias brasileiras sem fallar em tacape nem boré.

Dispensa-nos assim um dictionario de guarany.

Temos a vantagem de entendel-o sem ser decifrado pelo Sr. Couto Magalhães, o único *ayangú* que veste jaqueta em nossa terra e não traz collar de dentes ao pescoço.

É que talvez prefira de perolas.

É mais mimoso.

Sobretudo si são perolas como as que acaba de offerece-nos a sympathica artista Cinira Polônia.

Silvia é o nome de uma valsa que veio dar mais valor ao *Collar de perolas*.

Composição esmerada d'aquelle talento peregrino, Silvia é também uma flor que não murcha, perpetua como todas aquellas que vivifica a inspiração, e mais cheia de mysterios que uma urna eleitoral.

Assim si não temos eleições com pancadaria, temos música de Cinira e versos de Bernardo Guimarães ... perolas em vez de muita bordoadá.

É valha-nos ao menos este consolo, já que o Apostolo não nos quer deixar com sua excommunhão e anda a nos perseguir como uma sombra implacável.

Si ao menos fosse uma sombra azul como a da Sra. Cinira Polônio que dizem...

Mas agora me lembro do Sr. Duque Estrada, coitadinho...murchou a flôr de sua gente.

Mas como é que um pinto quebra a aza ao garnisé?

D. Beltrano

26 de agosto de 1876, anno I, n. 33,p.2

O Globo

De todas as necessidades de um paiz livre em que a opinião do povo é soberana, é a imprensa livre a de maior importância.

É pela imprensa independente que melhor se faz representar a vontade nacional.

Entre nós que ella está ainda longe de preencher sua elevada missão, é o Golbo um dos órgãos que mais se esforçam por attingir este fim.

Alheio às lutas políticas, o nosso collega tem sempre discutido tão livremente os interesses públicos, com tanta elevação de vistas tem-n'o feito que, estamos certo, não lhe falatará o concurso de todos ao appello franco e louvável que acaba de fazer.

Faríamos uma injustiça ao publico intelligente si acreditássemos que elle negaria elemento de vida ao primeiro de nossos jornaes sérios.

22de setembro de 1876, anno I,n. 36, p.6

Ricochetes

Publicou-se o *Anno biographico brazileiro*, contendo 365 biographica, e não faltou quem clamasse contra o livro do Sr. Joaquim Manoel de Macedo: *impossível*, disseram, *que o Brazil possua tantos homens dignos de figurarem naquella obra.*

Pois nós que temos a Câmara Municipal, o Conservatório dramático, a guarda nacional reformada, que tratamos de *illustrissimos* aos votantes não classificados, não possuiremos 365 varões illustres entre tantos illustrissimos?

Seria realmente triste.

Felizmente ahi está o folhetinista do *Jornal* a protestar todos os domingos contra nossa carência de illustres nomes.

Não há folhetim seu que não nos de noticia de algum poeta illustremente infeliz que suicidou-se.

É um calendario de suicidas illustres o rodapé do *Jornal*, e a continuar assim em breve chegará um para cada dia do anno, como no *Flos sactorum*.

Si é que já lá não chegam as ephemerides suicidatorias.

E de certo ninguém constestará o illustre obituário do rodapé do *Jornal*, como fez o Sr. Almeida Torres às noticias da *Gazeta*, apanhada de boca na botija.

E a apostar que quando o Sr. Castro do *Jornal* chimpou-lhe aquella...contra noticia, disse também com seus botões:

- Apanhei-te cavaquinho!...

Isto de andar impingindo ...*sonhos* por noticias não deixa de ter seu perigo e o povinho póde pensar que ...*sesteiro que...*

30 de setembro de 1876, anno I, n.37, p.2

(...) E já que estamos com a mão na massa será bom que fique bem sciente do que lhe vamos dizer:

A *Revista* não está addita á nenhuma outra publicação da Corte ou de fora, não mantem compadresco com quem quer que seja, vive de si e por si e só depende da benevolência do publico ao qual não se impõe. Nada tem de commum com a *Família Maçonica*, nem recebe inspirações ou ordens da maçonaria, a que não pertecem nem um dos seus redactores nem tão pouco o dezenhista.

O que se estampa, por consequência, na *Revista* é somente nosso; nem somos solidários com as idéias alheias, nem os outros são responsáveis pelo que é nosso.

A verdade é esta: á cada um o que é seu.

04 de novembro de 1876, anno I, n. 42, p. 7

Annuncios da Revista

Accendendo aos instantes pedidos de muitos dos nossos amigos e assignantes, abrimos em nosso semanário uma secção de annuncios.

Julgamos que era já tempo de contribuirmos com o nosso contingente de cimento para cada vez mais consolidar-se o grande edificio publico dos interesses e progresso moral e material do paiz.

Assim, por intermédio da Revista, podem corresponder-se os amnates, namorados, conspiradores; procurar-se cães perdidos, quantias extraviadas, jóias sumidas, esposas desencaminhadas etc. Se houver alguma reciminação ou censura pelas consequências da publicidade, responderemos que a importância paga de ante-mão fica na gaveta.

Seguimos o pendor da época, marchamos com o tempo: instituimos o balcão.

N.B – O estylo e orthographia dos originaes serão respeitados

9 de dezembro de 1876, anno I, n. 62, p.6

Como se escreve folhetins.

Suppões difficil? Qual!

Nem há nada mais fácil.

Antes de escrever um folhetim romântico do que descascar uma laranja murcha.

Tens de encher o rodapé do jornal? toma papel, penna, tinta e...escreve.

Não tens idéias? Mas é o que basta; escreve isto mesmo.

A falta de idéias e o dever de escrever têm produzido tanto folhetim!...

*

* *

E desde que se inventou a collaboração das três estrelinhas não há espaço que resista ao folhetinista!

Não sabes como começar? Começa por isto mesmo.

Imagina o dever defronte de ti e a falar-te:

- Escreve, anda; dá conta de tua tarefa, conta ao leitor o que foi a semana.

Descreves então a carranca do dever, queixas-te da aridez da semana e...tres estrelinhas.

*

* *

Imagina-te triste, muito triste e solta esta plangente exclamação?

“Mas é forçoso estar alegre. O mundo quer eu rial!”

E gritas contra o mundo, que é tão grande, tão cheio de espaços vazios que bem podes, para vingar-te da aridez da semana, percorrel-os eternamente!
Não tenhas medo de nos deixar saudades.

*

**

Larga-te por elles além, vai nas azas da phantasia e sentado em tua cadeira, percorre os espaços, admira o luzir das estrellas, embriaga-te de luz, canta o infinito, mas escrevendo sempre.

Isto é bello, phantastico e quase nunca o leitor te segue n'estas excursões aéreas.

E quando desceres, porque infelizmente tens de descer, vens saturado de poesia e achas já em meio o teu folhetim.

Estás prompto para contar tudo, examinas obituário ou antes o suicidiario e...mais três estrellinhas.

*

**

Suicidou-se por força allguma.

Sucedeu-se tão á mindoos suicídios desde que se inventou o folhetim para cantal-os!...

E ahi tens um assumpto favorito dos folhetinistas.

Decanta o suicídio, sublimisa esta graça e sempre escrevendo.

É talvez um carroceiro sem frequenzia ou um empregado da *City improvements* demittido o autor desta loucura?... Não importa. Imagina que é um poeta, um philosopho, um homem inspirado e...tres estrellinhas.

*

**

Divinisa este homem, transcreve cartas que elles não escreveu, poesias que elle não sonhou e colloca-o no setimo céo.

Deixa-o lá a conversar com S. Paulo, gozando da bemaventurança e volta á terra.

Tens saudades d'elle?...Mas está quase prompto o teu folhetim.

E é o essencial.

Faltam-te ainda algumas columnas e idéias? ...Escreve a um amigo pedindo-as e ...tres estrellinhas.

*

**

Este amigo está também sem idéias, porque és tu mesmo; mas manda-te uma flor?

...pois divaga sobre a flor, transcreve as duas cartas.

Isto vai longe!...e si ainda não chega addiciona mais três estrellinhas.

*

**

É meio dia em ponto, o sol dardeja raios abrazadores, roreja-te o suor nas faces e queres arranjar uma bonita tirada para concluir? Imagina uma fresca madrugada, brisas prenhes de perfumes a embriagarem-te, a aurora com seus dedos cor de rosa a abrir as portas do oriente, chapa n. 49, é os primeiros raios de sol a reflectirem-se brandamente nas gotas do orvalho matutino.

Descreve tudo isto, lastima o criminoso que ainda dorme e exclama:

- agora vamos ao folhetim.

*

**

Mas já está escripto e só falta a assignatura.

E eis como se escreve folhetins.

Junio.

13 de janeiro de 1877, anno 3, n. 50 p. 2

(...)

Organizou-se ultimamente nesta corte o Congresso Brasileiro, associação destinada ao recreio e instrucção por meio de úteis leituras, gymnastica, esgrima, dança, musica, etc.

Foi uma idéia tão rapidamente concebida como aceita e executada; mais de quinhentos membros estavam inscriptos logos nos primeiros dias, e o numero avulta de momento a momento com enthusiasmo.

Alguém, presumindo conhecer a fundo a índole da nossa gente, disse: “acho em tudo isto muita rapidez, o que me faz crer que são chamas que consomem cavacos: com igual rapidez estarão extinctas.”

Ora, elle é verdade, que para quem está habituado com os domingos não tem muita difficuldade em tirar os dias santos; entretanto eu leio na direcção do novo congresso, nomes de cavalheiros tão prestigiosos, influentes e energicos que inclino-me a pensar que o fogo não se extinguirá nem mesmo amortecerá assim tão facilmente...

Se a sociedade quizer, sobre tudo, abstrahir de seu seio tudo quanto sejam idéias ou dissensões politicas que é a epidemia que assola, e mata o que entre nós tem se originado de mais nobre, generoso e social, e ainda vou mais longe, de mais civilizador e progressivo; se na escola de sua direcção não enlevar-se muito com o cheiro da pomada, é bem provável que tenha dias de esplendor e de gloria, e eu cordialmente lho's desejo;

Se, porem, tem de ser um arremedo burlesco ou uma caricatura ridicula de outras sociedades em cujo programma se inspirou, então pare ahi, poupe-nos por caridade mais uma figura triste.

16 de junho de 1877, anno 2, n.71, p.7

Estava a *Gazeta* a publicar em folhetim o romance francez, quando o *Jornal* faz o seguinte annuncio.

“Acha-se á venda em nosso escriptorio o romance que está publicando a *Gazeta de Noticias*, e que já havíamos traduzido em 1870 para os nossos leitores...

O que quer dizer simplesmente...

O que a *Gazeta* dá hoje aos assignantes, é nada mais nada menos o que já demos aos nossos.

Uma cousa velha portanto, o resto dos leitores do *Jornal*.

16 de junho de 1877, anno 2, n.71, p.2

Questão Diogo-Taunay

Complica-se cada vez mais.

O Sr. Diogo velho sustenta, pelo *Jornal da Tarde* que a escola realista também admite o feio e cita em seu apoio...

O crime do Padre Amaro! ...

16 de junho de 1877, anno 2, n.71, p. 3.

Entende o Sr. Taunay que um crime não autorisa outro, (senão elle publica mais um *Ouro sobre azul*) e com esta *Calembourg*, deixa ainda a questão no mesmo pé...esquerdo.

O publico começa a se amolar bem regularmente.

Junio.

Questão Taunay-Diogo

Horror! Um terceiro veio envenenar a cousa com seu humorismo sem graça, nos communicado da Nação...quero dizer Jornal da Tarde.

Afirma esse terceiro que o “moço louro” quer ser ministro, e por isso quer abrir uma brecha no gabinete.

A isto porem responde o Sr. Taunay, na porta do Castellões que ninguém tem o direito de advinhar suas intenções.

O publico vai achando a causa cada vez mais amoladora, e com razão.

Junio.

16 de junho de 1877, anno 2, n.71, p. 7.

Questão Diogo X Taunay

Não! Decididamente quem quizer que trate disso; o publico já não pode mais agüentar com a amolação, e nem eu tão pouco...

30 de junho de 1877, anno 2, n.72, p. 2 e 3

É incontestavelmente nos paizes estrangeiros que mais intenso se faz sentir o amor a pátria.

A saudade aguça o patriotismo, e quando a nostalgia não se deixa vencer pelos sons da gaita de folles, produz *Canção do Exílio*, *Longe da Pátria* e tantos outras bellas de igual valor e inspiração.

Na Europa escreveu Gonaçalves Dias grande parte dos seus versos , e foi da Itália que nos veio o Guarany de Carlos Gomes...

Agora, é de Florença que nos chega a *Batalha de Avahy*, que, pelos cálculos da Gazeta é um verdadeiro Independencia de pintura.

Envolvido porem em seu envelope de madeira, ninguém pôde ainda admirar as bellezas de quadro do Sr. Pedro Américo.

Está sobrescriptado ao autor, que cioso de sua obra, reservou para si a ventura de rasgar-lhe a couraça que a preserva dos curiosos olhares.

Em quanto isso, impacientam-se os críticos, dispostos a analysarem uma por uma todas as pinceladas do quadro-monstro.

Mas há de sahir victorioso o Sr. Dr. E Commendador Pedro Américo, dando-lhes uma Batlha em regra.

Na Itália, onde acampou, tudo deve ter encontrado para uma esplendida victoria; vasto campo de manobra , boas tintas, bons pinceis.

Oh! Bons pinceis sobretudo!...

Podesse eu seguir a mesma estratégia de ir-me inspirar na Europa , e veriam que boas *Chronicas*, havia de dar aos leitores da *Revista*.

Estabelecida logo concorrência com o folhetinista do *Jornal*...Era *Figaro quá Figaro* lá, thesourada d’ali de ca, e estva alinhavada a *Chronica* rematando-a com alguma anecdota do Charivari, bem antigas, a mais antiga possível ou ainda mais antiga.

Somente havia de escolher um titulo mais análogo ao programma e em vez de ver ouvir e contar, escrevia mais escrupulosamente: escolher, traduzir e mandar...

Com uma thesoura e um dicionário de *Roquete* estava feita a minha carreira. Podia abastecer de folhetins todos os jornaes da Corte, sem mesmo exeptuar a *Gazeta* que já os dá aos pares.

E decididamente o folhetim tão da epocha, ou antes a epocha é doa folhetins.

É sobre os folhetinistas que se esteiam presentemente todos os nossos jornaes.
Em vez de simples baixo relevo, é hoje o folhetim a base de nosso edifício jornalístico.

O *Diário* que já vai precisando de muletas repousa seu enorme peso sobre os folhetins de *Nec e Ipse*, que supportam com toda galhardia aquelles oito columnas recheadas de argumentos senatoriaes.

Apenas *Nec* retrahe um pouco o hombro, como quem diz que não vai a matar, afundam-se logo até abaixo duas columnas e ameaça cahir toda a gerigonça.

Na *Reforma* é sempre lido de preferencia o folhetim.

Ao *Globo* vão dando muito mais vida as diversas “Vidas” que traz no rodapé.

E não há mais hoje um leitor que não comece de baixo para cima sua leitura de jornaes.

A *Gazeta* completou agora com as “cartas portuguezas” sua gamma folhtinistica.

Sã sete, e estão de tal maneira afinados, que não se deu ainda entre elles a menor confusão de tom, a não ser Tralgadabas que de vez em quando faz sua invasão pelos theatros...

Quem cahio logo no tom, foi Ramalho Ortigão que, com a sua “gaita de folles” acaba de completar a engraçada orchestra, e promete-nos uns folhetins com propriedades therapeuticas...

O peor porem é que sua ‘gaita de folles’(assim é que elle chama sua Cartas portuguezas) como medicamento, está abaixo do prompto allivio...

Toda virtude de gaita (parece mesmo uma gaita) consiste em curar a “morrinha gallega” peste que felizmente ainda não chegou por cá.

Seria portanto mais humanitário tanger por lá mesmo a sua gaita; nós prescindimos por ora de suas symphonias.

Se ao menos curasse maus olhados...

E não é por causa da gaita esqueci um folhetinista!...

Também já cahio tão fora da moda que ninguém mais dá por elle.

E depois, a acreditar nos recados que manda ao “irmão coroadado” anda sempre mettido nos buracos, e a escolher constatemente as ruas sujas que nem convida a acompanhá-lo.

Que má sina a do mano Fellippe!...*et ta seur?*

A propósito da “Cartas” do Caipira, disse outro dia o Leonardo em um dos seus dias de expansão:

- Não os entendo quando eu dizia que não comprehendia o outro, é porque era estylo elevado, se não entendo este que continua, a escrever é porque é estylo chão!...Cá pra mim, folhetim só *Rocambole*...

Ora, Leonardo!

A. GIL

7 de julho de 1877, anno 2 n. 73 p. 7

Postscriptum – Estamos no mez de Julho, segundo semestre do anno pedimos portanto a todos os assignantes do *Jornal do Commercio*, cuja assignatura findou no mez passado, que venham, sem perda de tempo, reformar suas assignaturas na *Revista Illustrada* afim de não ser interrompida a remessa de tão importante orgam.

9 de junho de 1877, anno 2, n. 70, p.1

Livro da porta

Agradecemos a offerta das seguintes publicações?

Lições de Corographia do Brazil, consciencioso estudo publicado pelo Dr. Macedo para uso dos alumnos do collegio D, P. II.

Abel, Helena, chistosa parodia do Sr. Arthur de Azevedo, a opereta *La bella Helena*.

É exquisito

Entende o Sr. Escragnolle Taunay que o ministério está com dois membros gangrenados, e quer decepar a ambos, para encaixar-se talvez n'uma das duas vagas.

Entende, por seu lado, o ministério que quem não o quizer em bloco não pode amal-o em detalhe; e por essa questão de grosso ou retalhos está o moço louro ruscado com os ministros.

Há razões de um e outro lado e são de uma força as taes razões allegadas, que hem considerando-as, não sabe a gente para que lado pendia.

Cita o Sr. Taunay vários exemplos que nos offerece o parlamento britânico, em que muitos *lords* tratam a socco um ministro, e dizem *very good* a outro, sendo ambos do mesmo gabinete.

O Sr. Diogo Velho porem que é mais versado nos annaes chinezes, do que nos *slep-chases* de Gladstone, diz que em matéria de moços louros, prefere o do Sr. Macedo.

Chegou mesmo a gritar o Tcha-tchim-bum (é o nome que lhe dão na secretaria) do alto da tribuna que tinha procuração dos seus collegas para repellir o apoio do deputado por Goyas, que só geographicamente conhece a província que o elegeu.

Posta a questão n'este pé, ficou câmara inteira sem saber por quem se decidir, de modo racional, o que quase nunca faem os pais da pátria.

Estudado porem, o assumpto a fundo por uma commissão especial, ficou quase que provado que não é a cara do Sr. Diogo Velho o motivo real da dissidência.É muito mais grave a questão.

Parece que, quando presidente, pretendia o Sr. Taunay entreter namoro com o Sr. Diogo Velho, epistolarmente e sob envelope com o carimbo do serviço publico.

O Sr. Diogo Velho porem, serio e grave (hum! Hum!) não achou conveniente fazer do correio seu mensageiro de amor, e deixou sem resposta os galanteios de Julio Dinarte.

E das d'ahi os arrufos...

De certo quem pergunta, quer resposta e isto é tão natural que são sempre privados de audição (não vai n'isso allusão alguma ao Sr. Caxias) os individuos que não tem o dom da palavra.

Mas também cada um é senhor dos seus narizes, e se o ministerio não quer a amputação, nem apoiar-se no Sr. Taunay, porque teima o moço louro em servir-lhe de pedestal?...

A estas considerações responde elle: fazem o mesmo os inglezes de modo que sua apposição é apenas para inglez ver.

E continua assim a cousa.

Rolando

8 de setembro de 1877 , anno 2 n. 81 p.2

Livro da porta

Ao Sr. Silvio – Nós “a pedidos” do *Jornal*, deve fazer boa figura o seu artigo.

E faça obzequio de não nos amolar, sim?

8 de setembro de 1877 Anno 2, n. 81, p.2

O Sr. N. ...correspondente em Pariz para o *Jornal do Commmercio* occupou-se ultimamente com a *Revista Illustrada*.

Do alto...dos baixos do grande orgam mostrou-se todo soberbo, começando por declarar que não lia a nossa folha.

Mais depressa porém que um coxo deixou-se pilhar o acolyto do padre Jacyntho, mostrando-se perfeitamente informado de tudo quanto havia dito a *Revista*.

Depois, essa vingança de declarar que não lê, é tão sedição que nem o illustre folhetinista devia lançar mão della.

Outras devem ser as armas escolhidas por um moço illustrado e escriptor de espirito...á custa alheia.

Desejaríamos mesmo que o Sr. N.... lesse alem da nossa folha, outros órgãos que se tem occupado de assumptos, sobre os quaes o orgulhoso folhetinista tem escripto muito de oitiva.

Não há muito que foi publicada aqui na Corte uma traducção dos Luziadas de Camões.

Tralgadabas, o estimado folhetinista da *Gazeta de Noticias* analysando o trabalho do Sr. Cool, mostrou innumerous deffeitos.

Em dois espirituosos folhetins fazendo a comparação da versão com o original deixou bem patentes erros crassos, imperdoáveis, erros de quem não podia conhecer a língua, quanto mais as bellezas e poesia que encerra o grande poema portuguez.

Pois bem, um dois mezes depois de publicados esses dois folhetins, escreveu o Sr. N... para o Jornal, dizendo da traducção ruim tudo quanto se podia dizer de bom...

O que talvez não dissesse do original.

Eu lastimei então o Sr. N....por não ter lido nem os dois folhetins...

Nem tão pouco a traducção...

Porque, se leu ou uma ou outra cousa...torna-se ainda mais lastimável.

Ainda outra vez tive de lastimar Sr. N...(e lastimei porque conheço-o desde muito tempo...desde que o illustre folhetinista conseguiu a protecção do já esquecido padre Jacyntho). Sahio daqui um brasileiro que á custa de muito sacrificio, obteve uma passagem para Pariz, para onde os médicos o enviaram.

Foi, ver se encontrava aos seus males, auxiliado por um tio que lhe proporcionou os meios de subsistência.

Em vez, porem, do allivio que buscava, encontrou infelizmente a morte.

E Sr. N....no seu furor de “amontoar noticias” para encher o seu folhetim, pouco se importou de calumniar o seu patricio, e o que mais é, calumniou até o pai do infeliz.

Ao filho chamou libertino e jogador; ao pai negociante fraudulentamente falido.

Porque seu programma é “amontoar noticias por dinheiro.”

Allude também o Sr. Nery...(lá me escupou o nome!) ao numero de assignantes da *Revista*.

É realmente muito menos ao dos assignantes do *Jornal*.

(Desse argumento já sérvio-se o Sr. Villemessant do *Figaro* em uma discussão com o *Gaulois*, portanto é roupa velha.)

Mas o folhetinista, que deixou o padre Jacyntho pelo sr. Leonardo, esquece uma circumstancia.

É que a *Revista* conta apenas dous annos; enquanto que há mais de cincoenta que o Jornal embebeda seus leitores com suas correspondências cataplasmas e folhetins escriptos com decocção de papoulas.

Com os seus assignantes dá-se o mesmo que com quem seguro ao fio electrico, sofre dores horribes e não se pode desvencilhar.

É o envenenamento chronico: deixando, morrem de repente, continuando, definham como os indivíduos que tomam ópio.

Os redactores então, ao fim de certo tempo andam todos com as pessoas que tomam o gaz hilariante.

E quem ver que já o Sr. Nery deixou-se magnetisar, com o passarinho pelo sapo-cururú.

É o que parece; pois está peor que o barão que a fidalga desculpava

Desculpem, porém o ex-sachrista, cujo forte não é ter espírito, mas ajudar a missa.

O Sr. Leonardo é um grande cururu, magnetizou o sachrista de padre Jacintho!...

A. Gil.

22 de setembro de 1877, anno 2, n.83, p.2

Para os festejos officiaes, multiplicam-se por ahi alem de coretos...

Até a cidade nova mandou construir o seu coretinho!

Pequeno, modesto, acororado em um cantinho, onde quase ninguém o vê, lá está bem sosegado no canto da rua de S. Pedro.

Lá, ao menos, ninguém implica com elle, o que não acontece com os da Guarda velha, e travessa do Ouvidor.

(Digo travessa, não é para inticar com o Apostolo)

O primeiro traz então enjeitado ja da rua dos Ourives, não está muito seguro ao lado do *Diário Popular* que parece ter más tenções sobre o pobresinho...

O da Guarda Velha, para uso das toleradas, (não cae em latim, porque todas ellas são austríacas) tem soffrido a mais crua guerra dos bonds de Botafogo.

Mas também quem teria tido a lembrança de festejar ali a chegada de S. M.!...

Só se foi o Sr. J. de Alencar que é da velha guarda...conservadora.

7 de outubro de 1877, anno 2, n.85,p.2

E já que trato de objectos de arte passo facilmente ao projecto da estatua dos três.

Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho e Almeida Garret vão ser fundidos em bronze e reunidos em um só pedestal, formarão um monumento, representando parte das glorias litterarias de Portugal.

É um projecto, digno de toda veneração, e que naturalmente irá por diante.

Eu, porém, não tenho muitas sympathias pelo numero três.

Além de ser um numero fatídico, parece que essa estatua dos três vai gerar difficuldades para o esculptor, encarregado de arranjar o grupo.

Ficarão os três na mesma altura?ou haverá uma escala?...

E porque outros que não fizeram menos honra ás lettras portuguezas?

E depois para que collocar Alexandre Herculano ao lado de Antonio de Castilho, quando, em vida, um evitou sempre o outro?

Não é prudente encadeiar um ao outro pelo bronze, dois homens de gênios tão diversos.

Este consorcio, bem se vê, é destinado a não ter uma existência de venturas...

E se elles reclamarem o divorcio?...

Que tribunal julgará a questão?

Eu aconselho, portanto, ao Sr. Mattozinhos (com a devida licença de S. Ex.), que dixesse mesmo solteiros aquelles três vultos.

Talvez que nenhum delles queira essa união...das três graças.

Um pedestal para cada um, não é de certo muito para quem tanto legou.

7 de outubro de 1877 anno 2 n. 85 p.3

(...) E não é pouco viajar por Santos

Sempre que se falla em viagens na presença do Sr. Machado de Assis, elles nunca se esquece de dizer:

- Eu tam-bem já vi-viajei...Fui a Va-vassouras.

Passou o tu-tunel...

A. GIL

20 de outubro de 1877, anno 2, n. 87, p.3

Echos

O Sr. Pinto de Campos acaba de mandar comprar a herdade habitada por A. Herculano, no seu ultimo quartel da vida.

O nosso illustre monsenhor já vai também perdendo as illusões deste mundo, e procura exilar-se em um canto de terra a que dê celebridade e vai habitar Val dos Lobos.

X

É portanto um distincto patricio nosso que vai ser o continuador do grande historiador portuguez. É de certo, uma gloria para nós, ter um compatriota que seja em celebridade, a plataforma do autor de Eurico.

Consta-nos mesmo que o nosso monsenhor está ancioso por transportar-se para aquella herdade.

20 de outubro de 1877, anno 2, n. 87, p.8.

Yayá Coqueiro

Romance Histórico

Em poucos capítulos, porque é apenas o final de duas historias começadas.

I

Elle e Ella

Ella era bella e dengosa.

Chamava-se; todos porem que a conheciam, tratavam-n'a pelo doce nome de Yayá.

Elle era como a arvore que lhe deu o nome e não merecia de certo uma jóia tão bem lapidada, como era a esbelta Yayá.

Mas viram-se e amarram-se; a seda agarra-se ao carrapicho.

E, no entanto, o pai de Yayá acreditava para ella um bom partido.

Os velhos pore esquecem sempre que foram moços e que possuíram um coração que pulsava; tornam-se calculistas, elles que foram apaixonados como Antony!

D'ahi vem que todos paes dão aos filhos conselhos que desprezaram, preferindo seguir os amorosos impulsos do coração.

Yáyá amava Coqueiro, emquanto o velho pae pretendia casar-a com Jorge, rapaz de algum dinheiro e sensato como Simão de Nantua.

II

Os dois

Não pareciam de certo criados um para o outro esses dois de índole tão diversa, Yayá e Coqueiro.

Ella era meiga como a voz do caloteiro que pede dinehri emprestado, e se tinha caprichos é que o pae assim habituou-a.

Deu-lhe no rez de chaussés largos e arejados aposentos, em quanto o resto da família estava em estreitos corredores.

Elle, era homem de instintos preversos e por mais que o Sr. Patrocínio, é o nome de seu pae. Se esmorasse em civilisá-lo, parecia destinado a acabar na forca e com um punhado de terra à bocca...ainda por cima.

Era uma sentença injusta talvez; mas que estava escripta, e nunca o velho Machado, pois assim chama-se o pae de Yayá, podia ter pensado em dar sua filha a um homem tão mal visto na freguezia.

Mas ella amava-o, foi infeliz na escolha ... que querem? O coração das moças é enexperiente, como o estrangeiro que se embarca para o Brazil no mez das febres.

III

A carta anonyma

Fossem dizer ao machado que sua filha gostava de Coqueiro, que elle dizia immediatamente:

Mesntira!

Oh! Os paes são sempre os últimos a saberem do namoro das filhas em quanto ellas o presentem dois annos antes do namoro piscar-lhe o olho pela primeira vez ou pisar-lhe no delicado pé.

No dia...porem, recebeu o extremoso pae a seguinte carta:

Em todo o quarteirão só se falla do namoro de sua filha com um tal Coqueiro; se tem olhos trate de ver.”

Quase teve um desmaio...

Parecia-lhe impossível que Yayá lhe desse semelhante desgosto á elle que a idolatrava!

- Deixar o jorge, um moço serio e tem de que viver, para...não! é impossível, nem eu consinto!

Impossível! Pobre velho! Que remédio tinha elle senão dar o consentimento. Estava tão adiantada a cousa!

Finalmente, elle decidio seguir o conselho que lhe dava a carta, tratou de ver.

Espreitou.

IV

Argumento decisivo

E o velho passou a noite a escutar.

Durante toda a noite ouviu barulho nos aposentos de Yayá; ella mechia-se de um para outro lado, como se estivesse fazendo tollete para sair.

E era effeito o que acontecia...

Às 5 horas da manhã, abriu-se furtivamente a porta, e Yayá não tardou a apparecer toda garrida.

Um grupo aproximou-se della, e momentos depois tinha a filha ingrata abandonado imprudentemente a casa paterna e era apregoada em altas vozes por todos os carcamanos da cidade:

— Yayá Garcia e Motta Coqueiro!

É que os dois aproveitavam o lusco-fusco da manhã para passeiarem de braço por todas as ruas da cidade.

Não havia que ver, Yayá tinha todo o dia entrevistas com Coqueiro, e casal-os era a única sahida recommendada pela santa madre igreja.

O conjungo salva tudo...

V

O acordo

No mesmo dia, o patrocínio Coqueiro não tinha lavado o rosto, quando lhe foi anunciado uma vista urgente.

Era o machado garcia que, sem perda de tempo, foi parlamentar com elle a respeito d'essa união que convinha legitimar.

Estiveram juntos duas longas horas...

.....
No *Apostolo*, de hontem lê-se este proclama:

“Acham-se justos e contratados para receberem em matrimonio Motta Coqueiro e Yayá Garcia....etc...etc...”

E assim terminaram os amores dos dois nubentes desde tanto tempo apaixonados e que vão fazer um só ménage em algum *rez de chansée* que accommode ambos.

Fr. Fidelis.

20 de outubro de 1877, anno 2. n. 88 p.2

O *Jornal do Commercio* está sem folhetinista, ou antes, está cheio de folhetinistas.

Porque apenas ficou sem Elle, achou logo meia dúzia. *Um de perdu mille de trouvés.*

Apenas despedio-se o seu folhetinista, toda a collegiada arvourou-se em redactor do rodapé.

A começa no *Caipira* e subindo até ao Tinoco, todos são folhetinistas.

Começou mal porem. Parece que var realizar-se a phrase da Bíblia: *Os últimos serão os primeiros.*

O *Caipira* rompeu a marcha, tomando o título Ao acaso que é de *Tralgadabas da Gazeta.*

Quererá confundir-se?

Mas O *Caipira* embora de luva de pelica e com seu fato dos domingos é sempre o *Caipira.*

E ainda peor, porque emm suas missivas ao mano ainda elle arranja de vez em quando o seu trocadilho.

Enlulado porém perdeu o jeito.

Que trabalho não teve elle para fazer um Anão!

A este respeito, recebi eu o seguinte bilhete de uma Senhora:

“O folhetinista do Jornal, queremos á fina força fazer rir, fez dizer a uma nossa patrícia: Dr. Anão de Dr. Henent.

“Esse rasgo de espírito tendo por base a nossa ignorância, mostra apenas que o folhetinista está mais atrazado que as Senhoras, pois desconhece o verdadeiro nome de flor a que se referio.

“Diga-lhe por mim, que em vez de Dr. Henout, como elles escreve, é Dr. Henaut.”

Está dado o recado.

A emoção da estreita póde ter perturbado o Caipira; bom é porem que elle nunca mais fique de plantão no rodapé do grande orgam.

Ou pelo menos quando de novo estimver de ronda deixe-se de trocadilhos agarrados a gancho. Teve tantos companheiros.

E já anda o Tinoco a repetir o verso do Varella:

E eu pergunto chorando:

Quando chegará minha vez?

A. Gil

20 de outubro de 1877, anno 2, n. 87, p.3

Echos

O Sr. Pinto de Campos acaba de mandar comprar a herdade habitada por A. Herculano, no seu ultimo quartel da vida.

O nosso illustre monsenhor já vai também perdendo as illusões deste mundo, e procura exilar-se em um canto de terra a que dê celebridade e vai habitar Val dos Lobos.

É portanto um distincto patricio nosso que vai ser o continuador do grande historiador portuguez. É de certo, uma gloria para nós, ter um compatriota que seja em celebridade, a plataforma do autor de Eurico.

Consta-nos mesmo que o nosso monsenhor está ancioso por transportar-se para aquella herdade.

20 de outubro de 1877, anno 2, n. 87, p.6

Gazetilha

O Sr. Major Taunay publicará brevemente um romance.

Antes já tivesse surgido, porque se fosse aguado, podia attribuir-se á influencia das grandes chuvas

17 de novembro de 1877, anno 2, n. 91, p.2

Eurico já não recorda somente o nome de Alexandre Herculano; outro apelido menos celebre agarrou-se também a esse poema, como as ostras se agarram ao casco dos navios.

O Sr. José Maria Velho da Silva acaba de fazer uma edição do poema de Alexandre Herculano. Constituiu-se herdeiro forçado do illustre finado que, de certo, nunca pensou em fazel-o testamenteiro.

Tem de mais a edição brasileira um juízo critico em que, á guiza de plataforma, se embarca o Sr. Velho da Silva, pensando chegar á celebridade.

Bem sei que A. Herculano não considerava propriedade os direitos de autor; hoje porém, esses direitos pertencem á viúva do finado.

Pretender indultar-se com a falta de contrato entre Brazil e Portugal, não é de certo recurso de que lance mão o Sr. Velho da Silva.

A memória de A. Herculano merece-lhe sem duvida mais atencões.

É portanto impossivel que o editor brasileiro queira fazer dessa edição uma empresa lucrativa para si, mas prejudicial á viúva.

Se algum editor se lembrasse de fazer uma edição clandestina das obras (?) do Sr. Velho da Silva, com certeza S. S. viria a campo defender a sua propriedade, e todos lhe dariam razão.

Apossar-se a propriedade litteraria do escriptor que vive de sua penna, equivale a esbulhar o soldado do seu soldo.

Traduzir uma obra qualquer e edital-a, ainda é aceitável; mas publicar o Eurico para traduzil-o em cobres em seu beneficio, é muito feio.

17 de novembro de 1877, anno 2, n. 91, p. 3.

Tão feio! que é impossivel que seja esse o intuito do Sr. Velho da Silva.

S.S. admirador como deve ser do historiador portuguez, tem com certeza alguma boa ação em mente.

Não declara porque segue a regra de que a mão esquerda deve ignorar os benefícios que faz a direita.

Mas aposto em como elle tenciona remetter á viúva todo o producto da venda de sua edição do *Eurico*.

Ter seu nome ligado a essa obra será sua não pequena recompensa. Porque nem é crível a elle pretendesse com aquella apreciação recommendar Alexandre Herculano.

Seria o carro adiante dos bois, ou a parasita dando seiva ás arvores.

17 de novembro de 1877, anno 2, n. 91, p. 7.

Desenganado porém de realizar esse meu sonho favorito, vejo-me obrigado a alinhar aqui os meus Ricochetes.

Se ao menos eu já os encontrasse escriptos, como o Velho da Silva encontrou o Eurico...

Mas qual! Decididamente tenho de resignar-se á sentença cruel: Ganharás o teu pão com o suor de teu rosto, a que fui perpetuamente condemnado.

1 de dezembro de 1877, anno 2, n.92, p.2

Tenho felizmente muito bom gênio...

A minha índole é tão pacifica, que tenho horror á guerras e só admiro os heróes atravez dos séculos e da epopéia.

Acho summamente bárbaras as brigas por atacado, e muito deshumano o duello que é o combate a retalho.

É questão de gênio; mas prefiro a diplomacia conciliadora dos Metternichs á estratégia mortífera dos Moltkes.

Fiquei portanto muito satisfeito, quando li a acta que o Sr. Velho da Silva lavrou no Globo contra mim...

Actas lavradas, partes conciliadas...

Agora porém que está passado o perigo, há de concordar o illustre Dr. Velho da Silva que foi demasiado injusto.

Injusto commigo e injusto também comsigo.

Disse tão bonitas cousas a seu respeito e cousas tão feias sobre mim, que vejo-me obrigado a votar contra a acta que publicou no Globo.

E creia, não é só pelo que disse de mim, mas sobretudo pelo que escreveu de si, que eu reclamo.

Preciso lavar também a minha acta.

Noticiei em minha Chronica passada o apparecimento da edição brasileira do Eurico de Alexandre Herculano.

Entendendo que isso importava prejuízo para a viúva do autor do romance, observei que o Dr. Velho da Silva não devia ter concorrido para semelhante publicação.

D'ahi a grande zanga de S.S. que surgio nos "ineditoriaes" do *Globo* a dizer cousas que eu ignorava.

Começa por declarar que vale tanto nas lettras como Alexandre Herculano.

Pois eu não acho.

Disse que A. Herculano não legou a propriedade de suas obras; mas podemos provar-lhe o contrario.

“É médico distincto e assaz conhecido, abalizado professor de rethorica e litteratura do imperial collegio D. Pedro II, autor da *Gabriella*, romance histórico.”

“Para ir á posterioridade bastam a S. S. seu monumental (?) estudo sobre Ovídio e Castilho, o seu romance histórico (é a mesma *Gabriella*), as duas famosíssimas poesias (são gostos), os compêndios de tethorica e poética que tem em mão (e não larga) e seu immortal poema *Dirceo* (inmortal e que ainda não nasceu)

Creio realmente que irá em linha recta, para a posteridade mas deixe o *Eurico*, vá sem Alexandre Herculano.

Depois d’esse panegyrico ás suas obras inéditas, achatou-me S. S. com o enorme peso de duas dúzias de quesitos, cada qual mais difficil de responder.

Cita em seguida exemplos de muitos editores que tem feito a mesma cousa, e taxa elle próprio de “clandestina” a venda no Porto das obras de Monte-Alverne.

A isso porem é fácil responder que são simplesmente maus exemplos...

A Correção está cheia de sentenciados por diversos crimes, e o jury continua a sentenciar outros por inéditos crime.

Não é de certo só a novidade que está sujeita ao código.

E...um outro artigo n’essa mesma folha trata do assumpto.

Tende felizmente a alargar-se de mais em mais circulo que encerrava despidamente a nossa imprensa.

Entre os óbitos e nascimentos dos jornaes, já não é muito aterradora a proporção.

Por um que desfallece em meio da jornada, temos a lisongeira perspectiva de dois que se annunciam cheios de coragem e exuberantes de vida.

É bem ephemera a vida de alguns; mas ao menos *tout pousse vite sous les tropiques*.

A. Gil

1 de dezembro de 1877, anno 2, n.92, p. 3.

O que o grande organ applaude

O Jornal do Commercio não se limitou a noticiar o apparecimento da edição brasileira do *Eurico*; dignou-se elogial-a (elle de ordinário tão parco de louvores) nos seguintes termos:

“A Imprensa Industrial, que já se recommendava por serviços prestados ás letras, adquirio agora novo titulo á estima publica offerecedo-lhe uma nova edição do *Eurico*.”

De fórma que, na opinião do ponderoso Jornal, o esbulho, a pilhagem de uma propriedade é uma acção meritória, credora da estima publica.

Não se nos diga que a propriedade litteraria é cousa duvidosa: na pharse singela e decisiva de Alphonse Karr, a propriedade litteraria – é uma propriedade.

Embora Alexandre Herculano opinasse há annos contra esta doutrina, confessou-a agora solememente, legando á sua família a propriedade das obras que escreveu.

Character severo e íntegro, se não reconhecesse esse sacratíssimo direito, não testaria objecto sem valor legal.

Se a falta de uma tractado entre Portugal e o Brazil que consagre aquelle direito fundamental, é cousa de que passe impune o depojo dos bens alheios, não deixa a moral de protestar contra estes actos depredatórios.

No caso presente nada attenua a gravidade do attentado. Em todas as livrarias se encontram sufficientes exemplares da edição authentica do *Eurico*, e pois não havia necessidade, para satisfazer a procura, de perpetuar a contrafacção annunciada, e vendel-a a preço ínfimo, em damno de uma pobre senhora que, além de desamparada do seu protector natural, se vê em terra de irmãos esbulhada da parte de seus bens.

Nós, em nome da honestidade e da justiça eterna, protestamos contra o acto da *Imprensa Industrial*; e, se, para tanto tivéssemos poder, mandaríamos cancellas immediatamente, por vergonha e nociva, a apologia que o *Jornal* fez da iniquidade.

M.O.

8 de dezembro de 1877, anno 2, n.93, p.2

A propósito da edição brasileira do Eurico, voltou o Sr. Velho da Silva aos ineditoriaes do *Globo*.

Como da primeira vez e com a mesma sem cerimonia, S. S, muito maldisse de mim e bem-disse muito de si.

Pois bem aventurado seja o Sr. Velho da Silva, e bem dito o seu Eurico Junior, tão recommendado por S. S.

Sómente Alexandre Herculano dispensava perfeitamente esta recommendação de seu romance, ‘cortada de um compendio de litteratura.’”

Dis o illustre autor da Gabriella e outras obras “em mão” que eu zanguei-me por não ter sido mimoseado com um exemplar do seu Eurico...

Mas, em primeiro lugar, eu tenho o legitimo Eurico; sem segundo, não me agastei...pelo contrario.

Estou mesmo satisfeitíssimo por ter obrigado S. S. tão inédito como é, a largar “de mão” alguma cousa que se possa ler.

E até o Sr. Velho da Silva me devia ser mais grato do que se mostra; pois proporcionei a S. S. uma ocasião de escrever cousas tão bonitas a seu respeito, que ninguém mais as diria.

E, no entanto, é S. S. que parece estar amuado allegando que eu trato de “illustrado”, o Sr. Garnier.

São intrigas, Dr. E esse seu ciúme é completamente infundado.o Sr. Garnier é também bastante inédito para que eu não o atropelle com semelhante qualificativo.

Eu podia transcrever aqui os trechos do testamento de A. Herculano, que provam ter o escriptor legado a propriedade de suas obras.

Mas, Para que?

Eu prefiro que o Sr. Velho da Silva surja ainda a elogiar-se no *Globo*, e repetir-me a lista de todas as suas obras em mente.

Continue, Dr., os elogios pothumos são muito duvidosos, e para o outro mundo não há correios que os levem a S. S.

Todavia, devo advertir o Sr, Velho da Silva, que esses elogios a si próprio, esta apreciação de suas próprias obras, podem ser considerados um *feio peccado litterario*, que não condiz com as naturezas já usadas.

Não desejo que tenha mais essa culpa a confessar...

Ainda é tempo; arrependa-se e diga constricto:

- *Penitet me...*

E a viuva o absolverá.

Essa questão de Eurico tem me tomado muito tempo e sobre tudo muito espaço.

Quero portanto aproveitar o ultimo cantinho que ainda me possa restar, para dar uma boa noticia.

O Jornal do Commercio acaba de contratar Guerra Junqueiro para seu correspondente.
Parabéns aos leitores do grande orgam.

Começa enfim o Sr. Leonardo a comprehender que o publico do Rio de Janeiro não se pode satisfazer com o Caipira, e merece mais alguma cousa que feijoadas litterarias.

Antes tarde, que nunca.

A.Gil.

15 de dezembro de 1877, anno 2, p.2

Ephemeride

Vingança de Nho Quim

O nosso collega A. de A. autor da peça “Nho Quim” para vingar-se do publico que não applaudiu a sua peça tratou em outra peça “Vingança do Nho Quim” de vingar o seu heroe.

O publico, por seu lado, querendo vingar-se do vingativo pateou a nova peça que o Sr. Luiz Ignácio mandou retirar de scena.

Foi Vingança por vingança!...draem quatro actos do Sr. Macedo.

Exquisitos dramaturgos!

15 de dezembro de 1877, anno 2, n. 94,p.2

Eurico

A nova edição do Eurico é assumpto de que se occupa a “revista bibliographica” do Contemporâneo, que aproveita a occasião para mostrar infenso á opinião da Revista sobre esta questão

Somos os primeiros a reconhecer que não fica de modo algum sujeito aos artigos do código o editor do Eurico brasileiro; o que disse a Revista, o que continuamos a sustentar é que isso importa um attentado contra o direito de propriedade attentado não julgado por lei, mas que a moral condemna e reprova.

Se os editores do Eurico valem-se da não existência de um contracto entre o Brazil e Portugal, então nada mais temos a dizer; se porem o Contemporâneo quer discutir a questão com argumentos e não de código em punho, voltaremos com muito prazer ao assumpto.

A. Gil.

15 de dezembro de 1877, anno 2. n. 94, p.6

A mulher romântica

A mulher romântica procura sempre morar á beira-mar.

De dia, contempla as vagas verde-azues de noite , a lua ou as estrellas.

Se tem boa memória, recita quase sempre fragmentos de poesia de autores que cantaram o oceano.

De noite, veste-se de branco e suspira:

“vai alta a noite...”

Quando não tem boa memória, vinga-se escrevendo suas impressões diurnas e nocturnas.

E enche com isso grandes adernos de papel verde...côr das ondas.

Se tem alguma amiga, todos os seus infolio são dirigidos á infeliz, sempre com sello insufficiente.

Quando não tem amifa toma para confidente algum cabelleireiro, que se utiliza das impressões, fazendo papilotes do papel em que são escriptas.

A mulher romântica é um perigo para quase todos quantos d’ella se aproximam.

Eu prefiro mesmo ouvir as chatas conferencias da Gloria, a escutar os seus profundos suspiros.

Quase sempre confundem os nomes dos poetas.

A primeira vez que caí sob as garras de uma, disse-me a bárbara:

-Quer fazer-me um favor?

- Oh! Minha Sra.! Se está em minhas mãos...

-Está sim...Queria ouvil-o recitar Minha alma é triste de Álvares de Azevedo

!!!.....

N.B. A mulher romântica é quase sempre feia e cita Mme. Stael a cada passo.

Quando não é feia, tem mais de conçoenta anos, o que ainda é peor.

Quando a mulher não póde ser amada dos homens, é que se atira nos braços da Poesia.

Pobre Poesia!

II

O Velho realista

É o antípoda da mulher romântica.

Não lê versos e sobretudo não consente que alguém da família os faça.

Para o velho realista, poeta é synonymo de valdevinos, exeptuando todavia o Camões, onde aprendeu a odiar a rima.

-Com poesia não se manda ao açougue, diz elle.

A meza é o seu ideal, donde se retira sempre rubicundo e alegre.

É a caricatura de Brillat Savarin.

Dorme entre o almoço e jantar para fazer a digestão, e depois do jantar cahe na prosa, com todo o prazer de quem obteve algum triumpho.

A sua conversação tem apenas um theatro: historias de seu tempo:

- Ah!meu tempo!

E lá vae, uma façanha de cuja varacidade só a família não duvida.

Não fuma; porem toma rapé, o que é mais econômico e menos nítido.

Gostou muito de theatros... no seu tempo, e desculpa-se com a "immoralidade das peças de hoje" para não levar a família ao espetáculo.

Só no tempo d'elle é que tudo era bom porque hoje é velho e tem inveja de quem é moço.

Accrescente-se agora que no tempo d'elles tudo era peor que hoje, e ter-se-há uma idéia do que é o velho realista.

Gastrônomo e invejoso.

C.

15 de dezembro de 1877, anno 2, n94, p.7

Richochetes

Somente n'este caso, quer um vença quer vença o outro, as pobres formigas terão de passar pelas forcas caudinas do sulfureto de carbono...com ou sem processo mechanic especial.

That is the question.

Para as formigas não ha portanto o to be or not be, é morte certa, pelo formicida privilegiado ou pelo clandestino, embora ahi esteja a brandar o Thesouro dos Meninos: "fazer mal aos animais, é indicio de máu character."

Entre os dois contendores, eu sou portanto....pelas formigas.

Nada de terra á boca das innocentinhas...

5 de janeiro de 1878, anno 3, n. 97,p.3

Resenha theatral

Os theatros deviam ter também as suas férias, como os collegios e as academias. Os artistas descansaraima e nós também

Entre o collegio e o theatro há mesmo uma certa afinidade “o theatro é uam escola” e tanto em um como outro anda se aprende.

Isto é, aprende-se muito, mas não aquillo que se devia aprender.

Mas...

Já eu nem sei a que proposrito me ia embrenhando em semelhantes considerações...

Ah! Nem queria dizer que uma cousa que os artistas devem aprender, é o cavalheirismo, que elles tentas em occasiões tem de representar na scena.

Mas não aprendem; habituam-se a fingir apenas.

Tanto assim que ainda continua a rusga entre Furtado e Guilherme por causa da Viagen ao redor da terra em oitenta dias, peça triste do romance do mesmo nome e traduzida para o S. Pedro...

Pelo mesmo é o que cosnta...

E, no entanto, o Sr. Furtado quer também represental-o no cassino.

5 de janeiro de 1878, anno 3, n. 97, p. 6

Gazetilha

Não foi convidado para o ministério, nem esperava sel-o; o major Taunnay não foi, mas contava com uma pasta.

2 de fevereiro de 1878, anno 3, n. 100, p. 2

Ao Sr. A&L – Apanhou-nos de bom humor, pode portanto ler em latim redonda os Folhetins sem malicias. Que gosto pronnunciado tom o Sr. Pela Christina!...

2 de fevereiro de 1878, anno 3,n.100,p. 3

Resenha theatral

O Alacazar theatro reabriu as portas com os quadros vivos.

E é quadro vivo em scena, quadro vivo fora e todos os freqüentadores a morrerem pelos quadros vivos.

Vae portanto a companhia vivendo de quadros vivos.

E que viva por muito tempo.

Á ultima hora;

Hoje teremos n’ess theatro um quadro vivo que deve ser original, pelos menos mais original do que a *Viagem em volta do mundo em 80 dias*.

Mais original e mais veloz, é a mesma *Viagem* effetuada em 80 segundos.

Ver pra crer.

A. B

2 de fevereiro de 1878, anno 3, n.100, p. 6

Folhetins marca-barbante

Sua Sancho – Zé ri ancho

N’um folhetim de cerveja;

Ri assim,

Ninguém te inveja.

Christinas de folhetim,
Sua Sancho – Zé, ri ancho
Da mudança da cerveja;
- mas pergunta sem malícia:
Qual é a melhor cerveja?
Que eu responda incontinentemente:
“francamente,
E sem inveja,
- Um folhetim – Sem malícia”
A&L

8 de fevereiro de 1878, anno 3, n. 101 p. 2

Livro da porta

(...)

Os Farrapos, esboço de um romance brasileiro do Sr. Oliveira Bello. É pena que seu autor não o acabasse.

8 de fevereiro de 1878, anno 3, n. 101, p.3

Resenha theatral

Os theatros começam de novo o seu tirocínio; reabrem todas suas portas, e todos com as peças novas.

A Phenix deixou os Vagabundos para dar-nos os Sinos de Corneville, o Cassino e o S. Pdero apostaram quem dá melhor a Volta do mundo em 80 dias, e o S. Luiz passará hoje uma Revista ao anno que findou para ver se é mais feliz este anno...

Resta portanto ao publico apenas o trabalho de escolher e o prazer de ir a todos, que é o que eu faço.

10 de fevereiro de 1877, anno 2. n.34, p.2

Theatro e theatrices

(...) mas o Sr. Guilherme da Silveira não é empresario que durma, o tem já em ensaios o *Piquillo Alliaga*.

É uma cousa velha e nova este drama que tem por autor Alexandre Dumas pai.

É velha para os velhos que viram-n'o representado no S. Januário há cerca de vinte e quatro annos; é nova para quem há vinte e quatro annos não frequentava ainda os theatros.

Estes últimos hã de achar, de certo, encanto na linda peça que o drama é; e aquelles terão occasião, que não deixarão escapar, de lembrar as bellas noites de espectáculo que então os deliciavam.

÷

Ensaia-se na Phoenix a *Bella Helena*, mas representa-se ainda a *Maria Angú*, um angú cada vez mais apimentado e cheio de azeite.

Todavia para descanso a esta melhor preparar aquella ha uma trégua de três deslumbrantes bailes mascarados.

Hade-se ir ver.

23 de março de 1878, anno 3 , n. 105, p. 6

Resenha Theatral

Os theatros quase se resumem presentemente no circo.

Parece, porém, que vamos ter uma nova questão dos *Lazaristas*, que o Furtado Coelho quer pôr em scena.

O governo hoje é outro, o chefe é outro, o papa é outro e é uma boa occasião para demittir-se o Sr. João Cardoso, para que também seja outro o presidente do Conservatório.

O Cassino precisa refazer suas finanças. Esbanjadas com a Viagem ao redor do mundo que o Furtado teima em fazel-a quase todas as noites, embora sem companheiros...

Companheiros, isto é, espectadores.

E os Lazaristas estão bem annunciados.

(...)

Alexandre Dumas acaba de fazer a leitura de um novo drama, que foi muito applaudido pelos entendidos: *José Balsamo*.

Procure o Sr. Furtado dar-nos o *José Balsamo*

E dou-lhe grátis conselho

A.B

23 de março de 1878, anno 3 , n. 105, p. 2

Resenha Bibliographica

Foram-nos offercidos exemplares das seguintes publicações

_ *Mulheres Celebres*, um interessante livro devido à penna do Sr. Joaquim Manoel de Macedo, editado pela casa Garnier.

24 de março de 1877, anno 2, n. 60, p.6.

Resenha Theatral

A Phoenix exhibe ainda em primeira mão o seu *Abel Helena*, que o publico está disposto a aceitar como aceitou a *Maria Angú*.

Faz bem a Phoenix. Continue como vai e deixe fallarem os críticos, que elles *calarã-se-hão-se*.

23 de março de 1878, anno 3 , n. 105, p. 7

Gazetilha

(...)

Recebemos esta semana dois livros bem estimáveis, Yayá Garcia por M. de Assis e Motta Coqueiro por J. do Patrocínio.

Sempre esta perigosa aproximação!

6 de abril de 1878, anno 3, n. 106p. 7

Livro da porta

Recebemos esta semana dois livros bem estimáveis, Yaya Garcia, por Machado de Siis e Motta Coqueiro, por J. do Patrocínio.

Sempre esta perigosa aproximação!

Revista bibliographica.

Appareceram esta semana nada menos de três livros, cad qual mais apreciável: *Yaya Garcia*, *Motta Coqueiro* e os folhetins do França Junior, que formão um grosso volume.

Yaya Garcia é o mimoso romance que os leitores do *Cruzeiro* já apreciaram devido á mimosapenna do nosso poeta Machado de Assis.

Se aventurássemos nosso juízo, diríamos que,todos os seus romances, é o que mãos agrada.Bem planejado, escripto com elegância e espírito, prende o leitor e entriça-o até o desenlace razoável, mas imprevisto.

Motta Coqueiro, que já foi publicado na *Gazeta de Noticias*, é um enérgico pretesto contra a pena de morte, baseado no facto lamentável de uma sentença injusta, a ue o Sr. Patrocínio deu a fôrma de romance, tornando assim mais amena a sua leitura e de mais effeito sobre o espírito do leitor.

É o seu primeiro trabalho d'este gênero; mango êxito feliz que teve mostra uma culta intelligência, exercitada a menjar a penna.

Nós cumprimentamos pella estréia.

Os folhetins de França Junior tornaram-se tão populares que disparamos a dizer qualquer cousa a respeito.

Demais, elle acha-se attraente.

6 de abril de 1878, anno 3, n. 106, p. 7

Annuncio grátis

Motta Coqueiro =

Vende-se na Gazeta de Noticias

Pobre Motta Coqueiro
Pobre do triste, coitado;
Depois de preso e julgado,
E á morte condemnado...
Ser vendido – e a bom dinheiro!

Ai! Pobre d'elle , coitado,
Pobre do Motta Coqueiro!

Triste dói o tirocínio
Da vida do desgraçado...
Mas depois de sepultado
Vir ás mãos do patrocínio,
É ser mal predestinado!
Então, escripto e escarrado,
Impresso, morto, enforcado,
Soffre o golpe derradeiro:
Vai p'ras lojas ser vendido
E vendido a bom dinheiro...

Pobre Motta Coqueiro.

Coitado d'elle, coitado!

Depois da forca – vendido

Depois da morte – comprado!

Tony.

13 de abril de 1878, n. 107, p.3

Echos

Um de nossos litteratos acada de escrever um romance, destinado a fazer furor, diz elle. Vai ao Garnier offerecer-lhe a compra da edicção.

Este, depois de ouvil-o:

-Meu amigo, quer um conselho, escreva um romance de Julio Verne que é só que se vende actualmente.

13 de abril de 1878, n. 107, p.7

Gazetilha

(...)

Tanto há criticado o primo basilio que já houve quem descobrisse parentesco entre o “primo” do Eça Queiroz e o “mano” do Felippe!

Tanto há criticado o Primo Basilo que já houve quem descobrisse parentesco entre o ‘primo’ do Eça Queiroz e o “manno” felippe!

13 de abril de 1878, n. 107, p.3

Echos

Um de nossos litteratos acada de escrever um romance, destinado a fazer furor, diz elle. Vai ao garnier offerecer-lhe a compra da edicção.

Este, depois de ouvil-o:

-Meu amigo, quer um conselho, escreva um romance de Julio verneque é só que se vende actualmente.

13 de abril de 1878, anno 3, n.107, p.3

Depois veio o discurso do Sr. Macedo, o orador do Instituto Histórico e Geográfico que era sobre a mandioca e sobre a paciência do publico. E, no entanto, foi um discurso de arromba aquelle; senão vejam:

“ Meus senhores, a mandioca entra em nossos horisontes que eram relativamente acanhados em 1875, a mandioca queria dizer simplesmente farinha, e já era muito, hoje quer dizer...etc.”

Viram? Em 1875 os nossos horisontes sentiram-se muito acanhados – tal qual como os olhos de Vasques; forçoso era buscar-se uma cousa que os desembaraçasse, os horisontes; essa cousa apresenta-se disfarçada sob a modesta fórmula de um aipim; este entra nos nossos horisontes, alargados e sahe transformado, oh!Deus – em mandioca! E não é só isso: a mandioca recém – nascida já queria dizer farinha e, já era muito: hoje quer dizer mais algumas cousas...

Pois que as diga...no Instituto Histórico.

27 de abril de 1878, anno 3, n.109, p.2

Livro da Porta

Ao Sr. G. paredes – Uma das suas composições é magniffica, mas esta muito a primo Basílio, e nosso jornal tem entrada no seio das famílias...

27 de abril de 1878, anno 3, n.109, p.6

As três questões

Ora até que afinal depois de tantas hesitações, tantas duvidas; depois do demorado martyrio da incerteza, resolveram duas das três graves questões da actualidade.

Eram ellas:

Dissolução da câmara;
Emissão do papel moeda;
E primo Basílio
+

Nas três questões, igualmente importantes e com igual calor discutidas, já se haviam formados partidos. Havia lucta. As opiniões entrechocavam-se, combatiam-se. E se os illustres preopinantes não haviam chegado a discutir a socco, como na Inglaterra, é porque não erma inglezes. Mas se a cousa dava mais uns dias ... então é que elles se naturalisazam *godemes* e – fogo.

+

Mas não foi preciso tanto. O nosso governo – o paternal governo, conforme preceittua a antiga e nunca assas usada chapa, - condoído dos soffrimentos que causava a duvida no animo d’este povo leal e fiel, andou mais depressa com a cousa, tão depressa como o Cruzeiro com seus boletins, e decretou:

1º Uma dissolução completa de papel moeda.

2º Uma nova emissão de 60.000 deputados.

Ou o contrario disso – que é tudo o mesmo.

+

Decidida a questão pelo lado do governo – dissolvido o papel, e emittidos os deputados – resta-nos a outra questão, e esta cada vez, mais complicada.

E a mais importante: a do *Primo Basílio*.

Os litteratos, os que a devem resolver, estão impossíveis, incapazes, impróprios, in...tudo. Não a resolvem.

As opiniões divergem sobre os pontos capitães com relação a obra e seu actor;

É um livro indecente; é um livro de fundo moral ; é imoral; não pode entrar na casa das famílias; pôde – rasgada a pagina 320; é realista; é naturalista; não é nada. O Sr. Eça escreve bem – mas é anjo; não escreve mal – mas é franco demais. E etc.

+

Neste ponto está a questão, e ninguém se entende.

E emquanto isso, emquanto se decide se deve o livro ser ou não lido pelas famílias, estas, immensamente aguçada a curiosidade, atiram-se com fúria á obra e devoram-na – com os olhos – em dous dias.

Algumas antes da leitura, vão logo a tal, pagina 320, procurar a cousa que não pode ser vista pelas Sras... e se algum *Primo Basílio* está por alli – é o encarregado de explicar as pausas e o confinamento do bigode do outro.

+

É verdade que felizmente já há alguma cousa adiantada, sobre o assumpto. Deve-se isso á chegada do illustre chefe dos nossos litteratos, recém-vindo da Europa – o Sr. L. de Castro, do Jornal e do Larousse.

Também aquillo foi dito e feito: chegou, viu e decidiu:

- Pois ainda não tem uma opinião decisiva sobre o *Primo Basílio*? Ou vocês são uns bananas... Eu cá, foi bastante pegar no livro, sopesal-o, ver a ultima pagina, e já tenho uma opinião formada:

-É um livro de 636 paginas!

+

E disse, E *o magister dixit*.... Aquillo é que é homem e tudo mais é leonardo1

D. Fortes.

4 de maio de 1878, anno 3, n. 110, p. 2

Livro da porta

Ao sr. X. – Nem espírito nem grammatica; mas como cada um enterra seu pai como pode, há de dar talvez um bom folhetinista.

11 de maio de 1878, anno 3, n.111, p. 2

O sol incommodou-se com a visita de Mercúrio e há dias que ninguém o vê.

Está de resguardo, talvez.

Em consequência o tempo tem estado humido e sombrio o que tem influído desagradavelmente sobre as pessoas nervosas.

Os folhetinistas, por exemplo, têm estado de um mão humor realmente péssimo.

Elles, os homens que deviam ser amenos e graciosos estão ajogar o socco uns com os outros... no rodapé ; bem entendido.

O folhetinista de hoje já não é o que d'antes era.

*

Antigamente esses trecos da columna da nossa imprensa eram a morada elegante do escriptor de bom humor.

Hoje o rodapé dos nossos jornaes tornou-se a arena de todas as discussões odientas e partidárias.

O folhetim deixou de ser mimoso e faceiro, para tornar-se pesado e severo.

É nos folhetins que os jornaes hoje discutem política; é no rodapé que desabam os seus pesados artigos de fundo.

O folhetim não é mais, portanto, o baixo relevo artístico, é um sólido alicerce de pedra e cal sobre o qual todos se julgam seguros.

*

Outr'ora quem estava de mão humor lia um folhetim para alegrar-se.

Hoje a leitura de um folhetim traz o somno quando não dá o spleen.

O folhetim deixou de ser risonho, para tornar-se pesadão e soporífero, como as *Cousas de casa*.

-É a nova escola, dizem os folhetinistas, é a escola realista.

Mas o realismo não exclue nem a graça, nem o mimo.

O que o realismo exclue é o folhetim cançado, o folhetim sem espirito, o folhetim commendador.

*

Cada folhetinista tem hoje o seu programma político que sustentar.

Precisa discutir seriamente as finanças do paiz e dar conta do movimento commercial, porque todo folhetinista, hoje tem seus planos.

E o folhetim que era apenas em delicado hore dieuvre, tornou-se a feijoada succulenta, mais indigesta.

É o folhetim – carne secca o que hoje nos dão em rodapé, á titulo de folhetim útil e realista.

Felizmente n'esse meio de realistas...restam ainda Sio e Eleasar que são dois protestos contra o folhetim, carrancudo ou desenchabido.

Todos os outros cederam o campo á nova plêiade que pretende transformar o mundo com as suas idéias novas de realismo.

Ou trivialismo.

11 de maio de 1878, anno 3, n.111,p. 6

Resenha theatral

Os theatros promettem-nos duas grandes novidades: *Lazaristas* e o *Primo Basílio*.

Cahio em exercícios findos a prohibição do Sr. João Cardoso, e vamos ter brevemente a peça do Sr. Ennes em scena.

Em em scena por muito tempo, pois todo o Rio de Janeiro há de querer ver representado o drama que motivou tanta cutilada e tanto aparato bellico.

Pois brevemente vel-o-há, creio mesmo que hoje, se não falham os planos do Sr. Furtado.

O Primo Basílio tem para attrahir além do nome, o mysterio em que se envolve o seu autor...ou autora.

O próprio Silva Pereira, que vai fazer de Primo Basílio não conhece o nome do autor da peça.

Tudo quanto elle sabe, é que vai dal-a em seu beneficio na Phoenix]x e na semana próxima.

Mas como obteve elle a comedia?

Lá isso agora eu posso contar.

Eram duas horas da madrugada, quando lhe batem á porta. Por excepção já elle estava deitado. Embrulhou-se na colcha, desceu a escada e perguntou:

- Quem é?

- Uma pessoa que quer fallar ao Sr. Silva pereira.

Esta resposta, em voz de baixo, contrariou-o num pouco, mas já elle estava em baixo e abrio.

Um velho creado, de chapéu na mão, fez-lhe signal que se aproximasse do coupé que estava parado á porta.

O Silva pereira apesar da toilette em que se achava, já não podia hesitar, dirigio-se á portinha do carro.

Estedenram-lhe então um pequeno embrulho dizendo:

- Para o seu beneficio.

O creado já estava na boléa; e o carro partio, puxado por dous possantes cavallos.

Depois de alguns minutos de estufecção, elle decidio-se a considerar o embrulho.

Desatou um laço de fita, desembulhou e leu:

Primo Basílio, commedia em um acto por...

Segundo elle afirma a mão que lhe entregou a comedia e a voz que disse-lhe: para seu beneficio, devem pertencer a uma elegante senhora.

- A mão era bem calçada e a voz melodiosa de matar a gente.

E eis tudo quanto elle sabe a respeito da commedia com que vai fazer beneficio na Phoenix.

Eu perco-me em conjecturas, elle perde-se em conjecturar o leitor naturalmente quererá também perder-se em conjecturas, portanto...

Ponto.

A. Dias

11 de maio de 1878, anno 3, n.111,p.2

O cassino annuncia para hoje os Lazaristas, a peça prohibida há treze annos pelo conservatório dramatico, e hoje licenciada pelo mesmo conservatório.

O drama é o mesmo, a edição é a mesma, o conservatório é o mesmo e até o Sr. João Cardoso é o mesmo, porque então licenciar hoje os Lazarista?

É que o ministro é outro, já não é o Sr. Diogo Velho de quem o Sr. João Cardoso era a menina dos olhos.

25 de maio de 1878, anno 3, n. 113,p.2

Há tempos entrava em n'um bond de Botafogo, quando vi sentado em um dos bancos da frente um illustre litterato que se fez senador, no firme propósito de aposentar-se das lettras.

A política, porém parece incommodal-o bastante, de maneira que é bem commum encontral-o sobraçando um livro que não é de Stuart Mil nem os discursos parlamentares de lord Palmestron.

D'esta vez há S. Ex com toda a attenção, no rodar do bonde talvez para se livrar dos massantes um volume brochado, editado por Michel Levy e tendo por titulo *Le pays dés inconnus*.

A obra interessou-nos pelo titulo, fiquei bastante intrigado por não saber de que paiz tratava o autor.

*

Procurei em todas as livrarias, mas desbalde, nem o Garnier deu-me noticias d'ella.

Hoje felizmente, estou mais aliviado, já sei de que paiz se trata. Conheço-o, vivo n'elle, aturo o seu clima e leio seu obituário, porque o *Paiz dos desconhecidos* é o Brazil e a sua capital é o Rio de Janeiro.

Esta descoberta foi-me revelada pelo Sr. Furtado Coelho em um “ a pedido” do *Jornal*, em que elle, o Sr. Furtado, declarou não conhecer nem mesmo as pessoas com quem há convivido.

O Sr. Furtado não conhece, nem quer conhecer F. Saraiva, o critico theatral e quem elle abraçou muitas vezes, quando criticava os espetáculos que não eram os de sua companhia, dizendo-lhe:

- Muito bem! Se todos fossem tão justos a cousa havia de endireitar...

Elle não conhece o F de M. e nem quer conhecer, quando este F. de M. é o mesmo que collaborou em uma peça que o sr. Furtado representou:

Não há que ver portanto, estamos no paiz ende os mais íntimos não se conhecem, Lê pays dos incoous, e quem quizer ver é perguntar ao Sr. Furtado:

- *Você me conhece?*

1 de junho de 1878, anno 3, n.114,p.6

E por este processi também na Phoenix a Sra. Isabel Porto apresenta-se na Juliana do primo Basílio com aquelle immenso corpazil, a queixar-se da moléstia – e da magreza.!

E tem-se de fazer de conta que isto assim o é.

Ora, a seguir-se n'este andar, d'aqui a pouco tempo chega-se 'perfeição de representar-se uma peça em que só entre, como personagem o empresário do teatro, que pedirá ao publico – o favor de fazer de conta que ouviu a peça.

É licito esperar por este adiantamento na arte dos caretas do Sr. Torres, dos cabellos(?) do Sr. Furtado, das mãos da Sra. Emilia e dos arrancos do Sr. Álvaro.

E quem viver, verá.

Tony.

8 de junho de 1878, anno 3, p.2

Livro da porta

Luizinha, romance de costumes cearenses, por T. A. Araripe Junior.

É um romance tão bom, que quem o caba de ler não pode deixar de fazer um brinde ao autor Araripe....ipe, ipê, hurrah

15 de junho de 1878, anno 3, n. 114, p. 3

Está ainda em ensaios o primo Basílio do Sr. Cardoso de Menezes, ou a terceira dynamisação do romence do Sr. Eça de Queiroz.

O Sr. Torres que faz de primo da Sra. Apolônia, não se julga ainda capaz de representar em publico o seu papel de Basílio.

-Modestia! Assegura a Sra. Apolônia que é a Luizinha da peça.

Emfim, continua em scena a Princesa Jorge para dar tempo ao torres adestrar a língua de modo a não gaguejar o seu papel.

E eu, palavra, prefiro a Princeza ao primo sem conhecê-lo ainda.

A peça de Dumas Filho foi montada no Cassino com um luxo realmente principesco.

Pelo menos por parte da Sr. Lucinda, que apresentou-se vestida com uma elegância de dous contos de réis, só artigo seda.

E para não fazer admirar sómente as suas toilettes, fez uma Princeza Jorge por quem trocaria toda a edição da princeza magalona.

Além de bem encardenada, interpretou com raro talento o seu papel difficil.

Até não sei porque há de a companhia do Casino se metter a dar-nos maus *Primos Basílios*, quando tem boas *Princezas Jorge*.

Pois se mesmo o Sr. Galvão no novo papel de marido illudido, perdeu um pouco os ares funambulescos que adquirio; desde que fez de Mephistopheles no Fausto.

E mais outra novidade: A Sra. Apollonia já não ri-se quando deve estar séria, o que realmante é um grande melhoramento conseguido.

Tudo, portanto concorre para o bom desempenho do drama.

E em 7 de julho de 1878:

No cassino representou-se afinal o *Primo Basílio*, o afamado, o esperado *Primo Basílio* do Sr. Cardoso de Menezes que este affirma ser extrahido do romance do Sr. Eça de Queiroz do mesmo titulo.

É uma peça de muitos actos, de mais actos do que accção, defeitos debaixo de mais de um ponto de vista, masl arranjada, mal dividida, um mosntrengo, emfim.

Todo mundo sahiu do theatro confessando que a tal peça realista excedeu em muito a expectativa, é assim foi, pois de facto esperava-se ver uma coisa ruim, e que não aconteceu isso, o que se viu foi uma cousa – péssima.

O autor ora segue á risca o romance, transcrevendo d'elle algumas situações, diálogos, phrases, paginas inteiras, ora afasta-se d'elle para ter novos personagens, situações, desfechos, que realmente nunca pensou o Sr. Eça se podessem applicar ao seu romance, dando-lhe outra direcção, e significação muito diversa – o que seja dito de passagem foi mutio bem feito o Sr. Eça que não sabe fazer as coisas pelo direito, passando pelo desgosto de ver em outro emendar e corrigir os seus erros, as suas faltas e os seus devarios de litterato presumido.

É verdade que esse outro é o Cardoso de Menezes...o que é uma honra para o Sr. Eça. Aquelle segundo quadro; o papel de Marguerite, a scena do paraíso; as palavras de Jorge no ultimo acto; e suas infinidades de cousas que a ultima hora e em uma chronica que já longe não podem ser notadas, foram outras tantas que o Sr. Cardoso julgou dever fazer ao livro – no que estava no seu direito.

A representação correu bastante fria no principio, conseguindo afinal arrancar algumas palmas e uma chamada do actor á scena – justamente no posto era que este se afastou inteiramente da idéia do Sr. Eça – outra prova de que o Sr. Eça é simplesmente ... um tolo.

O desempenho foi regular, a Sra. Appolonia disse bem a parte de Luiza e se a peça não se salvou não foi por feita do esforço seus igualmente o Sr. Furtado disse com verdade algumas phrases, embora por vezes se mostrasse pouco comedido ao dirigir-se a uma mulher, com uns gestos e maneiras tão arrebatados que faz de Jorge um caráter brutal, o typo de Sebastião feito pelo Sr. Martins, esteve longe de ser o que creou o Sr. Eça; e o Sr. Gusmão sempre tão consciencioso e recto no desempenho dos papeis que lhe são confiados, não foi d'esta vez muito feliz, sendo infelicíssimo na caracterização que apresentou.

A sra. Clélia fez uma Juliana bem regular, e parece-nos que não andou longe do typo magistralmente descripto no romance.

O Sr. Torres...o Sr. Torres...pobre Primo Basílio! Desta vez sim, estas terrivelmente condemnado!

O papel que conhecia á Sra Lucinda é uma papel ingrato, infeliz, sem razão de ser e aquella actriz intelligente como é, executou á risca, não permitindo que o publico o comprehendesse, nem entendesse uam só palavras do que ella pronunciou em scena.

Dizem-nos que era tudo francez, o que ella fallava; póde bem ser que assim fosse. Também a Sra. Cavllier fallou e muito em francez – noava pratica introdutória no theatro portuguez, fallando cada personagem sua língua natal, para ser entendido. Pelos seus patrícios, provavelmente.

Um individuo que assistiu á primeira representação do Primo Basílio, vendo tanto francez misturado com portuguez, uma cocotte e o actor Martins em scena, perguntou-me ingenuamente:

- Isto é o *Nho Quim*?

-É a sua segunda edição, respondeu o meu visinho da direita, setenciosamente

E acabou-se.

Tony.

29 de junho de 1878, anno 3, n. 118, p. 6

Piadas

(...)

Pois que andar de chapéu velho é uma das manias do nosso soberano, e todos nós sabemos o que são as manias.

Veja-se a do F. de M., o folhetinsita dos domingos na Gazeta, que tem incontestavelmente a mania do suicídio.

Já no seu penúltimo folhetim, aquelle nosso amigo andou a contar os suicidos que se deram durante a semana, os nomes dos individuos, a biographia, a utographia que deixaram e a competente nênia, d'elle folhetinista.

Agora, no ultimo não só nos dá a relação dos suicídios, como também – e é esta a mania do Sr. F. de M – acha que teve muito juizo um dos infelizes que suicidara-se, acha mesmo que foi esse o único dia em que tivera juízo aquelle individuo, pois que elle era doido!

E que tal! Não parece, o Sr. F. de M. um folhetinista que deixou de ser em tempos, no grande órgão, exactamente por causa de um folhetim – O Suicida.

Manias, manias.

Cá por mim lembrar-me-hia sempre que gato escaldado...e não diria mais que o suicídio é cousa boa e aceitavel.

29 de junho de 1878, anno 3 ,n.118 ,p. 3

Sobre theatros

(...)

Chagamos ao S, Luiz, onde nos deu a companhia Emilia Adelaide mais uma visita da sua marmota mágica; que tão depressa muda de vistas.

Foi a última – *As pupilas do Sr. Reitor*.

É este um drama que foi mal extrahido do romance, aquella obra prima do gênero e que não offerece nenhuma condição recommendavel mesmo para uma excelente companhia quanto mais ...adiante.

É de justiça dizer-se logo o seguinte: faz seu papel magistralmente – magistralmente é o termo – o Sr. Maggioly. Vai n'este ainda melhor do que no Bergeret. A doçura no fdallar, a suavidade no exprimir-se, a brandura no accionado, a expressão do olhar , todo foi magistralmente reproduzido, artisticamente pelo Sr. Maggioly, no seu pape do reitor, padre Antonio.

E dizer-se que este é o Alberto de Magalhães da *Magdalena!*

÷

Os mais... fora a Sra. Emilia que *chora* soffrivelmente o papel de Guida, a Sra. Elisa, que *canta* a parte de Joanna, e o Sr. Camillo que apresenta um bom Zé no papel de Jose´das Dornas, todos os mais...foram á missa, de cavallo sem esporas, como o Garibaldi da canção popular.

Aquella Sra. Felicidade, a fazer de Clara a moça mais bonita da aldeã (!,...); o Sr. Brandão, o João Seaman mais impossível que há; o Sr. Peixoto, vestido de velho do carnaval, de gestos e modos apalçados; e finalmente o Sr. Costa - como passou Sr. Costa? – aquelle Sr. Costa a fingir de primeiro galã; tudo esteve mesmo de fazer dormir a um santo – e foi o que eu fiz mesmo sem ser santo.

O drama já de si é mão, mas com tal desempenho, só mesmo para fazer concorrência ao ópio.

O publico applaudiu-o, e muito, é verdade, mas no ultimo acto. Pois se era o fim...até eu o applaudi – no fim...

13 de julho de 1878, anno 3, n. 120 p.6

No Cassino o Primo Basílio deu mais outra novidade: é que foi retirado de scena cedendo logar ao Demi-Monde e á Princeza Jorge, os da velha guarda, que rende-se, mas não morre.

Tem sido uma serie de novidades fornecidas por aquella peça que compoz, quero dizer, que nos pregou o Sr. Cardoso de Menezes. Em primeiro lugar a extracçãoi de peça, sem dor, mas com gaz hilariante...ou de hilaridade; depois a primeira representação, em que houve outra novidade: a lingua franco-brazileira applicada aos dramas, como fazia o Sr. Martins ás suas comedias; depois a suppressão de um quadro logo após a primeira representação, e de personagens que entravam em mais de um acto; os córtes, mudanças, appendices, mutilações, em cada noite em que se pregou a peça ao publico; finalmente a última novidade da serie, um drama que segundo os annuncios estava destinado a fazer successo, e que entretanto teve de ser retirado de scena logo depois da 4ª representação – o que também é um successo ...manqué.

É verdade que, á vista das repetidas mudanças, córtes e transformações, que em cada dia soffre a malfadada peça, nem póde a empreza declarar que esta ainda não foi representada, sendo essas cousas a que o publico tem assitido, uns simples ensaios geraes.

E n'esse caso deixemos que se acabem as experiências, vejamos em que param as modas e esperemos a primeira representação do Primo Basílio que restar de tudo isso.

Ai o Sr. Cardoso, e mais o Sr. Furtado!

11 de agosto de 1877 anno 2 n. 78 p 3 e 6

Resenha theatral

A Estrangeira de Dumas é o assumpto theatral que mais se discute esta semana.

Discute-se o desempenho e até a nossa sociedade é discutida nesse meio.

Ainda quanto á comedia, estão quase de acordo os nosos críticos...

Em compensação porém, quanto mais, cada jornall sério tem a sua iopinião.

Mesmo o Diário Popular tem duas.

Quizer ser mais generoso do que os outros.

Logo no dia seguinte ao da primeira representação, deu aquelle orgam uma noticia, em que dizia pouco mais ou menos que o desempenho estava bem próximo do fiasco.

E dava disto suas razões que, boas ou más foram depois discutidas nas mesmas paginas.

O segundo noticiarista não foi nda parco nas piadas que atirou ao collega que teve mais pressa em contar ao publico as suas impressões.

O primeiro achou má a traducção, que os artistas estvam todos deslocados, representando personagens que não tem para estudar.

O segundo elevou o desempenho á categoria de um triumpho, digno de todos os applausos.

Tudo póde ser...

O que porem, não pode ser possível, é ficar a gente sabendo o juízo que fórma o Diário Popular do desempenho da peça.

Ler uma e outra noticia é o mesmo que comparar um artigo da Reforma coma replica do Jornal da Tarde.

Qual das duas noticias será a boa?

A traducção é, dizem, de uma brasileira (?)

Só esta circumstancia obrigar-me-ia a desenvolver aqui todo o meu kalendario de elogios que guardo de reserva nos recondios da minha pasta.

Tinham de formar hoje todas as minhas chapas dos domingos, em homenagem ao bello sexo mas...

Se a atraducção não fosse de uma brasileira, como havia de mudar a cousa!

Se fosse, por exemplo, de algum pretencioso portuguez, como eu a acharia chula as vezes e pesada outras.

A obra de Dumas teve porem a fortuna de ser voltada para a nossa língua por uma distincta brasileira.

Podem portanto moutros achar que nem sempre o pensamento do autor foi bem interpretado, eu não!

Podia mesmo a minha patrícia ter traduzido avec plaisir – contra a vontade, que achava optima a sua traducção.

E a verdade é que perto disso, andou ella; mas citou em seu apoio as Ordenações de Reino, e os actos da Chacelaria que eu sempre pensei que as Senhoras tivessem o bom gosto de não ler...

Porque não hão de deixar esse trabalho ao Sr. Castilho?...

Não que eu seja daquelles que apreciam mais uma Cordon-bleu do que muitas Boas-leus.

Pelo contrário, eu sou até apologista da grande emancipação das mulheres.

Entendo portanto que o mais que se póde dizer da traducção da Estrangeira é que é...de uma Senhora.

No desempenho felizmente entram homens.

Póde a gente o]portanto, sem faltar ás regras de cortezia e exceptuando um pouco o Sr. Medeiros, concordar com tudo quanto disse S. Saraiva.

Pode-se mesmo accrescentar alguma cousa que lhe tenha escapado á observação ou que talvez não se tenha dado com elle.

É uma questão todas de gosto, e que se deu commigo, talvez especialmente..

Houve em mim uma verdadeira lucta durante todo o espetáculo.

Fiz tudo quanto humamente possível para convencer-me de que aquella Mistresa Charkson do S. Luiz tinha feito ruimna de muitos duques e príncipes.

Pois bem foi-me impossível.

Quanto mais eu via a Sra. Maria Adelaide, menos comprehendia que tivesse ella levado tantos artistas ao suicídio e tantos milionários á ruína.

Creio mesmo que foi esse meu trbalho assíduo que me privou de ver o triumpho que alacçaram os outros artistas.

Em todo caso sahi pensando em uma cousa.

Com certeza aquella *Estrangeira* do S. Luiz não póde ser tão feroz como a pintou Dumas

De mais aqui seria deffícil o seu programma, pois tinha de contentar-se com os commendadores...

Quando muito...

AB

Richochetes

É sempre bom dar o seu a seu dano e não imitar o Sr. Castilho, que attribue aos outros todas as suas obras.

(E há casos em que este – attribue póde ser substituído por – impinge).

É por isso que eu continuo a tirar a cupla da traducção da Estrangeira a “Uma brasileira” e deixar ao Sr. Castilho as honras da interpretação da peça de Dumas.

É muito bom ter-se á mão editores responsáveis; mas, se o estylo é o homem como se há de ver a mulher no tradctor da Estrangeira?...

Resenha theatral

O Cassino encetou afinal o seu annuciado repertorio de verão.

A Moreninha foi a peça que escolheu o Sr. Furtado para traço de união entre os dois repertórios, quente e frio...

Foi a primavera dramática entre as duas estações theatraes.

Foi todavia uma novidade da semana; pois a *Moreninha*-peça não figurava ainda no almanach scenico.

A *Moreninha*-romance do Sr. Macedo é bastante conhecida e tornou bem estimável o nome do seu autor.

Infelizmente porém não se póde dizer da peça: tal pai, tal filho.

A peça, quando muito, será filha bastarda do romance e extrahida a ferro bem dolorosamente.

Foi uma verdadeira operação casariana que atirou-a no palco, onde só encontrou madrastas e padrastos.

Pobre Moreninha!...E era tão fácil ao Sr. Macedo do Instituto não bolir na obra do Sr. Macedo poeta.

Os principaes papeis, para não fallar dos outros, foram desempenhados pela Sra. Lucinda e pelo Sr. Furtado.

Foram desempenhados, isto é, mal desempenhados, como era de prever.

Nem o Sr. Furtado se pôde ageitar ao papel de Augusto, nem a Sra. Lucinda ao de Moreninha.

D'ahi a verdadeira degradingolada que sérvio de prólogo ao repertorio de verão.

O Sr. Furtado Coelho deve estar lembrado do que muitas vezes dizia do Sr. Amoedo:

-Oral...um galan de cabelleira postiça.

Pois antes um galan de chinó, do que um galan careca...deixando de perte uma tal ou qual obesidade que tanto lhe pesa em scena.

O tempo corre, os cabellos voam...

E nunca mais voltam.

Quando a natureza de um artista é tão rebelde ás metamorphoses, como a do Sr. Furtado, é prudente ceder ás exigências da idade.

Não teimas em ser galan, quando os annos já o fizeram centro.

Seja pae-prodigio; mas perca a esperança de ser estudante-brincalhão.

As Dejazet são raras, raríssimas, tão raras que nunca possuímos uma só.

A Sra. Lucinda tem incoutestavelmente bastante merecimento; não tanto porem que possa arriscar-se a perder o que já tem conquistado.

Não está nas suas cordas o papel de Moreninha, e ellas própria deve tel-o reconhecido, se o amor próprio não a illudisse.

Não é com quatro ou cindo ensaios que se prepara um artista para desempenhar um papel, que não é de seu gênero.

A heroína do romance do Sr. Macedo, ingenuamente creada em Paquetá, namorando para casar-se e declarando seu amor em bilhetes esquecidos no jardim e beliscões durante o chá, é uma perfeita antípoda da Princeza Falconieri.

E ainda não é só isso.

É uso também na roça fallar francamente, fallar para que se ouça, emquanto que a Sra. Lucinda parecia ás vezes estar a confessar-se ao ponto...

A quaresma ainda está longe para que os espectadores do Cassino queiram já jejuar.

O resto da companhia formava um bello conjuncto.

Cada artista esforçou-se o mais que pôde, para me fazer acreditar que representava-se a *Espadellada* e não a *Moreninha*.

E desenrolassem no fim do espetáculo o panorama de Lisboa, que me tinham convencido.

Além da Moreninha naturalizada...ou desnaturada, consistiram as novidades no homem Hercules e no Skating-Ring.

D.J

7 de setembro de 1878, anno 3, n. 128, p. 2

Há cinquenta e oito annos...

Dizem: o Sr. Macedo em sua historia; e o Laemmert em seu almanach.

...Que temos a nossa independia.

Proclamada por Pedro I, segundo uns; por Jose Bonifácio, segundo outros.

7 de setembro de 1878, anno 3, p.2

Parece afinal resolvido que vamos ter o Guarany de Carlos Gomes; o Sr. Ferrari quer dar-nos essa prova de attenção.

Pena é que não fosse esta opera a escolhida para o espetáculo de gala com que a companhia solemnisa hoje o dia 7 de setembro.

O Guarany tem a vantagem de recordar dois nomes que são suas glorias nacionaes: Alencar e Carlos Gomes, nenhuma opera portanto em melhores condições para hoje ser applaudida.

(...)

14 de setembro de 1878, anno 3, n.129, p.3

Sobre theatros

(saltimbancos)

Fallemos sério, uma vez por excepção.

A Revista Illustrada é um jornal livre, independente a falla n'este assumpto de theatro, como em todos os outros, de conformidade com a justiça e com a verdade.

Fallo por mim.

As impressões que recebe no theatro – com um simples espectador, entenda-se – são o móvel dos meus escriptos e jamais me deixei levar por sympathia particular por este ou aquelle artista, nem tenho relações de amizade com nenhum d'elles, felizmente para mim – e para elles também, confesso.

Outrossim, pouco se me dá que as opiniões que manifesto na *Revista* vão em contrario exactamente ás de todos os outros collegas da imprensa, pois que não acho grande gloria em acompanhar, n'este particular, a imprensa d'esta capital.

Sabe-se bem até que ponto os nossos jornaes dizem a verdade sobre os theatros e os artistas, e cá por mim não lhe tenho grande inveja nem lhes gabo o gosto.

Para isso não escreveria.

Arrume sua mala e ponha-se ao fresco enquanto é tempo de encontrar algum Virgilio para escrever a *Pedreira* e diga o seu sentido adeus ao *ubi imperium fuit*.

(Adeus lembranças a S. A. e quem perguntar por mim.)

Junio

9 de novembro de 1878, anno 3 , n. 137 , p. 2

A Revista em perigo

Constou-nos que tramava-se a queda da *Revista*, rimo-nos.

Alguns *a pedidos* publicados nos jornaes diários fizeram-nos ver que realmente havia alguma cousa, e que tínhamos cahido em grande desagrado.

Mas os *a pedidos* eram indecentes, e por conseguinte, concluimos que os seres autores eram uns lorpas, e pouca importância mereceram-nos.

Hoje, porem, a cousa é outra: trata-se nem mais nem menos do que de uma tremenda conspiração, dessa cousa ruim e funesta que tem derrubado thronos, decepado cabeças, feito

correr rios de sangue e dado ocasião ás mais terríveis choriçadas de que há noticia na historia, dos horrores os mais horrivelmente encarnados.

E essa cosnpiração, horror! É contra nós! Ou melhor, é contra a nossa *Revista Illustrada!* Contudo, vai morrer?

Vai ser degolada, enforcada, queimada talvez! Apostolo! Querido collega, não nos desampare nesta hora fatal!

Sim, é verdade, não é um sonho nem um pesadelo, é a tremenda realidade que vem ahi medonha e ameaçadora! Conspira-se contra a existência da nossa folha! Quem sabe se não será da nossa vida também?! Tem se visto tanta cousa nesta ex-terra Lusitana...

A conspiração partio da rua do Rosário.

Em nausoabundo cheiro de carne-secca podre nos fez descobrir o toco da conspiração e da peste (aviso a junta de hygiene) e multem desta vez que é para ensinar.

Trata-se nada mais nem menos de fazer riscar na Revista tudo quanto é assignante portuguez. Oh! Bárbaros! Cruéis!

A menos que fazendo amende honorable* nos retactemos de tudo quanto dissemos e pintamos sobre o autor do Eurico, fazendo-lhe agora os maiores elogios.

Ah! Miguel Angelo, está vingado!

Mas isto tudo é sério? Perguntarão naturalmente os nossos assignantes que não se querem riscar.

É sério sim senhores, e é assim mesmo; é pegar ou largar.

Mas, dirão os senhores, isto é...

É uma bestidade é verdade mas que querem? Os homens exigem que proclamemos a infabilidade do seu ídolo, do grande maestro, donec plusultra, sinão retirm as suas assignaturas, e são muitas, isso lá é verdade.

Entendem que podemos á vontade censurar, criticar, debicar, satyrisar a todos, nacionaes e estrangeiros, menos o autor de Eurico.

Criticamos Carlos Gomes e censuramos severamente Pedro Américo e muitos outros artistas nacionaes.

Porque não fariamos o mesmo com o Sr. Miguel Ângelo Pereira?

Por ser portuguez?

Pois a *Revista Illustrada* acha muita graça nisso, e rir-se a ficar com cólicas.

Mas, olhem que tem graça mesmo.

E a todos os assignantes que se retiraram da Revista por causa disso só temos uma palavras para elles:

Coitados!

E não ficaremos zangados.

Agora. Srs. Conspiradores se julgam que alguns centos ou mesmo milhares de assignantes que saiam ou entrem, possam influir sobre as nossas apresentações sobre o nosso modo de pensar e de criticar, estão enganados, mas muito enganados.

Podem se riscar todos, que não deixaremos de prosseguir no caminho que temos seguido, até hoje, e onde os Srs. Mesmo nos applaudiam para fazer exepção sobre quem quer que seja.

A *Revista* vive unicamente dos seus assignantes; não tem balcão.

Nella, nunca ninguém mandou publicar retratos em troca de dinheiro ou de algumas listas cheias de assignaturas. Nem na *Revista*, nem no *Mosquito*, quando era feito pelo mesmo desenhista, nunca se fez caricaturas nem artigos a pedido destes ou d'aquelles, por maior que fosse o empenho ou o interesse que offereciam.

Tanto n'um jornal como em outro, a critica foi muitas vezes severas, mas sempre justa, imparcial e verdadeira.

Esses mesmos que hoje nos guerream em muitas circumstancias, que é inútil lembrar. Ficaram-n'os gratos pelo interesse que tomamos pelos seus patrícios, em questões muito mais graves e importantes de que nossa questão de arte em que não pode haver nacionalidade, porque a pátria da arte é o mundo.

Busquem-se pois, se quizerem, do livro dos assignantes.

Só acrescentaremos o seguinte:

Se tivéssemos incorrido n'uma falta grave, se tivéssemos feito uma critica injusta e cujas conseqüências pudessem prejudicar a alguém, seria coma melhor boa vontade que nos retrataríamos, mas, permittam-nos que lh'o digamos.

Nesta questão, os Srs. Retirantes da *Revista* nos fazem unicamente rir.

16 de novembro de 1878, anno 3, n. 138, p. 2

A Revista em perigo

Continua guerra contra a *Revista Illustrada*; e querem dar a esta guerra um carácter de nacionalidade, isto é dizem na promovida pelos patriotismo lusitano.

Viram os euriquistas que como questão de arte não podiam continual-a, e procuraram, torturando desenhos e escriptos da nossa folha, falseando o sentido do que dissemos, chamar a odiosidade dos portuguezes sobre a *Revista Illustrada*.

A *Revista Illustrada*, dizem elles, fallou nas cores azul e branco da nossa bandeira...insultou a nação portugueza!

Pintou os capacetes de azas que levavam nas coristas no Eurico, dizendo que era o coro dos Mercúrios; Mercúrio é o Deus do commercio; este é na maior parte composto de portuguezes, logo insultou o commercio portuguez.

Querem mais claro? E havemos de sustentar semelhante víbora??

É preciso confessar que não póde haver nada mais ridículo que semelhante interpretação.

Chegamos por um instante a convercer-nos de que essa gente não sabe ler ou não sabe o que lê.

Foi no escriptorio do Cruzeiro que um respeitável negociante portuguez desta praça, nos informou de tudo isso: pelo que elle asseverou, vemos que não se trata positivamente de analphabetos, mas sim de certos mandões que aproveitando-se da sua alta posição commercial e revestindo-se de toda gravidade que o caso exige, impõem a outros menos favorecidos de fortuna, a obrigação de riscarem as suas assignaturas sob penns de lhe retirarem a sua poderosa protecção.

E para isso, fazem vibrar as cordas do patriotismo, mentindo á verdade e á sua própria consciência para fazer acreditar que insultou-se a sua nacionalidade.

Infelizmente, alguns acreditam e outros vêem-se obrigados a fingirem que acreditam.

Permittam que lhes digamos:

Não é sómente ridículo e malévolos esse systema de guerrear-nos, é baixo e miserável.

Onde viram esse ataque á nacionalidade?

Será que pelo simples facto de criticar uma opera escripta por um artista portuguez?

Será mesmo, pelos capacetes dos coristas?

Será por causa do ve4stido azul e branco da Hermengarda?

Ora meus Srs, tenham critério.

Eurico

Entre as manifestações de solidariedade e apoio que nos tem sido dirigidas pessoalmente e por cartas, temos o prazer de inserir a seguinte, que muito nos lisonjeia por partir de quem se distingue discutindo francamente a obra do Sr. Miguel Ângelo.

Eis a carta:

“Nesta epocha de servilismo e bajulação de todo louvou e proceder, de um jornal que como a *Revista Illustrada* emite com toda a imparcialidade a sua opinião franca e desapaixorada sobre a obra de Miguel Ângelo pouco se importando com a perda de interesses avultados com que a tem ameaçado espíritos menos cultos, victima uma cegueira annudita.

Tendo também expedido a nossa opinião sobre aquella composição no Cruzeiro de 5, 7 e 9 do corrente e constando-nos que alguém menos intehencionado traduzio nas nossas palavras um despeito de nacionalidade achamos opportuno declarar que, como Miguel Ângelo Pereira, somos nascido e baptisado na muito nobre, leal, heróica e sempre invicta cidade do Porto.

Para Nós a arte é de todo o mundo.

Appreciando como deve ser a opinião da *Revista Illustrada* com referencia a obra Eurico, ousamos dizer á illustrada Redacção: conte sempre com a assignatura do seu constante leitor e apreciador.

14 de novembro.

Fetis

Este pseudonymo é bastante conhecido daquelles que acompanharam as criticas feitas ao Eurico.

A. Gil

8 de dezembro de 1877, anno 2, n.93, p.2

Resenha theatral

De maneira que crimina-se o publico porque não supporta a *Moreninha* que nos dá o cassino.

Condemna-se o publico, porque foge do S. Pedro.

E grita-se contra o publico por não ir ao S. Luiz.

Tudo porem tem seu limite e, é bom que nos entendamos todos.

Não seja só o publico a expiar as culpas de tanta gente.

A começar pelos thetros em si...

Não há um só que convide a entrar n'elles, e quando se entra o único desejo da gente é pôr-se ao fresco.

Todos os edifícios são horrendos, e não há entre nós um só empresario que cuide da commodidade do publico

Confiando no bom senso natural de cada um, não acreditamos que encontrem muitos de seus patricios que os sigam.

12 de dezembro de 1878, anno3, n.141,p.6

Ao publico

Abrimos hoje espaço a algumas publicações a pedido. Vamos fazer conmmcorrenca aos grandes órgãos diários. Elle que se agüentem no balanço.

Esta seção, toda particular, tem o direito de discutir seus interesses “desde que não offenda a moral publica.”

“Não admittimos testa de ferro.”

(Esta declaração é só para inglez ver, porque por mais dez mil...chega freguez.)

“também não admittimos mofinas, nem ensinuações contra á vida privada.”

(isto agora tem os seus conformes)

Emfim o publico verá que cumprimos a nossa promessa...da mesma maneira que os grandes diários.

O Leonardo de Cá.

18 de janeiro de 1879 p.2

Livro da porta

Um capitão de quinze annos, romance de Julio Verne, versão do Sr. T. dos Reis, editado pelo Sr. B. L. Garnier, que é o nosso editor-mor.

O Nababo, romance de costumes parisienses por A. Doudet, traduzido por Simpliciss e editado pelo mesmo Sr. Garnier.

15 de fevereiro de 1879 p. 7

Echos

Orgulhemos compatriotas!

O major Taunay que chegou da Europa, disse pelo Jornal do Commercio que vio por lá muita cousa; mas que o Rio de Janeiro...o Brazil...etc e tal...Enfim, que somos um povo adeantado, sómente não sabemos apreciar o que possuímos de bom.

Pois é pena que não saibamos apreciar todas as nossas encantadas maravilhas, porque te-las e aprecia-las seria *ouro sobre o azul*.

Mas querem ver que o nosso major, com a sua *innocencia* só vio da Europa o que ella não tem de bom...

Mau gosto, Major!

1 de março de 1879

Gazetilhas:

Consta que os Srs. Visconde de Prados e Pompeu sahiram mascarados no carro da idéia dos *Excêntricos*.

Iam os dous juntinhos, representando um quadro bucólico, disfarçados em Paulo e Virginia.

O que é o hábito!

24 de março de 1879 p. 2

Livro da Porta

Ao Sr. Felix Ferreira & C. – *Gabriella*, romance brasileiro por J. M Velho da Silva, 2ª edição – Um romance, cujo enredo o autor conta-o logo ao leitor, mas muito em segredo, de modo que os personagens não escutem palavra e fiquem só elles intrigados até o final do livro.

É divertido para quem lê.

Divertido só n'este sentido do segundo capítulo em diante se é de tal modo interrompido pelos bocejos, que não há meio de continuar a leitura.

15 de maio de 1879, anno 4, n. 161,p.2

Á Empreza Litteraria, os números de 1 a 8 da *Moda Illustrada*, jornal das famílias, contendo os últimos figurinos das modas de Pariz, moldes de tamanho natural, modelos de trabalhos de agulha, tapeçarias, bordados, crochete...

E ainda romance e artigos de litteratura.

É um museu completo.

27 de maio de 1879, p. 2

Livro da porta

Ao Sr. J. G. de Azevedo, editor – Código Criminal do Brazil, anotado com todas as leis, decretos, e avisos, até 1878 e acompanhado de um índice alfabético.

Este índice é de grande vantagem: foi auxiliado por elle que vimos quanto são terríveis as penas com que se pune o aborto: doze annos de gales! Já recommendamos a todas as pequenas: - e agüentar os nove mezes!

Mas o Sr. Taunay abortou a *Innocencia* e anda impune pelas ruas da cidade!

16 de agosto de 1879 p. 7

Gazetinha

Muita gente pergunta se o conto *O Sertanejo*, que é publicado no *Jornal* o Sr. Taunay não será esposo da *Sertaneja*, poesia em tempos publicada pelo Dr. Mello Moraes Filho.

Infelizmente não sabemos informar ao publico se tal conto é esposo da alludida poesia, irmão, isso parece – na amolação.

7 de janeiro de 1880, anno 5, p3.

O Sr. Macedo, do Instituto, vai escrever um romance *El rei Vintém...*

Um romance histórico, do tempo dos affosinhos.

R.

31 de janeiro de 1880, p. 3, anno 5, n. 193

Resenha theatral

Uma novidade theatral: Antonica da Silva.

Uma novidade, ou antes uma indecência theatral do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, membro do Instituto histórico e geographico, deputado á assembléia geral, professor do imperial collegio de Pedro II, maior de sessenta annos, etc, etc,etc.

É uma indecência autorisada pelo Conservatório dramático e tolerada pela policia do pudico Sr. Pindahyba das cortinas nas casas térreas!

Uma indecência, sim! ... E infelizmente não posso dizer ao leitor e sobretudo a leitora:

- Se duvida, vá ver...

Porque o Dr. Macedo parece ter escripto a sua peça para ser apreciada na rua de S. Jorge.

Antonica da Silva é um rapaz que se desfarça em mulher, occulta-se em casa de uns burguezes que tem duas filhas, e passa por moça excepto para o dono da casa que, não querendo conservar a *mecha junto ao paiol de pólvora*, sahe a procurar um meio de se ver livre da mecha.

Começa a comedia por uma scena de almas do outro mundo, em que pelos beijos, abraços e *monólogos* a velha reconhece que seu hospede é *elle* e não *ella*, e avisa as duas filhas.

Parece que honestamente devia acabar aqui, mas não...

Segue-se o segundo acto. Uma das moças disfarça-se em homem para salvar o seu hospede de quem já está enamorada, e vai em lugar d'elle sentar praça e fazer exercícius no quartel do moura, d'onde foge depois vestida de frade...

É um carnaval a comedia do Sr. Dr. Macedo, da *Moreninha* e um carnaval de Zé P'reira, onde o dito chulo e grosseiro se procura disfarçar em espírito. Exemplo este estribilho que volta a cada passo:

- Eu vou-lhe atraz!...

Ou então:

- Agora vou-lhe adiante!

E outros que por mais crus, deixo de transporta-los para aqui.

Creio inútil continuar a dizer em que consiste a comedia.

Pelos dois primeiros actos, está bem claro o plano do autor que visou apenas a immoralidade crua e descabellada como o caminho do successo.

É que o Sr. Dr. Macedo da *Moreninha* sente-se esquecido do publico e quer excitar a curiosidade das plateas, plagiando mal as *Memórias de Faublas*...

Depois de velho, gaiteiro!

Quanto ao desempenho, já se vê foi esplendido; a companhia parecia estar no seu elemento.

O publico rio a bom gargalhar com os gestos e caretas com que o Vasques colabora sempre com os autores que julga precisarem de sua protecção.

Este successo deve animar o deputado fluminense...

Consta mesmo que S. Ex. já tem em mãos os Serões de um convento – E se o Conservatório der licença, vai a Martinhada.

E porque não há de dar?

A cortina é só para a rua da Guarda Velha; a velha guarda litteraria tem todas as licenças

A. de Lino.

31 de janeiro de 1880, anno 5, p. 7

A casa Garnier editou mais um livro: *Os Quinhentos Milhões e os Revoltosos do Rouny*, romance de Julio Verne, traduzido por A. J. dos Reis.

O nome do autor basta para explicar o gênero da obra e recommendal-a aos seus admiradores.

A Gil

31 de janeiro de 1880, anno 5, p. 7.

Bibliographia

Temos antes de tudo *os Retirantes*, por José do Patrocínio.

A nocção d'este romance passa-se no ceará, na epocha bem calamitosa da ultima secca; e o autor, tristemente impressionado com as descripções que nos traziam os jornaes do norte, foi especialemte áquella província para escrevel-o. Esra circumstancia e a musa recta e justiceira do jornalista-litterato previnem desde logo o leitor de que não se trata de uma obra fantástica, mas de uma historia real, cujos personagens existiram, se não com os mesmos instinctos e caracteres, que apparecem verdadeiros no meio das seccas tristes e commoventes de que o ceará foi o theatro. O fim do romancista foi sobretudo descrever-nos estas scenas, interessando ao mesmo tempo o espirito do leitor com a narração dos amores de um padre amoroso e debochado, circumstancia muito natural para afugentar certa classe de leitores.

A nova escola, escola da justiça e da verdade, terá ainda de lutar por muito tempo contra os velhos preconceitos, contra as convenções das antigas escolas litterarias em que educou-se ou estragou-se o gosto do publico, habituado ás fantasias fáceis, em detrimento embora da realidade. O publico lê com grande avidéz e sem a menor perturbação digestiva a historia dos crimes que têm origem no confessionário ou na sachristia, com uma condição de ser essa historia narrada ou commentada nas gazetilhas diárias ou perante tribunaes civis; mas desde que o romancista apodera-se d'ella para expol-a em toda sua hediondez, o publico rejeita-a, desespera, clama contra o autor do livro e, não tendo o poder de condemnal-o ás fogueiras da Inquisição, satisfaz o seu ódio atirando o livro á fogueira de sua cosinha...É o que deve ter

acontecido a mais de um exemplar dos *Retirantes*, em que José do patrocínio respeitou a verdade ainda mais crua, descrevendo com grande talento todas as misérias que foi especialmente testemunhar.

Ainda os *Retirantes* estavam-no meio de sua publicação, nos folhetins da Gazeta de Noticias, e eu ouvi uma apreciação que syntetisa em bem poucas palavras o que que quer o publico no romance. Uma senhora que “fazia o sacrificio” de ler os *Retirantes* exclamou indignada:

- Tenho lido e hei de ler até o fim, não para ver até onde chegam os desaforos d’aquelle padre, mas para ver até onde vai a pouca vergonha do Sr. Patrocínio.

Perfeitamente confessado. A leitora dos *Retirantes* não se zangava com os desaforos do padre, elles eram verdadeiros, eram reaes, ella conhecia talvez a muitos para os quaes o solidéo fora perfeitamente talhado; o que a exasperava, o que lhe dava enxaqueca era haver um romancista bastante sincero para contar-lhe essas cousas n’um livro em vez, de encher-o de lírios odoríferos, de seios entumecidos, de amores puros, de concubinatos lyricos, de perfumes ideaes que fossem justificar muitas leitoras e provocar os seus hystericos.

Os *Retirantes* porém não são isso, são uma história real, escripta com talento e muita observação.

A falta de espaço me faz restringir á noticia sobre os *Retirantes* deixa-me apenas ensejo de noticiar o apparecimento de outros livros.

14 de fevereiro de 1880, anno 5, p. 2

(...)

Também as enchentes... quero dizer as vasantes não dão para mais, e as empresas não querem remar contra a maré.

N’esse constante baixa-mar, apenas a Phoenix tem a coragem de lutar e vai-se salvando com a burleta do Sr. Macedo, apesar de annunciada como imoral.

Apezar, ou – o que é mais certo – por isso mesmo, pois além d’essa qualidade apenas o seu autor lhe vai encontrando outras boas.

Quem há de gabar a noiva?

Emfim, por isso ou apesar d’aquillo a *Antonica* vai dando enchentes ao Heller e se não agrada ao publico, fal-o rir.

E o autor contava com isso, diz elle em sua defeza pelo *Jornal*, onde continua a elogiar a sua peça com grande empenho.

S. Ex. diz nos seus artigos que tem um nome litterario e que é maior de sessenta annos.

De acordo em um e outro ponto.

A conclusão que d’ahi tira o Sr. Macedo – de ser moral a peça – é que nos parece um tanto forçada.

Deixemos-lhe, porem, a sua admiração pelo que faz, antes que elle escreva um drama para explicar a sua comedia.

Há poetas que escrevem uma esthetica para cada volume de versos...

28 de fevereiro de 1880, anno 5, p. 3

A proposito de Meyerbeer

Tobias or not Tobias! Ecco il problema.

Die Deutidjeu in von Meyerbeer. Curit dês, horntreibebes um egenein von Taunney , uha (sic)

_mas que é isto? Que lenga-lenga é essa de von Taunney e von Tobias?

Como, lenga-lenga?...Isto é allemã, muito bom allemão marca Bismark, porque eu pertenco á *positive Schule*, de Sylvio Romero e sei bastante a língua de Schiller para citar Goethe a propósito de Meyerbeer.

Mas eu é que não espico allemão.

Verstehen Sie Deutsch, meine Dame?...

Mas se não fallaes allemão, estaes perdida, leitora, perdidinha, pertenceis á escola von Retraite vin Laguna, não podeis apreciar Meyerbeer, nem comer choucroute segundo as leis da nova philosophia von Sylvio Romero (*der Escola SAbule*) o *brazilianisches Held von modernische Wissenschaft*.

- E para apreciar a musica allemão, é preciso Deustch sprechen?

Certamente, leitora! A musica não se traduz e para a choucroute só a língua allemã:

(parte em allemão – copiar)

Como diz muito bem vou Gingibier (dês classiche Musicaut) é mesmo para todas as artes e sciencias é forçosamente necessário ter de cor o Niebelungen, por que sem allemão não há sciencia possível sustenta von Sylvio Romero Zeitung von Noticias, 26 von corrente mez)

- Mas...

Já sei. Duvidaes do meu germanismo: mas é uma injustiça leitora, por que ninguém como eu para saber allemão e tão forte na theoria cellulo-muzic-socialish.Von Pomadisch, o qual dedicou-me a sua obra nos seguintes termos ...A von K. Brito, redactor von *Revista Illustrada* (16\$000 rs per Jabr, na rua da Assembléia, 44).

(...)

Vê pois a leitora que eu não sou nenhum “flibusteiro litterato representante da imprensa brasileira” como os Machados de Assis, Taunay e outros (*Von Sylvio Romero, Zeitung von Noticias, 26 von corrente mez*)

Pelo contrário, eu sou germano até á ponta dos cabellos e na litteratura choucroutirch, ninguém me vence.

- Mas...

Já sei, leitora vai dizer que não pretence a nenhum partido, que não é nem Retrich von Laguna, nem von Escada; mas é impossível, senhora. Hoje, ou bem *Tobias or not Tobias*.

That is the question.

K. Brito

13 de março de 1880, anno 5, p. 3

O Sr. Sylvio Romero, cujo nome desde muito conhecido em mais de uma provincia surgiu agora na corte em varias discussões na imprensa. Reunio em volume alguns artigos já publicados no recife e deu-lhes por título Litteratura Brasileira e a Critica Moderna. É um livro que denota grande trabalho e muito estudo por parte de seu autor, embora nem sempre justo nas suas apreciações, ora benévolas em demasia, ora demasiado cruéis.

O Sr. Sylvio cede muita vez a amisade, em quanto que tem prevenções exaltadas contra aquelles com quem não conviveu.

Sem isso, seria um excelente critico, pois revela grande somma de conhecimento da nossa e outras litteraturas.

3 de abril de 1880, anno 5 .p. 2

O governo está absorvendo poetas.

O Sr. Pedro Luiz, está ministro, o Sr. Machado de Assis, official de gabinete...justamente quando encetou na *Revista Brasileira* a publicação do seu romance *Memórias póstumas de Braz Cubas*, muito interessante para que todos desejem a sua continuação.

É ligeiro, alegre, espirituoso, é mesmo mais alguma cousa: leiam com atenção. Com calma; há muita critica fina e phrases tão bem subscriptadas que, mesmo pelo nosso correio, hão de chegar ao seu destinatário.

É portanto um romance mais nosso, uma resposta talvez, e de mestre e outra cousa; e será um desastre se o official de gabinete absorver o litterato.

Esperamos que não.

Raul D.

10 de abril de 1880, anno 5, n.203p.7

Pequena chronica

Sómente para não amolar, como C. de S. nos está amolando com seus folhetins sobre Sylvio Romero, passo adiante e copio da Gazeta de Domingo:

“O commandante do vapor francez, *Belgrano*, entrando hontem em nosso porto, informa-nos que ás 5 horas da manhã de 31, de bordo de seu navio atirou-se ao mar o passageiro de nome Braz Marcelino José da Silva, vindo de Pernambuco.

Não foi possível prestar ao infeliz os devidos socorros, visto só *ter-se dado por sua falta três horas depois da occorrença.*”

Está ahi um pedacinho bem duro de roer, palavra!

Porque...

10 de abril de 1880, anno 5, p. 6

Piruetas

(...) O Sr. Escragnoille Taunay encetou uns estudos na Gazeta, começando por dar-nos um artigo critico sobre *Nana*.

O ultimo romance de Emile Zola, terrivelmente realista, é a phtographia crua, sem retoques de algumas scenas da prostituição, em Pariz; e romântico autor de *Innocencia* arrepiase com essa impudicicia deslumbrante...

Mas não é esse o perigo. O que eu pervejo, o que eu prenuncio, é que não tarda por ahi o philosopho Tobias – *or not Tobias* – com seu positivismo, o Sr. Romero com seus allemão, o Sr. C. de L. com seu latim...

Uma nova torre de Babel!

A respeito do realismo, eu creio entretanto ter bem assentada a minha idéia.

Realmente não há de que tanto se alarmar por uma escola que deseja a verdade e a critica. A realidade é uma boa cousa, e não sei porque afastar-se d’ella para cahir em lânguidos idyllios. Que mal nos faz a descripção d’aquillo que todos podemos ver?

Entendo que é licito ao romancista descrever tudo, um vaso de flores ou um – vaso que *não cheire á rosa*.

Com tanto que não despejem este ultimo sobre a gente.

K. Brito

8 de maio de 1880, anno 5, p.3

Resenha theatral

Nós temos um Conservatório dramático.

Entre as cousas inúteis que temos é mesmo uma das mais inúteis.

José de Alencar não fez parte d’elle.

Nem José de Alencar, nem Quintino Bocayuva, nem outros que escreveram para o theatro.

E justamente porque escreveram para o theatro; porque, ao passo que esses foram bannidos, estão lá constituindo a censura os Srs. João Cardoso de Menezes, que nunca escreveu uma scena, Victorino de Barros que nunca imaginou um dialogo, Taunay que apenas se mostra na ante-scena do lyrico...

Podem ser bons críticos, pensará o leitor; mas não.

O único que lá estava assente n'esse direito, era Machado de Assis, hoje excluído pela sorte – sarcasmos da sorte!

Todos os membros do Conservatório pois tem apenas representado um papel no theatro – de filantes de camarote!

“São filantes, dizem os empregados: e com sobeja razão, cumpre concordar.

Pois d'esse Conservatório acaba de sair machado de Assis, para n'elle entrar o Dr. Ataliba de Gomensoro, medico, oculista, bom moço, cavalleiro de bellas maneiras e muitas ordens; mas...

Sinceramente o que faz o Dr. Ataliba para, sobre ou pelo theatro? Em que concorreu elle para merecer essa nomeação?

Foi ainda injustamente escolhido porque:

“Usando de condecoração estrangeira, sem ter preenchido, aqui, as formalidades da lei, não podia ser nomeado. “E tanto que a portaria tem de esperar que elle satisfaça no thesouro o seu imposto de vaidade, para então ser expedida.

Porque então esse aferro em faze-lo censor de uma arte, em que é tão alheio?

Empenho e camarote no lyrico!

Mas se pega a moda – e já o Caipira arvorou-se medico! – de chamar-se um oculista para o Conservatório dramático porque não há de ir também um advogado ensinar zabumba no Conservatório de musica? Um guarda-livros para o Observatório, um urbano para ministro da fazenda? Um sapateiro para nosso ministro em Londres?

Porque não recrutar no hospício os nossos legisladores?

15 de maio de 1880, anno 5, p. 6

Bibliographia

A redação do *Cruzeiro* mimoseou-nos com quatro exemplares das obras: *A mulher do resuscitado*, original de Aléxis Bouvier; *Geographia physica*, de A. Geike; *Geologia*, do mesmo autor; *Astronomia*, de N. Lockyer, vertidas todas para o portuguez e editadas nas suas officinas typographicas – muito obrigado!

O romance de Aléxis Buvier é uam d'essas obras que mais interessa o leitor, pela complicação do entrecho, pelas situações dramáticas, do que pelo mérito litterario. Visa o successo do rodapé, e está bastante bem planejada para alcançal-o.

As outras são três opúsculos, escriptos com methodo, e seriam com proveito adoptados nos collegios, como introducção e complemento ao estudo da geographia geral.

15 de maio de 1880, anno 5, p. 6

Bibliographia

Dos Verdadeiros mysterios do Rio de Janeiro, romance brasileiro, de Paulo Marques appareceu apenas o primeiro volume; e é difficil prever-lhe o plano e adivinhar-lhe a these, se these há. Todavia, cremos não desacertar, adiantando que é um livro de estrea, promettedora talvez, mas atropelada dos desvios desculpáveis nos principiantes: expressões que seriam bem substituídas, leviandade nas descipções...Aguardemos os volumes por virem; e por ora enviemos ao autor este seu bom conselho – “Estuda que elle dá na dedicatória a um amigo.”

24 de abril de 1880, anno5, p. 6.

Bibliographia

Ainda não tivemos tempo de ler a *Filha do crime*, romance original por ***, recentemente publicado no Porto, supponho: a typographia também guardou o incógnito.

1 de maio de 1880, anno5, p. 2.

Chronica Fluminense

Os espíritos voltam-se de novo para a política...

A camara reuniu-se finalmente na quinta-feira e o ministério apresentou em ultimas provas, o projecto de reforma liberal; bom, liberal, alargando o direito de voto...tal qual, emfim o adivinharam os Cuviers politicos pelos pontos já conhecidos.

O Sr. Saraiva resmeceu-o bem e pensou-lhe cuidadosamente a ferida aberta pelo punham do Sr. Rio Branco.

Esta punhalada há de ir a historia.

No senado, prolonga-se o martyrio do Sr. Christiano Ottoni, que escolhido e quase approved, acha-se numa attitude bem incommoda: meio corpo; mas a cabeça lucta, ainda, entalada entre a porta e o prtal e pelo roçar do tempo, já deve estar calva e branca...

...sans barbe ni chevenx.

Comme um grand potiron a rouler dans les cieux.

É o perigo das cabeças grandes.

- Eu me havia illudido, entretanto...

Quando Sylvio Dinarte, em sua critica á *Nana*, apontara o perigo de se poder julgar as sociedade franceza pelo romance de Emile Zola, achei infantil, confesso, o seu receio. Entretanto, eis o que outro escriptor se julga com direito de escrever, porque leu o mesmo romance: “Um monstruoso acepipe reclamando pelo *paladar depravado e insaciável* d’esse formigueiro humano que se coalha nas margens do Sena *)

Não há, pois, duvidar: há quem, lendo a historia de Nana – uma pústula – julgue Paris um hospital, onde só há Nana pústulas grangrenando imbecis como Steiner e Muffat. Pobre Paris! Não se poderia realmente ser mais...leviano e injusto contigo, só porque como Éden, também tens a arvore da perdição!

E a propósito. É singular como nossos realistas degeneramem sectários. Todos querem a verdade, confessam; mas se Zola dá Nana, que é uma verdade, exclamam enojados – “Isto é lama!” como se a lama não fosse uma realidade, que o gary nos mostra diariamente em cada canto da cidade! Gritam contra o romancista, porque Nana cede á sua natureza; então mais realista já era, Sardanapalo!

I shall not love thee less; noy, perhaps more.

For yielding to thy nature...

Segundo assevera Byron, que não é zolista, portanto...

22 de maio de 1880, anno 5, p. 6.

Gazetilha

O Sr. Escragnolle Taunay começou hoje no Jornal a narração de suas vinte e quatro horas de paixão, e continua...

Como é doce amar assim!

22 de maio de 1880, anno 5, n.209, p. 6

O Sr. Escragnolle Taunay começou hoje no Jornal a narração de suas *vinte e quatro horas de paixão*, e continua...

Como é doce amar assim!

29 de maio de 1880, p.2

Chronica fluminense

A reforma eleitoral volta á scena.

Os vinte e um apresentaram finalmente o seu substitutivo, que não é nem melhor nem peor que o projecto do governo: um e outro não passam de magníficos trompel'oeil, promettedores na apparencia; mas falhos na realidade. Pelo artigo segundo, ostentado logo em primeiro plano, é eleitor todo brasileiro maior de vinte e um annos, nato ou naturalizado, catholico ou não, ingênuo ou liberto, tendo renda não inferior a duzentos mil réis annuaes; mas pelo artigo terceiro, não é nem elegível nem eleitor o litterato, o jornalista... que não tenha outro meio de vida; nas letras não constituem profissão. O piloto, o caixeiro, o mestre de barco serão deputados e senadores; aos poetas, dramaturgos – coitados! – resta-lhes apenas a esperança posthuma e um centenário.

Sempre a mesma triste consolação: Voltaire não pertenceu á academia franceza!

Outro retrocesso: o Sr. Tobyas Barreto reviveu a questão – Meyerbeer, e d'esta vez porventura melhor, mais vigorosamente que a primeira. O seu primeiro artigo, inconstavelmente bem fundamentado, não prodizira grande effeito, estragado pelo Sr. Sylvio Romero, espécie de postscriptum desmantelado que o poeta da Escada conserva aqui na corte. A gora porém tudo foi restabelecido no seu verdadeiro pé: o major Taunay não adiantou cousa alguma sobre Meyerbeer, ignorando-lhe até o prenome.

Alguém, n'esta folha já definiu o Sr. Taunay: *um leicença litterario*, nédio, rubicundo, enfartado, latejando de seiva; mas não o espremam, não lhe procurem o succo... E foi justamente o que fez o Sr. Tobyas, espremeu o leicença, reduzindo o major ás suas murchas proporções: uma illustração de salão, um critico de boudoir, litterato de toilette, capaz de entretaeer o espaço de uma contradansa com futilidades e citações de almanack, apregoando-se germanista, quando não sabe as mais comesinhas abreviações da língua allemã e batendo finalmente em retirada, quando seriamente refutado em sua enfatuação.

É o hoeme das retiradas o Sr. Taunay: que mande prefaciari mais esta.

2 de agosto de 1880, p.6

O discurso do major Taunay a Carlos Gomes constou de três partes: na primeira celebrou as glorias de Camões, na segunda as victorias de Caxias, na terceira o ventre livre do Sr. Rio Branco...

Na outra sessão saudou o maestro.

Richochetes

O Sr. Escragnoille Taunay encetou um estudo critico na *Gazeta de Noticias*.

São tremendas descomposturas a Zola, Guy de maupassant e outros realistas *ejusdem furfuris*, como diz o louro major.

A maior censura, que faz o Sr. Taunay aos zolistas, refere-se no emprego de certos termos; mas o próprio critico, quando quer dizer as cousas tem d'estas expressões:

–'Uma formidável diarrheia...'

Que certamente também não cheiram á boa essência de rosas.

Outra mania do Sr. Taunay é sustentar que os mãos livros são os que mais e melhor se vendem, e que os bons ficam entregues ás traças.

Naturalmente, desde que as *Lágrimas do coração* estão todas na livraria!

2 de agosto de 1880, anno 5, p. 6.

Vai apparecer brevemente a traducção dos *Reis no exílio*, de A. Daudet.

Annuncia-se também para breve um outro romance – *O Rei nas enfermarias* - muito realista

7 de agosto de 1880, anno 5, p.6

Bibliographia

Pela casa Garnier acaba de ser editado mais um romance traduzido de Julio Verne: *Os Navegantes do XVIII século*.

O titulo e o nome do autor deixam ver claramente o assumpto do livro. É a narração das viagens empreendidas por Casini, Picard, La Hire, Byron, Cook e outros, sob a forma de romance, n'um estylo fácil e ligeiro, amenizado de anecdotas interessantes. A sciencia no romance tem o defeito de não satisfazer aos espíritos sequiosos de estudos sérios, o romance didactico é quasi sempre pouco divertido.

Ou bem sciencia, ou bem romance.

28 de agosto de 1880, anno 5, p. 7

Da ultima carta de Felipe ao mano...

É verdade, li. Não há também quem leia os romances do Sr. Taunay!

Pois da ultima carta de Felipe ao mano, dizia elle , depois de muito reziugar com os fiscaes das freguezias:

“ Se o supplicante tem razão, dem-lh'a, em que pese a quem quer que seja; senão tem, neguem-lh'a, sejam quaes forem os empenhos.”

Mas, mano d'uma figa, se o supplicante já tem razão, para que lh'e darem ainda? E se elle não tem, para que negar?

31 de dezembro de 1880, anno 5, p. 6

Bibliographia

Alguém havia dito relativamente á sociedade dos homens de letras:

Funde-se a sociedade, que os homens de letras virão depois. E não foi preciso esperar muito para se ter d'isso um bom exemplo no Sr. Alfredo Bastos.

Não é que se trate d'um desconhecido no mundo litterario, o autor das *Phantasias* trabalhou longamente na imprensa, e mesmo no theatro já deu prova de sua aptidão; mas no romance, o gênero em que talvez excella, a *Madrasta* é a sua estrela.

É um bom romance...uma história, escripta em estylo ligeiro, sem largas descrições nem caracterizações muito profundas, mas bem contada e d'um entrecho habilmente urdido. Lê-se a até no fim, e espera-se que o autor prosiga e pague em outras publicações o muito que promette n'esta.

15 de janeiro de 1881, anno 6, p.2

Chronicas fluminenses

Fecharam-se as câmaras e abriram-se definitivamente os banhos de mar. Antes isso

O mar é necessario mais útil e mais divertido que as câmaras: tem o phosphoro, que falta aos cérebros dos deputados; a energia, que os senadores já não possuem; o sal, que elles esquecem nos seus ditos; a regularidade nas merés, que se não vê nas duas sessões; a onda que arrasta mais do que a rethoric; a profundidade, que não se acha nos seus discursos; o movimento que contrasta com a inércia parlamentar; e a immensidade, finalmente, que elles invejam sem zelar.

Boa moda, a do banho de mar! Conserva, agita o corpo e acalma o espírito. Lord Byron confessa que muita vez atolou seus pezinhos n'um bom e doce mergulho. E é preciso ver como as cariocas se exercitam gentilmente na arte de nadar.

-Não acha que tenho feito progresso?

- Certamente, minha senhora, V. Ex. já se sustem perfeitamente...debaixo d'água!

A história não disse ainda se Alexandre Herculano fazia uso dos banhos de mar; é quase provado que não.

Se o autor do *Eurico* tivesse, como o poeta de *Child-Harold*, conhecido as doçuras do mergulho no elemento salso, teria por certo amadurecido mais o seu gênio e sio menos misantropo, porque elle o foi – um misantropo, constestem-n'ò muito embora os seus admiradores.

E ninguém o admira mais do que eu, aquelle valente gênio; mas quandoleio o seu *Eurico*, passo ao *Monge de Cister*, chego á *Historia de Portugal* e empaco no segundo volume, não posso deixar de empacar também na sympathia que me inspirava o seu enorme talento. Ninguém tem o direito de, na posse de uma gamma de conhecimentos úteis á humanidade, se encerrar com elles n'uma quinta, á fazer azeite. É privar a sociedade d'um patrimônio que é seu, é ainda mais: um perigo:

Porque, se os historiadores se fazem azeiteiros, os azeiteiros podem fazer-se historiadores.

Eu não venho contestar a idéia de uma estatua a Alexandre Herculano.

Nem tenho a competência necessaria, e já o fizeram como jamais poderia fazer os Srs. Theophilo Braga e Ramalho Ortigão, ambos no mais honesto e louvavel intuito, es este n'um estylo enérgico e scintillante. O meu fim é lembrar ao conferente de domingo a publicação do seu discurso, pois só assim teremos as respostas dos Srs. Theophilo Braga e Ramalho Ortigão, contraditadas a duas mil léguas de distancia, n'uma conferencia oral, que elles motivaram sem poder ouvir.

O autor do *Bobo* fez menos do que podia, mas ainda assim a estatua que lhe querem erguer será melhor merecida do que muitas outras. Sómente...

Sómente se elle tudo houvesse feito, quanto podia e devia, o que lhe daria o reconhecimento portuguez além d'uma estatua? Duas?

15 de janeiro de 1881, anno 6, p. 2

Terça-feira:

Apparecem, em volume, as Memórias Póstumas de Brás Cubas, por Machado de Assis, já publicadas na Revista Brasileira.

Não se falla n'outra cousa.

Não se falla, nem se lê; relê-se.

15 de janeiro de 1881, anno 6, p. 2

Bibliographia

Acabo agora de reler as Memórias Póstumas de Brás Cubas, cuja publicação tinha acompanhado sempre com o maximo interesse.

Já uma vez me referi a esta obra, cujos primeiros capítulos eram uma valiosíssima promessa que o autor hoje paga com uma generosidade de espírito e de bom humor inapreciáveis. Machado de Assis, reconhecem-n'ò todos aquelles que o tem acompanhado d'este as *Phalenas*, *a Mão e a Luva*, *Ressureição*, *Contos Fluminenses...até Yaya Garcia e Tu só, tu, puro amor...* é uma organização essencialmente litteraria e, sobretudo, um talento provavelmente progressivo: vence-se constantemente.

As Memórias Posthumas, escriptas com a penna da galhofa e a tinta da melancholia, são mais uma prova interessante do seu engenho e um valioso mimo de humorismo. A obra é tudo, diz elle, esquivando-se a um prólogo: se te agradar, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote.

Eu, com certeza, não apanho o piparote.

26 de fevereiro de 1881, anno 6, n. 240,p.3

Modas e costumes....

É o que te digo a vida em Petrópolis é monótona como os romances anamicos de Sylvio Dinarte, e, para se aborrecer não há como a nossa aristocracia de plaqué; os saraos são raros como os leitores do Cruzeiro, e os dias passam amargos como nos folhetins de C. de L.

12 de fevereiro de 1881, anno 6, p.3

Gazetilha

O major Taunay que não se descobriu a pólvora, acha que o Sr. Nabuco fez muito mal em descobrir o Brazil em Portugal. Também acho que melhor fez Cabral, descobrindo o Brazil na América.

12 de fevereiro de 1881, anno 6 p. 6

Gazetilha

Um sujeito, que lia na *Gazetinha* um artigo critico sobre as *Memórias posthumas de Braz Cubas*, a ver as iniciaes de assignatura, decifrou: U. D. – Ubaldino do Amaral.

19 de fevereiro de 1881, anno 6, n239. p.3

Pelos Theatros

Revi há dias, no Lucinda, a Torre em concurso, do Sr. Joaquim Manoel de Macedo.

Não é precisamente uma novidade a comedia do autor da Moreninha, ao contrario; data mesmo de bem longe, de bons tempos em que se faziam pikniks em Paquetá e os bondes não amputavam as pernas dos passageiros; mas está regularmente bem representado, e a empreza faz bem em montar uma peça nacional – ao menos para que melhor se estime a invasão do gallicismo.

O nosso publico já deve estar cansado de se não ver em scena e, se bem que a Torre em concurso não seja um quadro de hoje, é todavia uma photographia dos tempos dos nossos avós.

Todos conhecem, naturalmente, o entrecho d'essa burleta. A mim, esquecera-me apenas, ou escapara-me um traço que não deixa de ser boa critica e apreciavel aia hoje: há no correr da peça dois partidos que se degladiam, e n'uma das scenas dois indivíduos mudam de bandeira...Pois bem, são justamente estes dois tranafugas que mostram mais entusiasmo partidário e erguem vivas á nova bandeira.

Isto é característico e...

Mas para que escrever os comes dos Srs. Ferreira Viana, Lafayette?...

Citemos antes o do Sr. Xisto Bahia que tem um bom papel e desempenha bem, e o da Sra. Vicência que faz rir a platéa.

19 de março de 1881, p. 2

Gazetilha

Não é exacto que o Sr. Taunay esteja escrevendo um livro para o concurso aberto em madrid. O nosso patricio tem, é verdade, uma obra em preparação, mas é a *Velhice de Carlos Magno*.

2 de abril de 1881, anno 6, n. 243, p. 6

Bibliographia

Tenho sobre a mão o livro mais tolo – o mais inmundo – o mais immoral – o mais indecente de orthographia, o mais pansudo de ignorância, o mais nojento de miséria, que tenho lido. Sem planos, sem graça, sem uma idéia, sem syntaxe, sem orthographia, é um punhado de parvoíces, totalmente escriptas e de immoralidades que cansam nojo sem fazerem rir.

Para o lixo as Mulheres aventureiras, do Sr. Dr. P. M. J. Duarte

2 de abril de 1881, anno 6, n. 243, p.6

Pelos Theatros

A Princeza de Bagdad, como outras peças de Dumas, tem uma historia interessante.

É hoje simultaneamente aqui e em Paris o grande acontecimento theatral, e cá e lá tem provocado censuras e applausos. Em Paris, foi mesmo pateada na primeira representação, depois de aclamada no ensaio geral por mil e duzentas pessoas.

Quem teria tido razão, o publico da véspera, ou o publico do dia seguinte?

Fica ao publico dos dias subsequêntes pronunciar o veredicto.

Entretanto essas divergências de opiniões, essas mudanças bruscas tem a sua explicação. O temperamento dramático de Alexandre Dumas Filho não tem a calma das gerações temperadas, e tudo quanto não é commum attaca os nervos ao publico. Se a impressão é favorável, tudo agrada, tudo é optimo: se não quadra bem ao sentimento, tudo choca, tudo é péssimo.

Bem ou mal, Alexandre Dumas impressiona sempre pela energia da expressão, accentua o seu talento dramático. Uma phrase mais enérgica, uma expressão mais accentuada compromette as vezes uma scena, perde um acto, faz patear a peça como aconteceu á Princeza de Bagdad.

Comedia original, a Princeza de Bagdad é a historia real d'uma existência romântica, e admittido o romance acceto o facto, o drama é poderosissimo.

9 de abril de 1881, p. 3

Gazetilha

Quem disse que o autor da Moreninha tinha deixado a litteratura? Nada é menos verdade, o Sr. Joaquim Manoel de Macedo está na *Gazeta da Tarde*, onde nos dá, aos sabbados, a bella *Samburá de compras*.

7 de maio de 1881, anno 6 p. 6

Bibliographia

Va,os ler o *Mulato*, romance original brasileiro com que se estréa na litteratura o intelligente Sr. Alluizio Azevedo.

21 de maio de 1881, anno 6, p. 3

Bibliographia

Quando o anno passado, se commemorou aqui o tricentenário de Camões, Machado de Assis, foi de todas as festas; o seu nome brilhou em todas as manifestações do talento em homenagem ao grande épico.

Ninguém fez tanto quanto elle.

Desfez-se em sonetos, cada qual mais bello na idéia, mais primoroso na forma, mais impecável no metro.

E como se isto não bastasse, escreveu ainda uma comédia, Tu só, tu, puro amor...que é um mimo de estylo, um requinte de arte.

Esta jóia litteraria, representada no theatro imperial e no Lucinda, acaba de ter um escrínio condigno. O Sur. Lombaerts deu-nos d'ela uma edição de cem exemplares numerados, que é um apuro de bom gosto na escolha do papel, do typo e na nitidez da impressão.

21 de maio de 1881, anno 6 p. 3

Bibliographia

Acabamos de ler o *Mulato*...

É uma estréa, sente-se-o bem desde o começo; mas uma estréa esperançosa...

Lemol-o até o fim.

11 de junho de 1881, anno 6, n. 251,p.3

Dr. Ferreira de Menezes

Era em 1876, o primeiro anno da publicação da *Revista Illustrada*; O Dr. Ferreira de Menezes escrevia então os folhetins do Jornal do Commercio. N'um delles, veio uma critica algum tanto severa e injusta acerca de caricaturas e na qual se viam censurados asperamente três caricaturistas estrangeiros, Borgomainero, Bordallo Pinheiro e quem escreve estas linhas , sendo eu um d'elles. Como mais antigo dos três, entendi do meu dever tomar a defeza dos meus amigos e respondi. Houve replica e treplica, e como em geral acontece, a discussão azedou-se, chegando até a ser violenta.

Estávamos pois a ferro-fogo um com o outro, quando se deu o fatal acontecimento da morte de Borgomainero,. Esse eminente caricaturista tinha conquistado grande sympathia antre todos que o conheciam, não só pelo seu immenso talento, como pelas suas excellentes qualidades pessoases.

Ao seu enterro compareceram todos os seus amigos e admiradores, sendo a maior parte d'elles collegas de imprensa; entre elles achava-se Ferreira de Menezes. Ao ver o meu adversário prestar essa ultima homenagem ao meu infeliz collega e amigo, o meu olhar cheio de reconhecimento encontrou o de Ferreira de Menezes cheio de tristeza.

Perto um do outro e sem trocar uma palavra, contemplávamos o cadáver d'aquelle verdadeiro homem de bem; e os nossos corações mais unidos ainda sentiam a mesma dor.

Chegamos ao cemitério: seis amigos carregavam para o sepultura o corpo que conteve tão grande alma e tão brilhante espírito. Achava-me eu na frente do caixão, ao lado de Ferreira de Menezes; cada um de nós segurava n'uma das argolas.

Borgomainero, unia com a sua morte dois terríveis adversários que ainda na véspera se combatiam encarnadamente; e quando depositávamos o corpo de nosso amigo á beira da sepultura, foi Ferreira de Menezes quem, puxando um papel do bolso, pronunciou commovido e com lagrimas nos olhos, umas palavras de immensa saudade e de inteira justiça sobre as qualidades moraes e intellectuaes do grande e respeitável artista.

Ainda estava ao lado de Menezes; e ao ouvir essas palavras não pude mais me conter; agarrando-lhe as mãos apertei-lh'as como se fossem as de meu melhor irmão. Tinha conhecido que em ferreira de Menezes havia um grande coração. Desde esse dia elle ficou sagrado para mim e nunca mais o meu lápis o hostilizou.

Outro facto que dá uma idéia do que era Ferreira de Menezes.

Foi no dia 1º de janeiro de 1880, dia triste e vergonhasamente celebre para aquelles que mandaram espingadear o povo, sem se importarem que as balas fossem feriri culpados ou innocentes.

Achava-me eu nas ruas, no meu posto comohomem de imprensa, procurando ver com os meus próprios olhos aquillo que talvez não teria acreditadise m'ò tivessem contado.

Não posso narrar aqui o que todos sabem e seria muito longo. Direi apenas que senti em relação a Ferreira de Menezes.

Ao ver a cidade transformada em raça de guerra e pouco depois a fulilaria matando o povo desarmado a innocente, composto na maior parte de curiosos inoffensivos, senti-me verdadeiramente indignado.

Não havia revolução, nem rebelião; havia apenas um motim fácil de se desfazer mandando passear a cavalaria e a infantaria pelas ruas, dispersar o povo reunido em grupos e prender os que fizessem qualquer resistência.

Para isso a policia tinha ao seu auxilio toda a tropa;

Mas como o bom senso e a prudência não costumam ser a norma de conducta dos nossos paternaes governos, entenderam os que se achavam no poder que era preciso derramar sangue, para terminar por um terrível golpe essa tremenda revolução!

As bengalas e guarda-chuvas do povo foram consideradas armas, e á vista desde terrível armamento tornava-se preciso encher de balas as cartucheiras dos soldados, preparar a artilharia e mandar fazer fogo por dê cá aquellas palha.

O caso era muito sério, a vida dos trilhos e dos bonds corriam realmente grande perigo.

Os factos provaram que o governo não se enganara.

Alguns insurgentes, armados até do dentes arranacaram ferozmente alguns trilhos dos seus lugares, maltrataram desapiedadadamente alguns bonds que deixaram feridos e virados de pernas para o ar, gritando soccorro!vingança!

Foi então quando o pio Ennes, não podendo mais com a sua indignação e bravura, deu voz de fogo!

Morreram três pessoas e ficaram feridas não sei quantas.

Mas os bonds e os trilhos foram vingados, e o povo pagou com o seu sangue o terivel attentado.

Não houve revolução mas o governo fez o possível para que a houvesse. A índole pacifica por demais da população desta corte composta em grande parte de estrangeiros de todas as nacionalidades e de nacionaes mais ou menos dependentes de empregos officiaes, fez com que não houvesse a menor revolta, abafando cada um a indignação e o horror de que se achava possuído diante d'um acontecimento tão inesperado quão brutal e covarde.

Mas como em tudo há excepções, vi algumas que me provaram que ainda há caracteres independentes que nada receiam e que tudo ousam. Vi alguns cidadãos brasileiros revoltados protestarem energicamente e em voz alta e franca, e tive occasião de ver que aquelle que bramava mais alto e mais enérgico contra os assassinos do povo desarmado, era ferreira de Menezes.

E as boyonetas estavam ali perto, e as espingardas estavam carregadas!

Mas pouco se importava Ferreira de Menezes, que só via homens mortos e outros feridos.

Ângelo,disse-me elle apenas me avistou:Que dizes á isso? –Não digo nada, observo, e só sinto que não haja muito como tu.

Chegando-se então elle para mim, disse-me baixinho ao ouvido:

- Vem hoje á noite á rua de tal nome.

-Bem, lá estarei; se te posso ser útil, conta commigo.

Fui á hora marcada ao lugar indicado e lá encontrei Ferreira de Menezes presidindo uma reunião de bons cidadãos.

Tratava-se, não de alguma revolta á mão armada, não; tratava-se unicamente de fazer uma representação ao governo, para que não corresse mais sangue, e de nomear-se uma commissão

de médicos e advogados que gratuitamente se prestassem a cuidar dos feridos e dos presos nesse fatal dia 1º de janeiro.

Termino aqui. Esses dois factos que aponte, mostram que Ferreira de Menezes tinha um bom coração e era um excellente cidadão.

Quanto ás suas bellas qualidades como advogado, litterato e jornalista; toda a imprensa já as proclamou.

Eu só acrescentarei: perdi um bom collega; jornalista como elle há poucos.

Recebam os seus companheiros da Gazeta da Tarde os meus sinceros sentimentos .

Agelo Agostini

9 de julho de 1881, anno 6, n. 255, p.3

Chronica theatral

Na bella serie de espectaculos que nos deu a companhia dramática italiana, esta semana, figura em primeiro lugar a Dama das Camélias.

Todos conhecem esta peça popular que, tendo uma longa historia de sucessos, ainda jõe consegue commover e impressionar as platéas; é um quadro de paixões ardentes, a vida d'uma corteza celebre. Margarida Gauthier, que se regenera pelo amor e pelo sacrificio; assumpto assaz discutido e que originou tão brilhantes batalhas litterarias.

É grande o numero das Margaridas Gauthier; o typo romântico de Dumas Filho tem tido innumeradas interpretes, aqui como em outros theatros; mas creio não cometer uma temeridade, avançando que a Sra. Adelaide Tessero é a Margarida mais perfeita que temos tido no Rio de Janeiro.

Seria impossivel descrever aqui nesta ligeira noticia, como toda a accentuação dramática os desencontrados e violentos movimentos da sua fisionomia e dizer até que ponto ella penetrou o espirito do seu difficilimo papel, e contento-me em citar a scena do baile no quarto acto, mais do que brilhantemente reproduzida, illuminada da luz viva do seu talento, privilegiado é a scena da morte, no ultimo acto, a dmiravel arte – e de vida para empregar a expressão d'um critico refinado.

Acompanhou a Sra. Adelaide Tessero o Sr. Biagi, que nos deu um Armando correcto e digno da margarida Gauthier.

Os outros papeis foram também representados com discrição e talento.

P.7

A companhia dramatica italiana deu-nos mais uma vez a dama das Camélias.

Eu tinha visto a primeira representação, mas apressei-me de voltar á segunda não para aprender a morrer, eu que viver sei, mas para verificar em quantos minutos morre a Sra. Adelaide Tessero. Era uma aposta entre mim e um inglez meu amigo.

O theatro estava cheio, tanto se gosta ainda das mulheres românticas que entisicam de amor e morrem de paixão – moléstia que já não figura nos obituários que encge a medicina moderna – havia caras novas, gente exótica e talvez por isso, sempre que eu entrava na sala achava a minha cadeira occupada ora por um homem magro, ora por um chapeo gordurento. O home magro era bastante gentil para se levantar, quando eu chegava; mas o chepeo gordirento, esse ficava immovel como um penedo.

Da primeira vez, suspendi-o cuidadosamente e, ninguém o reclamando, colloquei-o n'uma cadeira adiante; da segunda mesmo jogo: suspendi-o sempre cuidadosamente e sempre ninguem reclamando, colloquei-o na mesma cadeira. Da terceira, paf! Sente-me em cima.

-Oh !senhor, que barbaridade! Exclama furioso o dono do chapeo que logo appareceu.

- Desculpe, meu amigo, mas não pensei que este chapeo possuísse uma cabeça.

Da quarta vez, a minha cadeira estava livre e fresca.

23 de julho de 1881, anno 6, n. 257, p.6

Piruetas

Não é sómente pela sua boa água velha, nem pela famosa goiabada de cção que os campistas se fazem distinguir.

É ainda pelo seu estranhamento amor pela moralidade...nas peças theatrais.

Já sabem como aquelles rigoristas receberam o Primo Basílio, quando apresentado ultimamente pela companhia dramática da Sra. Herminia?

Com uma tremenda patenda, e gritando indignados: - abaixo a immoralidade! Fora a peça!

Uma comedia aprovada officialmente pelo Conservatório Dramático!

É o Sr. João Cardoso que deve jubilar com isso.

30 de julho de 1881, p. 3

Bibliographia

O Sr. Franklin Távora, autor do *Matuto*, acaba de fazer uma edição, de duzentos exemplares, de *Lourenço*, chronica pernambucana, publicada na *Revista Brasileira*.

“Esta chronica , escreve o autor, prompta há mais de dous annos para seguir em volume o Matuto, cujo é conclusão lógica e natural, acaba de sair na Revista Brasileira.

“Mudando-se o plano de publicação, tive por necessario adaptar o trabalho aos leitores da Revista Brasileira que não podia presumir fossem absolutamente os mesmos do Matuto. Fiz por isso muitas alterações n’este manuscrito. Argumentei informações e minúcias, reproduzi ideas inúteis no primeiro caso, indispensáveis no segundo. Quem ler agora o Matuto e o Lourenço notará algumas repetições.

Fica o leitor prevenido.

No mais, *Lourenço* é um livro escripto em bom estylo, de leitura interessante e amena, sobretudo instructiva. Os dois livros contém a historia da guerra dos mascates, que foi como que o primeiro prenuncio da guerra da independência.

20 de agosto de 1881, anno 6, n. 261, p. 2

Repetio -se este anno a celebre e popular festa de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro – Não confundir com as outras Nossas Senhoras que por ahi pupulam.

“Uma festa philosophica, essa da Gloria!”

Não podendo cumprir o devoto dever de subir até as alturas do Outeiro consolei-me lendo esta descripção da festa:

“Toas as raças, desde o caucasiano sem mescla, até o africano puro; todas as posições, desde as illustrações da política, da fortuna, ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente , todos os typos grotescos as sociedade brasileira desde a arrogante nullidade até a vil lisonja; desfilavam em face de mim, rolando a cazemira e a seda pela baeta e pelo algodão; misturando os perfumes delicados as impuras exhalações, o fumo aromático do havana acres baforadas de cigarro de palha.

É uma festa philosophica essa da Gloria! Aprendi mais naquella meia hora de observação do que nos cinco annos que acabo de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.”

Feita por José de Alencar n’um livro que eu não devo citar o nome.

Como tudo muda! Hoje, se o autor do Guarany vivesse ainda e se arriscasse – o que eu não cério – a ir a poética ermida, aprenderia apenas a jogar capoeira!

20 de agosto de 1881, anno 6, n. 261, p. 2

Repetio -se este anno a celebre e popular festa de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro – Não confundir com as outras Nossas Senhoras que por ahi pupulam.

“Uma festa philosophica, essa da Gloria!”

Não podendo cumprir o devoto dever de subir até as alturas do Outeiro consolei-me lendo esta descripção da festa:

“Toas as raças, desde o caucasiano sem mescla, até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna, ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente , todos os typos grotescos as sociedade brasileira desde a arrogante nullidade até a vil lisonja; desfilavam em face de mim, rolando a cazemira e a seda pela baeta e pelo algodão; misturando os perfumes delicados as impuras exalações, o fumo aromático do havana acres baforadas de cigarro de palha.

É uma festa philosophica essa da Gloria! Aprendi mais naquella meia hora de observação do que nos cinco annos que acabo de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.”

Feita por José de Alencar n’um livro que eu não devo citar o nome.

Como tudo muda! Hoje, se o autor do Guarany vivesse ainda e se arriscasse – o que eu não cério – a ir a poética ermida, aprenderia apenas a jogar capoeira!

1882, anno 6, p.6

Bibliographia

“meu Deus! Meu Deus!...Será possível!...ter sem o saber, comprado como escrava a minha propria filha!” exclama Adelaide n’um romance que o Sr. B. L. Garnier acaba de editar.

E é a verdade, Rosaura, do Bernardo Guimarães, e a interessante historia d’uma joven, bella rapariga intelligente, livre e vendida como escrava. Nascida dos amores de Adelaide e Conrado, não placitados pelo “conjugio vos”, a pequena Rosaria é engeitada á porta d’uma megera que vivia de crear e vender escravos. “Cicoulos, creal-os e vendel-os” era a sua máxima financeira.

Por uma d’essas coincidências fataes, mas necessárias aos romances, na mesma noite em que engeitaram Rosaura á porta de Nhá Puçá, morria á velha uma escravinha recém-nascida. Uma substituição foi promptamente operada, é eis como a criança nascida livre, creou-se e cresceu como escrava.

Como Rosaura foi vendida á própria mãe? É simples: Adelaide, desenganada de casar com o seu amante Conrado, casa com o Moraes, de quem vem a ter filhos.

A sua filha mais velha atormenta todo o dia o avô para dar-lhe uma mucama, e acontece que é Rosaura a mucama comprada.

Não pára ainda ahi a historia de Rosaura: a escrava é bella, o Moraes presegue-a da sua concupiscência, presegue-a até rasgar-lhe um dia, o corpilho, descobrindo certo sinalzinho, conhecido da escrava que ajudara Adelaide a dar á luz; a Durocher tudo conta a senhora a mãe conheceu a filha...Um romance, emfim, bem escrito e que é, como Isaura do mesmo autor, mais um grito de alarma contra os perigos e injustiças da escravidão.

Além de seu character humanitário, o livro do Sr. Bernardo Guimarães tem alguns caracteres bem estudados e bellissimas descripções da vida, dos costumes e da natureza da província de São Paulo.

Bibliografia

- ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- _____, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, Associação de leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2005. (Coleção Histórias de Leitura).
- _____, Márcia(org). *Leituras no Brasil*. Campinas. Mercado das letras/ABL, 1995.
- _____, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das letras/ABL/Fapesp, 2000.
- _____, Márcia (org). *Trajétórias do romance*. Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- ABREU, Martha C. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AGOSTINI, A. *Don Quixote*, Rio de Janeiro (1903).
- ALENCAR, José. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- ARARIPE JUNIOR. Tristão de Alencar. *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Casa de Rui Barbosa, 1958, vol. I. (1868-1887).
- AUGUSTI, Valéria. *Trajétórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. Tese de doutorado, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2006.
- _____, Valéria. Mercado das Letras, Mercado dos Homens. In: *Revista de História Regional*, 2007.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura Brasileira*. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- AZEVEDO, M. D. Moreira de. Origem e desenvolvimento da imprensa colonial brasileira. In: *Revista Trimestral*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico, geográfico e Etnográfico do Brasil. Tomo XXVIII, 4º Trimestre, 1865.
- BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro –1864/1888*, tese de doutorado defendida no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Sidney Chalhoub, 2005.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética* (a teoria do romance). São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BENEDITO, Mouzar. *Luís Gama, o libertador de escravos e sua mãe libertária, Luíza Mabin*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BOLOGNINI, Carmen Zink (org). *História da literatura: o discurso fundador*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. V. 1. São Paulo: Edusp; Kosmos, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____, Antonio. Timidez do Romance. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição européia: crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos: São Paulo: Edusp, 1978.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Afonso (org). *A História contada*. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*, trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, R. e ROCHE, D. (org) *Revolução Impressa. A imprensa na França (1775-1800)*, trad. Marcos Maffei Jordan. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DIABO COXO. São Paulo (1864-1865). Edição fac-similar. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

DOYLE, Plínio. *Histórias de Revistas e Jornais Literários*. Vol 1, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Casa Rui Barbosa, 1976.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

_____, Alessandra. *Páginas de Sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Alessandra. A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma e a Livraria do Povo. In: *I Seminário sobre Livro e a História Editorial*. Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004, p.3.

FERREIRA, Orlando C. *Imagem e Letra*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FRAISSE, E & POMPOUGNAC, J & POULAIN, M.(orgs). *Representações e imagens da Leitura*, trad. Osvaldo Brito, São Paulo: Editora Ática, 1989.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro (1850-1916).

GUEDES, Fernando. *O livro e leitura em Portugal. Subsídios para a história*. Séculos XVIII-XIX, Lisboa: Verbo, 1987.

GUIMARÃES, H. S. *O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romances*. Disponível em: www.machadodeassis.net.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

_____, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática: 1996.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. Volume II.

LOBATO, Monteiro. *A caricatura no Brasil*: Angelo Agostini. In: *Idéias de Jeca Tatu*, São Paulo. Ed. da Rev. Do Brasil, 1919.

LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas*. São Paulo: Conselho de Arte e Ciências Humanas, 1978. Apud SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o Início da Imprensa Ilustrada. In. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAS, CEDAP, v.3, n.2, 2007.

LUKACS, G. *Teoria do Romance*. Lisboa: Editora Presença.

MACHADO, Ubiratan. *A vida Literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*, trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MANÇANO, Regiane. Livros à venda: uma história do romance por meio de anúncios de Jornal. In: *XI Encontro Regional da ABRALIC*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.abralic.org.br/enc2007>

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*, trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina de (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. Disponível em www.scielo.br

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal*, dissertação de mestrado defendida na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Departamento de História, da Universidade de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. Marcos Antonio da Silva, 2007.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*, tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, sob orientação da Prof. Márcia Abreu.

PORTO, Ana Gomes. Um esqueleto no paço imperial: Literatura e política em alguns folhetins do início da República. IN: Cadernos AEL. *Literatura e imprensa no século XIX*. Campinas, Unicamp/IFCH/AEL, v. 9, n.16/2002.

REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro. (1876-1898).

RIBEIRO, Cristina B. *Um norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas*, tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, 2008.

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. *Revista Ilustrada (1876 -1898), síntese de uma época*, de Ribeiro, dissertação de mestrado defendida no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

SANT'ANNA. Benedita de Cássia Lima. Portugal e Brasil: A Imprensa Literária e o Início da Imprensa Ilustrada. In: *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAS, CEDAP, v.3, n.2, 2007, p.19-20

SEMANA ILLUSTRADA: *história de uma inovação editorial*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria, 2007. p.10

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do Romance Folhetim*, Brasília: UNB, 1997.

SILVA, Hebe Cristina. *Imagens da Escravidão: uma leitura de Escritos Políticos e Ficcionalis de José de Alencar*. Tese de mestrado, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, sob orientação da Prof. Márcia Abreu, 2004.

_____, Hebe Cristina. A Ascensão do romance no Brasil – Considerações acerca da presença do gênero em anúncio do Jornal do Comércio. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>

_____, Hebe Cristina. José de Alencar – Nacionalidade literária e forma romanesca. In: ABREU, M. (org). *Trajetórias do Romance*. Campinas: Mercado das Letras.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Livro e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821). In: *Revista de História*, n. 94. São Paulo: 1973.

SILVA, Rosângela de Jesus. *A Crítica de arte de Angelo Agostini e a Cultura Figurativa do Final do Segundo Reinado*. Dissertação de mestrado defendida no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, sob orientação do prof. Dr. Luciano Migliaccio, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Roberto Alcízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof. Dra. Márcia Abreu, 2007.

_____, Simone Cristina Mendonça de. Adaptações e livros baratos para a Corte: Folhetos editados na Imprensa Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822. In: *I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial*. Casa de Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 2004. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br.

TAUNAY, Visconde de. José de Alencar. In: *Reminiscencias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C., 1908.

_____, Visconde de. *Philologia e Critica: impressões e estudos*. São Paulo: Melhoramentos, 1921, p. 129-130. Apud AUGUSTI, V. O discurso crítico sobre o público leitor e o enobrecimento do gênero romance. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860*. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br.

VITORINO, Artur J. R. Leitores e leituras de romances franceses em nossas plagas imperiais. IN: *Cadernos AEL 16/17, Literatura e imprensa no século XIX*. Campinas, Unicamp/IFCH/ AEL, v. 9, n. 16/17, 2002.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no Mundo Ocidental*. vol. 2, São Paulo: Editora Ática, 1999.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.